△
53770

CAMÕES

OS LUSIADAS

△
53770

EDIÇÃO
DO TERCEIRO
CENTENARIO

A. EDUARDO FAGA... LABOR

Os Lusiadas

POR

Luiz de Camões

1880

A 53770

Δ 53770

OS

LUSIADAS

DE

LUIZ DE CAMÕES

LUIS DE CAMOES

LUIZ DE CAMÕES

OS LUSIADAS

EDIÇÃO CONSAGRADA A COMMEMORAR
O TERCEIRO CENTENARIO DO POETA DA NACIONALIDADE PORTUGUEZA

PELO

GABINETE PORTUGUEZ DE LEITURA

NO RIO DE JANEIRO

Revisão do texto do Poema e observações philologicas, por Adolpho Coelho
prefacio critico, de Ramalho Ortigao; noticia hiſtorica do Gabinete Portuguez
de Leitura, de Reinaldo Carlos Montoro

BIBLIOTECA NACIONAL

ANNO MDCCCLXXX

LISBOA
Na officina de CASTRO IRMÃO *Impreſſor*
Rua da Cruz de Pau N.º 31, a Santa Catharina.

Luiz de Camões

A RENASCENÇA E OS LUSIADAS

DO fundo tenebroſo da Edade Média tinham ſaido os tres factos fundamentaes da civiliſação moderna: — a buſſola, a imprenſa e a polvora.

O emprego da polvora nas armas de fogo deſtitue a cavallaria, ſupprimindo pelo tiro de bala a diſtancia que ſeparava a força do paladino coberto de aço da fraqueza da villanagem leproſa, alquebrada pela fome e ſemi-nua.

A buſſola, determinando um ponto fixo e invariavel através do eſpaço, habilita o mareante a orientar-ſe nas ſolidões do oceano, e miniſtra ao homem pelas viagens maritimas a poſſe completa do globo e a comprehenſão do univerſo, até então circumſcriptos, um e outro, pela theoria geocentrica e pela lenda do Mar Tenebroſo.

A imprenſa, ſoltando as idéas como um enxame luminoſo e alado, prehenche o mundo com uma claridade nova, e a eſſe *fiat-lux* diſſipam-ſe para ſempre as trevas da razão encarcerada na dialectica ſacerdotal.

Da plenitude glorioſa que vem ao eſpirito humano d'eſſa triplice conquiſta procede eſta enorme feſta — a Renaſcença.

Ao feudaliſmo medieval ia ſucceder a monarchia ſem limites. Simplificação vantajoſa, porque, em vez de milhares de forcas e de pelourinhos adſtrictos a cada ſenhorio, haveria uma forca ſó á porta de El-Rey, noſſo unico ſenhor; em vez de bocas ſofregas e vorazes ſobre a eira, ſobre os celeiros, ſobre as arcas do villão, apparecia apenas no horiſonte varrido, ao longe, a mandibula cavernoſa, bocejante, profunda, mas ſolitaria, da realeza abſoluta.

Convém não ponderar com rigor exceſſivo as differenças de bem-eſtar que caracteriſam no progreſſo a tranſição de uma edade que ſe extingue para uma edade que começa. O povo do ſeculo XVI, como o convaleſcente de uma grande enfermidade, contentava-ſe com pouco para ſe locupletar na ſimples felicidade de viver. O povo chegava de muito longe, encanecido, macerado, faminto, meio tonto, como de uma d'eſſas longas e aſperas viagens em que ſe perde inteiramente o alento da luta e a eſperança da volta. Elle vinha das fomes terriveis, anthropophagas, as mais horrendas que a humanidade padeceu deſde o imperio romano. Vinha das guerras em que era uſo queimar as villas conquiſtadas e arrancar os olhos aos inimigos priſioneiros. Vinha das peſtes devaſtadoras, periodicas, que de cinco em cinco annos ſe ſuccediam ás fomes, e juncavam de cadaveres — hoſanna tremendo e lugubre — os caminhos que conduziam os peregrinos das cidades, das villas e das aldeias devaſtadas aos ſantuarios em que ſe guardavam as reliquias dos ſantos celebres. Vinha de um clero compoſto d'aquelles biſpos, de quem o proprio papa Gregorio VII eſcrevia, que em todo o reino de França ſe

poderia apenas encontrar um que não mereceſſe ſer deſtituido pelo eſcandalo da ſua nomeação ou pelo eſcandalo da ſua vida. Vinha de uma familia em que a belleza era um peccado e a graça uma blasfemia; a maternidade conſiderava-ſe uma fórma de expiação: a mãe de Deus figurava nos altares, não como mãe mas como virgem; o filho era o ſer condemnado pela culpa original. O povo vinha ainda do terror do millenio, o cataclíſmo annunciado e previſto, em que a Europa ſe preparára para acabar com extenſas prociſſões de penitencia, gemendo e chorando, as faces cobertas pelo capuz negro dos farricocos, no delirio das viſões ſepulchraes. Vinha das ladainhas, dos jejuns, das flagellações da carne nas convivencias myſticas de um Deus desfallecido, imberbe, pregado na cruz, eſcorrendo lagrimas e ſangue, um Deus agoniſante e moribundo, um Deus de morte, bem diverſo, como diz Michelet, do Ormuzd dos perſas, do Jehovah dos judeus, do Jupiter dos gregos, deuſes de barbas duras e eſpeſſas, amantes fogoſos da natureza ou promotores energicos das actividades do homem. Vinha tambem da ſciencia eſmagada nos trabalhos do judeu e do arabe, officialmente mantida na Univerſidade de Paris, da qual no ſeculo XIII ſairam muitos biſpos, muitos cardeaes e ſete papas, e onde a corrupção moral tinha o ſeu foco na alliança da theologia com a proſtituição—*in una et eadem domo ſcholæ erant ſupérius, proſtibula inferius... meretrices publicæ ubique cleros tranſeuntes quaſi per violentiam pertrahebant.* Vinha dos tratos e das deformações da ſcolaſtica, eſſe circo da gymnaſtica palavroſa. Vinha dos bruxedos e das feiticerias. Vinha finalmente da deſiſtencia dos ſeus direitos communaes e da

ſujeição expontanea a reis que ſaiam a roubar ás eſtradas como Filippe I em França; que faziam dinheiro falſo como Filippe o Bello, Carlos IV e muitos outros; que eram parricidas como, nas familias do Anjou e da Normandia, os filhos de Guilherme o Conquiſtador e de Henrique VI; que violavam creanças, como Henrique II de Inglaterra; que aſſaſſinavam priſioneiros e roubavam naufragos como Carlos, conde da Provença, rei de Napoles, da Sicilia e de Jeruſalem; que eram finalmente doidos ou ebrios como Wenceslau, filho de Carlos IV, como Ricardo II, como Pedro de Caſtella.

No principio do ſeculo XVI os reis, com excepção de Carlos V — ſorumbatico, padecendo de gotta — eram alegres, moços, prodigos, propenſos á boa vida, aos prazeres ruidoſos e feſtivos. Henrique VIII, com tendencia para crear ventre aos vinte e cinco annos, deixando-ſe levar pelas facecias do cardeal Wolſey, goſtava principalmente de grandes caçadas e de boas farças: um dia apparece de ſurpreſa, acompanhado de treze fidalgos veſtidos de paſtores com eſtofos de ſetim carmezim e ouro para jantar em caſa do cardeal, que ſerve ao rei e aos ſeus companheiros de folia um banquete de duzentos manjares diverſos e precioſos. De uma vez em Keinlworth as feſtas duram dezenove dias conſecutivos. Mais tarde as repreſentações theatraes, os quadros mythologicos, as operas, os torneios, as procisſões, as maſcaradas em honra de Eliſabeth e de Jacques I não têem conta. A Inglaterra grave e ſiſuda chama-ſe n'eſſe tempo a alegre Inglaterra — *merry England.*

Em França Franciſco I, cuja magnificencia ſe tornou tão celebre na entreviſta com Henrique VIII no *camp du*

drap d'or em Calais, sobe e deſce ás margens do Loire em excurſões cinegeticas, batendo as coutadas, galopando por entre as floreſtas, jantando na relva em kermeſſes formidaveis, onde a comezana de uma fartura flamenga põe em veia divertida a jovialidade gauleza.

Em Portugal D. Manuel, tendo contrahido com as riquezas da India os goſtos burguezes de mercador oſtentoſo, veſte-ſe em cada dia com um fato novo, não come ſenão ao ſom das trombetas e das charamelas e envia a Roma a embaixada celebre com o elephante de Ceylão coberto de xaireis precioſos carregando o cofre em que vae encerrado o pontifical offerecido ao papa, com o cavallo perſa montado pelo caçador de Ormuz, levando na garupa a onça domeſticada; mais os leopardos, mais os fidalgos veſtidos de veludo e de rendas, cobertos de rubis e de aljofares nos gibões, nos chapeus e nos jaezes dos cavallos, mais os beſteiros e os azemeis veſtidos de ſeda, conduzindo á redea trezentas beſtas;—finalmente uma vaga de ouro, de plumas, de brilhantes, de perolas, atraveſſando a cidade eterna em uma pompa enorme, da qual os coſtumes contemporaneos permittem apenas dar idéa nos ſimulacros da ſcenographia.

Em Roma o proprio papa tinha a carne alegre dos ſenſualiſtas eſpirituoſos. Leão x, da familia dos Médicis, era um farciſta folgaſão e libertino. Aſſaſſinou de uma vez o cardeal Petrucci, e goſtava um pouco de mais das hiſtorias obſcenas e das comedias licencioſas, mas amava a arte e as letras. É amigo de Caſtiglione, do Aretino, de Rabelais. Do cofre das indulgencias, que vendia como vendia os chapeus dos cardeaes, pede que lhe dêem 147 ducados

de ouro para comprar o manuſcripto do livro 33 de Tito Livio; e quando das Thermas de Tito foi deſenterrado o grupo de Lacoonte, elle manda repicar os ſinos de todas as egrejas de Roma.

N'eſta hora de reviveſcencia geral um raio de ſol enxuga as lagrimas vertidas pela humanidade em tres ſeculos de ſuperſtição, de terror e de miſeria. Um ſorriſo de bondade paira por um momento no ar.

Com as novas fórmas ſociaes transformam-ſe rapidamente as condições da vida e os aſpectos exteriores da exiſtencia.

Com as viagens, com os deſcobrimentos, com as conquiſtas, eſtabelece-ſe o commercio e deſenvolve-ſe a induſtria. As artes ornamentaes, as artes decorativas, as artes de luxo tomam um rapido incremento.

Com as fórmas gothicas e acaſtelladas da caſa feudal modificam-ſe as mobilias e as alfaias domeſticas. Aos contrafortes e ás pontes levadiças dos ſeculos anteriores ſuccedem-ſe os porticos e os veſtibulos venezianos. Naſcem os ornatos minucioſos de uma variedade caprichoſa e delicada na architectura; e, dentro das caſas, vulgariſam-ſe os grandes leitos de colunas e baldaquino, os bufetes, as credencias, os formoſos armarios eſculpidos ou marchetados, que veem ſubſtituir os catres duros, os bancos de linhas ogivaes e as grandes arcas da Edade Média, recamadas de ferragem, boas para arrecadar os peſados morriões e os arnezes chapeados.

O largo e longo montante dos homens de guerra é deſtituido pela eſpada fina e leve dos cortezãos. Os homens deſpem as peſadas armaduras de barões feudaes,

para ſe veſtirem ſegundo as modas italianas, hiſpanholas, francezas, de veludo e ſetim, camiſas de renda, ſapatos bordados a ouro e longa pluma no chapeu molle peſpontado de perolas.

Já não é o jogral que vae de caſtello em caſtello cantar as lendas dos amores deſgraçados e a hiſtoria das peregrinações longiquas. Nas côrtes dos novos reis ſão os cortezãos, os cavalleiros, os fidalgos que, além das prendas de voltear a cavallo, de jogar lanças e canas ou de correr touros, ſe prezam de poſſuir o talento de trocar egualmente bem uma eſtocada com um homem e uma gloſa com uma dama.

As ruas aplanam-ſe e alargam-ſe para deixarem rodar as primeiras carroagens. As caſas agaſalham-ſe reveſtindo as janellas de caixilhos envidraçados. Nas camas os traveſſeiros de um toro de madeira ſão ſubſtituidos pelas almofadas, e nos utenſilios domeſticos principia a empregar-ſe o eſtanho e a prata. O deſenvolvimento do fabrico das lãs modifica confortavelmente o veſtuario e enriquece a alimentação pela abundancia dos rebanhos.

As mulheres que no tempo do amor de Petrarcha tinham apenas, como Laura, uma ou duas camiſas, e que nas bodas do conde de Flandres com a filha do duque de Brabante traziam ainda á cinta duas adagas e na cabeça enormes mitras terminando em bico ou bipartidas em cornos, cultivam com eſmero todos os requintes do veſtuario; as rendas precioſas elevam-ſe com as golas de brocado a toda a altura das cabeças; os corpetes ſão conſtellados de pedras precioſas. Na guarda-roupa da rainha Eliſabeth encontram-ſe tres mil veſtidos.

A humanidade parece retomar ſubitamente poſſe dos ſentidos atrophiados no myſticiſmo enervante e no dogmatiſmo abſoluto da Egreja, e, immergindo na vida com um deleite victorioſo, com uma ſenſualidade triumphal, a humanidade goſa avidamente, abundantemente.

Do eſtudo da antiguidade grega e romana, pela creação do livro impreſſo, pela vulgariſação das obras claſſicas, o homem retempera-ſe no eſpirito pantheiſta, e, reabrindo os olhos para a grande natureza de que eſtivera apartado por ſeculos, recomeça a comprehender a vida, a interrogal-a, não já no dogma impoſto pela revelação, mas no phenomeno directamente obſervado; principia a amar a belleza, a eſtimar a força, e a ſentir em ſi meſmo, na profundidade do ſeu ſer, a palpitação d'eſſas novas energias que vão reconſtituir o mundo moral e que ſe chamam o amor, a paixão, o enthuſiaſmo, o deſintereſſe, o delicado goſo da arte e a eſtimulante curioſidade da ſciencia.

A evolução retroſpectiva para a antiguidade ſabia inunda os eſpiritos com clarões ineſperados. A velha religião polytheiſta dá o exemplo de uma tolerancia ingenuamente bondoſa e magnanima: o Pantheon romano recolhe todos os deuſes, incluindo os dos vencidos; Athenas adora todas as divindades, até as deſconhecidas, para que lhe não eſqueça nenhuma; e, ſe os imperadores perſeguem os chriſtãos, é porque elles attentam não contra as crenças do povo mas contra a ſegurança do Eſtado. A velha poeſia rediviva ceſſa de fallar das flagellações e das penitencias dos ſantos aſcetas, emagrecidos e chagoſos, preparando-ſe para a morte n'uma vida de lagrimas, de açoites, de preces e de immundicia. A arte reſuſcitada celebra o homem

forte, ſão, vigoroſo e bom, a carne firme e a terra dadivoſa e amiga, onde as doiradas abelhas de Lucrecio zumbem ao ſol ſobre as vinhas maduras de Virgilio. Os heroes das antigas legendas ſão bravos e ingenuos, violentos e doces.

Na *Iliada* é o furioſo Achiles, veſtindo as armas e ſaindo da tenda em que obſtinadamente ſe encerrára para cumprir o mais humano e o mais terno dos deveres,— para vingar a morte do ſeu amigo Patrocolo, deitando aos cães o cadaver de Heitor.

Na *Eneida* é o piedoſo heroe partindo de Troya com a eſpada em punho, ſeguido de ſua mulher Creuſa, levando aos hombros o ſeu velho pae Anchiſes e pela mão o ſeu filho Aſcanio.

Na obra de Eſchylo é Prometheu ſacrificando-ſe pela humanidade, dando-lhe o fogo, enſinando-lhe as artes, e, depois de acorrentado ao rochedo no alto da montanha, lentamente devorado pelos abutres em ſatisfação do caſtigo mandado por Jupiter, arroſtando face a face, inflexivelmente, com a propria divindade,—firme na conſciencia do dever cumprido perante os homens.

Em Sophocles é Theſeu eſtabelecendo o principio da fraternidade e da ſolidariedade humana ao receber o infeliz Œdipo com eſta phraſe: Nunca recuſarei ſoccorrer um eſtrangeiro deſgraçado; ſei que ſou como tu um homem.

É em Ariſtophanes o proprio poeta laſtimando no theatro deante do povo de Athenas a morte de Phydias accuſado de impiedade, e dizendo que com èlle morrera a paz, tão bella pela ſua alliança com a arte em que era meſtre e grande eſculptor.

E os auctores d'essas obras immortaes, brazão eterno do genio do homem, não eram pacientes monges solitarios, foragidos da convivencia das gentes e soterrados vivos no interior das suas cellas entre os manuscriptos das revelações divinas e das metaphysicas aristotelicas: Eram cidadãos que discutiam nas assembléas e nas praças publicas os interesses da Republica; que se batiam nas batalhas como Eschylo ou nos jogos do circo como Euripedes; que perante os triumphos da patria dançavam em torno dos tropheus da victoria, em corpo nu e perfumado, como Sophocles depois da batalha de Salamina.

Ao passo que a poesia despertava essas nobres e soberbas aspirações, a esculptura pagã, desenterrada dos esconderijos a que a condemnára a Egreja, revelava a graça e a expressão da linha nos marmores do Parthenon e do Forum, nas fórmas perfeitas dos deuses, das nymphas, dos gladiadores e dos athletas.

Na sciencia dava-se um egual impulso á renovação mental com a medicina de Hippocrates, com a geographia de Strabão e de Ptolomeu, com a botanica de Dioscorido, com a philosophia de Platão.

Um grande numero de editores em Parma, em Veneza, em Florença, em Leipzig, em Kœnisberg, na Italia, na Allemanha, na Suissa, multiplicam os exemplares de estudo e facilitam a circulação litteraria, abandonando o infolio e adoptando o formato em 8.°, introduzido por Alde em 1500.

O latim classico dos oradores, dos poetas, dos historiadores, dos naturalistas, limpa por toda a parte o latim barbaro dos monges.

As linguas ſabias, não ſómente a latina, mas a grega e ainda a hebraica, ſão lidas e falladas, em todas as eſcolas e em todas as côrtes em que ſe preſa a cultura da intelligencia, pelos homens e pelas mulheres, para quem a erudição claſſica ſe conſidera um caracteriſtico da fidalguia.

Em Inglaterra, a duqueza de Norfolk, a condeſſa de Arnudel, Joanna Grey converſam em latim, analyſam Cicero e diſcutem Platão.

Em França Franciſco I, humilhado na ſua ignorancia, encarrega um meſtre de lhe enſinar rapidamente, dentro de um mez, o latim e o grego; funda o Collegio de França, onde eſſas duas linguas, aſſim como o hebraico, ſe enſinam gratuitamente; e, inſpirado da paixão de Petrarcha, manda reſtaurar em Avinhão o tumulo de Laura, e põe elle meſmo em verſos, ainda que maus, a hiſtoria dos ſeus amores e do ſeu captiveiro.

Na Italia todas as côrtes, Ferrara, Milão, Mantua, Bolonha, pleiteiam entre ſi a gloria de proteger as letras. Os Médicis, mercadores, litteratos, artiſtas, favorecem egualmente a navegação, os trabalhos philoſophicos e os monumentos da arte. Em Florença e em Piza, a bibliotheca mediceo-laurentina é fundada por iniciativa de Coſme e de Lourenço o Magnifico. Funda-ſe egualmente a Academia da Cruſca e reſtaura-ſe a univerſidade de Pavia. A lingua grega é enſinada em Florença e em outras cidades, onde a preſença de varios ſabios byzantinos facilita á Europa os eſtudos do helleniſmo.

Em Hiſpanha é certo que Fernando de Caſtella ſabe apenas aſſignar o ſeu nome, mas a rainha Iſabel lê correntemente os auctores latinos.

Margarida d'Auſtria e Margarida d'York, as primeiras preceptoras de Carlos v, têem como elle a mais eſmerada educação litteraria.

Os adminiſtradores da Suecia, no ultimo quarteirão do ſeculo xv, fundam a univerſidade de Upſala ao meſmo tempo que o rei da Dinamarca inſtitue a univerſidade de Copenhague.

Na Ruſſia Ywan iii convida e retem violentamente, dentro dos ſeus dominios, os artiſtas gregos e italianos.

Na Hungria Mathias Corvino, ao meſmo tempo que bate com a ſua guarda negra os janiſaros de Mahomet ii, funda uma univerſidade, duas academias, uma grande bibliotheca, um muſeu e um obſervatorio.

Na Allemanha, deſde 1409 até 1538, fundam-ſe treze univerſidades, ſendo a primeira a de Leipzig e a ultima a de Strasburgo. Muitas eſcolas de menor importancia e varias congregações ſcientificas, como a ſociedade Rhenana e a ſociedade de Strasburgo, eſtabelecem-ſe para fundar o humaniſmo. Os profeſſores e os ſabios communicam-ſe, viajam, empregam todos os meios de ampliar a ſua eſphera de acção e, tendo á frente d'eſſe movimento Eraſmo, o sarcaſtico demolidor, deſapoſſam o clero do monopolio das letras.

Fundada em taes alicerces a Renaſcença toma rapidamente o caracter de um facto litterario, e de um facto artiſtico aſſombroſo e incomparavel.

Homens verdadeiramente extraordinarios e capitaes, como nunca mais a hiſtoria tornou a ver reunidos, haviam naſcido ſucceſſivamente como preparação da nova mentalidade. É Colombo em 1436, Leonardo de Vinci

em 1452, Eraſmo em 1467, Copernico em 1473, Miguel Angelo em 1472, Luthero em 1483, Rabelais em 1495.

O novo mundo deſcoberto por Colombo, além das contribuições ſcientificas trazidas á aſtronomia, á botanica, á zoologia, a todas as ſciencias da natureza, transforma as condições economicas e domeſticas da ſociedade européa pela importação dos metaes precioſos e dos novos productos alimenticios, pela introducção do aſſucar, do tabaco, da batata, do café.

Leonardo de Vinci, mathematico, phyſico, engenheiro, eſculptor, pintor, litterato, poeta, critico, moraliſta, muſico, é a mais poderoſa imagem do encyclopediſmo, que foi a alma da Renaſcença, aſſim como mais tarde devia ſer a baſe da moderna philoſophia. Leonardo de Vinci é o principal iniciador dos progreſſos do eſpirito no ſeu ſeculo. Elle foi, em maior ou menor eſcala, o meſtre de Miguel Angelo, de Raphael, de Correggio, de Galileu, de Kepler, de Copernico. Pinta a *Ceia* e a *Jocunda;* reune o Canal de Marſetana e o de Teſſim; talha a eſtatua equeſtre de Sforza; annuncia os mais importantes factos da aſtronomia, da geologia, da mechanica, e prevê o thermometro, o barometro e a machina de vapor.

A obra de Eraſmo morreu cedo porque lhe faltavam os dois principaes elementos que fazem viver os livros na eſtima dos povos,—primeiro: o culto nacional da lingua; ſegundo: o cunho que imprime no producto artiſtico a ſuperioridade peſſoal do auctor. Eraſmo eſcrevia n'uma lingua neutra—o latim, e tinha o coração duro, inacceſſivel aos grandes enthuſiaſmos deſintereſſados e ás nobres com-

paixões incondicionaes e abſolutas. Pequeno e debil do corpo e da alma, e educado no convento, conſervou em toda a ſua vida a timidez do ſeminariſta e o egoiſmo do valetudinario. O ſeu odio á demagogia é um reflexo da ſua indifferença pela ſorte dos opprimidos. A poſteridade puniu-o com o deſdem. No ſeu tempo, porém, a obra de Eraſmo, tão volumoſa como a de Voltaire, teve uma influencia benefica e deciſiva na formação e na educação dos eſpiritos. Pelo livro intitulado *Os adagios,* em que elle colligiu e commentou os proverbios latinos, gregos e hebraicos, Eraſmo funda as baſes das litteraturas modernas na tradição e no bom ſenſo popular. Pelas ſuas obras de educação, de critica, de controverſia religioſa e de polemica litteraria, pela publicação das ſuas grammaticas, dos ſeus diccionarios, das ſuas traducções, dos ſeus tratados, pelo *Elogio da loucura* e pelos *Colloquios,* que ſaiam á luz diſgregadamente e ſucceſſivamente á maneira de uma reviſta periodica, Eraſmo, trabalhador aſſombroſo, contribuiu mais que ninguem para eſpalhar idéas, para vulgariſar noções, para ſuſcitar theorias, para alargar finalmente os dominios da intelligencia e para fundar a independencia intellectual e a liberdade de penſamento.

Luthero é ao meſmo tempo o catacliſmo deſtruidor do velho mundo penſante e a cellula primaria do novo organiſmo ſocial. Queimando publicamente em Wittemberg a bulla papal que o condemnava, refutando a tradição e o principio da auctoridade, os jejuns, o purgatorio, os votos monaſticos, o celibato eccleſiaſtico, que era uma amputação, e as indulgencias, que eram uma mancommunação no crime para a venda do perdão, Luthero deſtroe n'um im-

peto de rebeldia ſacrilega todas as crenças que conſtituiam a alma da Edade Média. Derribando os tribunaes eccleſiaſticos, prepara a diſtincção do poder civil e do poder religioſo. Deſobedecendo e revoltando-ſe com uma irreverencia heroica, funda a liberdade do penſamento e abre pela livre inveſtigação e pelo livre exame o caminho da ſciencia. No ſeu lar domeſtico, na convivencia da ſua mulher e dos ſeus filhos, no ſeu jardim, que elle proprio agricultа, á ſua meza ridente e hoſpitaleira, onde elle ergue cantando a grande taça da amizade trasbordando vinho, eſſe poderoſo temperamento de combate e de victoria, tão expreſſivamente accuſado nos retratos feitos por Holbein e por Cranacho,—com a bocca cheia de força e de riſo, com os olhos penetrantes, com um peſcoço bovino, com biceps athleticos,—dá pela primeira vez ao mundo o exemplo da grande alegria raciocinada e convicta do homem ſão. Pela ſua maneira de tratar os papas e os reis, todos os grandes e todos os poderoſos, elle eſtabelece para os humildes eſta força nova—a ſemceremonia. Pela ſua deſtreza em manejar a verdade, cria uma religião. Pela ſua profundidade em interrogar os corações que padecem, elle preſta á humanidade um maior ſerviço que o de darlhe uma nova ſeita: dá-lhe uma nova arte. A muſica moderna foi elle que a creou. Até então o homem em communidade ſabia apenas rezar. Quem primeiro nos enſinou o canto foi Luthero. Os ſeus hymnos, inſpirados nas mais ingenuas canções do povo, têem a larga vibração elegiaca e profunda de um grito ſupremo da humanidade. Na alma popular eſſa muſica opéra como o balſamo da conſolação infinita. Na Hollanda quando, ao levantar-ſe o

cêrco de Leyde pelo duque d'Alva, o povo ſe reune no templo para entoar o choral de Luthero, a grande multidão, dilacerada pelas reſiſtencias do aſſedio e pelas devaſtações da fome, eſquece-ſe da ſua propria dôr perante a ſublime e dominante mageſtade do cantico que a exprime, e a commoção é tão profunda que ao cabo dos primeiros compaſſos as vozes não podem continuar o hymno, e, entrecortada de ſoluços, ha uma pauſa ſolemne, em que, para gloria da arte, as doces lagrimas da poeſia borbulhando nos corações cicatrizam a chaga aberta pelas lagrimas corroſivas da deſgraça. Um dos primeiros meſtres da muſica moderna—Meyerbeer— reſuſcitou, trasladando-os na ſua obra, os hymnos de Luthero. Todos os que ouvimos o grande choral dos *Huguenotes* e o coro do terceiro acto do *Propheta* ſabemos o que ſe deve em gratidão a Luthero artiſta, como conſolador benefico das maguas do noſſo coração e como ſuſcitador fecundo das energias do noſſo cerebro.

A alegria, eſſa grande força da alma que Michelet conſidera a quarta virtude divina, que faltou aos ſantos taciturnos do catholiciſmo, tornando-os aſſim defeituoſos e baſtardos, egualmente incompativeis com a aggremiação dos homens e com a parceria dos anjos, a alegria, de que Luthero é a expreſſão peſſoal, toma em Rabelais a fórma epica. Sem a alegria a humanidade não comprehende a sympathia nem o amor. Para eſtimar os ſantos do chriſtianiſmo, o povo empreſta-lhes a alegria que elles não têem, e faz do ſoturno aſceta S. João o bom farciſta amigo dos namorados, ajudando-os a quebrar bilhas e a furtar beijos ás lindas raparigas que vão á fonte.

Entre os noſſos avós eſpirituaes Luthero foi o primeiro contente que cantou, Rabelais foi o primeiro contente que riu de todo o riſo truncado através da Edade Média nos *fabliaux* e nos vilhancicos, e, ao ribombo formidavel da gargalhada de Pantagruel, eſtremece deſencaſando-ſe dos gonzos a velha caixilharia de todo o edificio ſocial. Rabelais ri, porque tem a fé na ſciencia que aprendeu, como medico, com Hippocrates e Galleno, como humaniſta, com Socrates e Platão; porque tem a caridade manifeſta no ſeu amor dos pequenos e na ſua averſão aos tyrannos; porque tem a eſperança poſta no progreſſo accelerado pela ſua propria obra, da qual elle meſmo diz:—*bon eſpoir y git au fond.* O que diſtingue Rabelais de Ariſtophanes é, como nota Littré, que o comico da Grecia, aſſim como Tacito em Roma, previa a proxima invaſão dos barbaros e a ruina de um mundo condemnado; por eſſa razão Ariſtophanes, não vendo no futuro ſenão o aniquilamento ſocial, defende obſtinadamente o paſſado contra as innovações temerarias de Socrates. Rabelais, pelo contrario, ſente palpitar em ſi a alma da Renaſcença, preſente o mundo novo e, zombando de tudo, ſó não zomba da philoſophia porque antevê nos triumphos da ſciencia o futuro reſgate do homem. Pelo ſeu poder demolidor—porque as riſadas rabelaiſeanas ſoam em torno de todas as velhas ſuperſtições como as trombetas de Joſué em volta dos muros de Jericho—Rabelais é o precurſor da Revolução Franceza. Pela ſua ſyſtematiſação philoſophica, pelo ſeu plano de eſtudos na educação de Pantagruel, na qual os conhecimentos biologicos apparecem pela primeira vez—ha tre-

zentos annos!—como a baſe da ſciencia politica, Rabelais é o precurſor do Poſitiviſmo na parte mais indiſcutida do ſyſtema de Comte:—a determinação do methodo pela claſſificação genealogica das ſciencias. A reforma religioſa de Luthero não produziu ſenão deſunião e diſcordia na familia humana. A reforma philoſophica de Rabelais, ſe houveſſe ſido comprehendida, teria eliminado o lutheraniſmo e o calviniſmo, teria ſupprimido as guerras religioſas e fundado a concordia humana na tolerancia e na juſtiça. Como todos os ſemeadores de grandes idéas, Rabelais não pôde ver fructificar a ſua obra, mas a ſemente da reconſtituição philoſophica do mundo moderno eſtava lançada á terra deſde que fôra concebida a epopeia pantagruelica.

A tão poderoſos elementos de renovação moral e de renovação artiſtica, a influencia de Miguel Angelo, de Correggio e de Raphael acreſcenta tres poderes novos. Raphael enſina a exprimir belleza; Correggio a graça; Miguel Angelo a força.

O movimento artiſtico toma as mais grandioſas proporções. Levanta-ſe a baſilica de S. Pedro. Pinta-ſe a capella Sixtina e pintam-ſe as eſtancias do Vaticano. Principia-ſe o Louvre e as Tulherias. Edificam-ſe, em França, os palacios de Saint-Germain, de Fontainebleau e de Chambord. Conſtroe-ſe em Florença o palacio Pitti; e em Genova, em Veneza e em Verona abrem-ſe os ſumptuoſos veſtibulos e erguem-ſe os elegantes porticos do novo ſtylo. Ghiberti cinzela em Florença as portas de bronze do Baptiſterio de S. João, a mais admiravel obra da eſculptura moderna. Donatello levanta a eſtatua de S. Marcos. Luca della Robbia inventa as *terre cotte*. Finiguerra

acha a gravura em cobre. Ticiano, o principe dos coloriſtas, eleva a pintura do retrato a um eſplendor que nunca mais ſe excedeu. Alberto Durer e Raimondi põem em voga a gravura. Benvenuto Cellini funda a ouriveſaria artiſtica. Em Veneza apparecem Tintureto e Paulo Veronez, em Florença André del Sarto, em Roma Julio Romano, na Hollanda Rubens, na Allemanha Holbein. Na muſica naſce Luiz Seufl, amigo e diſcipulo de Luthero, e Paleſtrina, o creador do *canto fermo;* na Antuerpia fabrica-ſe o primeiro cravo de quatro oitavas com duas cordas para cada nota, ao paſſo que a antiga viola dos meneſtreis, por meio do appenſo de uma nova corda, ſe converte na rebeca, principal inſtrumento das orcheſtras modernas.

Na ſciencia Tartaglia e Ferrari deſcobrem novas fórmulas para reſolver as equações do terceiro e do quarto grau. Viète applica pela primeira vez a algebra á geometria. Copernico e Kepler eſtabelecem as verdadeiras leis do ſyſtema do mundo, e juntamente com Sturm e Campanella deſtroem pelos fundamentos a auctoridade de Ariſtoteles. Veſale e Servet criam a anathomia humana e fazem d'ella a baſe da medicina e da cirurgia. Machiavello emprehende a hiſtoria critica da politica. Montaigne methodiſa a duvida convertendo-a n'um dos mais fortes inſtrumentos da verdade, e dá o primeiro exemplo da indifferença religioſa, penhor da pacificação das conſciencias pela philoſophia.

O direito romano, reſuſcitado pelos juriſtas francezes, inglezes e italianos, regulariſa a legislação européa e oppõe a liberdade civil da antiga Roma á tyrannia religioſa da Roma pontificia.

A philoſophia de Platão, ſubſtituindo a dos peripateticos pelos eſtudos de Mirandola, de Paracelſo, de Fludd, de Zorzi, produz um maior beneficio que o de alliar a tradição chriſtã com o eſpirito da antiguidade. O neoplatoniſmo fecunda a poeſia renovando-a inteiramente pela analyſe pſychologica, dando ao poeta a faculdade de eſpecular com as proprias commoções e creando a arte lyrica por eſſe poder de ſubjectividade que produziu a obra de Petrarcha, e inſpirou a Goethe o conhecido aphoriſmo: *Se a tua dor te afflige faze d'ella um poema.*

Os factos que principalmente caracteriſam a evolução da Renaſcença na Europa ſão o predominio do commercio e da induſtria ſobre todos os factos ſociaes e o predominio da arte ſobre todos os phenomenos da intelligencia.

O ſeculo XVI, apeſar das frequentes guerras e das ſangrentas lutas religioſas, foi em eſpecial um ſeculo commercial e um ſeculo artiſtico. Concorriam harmonicamente para eſſe fim todas as condições que favorecem e determinam a effloreſcencia das obras d'arte.

Primeiro que tudo, a liberdade e a dignidade civil affirmada pela democracia nas republicas italianas.

Aſſim como a arte grega naſceu na democratica Athenas republicana, aſſim a arte moderna teve por berço a Republica de Veneza e a Republica Florentina. É de Florença livre que ſaem Leonardo de Vinci, Miguel Angelo, Raphael e André del Sarto. É em Veneza livre que naſce a eſcola do Tintureto, de Ticiano e de Paulo Veronez. É em Piza que a eſculptura ſe reconſtitue encontrando em Nicolau dell'Urna o continuador da tradição

antiga. É finalmente ainda na Republica Florentina que a arte na mais elevada, na mais profunda e na mais humana das ſuas fórmas — a poeſia — deſponta para o mundo moderno na obra do Dante e de Petrarcha.

O papa Leão x, florentino elle meſmo, e o rei Franciſco I, os quaes tiveram a ſingular fortuna de unirem os ſeus nomes á fama dos eſplendores artiſticos do ſeu tempo, não fizeram pelas artes mais do que attrahil-as ou adoptal-as, por um prazer, por um capricho, por uma tendencia do temperamento, tão peſſoal como a que levou Adriano VI a odiar os pintores e Paulo III, o fundador da Companhia de Jeſus, a mandar cobrir por Daniel de Volterre a nudez, impudica aos olhos eccleſiaſticos, das academias de Miguel Angelo no quadro do *Juizo Final.*

Os monarchas podem, como Carlos V, dar-ſe a gloria de dobrar o joelho deante de um grande artiſta, mas é preciſo que previamente o genio popular tenha produzido para eſſe fim um Ticiano que deixe cair o ſeu pincel ao pé de um throno. A arte — como diſſe Platão, cuja philoſophia foi a meſtra da Renaſcença — é como a ave da floreſta que odeia a gaiola e ſó vive na liberdade.

As principaes eſcolas da arte moderna — a eſcola florentina e a eſcola veneziana, aſſim como mais tarde a eſcola hollandeza — naſcem com a independencia republicana e morrem com ella.

A religião não é, por ſua parte, mais propicia que a realeza ás fontes da inſpiração artiſtica. A Egreja apoderou-ſe da arte, como ſe apoderou de todo o trabalho da intelligencia humana, e deu-lhe o caracter ſacerdotal ou o caracter monaſtico que por alguns annos a immobiliſou

em vez de a impulſionar. Os monumentos que mais directamente parece correſponderem á inſpiração religioſa—as cathedraes—ſão antes uma expreſſão burgueza do que um facto eccleſiaſtico. Viollet-le-Duc demonſtrou irrefutavelmente que deſde o ſeculo XIII a cathedral foi um edificio mais affecto a um ſerviço civil do que a um deſtino religioſo. A cathedral ſó toma as proporções de verdadeiro monumento architectonico pela inſtituição das communas, pela intervenção do burguez na edificação do templo deſtinado a ſer conjuntamente a caſa dos officios divinos e o aſylo das liberdades municipaes. O grande caracter artiſtico da cathedral declina com a diſſolução da alliança religioſa e civil e morre quando os intereſſes burguezes, deſligando-ſe dos intereſſes eccleſiaſticos, fazem ſurgir ao lado da caſa de Deus a caſa do municipio, a par da egreja o *Hotel de Ville*. Os dois grandes templos portuguezes, a Batalha e os Jeronymos, não procedem da inſpiração eccleſiaſtica. Sob a apparencia religioſa ſão verdadeiros monumentos nacionaes, deſtinados a commemorar a alliança da fé com o heroiſmo em dois grandes feitos civis—a victoria de Aljubarrota e a viagem da India.

Além da comprehenſão e da conſciencia da dignidade civil, como elementos fecundantes do genio artiſtico, o ſeculo XVI tem ainda a renovação mental derivada da decadencia do regimen catholico; tem a actividade cerebral eſtimulada pela diſcuſſão dos mais importantes problemas; tem o nobre orgulho do poder humano victorioſamente affirmado nos grandes deſcobrimentos e nas grandes invenções; tem, finalmente, pelo augmento de riqueza procedente das importações do novo mundo, um refluxo de

abundancia que abranda por algum tempo o rigor do trabalho e prediſpõe o eſpirito para as deſintereſſadas eſpeculações intellectuaes. Gerada na liberdade e na independencia do penſamento a arte do ſeculo XVI deſenvolve-ſe na riqueza creada e diffundida pelo commercio e pela induſtria.

Eis ahi no mais rapido esboço o fundo do quadro em que nos apparece, deſtacando-ſe da Renaſcença como a perſonificação peninſular da ſua ſyntheſe religioſa, politica, philoſophica e artiſtica, a figura dominante de Luiz de Camões. É preciſo conhecer o ſeculo para comprehender o homem cuja obra não é unicamente o poema da nacionalidade portugueza, é tambem a criſtaliſação artiſtica do grande eſpirito univerſal do ſeu tempo.

As litteraturas ſão os regiſtros condenſados do penſamento publico. Os grandes livros não ſe produzem ſenão quando as grandes idéas agitam o mundo, quando os povos praticam os grandes feitos, quando os poetas recebem da ſociedade as grandes commoções. *Os Luſiadas* ſão o producto de todas as influencias intellectuaes do ſeculo XVI, actuando ſobre a alma portugueza e aſſumindo a fórma artiſtica através da perſonalidade mais ſuperior e mais poderoſamente humana. Só uma grande combinação extremamente complexa de factos e de idéas convergentes póde produzir em dada phaſe do eſpirito humano a elaboração de uma epopeia como *Os Luſiadas*. É preciſo para que ſe dê um phenomeno litterario de tão vaſta univerſalidade que uma civiliſação inteira contribua por um aſſentimento geral de tendencias e de diſpoſições harmonicas e com-

muns. É preciſo para que uma epopeia ſe faça, que uma grande e geral renovação dos eſpiritos ſe effectue, que um novo eſtado mental da humanidade ſe declare e que um poder novo, a que vae correſponder um novo ideal, aſſuma a direcção do mundo emancipado—pelo ſeu advento a um eſtadio ſuperior do progreſſo—da tutela dos velhos dogmas e das velhas auctoridades extinctas para a obediencia e para a fé, para os intereſſes e para as aſpirações geraes. As epopeias ſão os faſtos das civiliſações que as inſpiraram.

Emquanto a humanidade não ſoube formular ſcientificamente as leis do ſeu deſtino, o mundo preciſou de ter uma epopeia aſſim como preciſou de ter uma biblia. A biblia era o pacto tranſcendente das relações do homem com o ceo e com Deus. O poema era o evangelho das relações do homem com o homem e com o mundo. A cada um dos cyclos das antigas civiliſações correſponde um Meſſias novo, um novo poeta.

Quando a Grecia federal e democratica preponderava pela politica, pela religião e pelas artes como norma da aſſociação humana, cabe a Homero a miſſão epica.

Quando a Grecia homerica decae e a Galia, a Hiſpanha, a Africa e a Aſia ſe ſubmettem á centraliſação romana, o epico do mundo latino é Virgilio.

Quando a invaſão dos barbaros deſtroe a unidade do imperio dos Cezares e entrega ao feudaliſmo a Europa miudamente retalhada, a epopeia diſperſa-ſe como ſe diſperſa a tradição e fragmenta-ſe nas canções de Geſta.

Quando com a Renaſcença as relações humanas adquirem a fórma commercial, e quando para regular eſſas

relações novas um novo poder apparece affirmado entre as nações pelo regimen induſtrial, o poeta d'eſſa evolução é Camões. O livro com que ſe encerra na litteratura univerſal o periodo epico da poeſia é o dos *Luſiadas*.

A epopeia do mundo moderno ſaía naturalmente, como as epopeias antigas, do paiz que determinára pela ſua acção a victoria do poder dominante na ſociedade humana. O regimen induſtrial, baſe de toda a organiſação na politica moderna, funda-o Portugal com as navegações dos ſeculos XV e XVI. Camões, immortaliſando ſob a fórma epica eſſe facto culminante na civiliſação contemporanea, deu á humanidade um livro que é para a Renaſcença o que foi o *Velho Teſtamento* para o mundo hebreu, a *Iliada* para o mundo hellenico, a *Eneida* para o mundo romano, a poeſia trovadoreſca para o mundo feudal e a *Divina Comedia* para a unificação do eſpirito catholico.

Emquanto o mundo moral ſe transformava na Europa, os portuguezes navegavam; conquiſtavam Tanger, Ceuta, Arzilla, Azamôr, Goa, Ormuz, Malaca; iam em demanda do Preſte Joham; paſſavam o Bojador, dobravam o Cabo das Tormentas, chegavam á India; deſcobriam as ilhas de Porto Santo, Madeira, Santa Maria, Fernando Pó e S. Thomé, o Congo, o Braſil, o Canadá, a Terra do Lavrador. N'eſſa era de profundas transformações ſociaes os habitantes d'eſte pequeno talhão da peninſula iberica affirmam pela ſua aptidão e pela ſua actividade propria o ſeu direito a uma exiſtencia independente e autonoma entre as nações que dirigiram em dado momento os deſtinos da humanidade.

Quando a invaſão turca commandada por Mahomet II

penetrava na Hungria e ameaçava a Europa inteira, das coſtas de Portugal, do alto do promontorio de Sagres, um homem «de carnadura groſſa e de largos membros», um ſolitario, um ſabio, embebido no eſtudo dos aſtros e das correntes maritimas, cercado de livros, de cartas geographicas, de quadrantes e de aſtrolabios,—*o generoſo Henrique*—levanta-ſe, deſembainha a ſua larga eſpada e manda intimar Mahomet para que ſe lhe renda. Mahomet reſpondeu ao cartel portuguez com um deſdem temerario. De repente, porém, elle, que ſe propunha invadir a Europa, ſente a propria Aſia invadida pelo extremo oppoſto dos ſeus dominios deſguarnecidos. Vaſco da Gama chegava por mar ao Oriente, os noſſos expedicionarios calcavam triumphantemente a terra mahometana. A eſpada deſembainhada no Cabo de S. Vicente lampejava, impreviſta e temeroſa, brandida por Affonſo de Albuquerque, nas coſtas do Mar Roxo e nas margens do Nilo. Os romeiros de Meca fugiam attonitos e eſpavoridos. Mahomet então recuou, e, fazendo refluir á preſſa o ſeu exercito para o interior do ſeu territorio, abandonou a conquiſta da Europa.

Ao braço portuguez coube n'eſſe momento a defeza e a guarda da paz e da civiliſação européa. O noſſo nome penetrava na hiſtoria indelevelmente conſagrado pela gratidão humana.

Foi então que perante o mundo deixámos para todo o ſempre de ſer hiſpanhoes: Sabia-ſe de um polo ao outro, em toda a redondeza da terra, que eramos os compatriotas de Bartholomeu Dias, de Pedro Alvares Cabral, de Diogo Cão, de Pedro da Covilhã, de Gaſpar

Corte Real, de Fernão de Magalhães, de Vaſco da Gama e de Affonſo de Albuquerque.

Para conſtituirmos duradouramente uma grande nação, iſto é, para preponderarmos por algum tempo na direcção intellectual do mundo, faltou-nos então, pela indiſciplina do eſpirito, aquillo a que poderemos chamar a reſponſabilidade da gloria. O poder de que nos inveſtia o triumpho não o ſoubemos legitimar com nenhum acto verdadeiramente grande, tendente a tornar o mundo mais bello, a vida mais digna, o homem mais forte, mais ſabio ou mais juſto. Creados nas guerras das ſortidas e da defeza dos burgos contra os mouros e contra os arabes, educados por ſoldados groſſeiros e por monges taciturnos, não conheciamos as doçuras da arte nem as alegrias do amor. Não tinhamos bebido nos ſeios da natureza o leite de bondade com que a natureza alimenta aquelles que a amam. Eramos inclementes, ſanguinarios, cubiçoſos e beatos. O noſſo dominio nos mares e nas terras conquiſtadas affirmava-ſe pela pirateria e pelo ſaque. A civiliſação chriſtã de que nos diziamos portadores, impunhamol-a aos indios e aos cafres por meio dos dois monumentos de intolerancia e de terror com que aſſignalavamos a noſſa paſſagem através das regiões ſubjugadas. Eſſes dois monumentos eram a egreja e a forca. A uma politica materialiſadora, de violencia, de apropriação e de traficancia correſpondia um eſpirito publico de avidez, de rapina e de aventura. O povo, aſſim como o rei, não conhecia ſenão um intereſſe, —o do lucro pelas viagens ás terras d'onde ſe traziam as eſpeciarias e os diamantes. Partiam do Tejo expedições ſobre expedições, armadas ſobre armadas. Entregar o tra-

balho aos eſcravos, embarcar, mercadejar, traficar, alcançar uma feitoria, uma capitania ou uma tença, enriquecer no ocio, era a preoccupação de cada um. O valor com que domaramos o oceano, o heroiſmo com que entraramos na vida hiſtorica contribuindo para a civiliſação com o deſcobrimento de um novo mundo, degenerára rapidamente n'um egoiſmo ſordido. A indole aguerrida e aventuroſa da raça fizera de nós um povo de deſcobridores. A politica monarchica e a educação fradeſca convertera-nos em um povo de chatins, o qual, como diz Falcão de Rezende, ſe contentava com ſaber comprar barato e vender caro, trampeando, enganando, jurando e mentindo.

A vida da côrte inſtituida por D. Manuel attrahia a nobreza que abandonava a lavoura das ſuas terras, para ir corromper-ſe e empenhar-ſe nos ſaraus dos Paços da Ribeira e nos Paços de Cintra, onde os brazões dos fidalgos foram então colligidos e debuxados, como decorações régias, no tecto da ſala das Pegas. A expulſão e a carnificina monſtruoſa dos judeus e dos mouros eſtrangulou o trabalho nacional, e o ouro das conquiſtas paſſou a ir enriquecer as induſtrias naſcentes da Inglaterra e da Flandres. O cezariſmo abſorvera todas as forças da nação. As côrtes reuniam-ſe apenas para conſagrar o poder diſcricionario do monarcha. Os campos deſpovoavam-ſe. Mas a população da capital creſcia de dia para dia, e Lisboa era a primeira das cidades da Europa, viſitada pelos mercadores e pelos viajantes de todos os paizes. Á beira do Tejo, ao lado dos ſumptuoſos Paços da Ribeira, da Ribeira das Naus, da Caſa dos Contos e da Contratação da Guiné, nos grandes armazens da Caſa da India

depoſitavam-ſe as mercadorias deſcarregadas pelas naus do Eſtado: o arroz, o ebano, o aſſucar, a pimenta, o cravo, a canela, a camphora, o gengibre, o ſandalo e o borax. Nos bazares da rua Nova dos Ferros expunham-ſe as ſedas, as porcelanas da China e do Japão, as tapeçarias da Perſia, o ouro, a prata, o marfim, o ambar, o almiſcar, as perolas, os rubis, os diamantes, todos os productos do Oriente, e, com elles, as mercadorias européas que vinham de Conſtantinopla, de Flandres, de Florença, de Genova, de Veneza, de Burgos, de Sevilha: as tapeçarias, os veludos, os damaſcos, os camelotes, as ſarjas, os eſtofos de Oſtade, os eſpelhos. Nas aguas da bahia, coalhadas de navios, as flamulas e os galhardetes de todas as marinhas do mundo palpitavam nos topes dos maſtros. As prociſſões, as cavalgadas e os cortejos reaes percorriam as ruas com uma pompa deslumbrante e nunca viſta. Ouviam-ſe as vozes de todas as linguas cultas e de muitos dialectos barbaros. E, por entre a multidão dos curioſos, dos vadios, dos mercadores, dos homens de negocio e dos tafuis, perpaſſavam os fidalgos montando beſtas ajaezadas de veludo e ouro, cercados de eſcravos aos eſtribos e ás cambas do freio.

A vida no paço era oſtentoſiſſima no tempo de D. Manuel. Os veſtidos de ſetim e veludo, bordados de ouro e de pedrarias, importavam-ſe de Italia e de França. As refeições do rei eram acompanhadas de muſica. As mais bellas tapeçarias flamengas forravam de cima a baixo as ſalas dos palacios. A prata e o ouro das baixellas tinham a importancia de primoroſas obras d'arte cinzeladas por artiſtas da grande eſcola florentina. Os jantares e as

ceias, producto de uma arte culinaria renovada pelas importações alimentares da India e pelas eſſencias orientaes, ſerviam-ſe em ſcintillantes criſtaes de Veneza e em leves porcelanas da China. Nos ſaraus reaes, que ſe repetiam com frequencia em Lisboa, em Cintra, em Evora e em Almeirim, jogava-ſe fortemente aos dados, bailavam-ſe danças mouriſcas, gloſavam-ſe motes e repreſentavam-ſe os *autos,* as *comedias,* as *farças,* as *moralidades* e os *monologos* de Gil Vicente, o poeta da rainha viuva D. Leonor, o ſeu *meſtre Gil*, como ella lhe chamava. O rei dava trez vezes por dia aſſignatura em publico, luxuoſamente veſtido, ſentado n'um eſpaldar de veludo e ouro, tendo de joelhos deante de ſi o eſcrivão da puridade, de joelhos a ſeu lado os védores da fazenda e os eſcrivães da fazenda e da camara.

Na côrte de D. João III os bobos e os truões retomam uma porção do logar que tinham os poetas na côrte de D. Manuel, e as momices, os arremedilhos e os eſcarneos ſubſtituem em parte os motes, as endeixas e os autos. D. João não tem, como ſeu pae, o amor das couſas brilhantes e pompoſas. Não ſe veſte ſenão á velha moda triſte do paiz e horroriſam-o as modas francezas. É um eſtupido, que nunca pôde aprender nem os rudimentos da grammatica; é um beato e, na ſua qualidade de beato, um porco, ſegundo a doutrina dos ſantos padres, os quaes affirmam ſer preciſo que o homem cheire mal na carne para que ſe lhe deſenvolva dentro a fragancia do eſpirito. Cheirar bem o corpo ou o veſtido é argumento d'alma ſuja—diſſe-o S. João Chriſoſtomo, o Boca d'Ouro.

A rainha D. Catharina profeſſava os principios de ſeu

eſpoſo. Foi ella que mandou proceder á mais rigoroſa devaſſa contra as bruxas e feiticeiras de Lisboa, ſendo então preſas muitas, das quaes umas foram queimadas, outras publicamente punidas com açoites, e as mais felizes deſterradas apenas. O rei pela ſua parte mandára rever por conſpicuos ſacerdotes toda a ordenação para o fim de expungir as diſpoſições que directa ou indirectamente podeſſem ferir as immunidades da Egreja. São eſtes bons conjuges que introduzem em Portugal a Santa Inquiſição. Raramente dão ſaraus. A familia real, que ſe confeſſa e communga todas as ſemanas, paſſa as noites na capella, entre os murrões lugubres dos lampadarios, ouvindo as praticas de Frey Franciſco de Borja, o meſmo clerigo incumbido pela rainha de fundar na cidade do Porto o primeiro collegio da Companhia de Jeſus. Apeſar de um pequeno reſto de galanteria, que levava o piedoſo ſoberano a offerecer de quando em quando a ſua eſpoſa um filho baſtardo, a vida no paço ſeria mediocremente divertida, ſe, ao lado da côrte de D. João III, não exiſtiſſe a pequena côrte ſupplementar de ſua irmã.

A infanta D. Maria era uma mulher eſpirituoſa, de grande cultura intellectual, extremamente affeiçoada aos artiſtas e aos homens de letras. Fallava correctamente o latim, ſabia muito bem o grego e era, ella meſma, eſcriptora. Tinha aggregado á ſua caſa com o titulo de *latinas* um longo cortejo de mulheres inſignes pela educação litteraria: Publia Hortenſia de Caſtro, que, veſtida de homem, frequentára as eſcolas e defendera theſes em Coimbra; Leonor de Noronha, filha de D. Fernando de Noronha, ſegundo marquez de Villa Real, a qual publicou varios li-

vros originaes e verſões do latim; Joanna Vaz, filha do licenceado João Vaz, muito verſada nas linguas latina, grega e hebraica; as duas irmãs Luiza Sigêa e Angela Sigêa, ambas eruditiſſimas, ſabendo Luiza as linguas grega, latina, hebraica, arabica e ſyriaca, e verſificando em latim, em grego e em hebraico; finalmente Paula Vicente, a meiga e doce filha de Gil Vicente, collaboradora de ſeu illuſtre pae, e auctora de um volume de comedias e de uma grammatica da lingua ingleza. Foi á princeza D. Maria que o auctor do *Palmeirim de Inglaterra* offereceu a ſua novella. Era na pequena côrte d'eſſa dama, na ſua ſala particular de recepção ou na ſua caſa de lavor, que ſe encontravam como em concilio academico os homens de eſpirito que tinham entrada na côrte, e nenhum ſalão do mundo, nem então nem depois d'eſſe tempo, ſeria tão intereſſante como o da infanta portugueza. Havia um grande movimento de idéas e de intereſſes litterarios e ſcientificos, que ſe deviam debater nos ſerões da princeza. Uma enorme quantidade de poetas, alguns d'elles com reconhecido talento como Sá de Miranda e Antonio Ferreira, ſeguindo a eſcola de Petrarcha, introduziam os metros italianos na verſificação portugueza. O infante D. Luiz, o conde de Vimioſo e o conde da Sortelha cultivavam as letras e a poeſia. Fernão de Oliveira fundava a diſciplina da lingua, compondo e publicando a primeira grammatica portugueza. Damião de Goes, chegado da Allemanha, onde conhecera Luthero e vivera na amizade intima de Eraſmo, trazia comſigo o goſto da mais alta cultura do eſpirito, o apreço da muſica em que era inſigne e o da pintura e da eſculptura, repreſentadas em

valioſos exemplares na ſua galeria d'arte; e era elle que fundava, com João de Barros e com Fernão Lopes, os methodos hiſtoricos compativeis com o eſtado das ſciencias e com as reſtricções policiaes da imprenſa no ſeu tempo. O naturaliſta Garcia da Horta publicava as primeiras obras de botanica iniciando os eſtudos da flora tranſatlantica. O lente de medicina Antonio Luiz, tão inſigne como o mathematico Pedro Nunes, publicava o livro *De occultis proprietatibus* em que ſe enunciam as mais altas leis da mechanica. De França, onde tinham tomado grau na univerſidade de Paris e onde eram profeſſores no celebre collegio de Sainte-Barbe, chegavam os grandes humaniſtas Gouveias e Teives; Antonio Leytão, lente de phyſica e de philoſophia; Antonio Pinheiro, lente de humanidades, auctor da primeira interpretação completa do terceiro livro de Quintiliano. Só a grande familia dos Gouveias dera doze profeſſores ao collegio de Sainte-Barbe, que um d'elles dirigiu. Antonio de Gouveia mereceu a honra de vir citado por De Thou no tomo VI da ſua *Hiſtoria Univerſal*, como o unico douto a quem fôra dada a gloria de ſer conjuntamente um grande philoſopho, um grande juriſconſulto e um grande poeta.

Além dos deſcobridores e dos que iam á India no deſempenho de funcções publicas, muitos viajantes chegavam de todos os pontos do globo, trazendo as mais intereſſantes noticias das regiões que tinham viſitado. Fernão Mendes Pinto percorria a China, e tornava-a conhecida da Europa eſtudioſa. D. Rodrigo de Lima eſtivera na Ethiopia. Antonio Tenreiro fôra á Perſia, á Syria, á Armenia e ao Egypto. Os ſoldados da Africa e da India e os ma-

rinheiros dos galeões e das naus do Estado narravam as suas aventuras e as suas impressões pessoaes: a infinita saudade das noites calmas e profundas no silencio dos tombadilhos; a cantiga melancolica da aldeia natal soluçada a milhares de leguas da patria no ocio das calmarias; os estranhos aspectos das vegetações dos tropicos, dos monumentos collossaes da India, e do calido ceu da America trepidante de pulverisações luminosas, impregnado dos aromas penetrantes da floresta virgem, cortado alto n'uma linha escura pelo vôo silencioso de aves desconhecidas e phantasticas; finalmente a commoção do combate no choque das abordagens e a desolação dos naufragios na inclemencia das ondas ou na aridez das praias desertas, sobre a areia fulva e ardente, caminhando sem destino e sem norte no horror da fome e da sêde, peregrinação tremenda e sobrehumana envolta, como no vacuo, pela magestade monstruosa do infinito desamparo.

É no meio d'este mundo corrompido já nas fontes da vida nacional, n'esta sociedade já decadente mas ainda brilhante, n'esta côrte binaria, de dupla etiqueta e de dupla intriga, composta de cavalleiros, de poetas e de padres, sentimental e artistica, sensual e beata, que Luiz de Camões apparece em Lisboa definitivamente consagrado poeta depois da representação da sua comedia de *El-Rey Celenco* em 1545. Tem vinte e um annos de edade porque nasceu no mesmo anno em que morrêra Vasco da Gama, em 1524. A sua figura esbelta e nervosa, cheia de elegancia e de força, denuncia um d'esses bellos typos de raça que n'elle, assim como em Shakspeare, representam o exemplar perfeito do homem. Descendente por seu pae de uma

nobre familia gallega, de ſangue algarvio por ſua mãe, elle tem, hereditariamente, do typo paterno o vigor dos muſculos e a groſſura dos oſſos, do typo materno a graça das linhas e o garbo das fórmas. É um arabe ſolidamente reforçado e de cabellos louros. O ſeu roſto cheio tem uma accentuação energica, poderoſamente viril. A boca um tanto groſſa, ligeiramente ſarcaſtica, contorna-ſe-lhe vigoroſamente com uma expreſſão de firmeza e de commando debaixo de um bigode arqueado e fulvo. Os ſeus olhos garços, humidos, de uma profundidade meiga, revêem a penetração educada no habito do eſtudo e na pratica da eſgrima. Fica-lhe bem o veludo negro da coura e do calção de côrte; e a longa eſpada fina, de bainha preta e copos de aço polido, pendente do boldrié chapeado de prata, condiz harmonicamente com a linha altiva do ſeu porte dominativo, grave e marcial, de artiſta, de bacharel e de gentil homem.

Chegára de Coimbra em 1543. Frequentára a Univerſidade e as Eſcolas Menores do Convento de Santa Cruz, em que era geral ſeu tio D. Bento de Camões, cancellario da Univerſidade. Eſtudante, tornára-ſe tão celebre em Coimbra pelos ſeus talentos litterarios como pela ſua deſtreza nos exercicios muſculares. Elle proprio o diſſe em uma das ſuas eglogas:

> Nenhum paſtor cantando me vencia,
> A barba então nas faces me apontava;
> Na luta, na carreira, em qualquer manha
> Sempre a palma entre todos alcançava.

Era um habil comediante na repreſentação dos autos com que ſe celebravam feſtas eſcolares. Era um brigão ter-

rivel e um valentão famoſo nas brigas nocturnas em que intervinha triumphantemente o ſeu punho para varrer uma rixa ou uma eſpera, em volta de um maguſto anarchico ou no fundo de um beco tenebroſo e de má fama. A par d'iſſo traduzia e commentava os *Triumphos de Petrarcha,* eſcrevia o auto dos *Amphitriões,* compunha innumeraveis elegias, eglogas e cançonetas. Lia Ptolomeu, Strabão e todos os antigos geographos. Conhecia Euclides, Plinio e Hippocrates; toda a litteratura grega e latina: Homero e Virgilio, Eſchylo e Terencio, Sophocles e Plauto, Xenophonte e Tacito, Ariſtophanes e Juvenal, Ariſtoteles e Platão, Demoſtenes e Cicero, Ovidio e Pindaro, Theocrito e Horacio; e todos os modernos: Dante, Petrarcha, Boccaccio, Machiavello, Froiſſart, Eraſmo de Roterdam, Garſilaſſo de la Vega, Sannazaro, João Boſcan, o cardeal Bembo; toda a litteratura nacional: os Livros de linhagens, os Nobiliarios, os Cancioneiros, as ſerranilhas, as trovas e os cantares, de origem franceza, gallega e italiana, nos ſeculos XIII e XIV; todas as chronicas, tão ſimples, tão ingenuas, tão eloquentes do noſſo ſeculo XV e toda a ſciencia coſmographica cultivada no obſervatorio de Sagres pelos collaboradores do infante D. Henrique, os ſabios mouros e os judeus de Marrocos e de Fez. A eſtes conhecimentos e ao das linguas ſabias em que era inſigne, reunia o conhecimento de muitos idiomas modernos: o caſtelhano, o provençal, o italiano, o francez, o inglez.

As eſcolas de Santa Cruz eram, ao tempo em que Camões as frequentou, o principal centro da noſſa actividade intellectual. Enſinavam-ſe as linguas, as leis, a mathematica, a medicina, as artes, a rhetorica, a grammatica, a

theologia, a moral, a ſagrada eſcriptura e os canones. As aulas eram curſadas pela flor da nobreza: o filho do infante D. Luiz, mais tarde conhecido pelo titulo de Prior do Crato; os irmãos do duque de Bragança, D. Theodoſio, D. Antonio e D. Fulgencio; D. João de Bragança, filho do marquez de Ferreira; D. João da Silva e D. Antonio da Silva, filhos do conde de Portalegre; D. Gonçalo e D. Alvaro da Silveira, filhos do conde da Sortelha.

Pela reforma dos eſtudos em 1527, profeſſores de primeira ordem trazidos das univerſidades de Paris, de Salamanca e de varias cidades da Italia, liam nas cadeiras de Santa Cruz, e, pela ſua convivencia familiar, ainda mais do que pelas lições que profeſſavam, punham os alumnos em communhão com o eſpirito ſcientifico e com o eſpirito litterario da Renaſcença européa.

Além da diſciplina claſſica dos eſtudos e dos exercicios intellectuaes em que, por um excluſiviſmo pedagogico caracteriſtico da direcção jeſuitica, ſe buſcava principalmente deſenvolver a memoria, outros agentes poderoſos influiam a educação do poeta e determinavam a ſua orientação de eſpirito.

O ſentimento profundo da nacionalidade, que tinha de ſer a alma da ſua epopeia, penetrava-o lentamente pelos aſpectos da paizagem e pela convivencia domeſtica. O trato intimo com ſeu tio e ſeu mentor D. Bento de Camões excitava, como vamos ver, a ſua veia imaginoſa e dramatica e a ſua curioſidade das lendas e das tradições populares.

D. Bento era um myſtico e um viſionario. Sob o ſeu habito de conego regrante corria-lhe nas veias o ſangue ir-

requieto dos velhos cavalleiros do caſtello de Camaños, ſolar dos ſeus avós, ao qual dera o nome a lenda tão poetica da ave a que ſe referem as redondilhas:

Experimentou-ſe algum'hora,
Da ave que chamão Camão,
Que ſe da caſa onde mora
Vê adultera a ſenhora
Morre de pura paixão.

A eſtirpe de Camões prendia-ſe por uma genealogia legendaria, como quaſi todas as proſapias hiſpanholas, á geração dos Cantabrios, companheiros d'armas de Pelayo, filho de Favila, rei das Aſturias, na gruta de Covadonga.

D. Ruy Garcia de Camaño, no ſeculo XII, era ſenhor da villa de Rianjo, do eſtado de Rubianez, Couto de Orocoulo na Galliza, e de dezeſete freguezias chamadas Camoeiras em terras de Salnez e de Bercala, com todas as ſuas juriſdicções e ſenhorios. Fôra caſado com D. Ildura, neta do infante D. Fernando de Navarra. Eſtivera no cêrco de Almeria e morrera treſpaſſado de lanças ſarracenas.

D. Garcia Fernandes de Camaño, mandado prender na Corunha pelo rei D. Pedro, recolhera-ſe no ſeu caſtello com os ſeus homens d'armas, ſuſpendera a ponte levadiça, armara-ſe de ponto em branco, reſpondera com eſpeſſas desfrechadas de pelouros ás intimações do rei, e batera-ſe até á ultima por ſua honra.

D. Vaſco de Camaño, quarto neto de D. Ruy Garcia, expatriado no ſeculo XIV em conſequencia, diſſe-ſe, de uma aventura que terminára tragicamente em morte de homem

n'um duello, funda a familia portugueza dos Camões, vindo para eſte reino na companhia do conde Andeiro e d'outros fidalgos gallegos. O rei D. Fernando fez mercê a D. Vaſco das villas de Sardoal, Pugnete, Marvão e Villa Nova d'Anços e das terras e herdades que haviam ſido da infanta D. Beatriz em Extremoz, em Aviz e em Evora, doando-lhe conjunctamente a quinta do Judeu em Santarem, as alcaidarias de Portalegre e Alemquer e os ſenhorios do concelho de Geſtaço e do Caſtello de Alcanede. Eſtes bens reverteram á corôa, por ſequeſtro, depois da batalha de Aljubarrota.

O monge D. Bento, na eſtreiteza ſuffocante da clauſura, ſob o frio ſilencio das abobadas monaſticas, deveria ſentir por muita vez a revolta do brio e do valor hereditario na ſua familia perante a obediencia ſervil e a paſſividade vergonhoſa dos ſeus votos; e uma tendencia ingenita, organica, ſecreta no ſeu ſer, para as cavallarias e para as aventuras, leval-o-hia então a cultivar com uma avidez noſtalgica, com uma curioſidade entriſtecida e morbida a leitura d'eſſas legendas guerreiras e galantes da Edade Média, em que os cavalleiros velavam as armas nos templos junto do altar das virgens, e em que tão frequentemente trovadores e paladinos batiam á porta dos moſteiros para deſafivelarem pela derradeira vez o telim da eſpada e a couraça, e pedirem um habito de noviço para acabarem o reſto da vida na mortificação e no ſilencio, ſob um capello de eremita, de joelhos na pedra da propria campa.

Era em ſatisfação d'eſſas intimas predilecções de eſpirito que D. Bento de Camões rezava habitualmente de-

fronte do tumulo de Affonſo Henriques, como nos degraus de um altar. Foi ahi que, ſegundo o *Agiologio Luſitano,* elle viu um dia ſurgir do ſepulchro, apparecer-lhe e fallar-lhe a ſombra marcial, mas benigna e mavioſa, do velho batalhador.

Na intimidade familiar de ſobrinho para tio, de filho litterario para pae eſpiritual, na communhão de penſamento com um ſabio e um erudito que tinha viſões como a que refere o *Agiologio,* era impoſſivel não conhecer todos os poemas medievaes, as tradições poeticas da Bretanha, as balladas da Normandia e da Eſcocia, o cyclo da Tavola Redonda, os romances do Cid, de Roderico o ultimo dos reis wiſigodos, de Bernardo del Carpio, de Reynaldo Montauban, as legendas de Lançarote, do rei Arthur, do bruxo Merlin, as tradições de Franceſca de Rimini, de Heloiza, de Beatriz, de Joanna d'Arc, d'Agnès Sorel; e, mais eſpecialmente do que as tradições eſtrangeiras, as tradições nacionaes: o Magriço e os doze de Inglaterra, o milagre d'Ourique e as lendas de Egas Moniz, de Gonçalo Mendes da Maia, de Martim Moniz, de Martim de Freitas, de Giraldo Sem Pavor, de Ignez de Caſtro, da rainha Iſabel, de Maria Telles, da padeira de Aljubarrota.

Coimbra com os ſeus monumentos e a ſua paizagem era o logar mais proprio para a evocação d'eſſas ſombras amigas e para a fixação do amor de um poeta navegador, viajante e guerreiro, ao placido e querido torrão da patria.

Abrigada pelo Buſſaco e pela ſerra da Eſtrella, Coimbra tem um clima ſuave, de uma temperatura egual, humido, fertiliſador. A cidade a que a reſidencia da côrte

nos primeiros tempos da monarchia dava já no ſeculo XVI um caracter monumentoſo e tradicional, aſſenta ſobre a mais riſonha collina. Na encoſta dos montes que a protegem do norte creſce uma vegetação poderoſa em que o caſtanheiro, o carvalho, o cedro e o pinheiro bravo eſpalham no ar os balſamicos perfumes floreſtaes e põem nos relevos do ſolo todos os matizes de uma verdura denſa e aveludada. Nos vaſtos campos da bacia do Mondego as cearas ondulam ao reſpiro tepido da viração entre pomares e boſques de choupos, onde cantam os melros, as cotovias e os rouxinoes e onde os feſtões de madreſilvas pendem dos valados e das ravinas n'um abandono languido ſobre as aguas murmuroſas do rio. O ſolo fertil, a vida abundante, o trabalho facil dão a eſta região um aſpecto de doce ſerenidade, de alegria tranquilla, que ſe eſpelha na phyſionomia dos habitantes e lhes poetiſa os coſtumes, muito diverſos d'aquelles a que um ſolo aſpero, um clima hoſtil e uma dura concurrencia vital obriga o hortelão minhoto, o cavador de Traz-os-Montes e o paſtor do Alemtejo. A pacificação da natureza e a graça amena da paizagem nos campos do Mondego deixam a todos os que ali viveram uma impreſſão indelevel, de um goſto penetrante, que acorda e revive ſaudoſamente na memoria todas as vezes que na tormenta da vida o noſſo penſamento ſe volta para o tempo que paſſou, aſſim como para o caminho de que nos afaſtamos ſe volta a luz de um facho levado contra o vento.

Deſde que entrára na côrte em 1543, até o dia em que fizera repreſentar a comedia de *El-Rey Celeuco,* em 1545, n'um ſarau em caſa de Eſtacio da Fonſeca, repoſteiro de

D. João, a vida de Camões fôra a de um afortunado cortezão eſpirituoſo e galan. A ſua muſa, gracioſa e ligeira, preſtava-ſe a todos os caprichos poeticos da phantaſia palaciana. Pela ſua mocidade exhuberante de ſaude e de alegria, pelas ſuas nobres tradições de familia, pelo ſeu trato cheio de jovialidade e de diſtincção cavalheireſca, pelos picantes attractivos da ſua figura a que os olhos claros e inciſivos e o cabello encaracolado de um louro ardente dão uma brava expreſſão leonina, e pelo ſeu talento de uma veia tão freſca e tão original, elle tornara-ſe rapidamente o objecto de todas as attenções e de todas as preferencias. Tornara-ſe dominativo. Eſta ſuperioridade eſcandaliſava a turba meſquinha dos ſubalternos. O numero dos deſpeitados e dos invejoſos augmentava de dia para dia, porque o joven *bacharel latino*, como lhe chamava André Falcão de Rezende, parecia diſpôr-ſe a monopoliſar todos os triumphos. A infanta D. Maria tratava-o com diſtincções eſpeciaes. Elle tinha por companheiros e por amigos os fidalgos mais illuſtres: o duque de Bragança e o duque d'Aveiro, o marquez de Villa Real e o marquez de Caſcaes, o conde de Redondo e o conde de Sortelha. Todas as mulheres o achavam bello, muitas o amaram e não poucas lhe deram do ſeu affecto as provas ſupremas que elle tinha o mau coſtume de pedir em doces bilhetes, os quaes, poſto que precioſos para a arte, não heſitariamos em qualificar de funeſtos para a moralidade dos coſtumes, ſe os coſtumes da côrte hyſterica de D. João III não tiveſſem profundamente inoculada a corrupção por meio de filtros mais corroſivos, mais deleterios e, ſobre tudo, infinitamente mais groſſeiros, que al-

guns finos verſos traveſſos, malicioſos e ſubtis. O proprio rei, tão bronco, tão refractario a todas as commoções eſtheticas, tão eſpeſſamente beato, pedia tambem verſos áquelle poeta de uma mundanidade tão diabolica!

Nas côrtes, porém, os triumphos do talento ſão ephemeros e ſão perigoſos. A etiqueta impõe aos aulicos o dever de não ultrapaſſarem as raias de uma mediocridade diſcreta. O perfeito cortezão para ſer correcto preciſa de ſer obtuſo. Penſar por ſi meſmo, ter idéas proprias e ſaber exprimil-as com nitidez, poſſuir uma opinião e dal-a, reſpeitar um principio e defendel-o, ouvir um erro e conteſtal-o, affirmar finalmente uma livre perſonalidade, ſer um homem, é irreverencia; ter talento é eſcandalo. Concebe-ſe que eſſa monſtruoſidade — o genio — vá á côrte moſtrar-ſe, como ſe moſtra um anão, um gigante ou uma vitella com ſeis pernas; mas que o genio permaneça em palacio não, porque o genio, exprimindo um eſtado exorbitante de eſpirito, é de ſua natureza incivil, e o principe quer em torno de ſi ſeres comedidos, circumſpectos, manſos, de uma banalidade ſem protuberancias nem aſperezas, liſa, recta e chata. Aſſim o pede a pragmatica eſtabelecida na maneira de fallar com reverencia, de ſorrir com diſcrição, de obedecer com graça.

O auto de *El-Rey Celeuco,* que tem por aſſumpto os amores de Stratonice e de Antiocho, podia conſiderar-ſe uma alluſão reprehenſiva aos amores de D. Manoel com a noiva de ſeu filho. Eſta circumſtancia não deixaria de ſer aproveitada pela intriga para malquiſtar o poeta na opinião de D. João III. Com a repreſentação do auto coincidiu no paço um eſcandalo em que o nome do eſcu-

deiro Camões era citado na chronica da galanteria de envolta com o de uma dama da rainha.

A etiqueta da côrte era rigoroſa na preſcripção dos tramites que um cavalleiro tinha de ſeguir nas ſuas relações com uma dama. Para acceitar um mote ou devolver uma gloſa era indiſpenſavel a venia da camareira-mór e era ao mordomo do palacio que a meticuloſidade real da pragmatica incumbira n'eſta troca de dôce correſpondencia a funcção que a mithologia adjudicou a Mercurio. João Lopes Leitão, por ter entrado de uma vez ſem licença do porteiro na ſala onde ſe achavam as damas, foi preſo. Camões deveria ter uma culpa mais grave, porque a pena correſpondente foi de deſterro de dois annos para fóra de Lisboa. Qual foſſe porém o delicto nunca ao certo ſe diſſe, e comprehende-ſe bem eſſa reſerva, dado o caracter de Camões, cuja bravura pundonoroſa continha em reſpeito nos mexericos da côrte aquelles que pela gymnaſtica da maledicencia haviam deſenvolvido a lingua até o ponto de a terem mais comprida do que a eſpada. A ſenhora leſada no melindre do recato pela divulgação do ſeu amor ao poeta deſterrado por cauſa d'ella, era D. Catherina de Athayde, filha de D. Maria Boca Negra e de D. Antonio de Lima, camareiro-mór do infante D. Duarte, ſobrinho do rei. O damno irreparavel da reputação d'eſta ſenhora tornou-a para Luiz de Camões o objecto do culto mais dedicado e mais reſpeitoſo. Em toda a ſua vida elle procurou ſempre pelo tributo de um reconhecimento indelevel, de uma ternura profundamente magoada, de uma eſtima ſaudoſa e tranſcendente, reſgatar o mal involuntario que uma leviandade produzira.

D'ahi, a legenda do amor de Nathercia, convertido pela ſentimentalidade dos biographos na paixão excluſiva e conſtante do poeta. Eſſa paixão é inveroſimil. Com o culto da arte é inconciliavel a conſtancia de qualquer outro amor de caracter apaixonado, dominante e abſoluto. Conſiderar Camões um namorado é ameſquinhar, de um modo que a phyſiologia refuta, a perſonalidade do eſcriptor. O namorado é um ente enfermo. A paixão amoroſa é uma nevroſe que compromette profundamente o equilibrio do cerebro produzindo um d'eſtes effeitos pathologicos: o extaſe da contemplação ou da poſſe, a furia ſenſual ou a melancolia erotica. Em qualquer d'eſſes caſos, ſe não ſe transforma ou ſe não ſe extingue, a paixão remata em breve tempo pela morte, pelo delirio, pela monomania ou pela eſtupidez. Brouſſais diz que ha em toda a paixão uma neceſſidade inſtinctiva que obriga a intelligencia a um trabalho perpetuo deſtinado a achar o meio de ſatisfazer eſſa neceſſidade. Aſſim duas paixões ſão impoſſiveis no meſmo cerebro. Uma d'ellas tem de ſubordinar-ſe á outra e de deſapparecer n'ella. Camões, que tinha a paixão da arte, não podia ter ſimultaneamente a paixão de Nathercia. Elle meſmo o confeſſa dizendo que nunca, amando, *ardera em uma ſó chamma,* que nunca eſtivera *amarrado a um ſó remo.* Elle amava a femenilidade e amava o amor, mas Nathercia nunca abſorveu excluſivamente as ſuas faculdades, nunca dominou a ſua intelligencia. Não era uma paixão que ella lhe inſpirára, era um ſentimento raciocinado de eſtima immarceſſivel, conſagrado pela alma atormentada e generoſa do poeta a uma dôce e terna creatura que o amou e que padeceu por elle.

Deſterrado da côrte, tendo fallecido em Coimbra ſeu tio D. Bento e tendo chegado ao reino a noticia do cêrco de Mazagão, Camões, exilado no Ribatejo, determina ir bater-ſe em Africa e parte para Ceuta, onde batalhou, ſendo ferido em combate. Regreſſa a Lisboa em 1548 tendo cumprido o deſterro com que fôra punido.

Na volta de Africa encontra fechadas para elle as portas do paço. A maledicencia de que fôra objecto medrára com a ſua auſencia. A mediocridade triumphava pela liſonja palaciana, inſinuante, raſteira. A altivez do caracter, a originalidade artiſtica, a independencia intellectual eſtavam para ſempre banidas da côrte de D. João III como violencias peccaminoſas e plebeias. Camões é evitado com deſdem, quaſi com deſprezo.

A guerra transformára-o baſtante, endurecendo a ſua figura e as ſuas maneiras. Com a pelle toſtada, as mãos ennegrecidas pelo ſol africano, o roſto marcado com a cicatriz do ferimento em que perdera o olho direito, tinha mais o aſpecto rude de um ſoldado do que o typo delicado e tenro de um eſcudeiro e de um cortezão. As mulheres achavam-o feio, hediondamente eſcalavrado. Chamavam-lhe o *cara ſem olhos*. Os poetas crivaram-o de epigrammas. E toda a côrte riu. «Elle diz que vê mais que nós, e tem razão d'eſta vez: elle vê em cada um de nós dois olhos e nós ſó lhe vemos um.» Foi Pedro de Andrade Caminha quem poz em verſo eſſe conceito mimoſo. O proprio Camões riu com a real chacota, riu corajoſamente, emquanto um immenſo tedio o pungia e o ſuffocava. Reſolve expatriar-ſe, ir para a India. No tomo dos aliſtamentos do anno de 1550 foi lançado o ſeguinte aſſento:

«*Luiz de Camões, filho de Simão Vaz e Anna de Sá, moradores em Lisboa, á Mouraria, Escudeiro, de vinte e cinco annos, trouxe por fiador a seu pae; vae na nau dos Burgalezes.*»

Mas a nau dos Burgalezes, capitania da armada expedicionaria, arribou para concertar, e Camões tornou a Lisboa, onde permaneceu até 1553. Era preciso que o azedume o penetrasse até a revolta, e que a dissidencia que começava a separal-o da sociedade fosse completa e absoluta.

O principe real D. João, herdeiro presumptivo, tinha o culto da poesia inspirado pela moda, pela pedagogia do tempo e pela influencia de seus tios D. Duarte e D. Luiz, ambos poetas. Sá de Miranda, a rogo do joven principe, mandava-lhe do Minho os cadernos dos seus versos. Outro poeta, parente de Sá de Miranda, João Rodrigues de Sá, era camareiro-mór do principe. Fernão da Silveira dedicava-lhe os seus poemas. Antonio Ferreira consagrava-lhe a comedia *Brisio*. Diogo Bernardes resolvia-se a deixar Ponte do Lima e a vir residir na côrte. Jorge Ferreira de Vasconcellos trasladava para leitura do principe a comedia *Eufrosina* e escrevia para elle as *Proesas da Segunda Tavola Redonda*. O medico da rainha Francisco Lopes e o seu director espiritual Frei Paulo da Cruz tambem versejavam para lisongear a predilecção poetica do real erudito. E todavia Camões nunca foi recebido pelo principe D. João. A banalidade em colligação fazia barreira em torno do paço oppondo um cordão sanitario á invasão assustadora da arte revolucionada por um homem de genio.

O aſpecto da ſociedade de Lisboa e em geral de toda a ſociedade portugueza acuſava já claramente a eſſe tempo a decadencia miſeravel de um povo cuja dignidade nacional e cuja independencia iam ſer eſtranguladas n'um abraço de morte pela Companhia de Jeſus. O numero dos padres creſcera rapidamente e aſſombroſamente ſobrecarregando o paiz com o peſo bruto de uma enorme população improductiva, ocioſa e cobarde. Em pequenas aldeias miſeraveis e famintas, onde a agricultura ceſſára por falta de braços, quarenta ou cincoenta padres diziam miſſas, faziam rezas e promettiam pão em troca de eſmolas e de padrenoſſos. Eſta hypertrophia ſacerdotal baſtaria para dar a morte a um povo. Nada mais funeſto a uma ſociedade em movimento do que a preponderancia, ainda que puramente numerica, da claſſe eccleſiaſtica. O padre, pelo ſimples facto de ſer padre, eſtá fóra da evolução humana. Sem pae e ſem filho, pelos ſeus votos de obediencia e de caſtidade, elle abdica os dois mais nobres poderes que a natureza conferiu ao homem: o poder da virilidade, em que ſe baſea a inſtituição da familia, e o poder da vontade, foco tão poderoſo no equilibrio do mundo moral como o ſol no equilibrio planetario do mundo phyſico. Obedecer e fazer livre e expontaneamente da obediencia perpetua a regra, a norma, o deſtino da exiſtencia inteira é proſtituir a dignidade fundamental da eſpecie, é recuar na eſcala zoologica até á beſtidade paſſiva dos animaes inferiores. Os conventos, aſſim como os biſpados e as freguezias, trasbordavam de religioſos de um e de outro ſexo. Nos conventos de freiras uma grande parte das ſenhoras tinham naſcido dentro da propria clauſura e eram filhas de mon-

jas. No convento de Lorvão, onde o abbadeſſado era propriedade da familia Deça, as ſenhoras mantinham cynicamente nos dormitorios e no côro não ſó as filhas, mas os rapazes filhos da communidade. A policia encontrou de uma vez a abbadeſſa, eſcondida com outra freira, em caſa de um clerigo de Coimbra, juntamente com a amante ordinaria do ſacerdote. Herculano, que leu eſſe epiſodio da vida myſtica portugueza no manuſcripto original e coevo de Balthaſar de Faria, na bibliotheca da Ajuda, diz que a penna ſe recuſa a deſcrever o eſtado em que foram achadas as tres religioſas. Nunca ſe vira um tão grande numero de infanticidios. O amor clandeſtino invadira e enodoára todas as claſſes ſociaes. Nicolau Cleynarts, o bom profeſſor belga, que então reſidiu em Portugal por eſpaço de cinco annos, conta, em uma carta ao ſeu amigo Latomus, que era grande raridade que um mancebo portuguez contrahiſſe uma ligação legitima. Cleynarts compara ſaudoſamente os coſtumes das mulheres portuguezas, de uma indolencia luxuoſa, de ſerralho, abſolutamente inhabeis para o trabalho e para a direcção da caſa, com a actividade tão energica, tão laborioſa e tão digna das mulheres flamengas. A familia, de portas abertas, vivia na rua e na egreja, n'uma oſtentação, miſeravel, de veſtuario. Na lareira das cozinhas apagara-ſe o lume e arrefecera o borralho da tradição ſedentaria e do aconchego domeſtico. O dinheiro, abſorvido no culto exterior do trapo, não dava com que pôr a panella ao lume. Fidalgos e fidalgas, que todos os dias percorriam as ruas rodeados de oito lacaios, alimentavam-ſe de rabanos e de figos. O trabalho livre extinguia-ſe. Deitar a mão ao que quer que foſſe era um opprobrio adſtri-

cto ao eſcravo. Um reles official de barbeiro tinha a catadura ſobranceira de um capitão da India e não ſe rendia ao reclamo do freguez emquanto lhe não mandaſſem um preto para o ſeguir em pompa, pela rua, levando o bacio, o gumil e a navalha. A população ſervil em Lisboa era quaſi egual á população livre, graças á auctoriſação pontificia para reduzir a eſcravos todos os pagãos, pretos ou brancos, que os portuguezes apreſaſſem nos ſeus dominios. Os deſcendentes de eſcravos, foſſem ou não baptizados, eram eſcravos e como taes marcados na cara com um ferro em braza, até a quarta geração. Era-lhes não ſó permittido, mas impoſto o concubinato, como fonte de receita, ainda entre os que já eram baptizados e os que ainda eram herejes. Viviam n'uma promiſcuidade obſcena no meio da familia. A moraliſação, ſem nenhuma eſpecie de doutrina, fazia-ſe ſimpleſmente pelo caſtigo, que ordinariamente conſiſtia em os queimar com um tição, com toucinho derretido ou com azeite a ferver.

O rei, em quem ſe achava encabeçada a direcção ſuprema e abſoluta do eſtado, aſſiſte inſcientemente ao eſphacelamento geral da nação, abſorvido, pelo lado economico, em contrahir empreſtimos, pelo lado politico, em agitar ou reſolver intrigas eccleſiaſticas. A reforma da univerſidade attrahiu-o não como um intereſſe da civiliſação, mas como um intereſſe fradeſco.

A côrte paſſava o tempo em ladainhas e novenas. Os Autos-de-fé tinham a pompa ſiniſtra de grandes feſtas nacionaes. Os fidalgos percorriam de noite as ruas, badalando campainhas, de roſario em punho, com eſcapularios ao peſcoço, rezando em côro o officio das almas e a Via-ſacra.

Para honra e para gloria da arte, eſta ſociedade repellia Camões, ſalvando aſſim da infecção deleteria do ſeu contacto o auctor dos *Luſiadas*.

Em diſſidencia declarada e aberta com a côrte, com a arte academica, com a poeſia official, em hoſtilidade com todo eſſe mundo que ſe diſſolve na impudicicia, na diffamação, na hypocriſia e na crapula, Luiz de Camões tem um movimento expreſſivo de proteſto e de revolta. Rebuçado na longa capa das aventuras nocturnas, tendo carregado ſobre o olho cego o famoſo chapeu cujas grandes abas ſe tornaram proverbiaes em Lisboa, elle, de cabeça alta e provocadora, de punho ſolidamente cerrado no quadril, emprehende eſte ouſado projecto: — Caſtigar! De que modo? Se eſcreveſſe uma linha aggreſſiva, queimal-o-hiam. A penna era-lhe abſolutamente inutil. Reſtava-lhe a eſpada que trazia á cinta. Lisboa de noite, com os ſeus boqueirões ſobre o Tejo, com as ſuas ruas eſtreitas, com as ſuas encruzilhadas ſiniſtras, com os ſeus becos tenebroſos, preſtava-ſe admiravelmente aos recontros e ás brigas. Camões principiou então a paſſeiar a deshoras, embuçado e myſterioſo. D'eſſas excurſões de cada noite reſultava uma attenuação numerica nas devoções ou nas libertinagens do dia immediato, porque havia ſempre um ou outro rufião noctivago, um ou outro beato treſnoitado, que tendo encontrado de prancha, por cima do ſeu amor ou por cima da ſua ladainha, a eſpada de Camões, ficava por algum tempo ſubſequente em caſa, — derreado.

N'eſte periodo da ſua vida Camões deſpe-ſe de toda a cortezia fidalga. É um rebelde premeditadamente groſ-

ſeiro, accintoſamente plebeu. Alguns dos ſeus epigrammas d'eſſa data têem o ſal graudo da giria. Os poucos fidalgos com quem ſe acamarada ſão valentões richoſos como elle.

A fama das ſuas violencias tinha-lhe merecido uma alcunha expreſſiva:—*O Trinca-fortes.*

As mulheres devotas chamavam-lhe mais ſimpleſmente —*O diabo.* E quando elle paſſava na rua, mãos finas de meninas janelleiras puxavam á preſſa as adufas, cerrando-as, com medo.

Em certo dia eſpecialmente ſolemne, o da prociſſão de *Corpus-Chriſti,* ainda com o ſol fóra, vindo a paſſar a cavallo na rua de Santo Antão, por traz de S. Domingos, um empregado do paço por nome Gonçalo Borges, moço dos arreios de El-Rey, Camões, no meio de uma *briga de arrancar,* feriu-o com uma eſtocada no peſcoço *junto*—eſpecifica a devaſſa—*do cabello do toutiço.* Á devaſſa que ſe tirou ſobre o ferimento de Gonçalo Borges, ſuccedeu-ſe a priſão de Camões no tronco da cidade.

Na cadeia, preſo por brigão, arrancador e richoſo, lendo talvez a primeira *Decada* de João de Barros, emprehende a compoſição dos *Luſiadas.*

A 24 de março de 1553, tendo obtido carta de perdão e de ſoltura, parte para a India na nau S. Bento e deſembarca em Gôa. É de Gôa, pouco tempo depois de ter chegado, que elle eſcreve a um amigo a carta familiar que vamos lêr. Eſſa carta precioſa, felizmente conſervada, encerra o mais completo retrato de Camões, feito por elle meſmo. Cada uma d'eſſas linhas, palpitante de individualidade, reſpira, move-ſe, falla, denuncia e revela

o homem, caracteriſando-o traço por traço, recompondo-o, animando-o, fazendo-o reſuſcitar e apparecer vivo aos noſſos olhos. Ahi eſtá o artiſta encantador de ſtylo, de graça riſonha, de fina e penetrante ironia. Ahi eſtá o revolucionario em diſſidencia hoſtil com um mundo velho, mexeriqueiro e corrupto em que elle não quer deixar os oſſos. Ahi eſtá o terrivel duelliſta, ao qual ninguem viu nunca os calcanhares, e que é chamado como juiz, como arbitro e como meſtre para decidir os problemas do ponto de honra, os conflictos da bravura. Ahi eſtá o galã cavalheireſco e malicioſo, diſtribuindo ás bonitas lisboetas os madrigaes mais gracioſos e mais ſubtis. Ahi eſtá finalmente o amigo fiel, o bravo camarada, o liberal cavalleiro, o coração altivo e bom, tão ingenuo e tão doce para amar, tão rijo para combater e para reſiſtir!

Diz a Carta:

«Deſejei tanto uma voſſa, que cuido que pela muito deſejar a não vi; porque eſte he o mais certo coſtume da fortuna, conſentir que mais ſe deſeje o que mais preſto ha de negar. Mas porque outras naos me não fação tamanha offenſa, como he fazerem-me ſuſpeitar que vos não lembro, determinei de vos obrigar agora com eſta, na qual pouco mais ou menos vereis o que quero que me eſcrevais d'eſſa terra. Em pago do qual, d'ante mão vos pago com novas d'eſta, que não ſerão más no fundo de huma arca para aviſo de alguns aventureiros, que cuidão que todo o mato he oregãos, e não ſabem que cá e lá mais fadas ha.

«Deſpois que d'eſſa terra parti, como quem o fazia

para o outro mundo, mandei enforcar a quantas eſperanças dera de comer até então, com pregão publico: Por falſificadoras de moeda. E deſenganei eſſes penſamentos que por caſa trazia, porque em mim não ficaſſe pedra ſobre pedra. E aſſi poſto em eſtado, que me não via ſenão por entre luſco e fuſco, as derradeiras palavras que na nao diſſe, forão as de Scipião Africano: *Ingrata patria, non poſſidebis oſſa mea.* Porque quando cuido, que ſem peccado que me obrigaſſe a tres dias de purgatorio, paſſei tres mil de más linguas, peores tenções, danadas vontades, naſcidas de pura inveja, de verem *ſu amada yedra de ſi arrancada, y en otro muro aſida...* Da qual tambem amiſades mais brandas que cêra ſe acendião em odios que diſparavam lume, que me deitava mais pingos na fama, que nos couros de hum leitão. Então ajuntou-ſe a iſto acharem-me ſempre na pelle a virtude de Achilles, que não podia ſer cortado ſenão pelas ſolas dos pés; as quaes de mas não verem nunca, me fez ver as de muitos, e não engeitar converſações da meſma impreſſão, a quem fracos punhão mao nome, vingando com a lingua o que não podião com o braço. Emfim, ſenhor, eu não ſei com que me pague ſaber tão bem fugir a quantos laços n'eſſa terra me armavão os acontecimentos, como com me vir para eſta, onde vivo mais venerado que os touros de Merceana, e mais quieto que a cella de um frade prégador. Da terra vos ſei dizer que he mãe de villões ruins, e madraſta de homens honrados. Porque os que ſe cá lanção a buſcar dinheiro, ſempre ſe ſuſtentam ſobre agua como bexigas, mas os que ſua opinião deita

a las armas mouriſcote,

como maré corpos mortos á praia, ſabei que antes que amadureção, ſe ſeccão. Ja eſtes que tomavão eſta opinião de valentes ás coſtas, crede que nunca

riberas de Duero arriba
cavalgaron zamoranos,
que roncas de tal ſoberbia
entre ſi foeſen hablando;

e quando vem ao effeito da obra, ſalvão-ſe com dizer que não podem fazer tamanhas duas couſas, como he prometter e dar. Informado d'iſto veio a eſta terra João Toſcano, que, como ſe achava em algum maguſto de rufiões, verdadeiramente que ali era

ſu comer las carnes crudas,
ſu beber la viva ſangre.

Calliſto de Sequeira ſe veio cá mais humanamente, porque aſſi o prometteo em uma tormenta grande em que ſe vio. Mas um Manoel Serrão, que, *ſicut et nos*, manqueja de hum olho, ſe tem cá provado arrezoadamente, porque fui tomado por juiz de certas palavras, de que elle fez deſdizer a um ſoldado, o qual, pela poſtura de ſua peſſoa, era cá tido em boa conta.

«Se das damas da terra quereis novas, as quaes ſão obrigatorias a uma carta, como marinheiros á feſta de S. Frei Pero Gonçalves, ſabei que as portuguezas todas cahem de maduras, que não ha cabo que lhe tenha os pontos, ſe lhe quizerem lançar pedaço. Pois as que a terra dá além de ſerem de rala, fazei-me mercê que lhe falleis alguns amores de Petrarca, ou de Boſcão; reſpondem-vos uma linguagem meada de hervilhaca, que trava

na garganta do entendimento, a qual vos lança agua na fervura da mór quentura do mundo. Ora julgae, ſenhor, o que ſentirá hum eſtomago coſtumado a reſiſtir ás falſidades de hum roſtinho de tauxia de huma dama lisbonenſe, que chia como hum pucarinho novo com agua, vendo-ſe agora entre eſta carne de ſalé, que nenhum amor dá de ſi. Como não chorará las memorias de in illo tempore! Por amor de mi, que ás mulheres d'eſſa terra digais da minha parte que ſe querem abſolutamente ter alçada com baraço e pregão, que não receiem ſeis mezes de má vida por eſſe mar, que eu as eſpero com prociſſão e palio, reveſtido em pontifical, onde eſt'outras ſenhoras lhe irão entregar as chaves da cidade, e reconherão toda a obediencia, a que por ſua muita idade ſão já obrigadas.

«Por agora não mais, ſenão que eſte ſoneto que aqui vai, que fiz á morte de D. Antonio de Noronha, vos mando em final de quanto d'ella me pezou. Huma egloga fiz ſobre a meſma materia, a qual tambem trata alguma couſa da morte do principe, que me parece melhor que quantas fiz. Tambem vo-la mandara para a moſtrardes lá a Miguel Dias, que pela muita amiſade de D. Antonio, folgaria de a ver; mas a occupação de eſcrever muitas cartas para o reino, me não deo lugar. Tambem lá eſcrevo a Luis de Lemos em reſpoſta de outra que vi ſua; ſe lha não derem, ſaiba que he a culpa da viagem, na qual tudo ſe perde.

«Vale.»

A vida de Camões na India é cheia de movimento e de commoção. Bate-ſe contra o Chembé. Percorre a

coſta da Arabia na armada que levava a expedição de D. Fernando de Menezes ao eſtreito de Meca. Dobra o cabo de Roſalgate. Faz o cruzeiro de Maſcate. Regreſſa a Gôa. Parte para a China em 1556, nomeado para o cargo de provedor-mór dos defunctos e auſentes de Macau, ao qual incumbia a arrecadação das importantes heranças de commerciantes portuguezes que ali falleciam. Regreſſa a Goa ao cabo de dois annos de ſerviço em Macau. Naufraga na coſta de Camboja na Cochinchina. Perde no mar a pequena fortuna, — *algum fato que tinha de ſeu* — e que ſoubera adquirir pela economia e pelo trabalho. Salva a nado no rio Mecon os ſeis cantos dos *Luſiadas* que eſcrevera em Macau,

> o Canto que molhado
> Vem do naufragio triſte e miſerando
> Dos procelloſos baixos eſcapado;
> Das fomes, dos perigos grandes, quando
> Será o injuſto mando executado
> Naquelle cuja lyra ſonoroſa
> Será mais affamada que ditoſa.

É preſo em Goa pelo *injuſto mando* do governador Franciſco Barreto, em conſequencia de intrigas referidas ao modo como adminiſtrara a fazenda de Macau: *Iſſo,* diz Manoel Correia, *lhe fizerom mexericado por alguns amigos, d'onde elle eſperava favor.* Nos carceres de Goa recebe a noticia da morte de D. Catherina de Athayde, a ſua doce e deſafortunada amiga, a alma gentil tão cedo partida d'eſta vida, fallecendo na edade em que o amor, como um perfume exceſſivamente penetrante, tantas vezes envenena e mata. Tinha vinte e ſeis annos. Encantadora ephemera, o ſeu perfil ſuave amoſtra-ſe apenas no turbi-

lhão revolto da côrte enſanguentada e torpe em que viveu, esboço fugitivamente delineado como a alvura nevoenta de uma ſaudoſa ballada. Mas, á ſimilhança de Ophelia, aureolada de flores e beijada pela luz amiga do brando luar, ella boiará para ſempre no rio dos mortos, fluctuando através dos ſeculos, branca viſão ſerena, ſilencioſa e caſta, eternamente ſuſpenſa ao lume d'agua pela ſaudade immortal d'aquelle que amou e que lhe pôz na cabeça a mais immarceſſivel corôa de nupcias, eſcolhendo-a para ſua mulher perante a gloria.

D. Conſtantino de Bragança, ſuccedendo no governo a Franciſco Barreto, põe Camões em liberdade. Em 1561, achando-ſe pobriſſimo, é outra vez preſo por dividas a requerimento de Miguel Rodrigues Coutinho, o *Fios-Seccos*. É ſolto em 1562, fazendo então, ſegundo as mais fundadas hypotheſes, a viagem de Malaca e das Molucas, onde mercadejara talvez e d'onde trouxera o Jau. Em 1567, tendo regreſſado a Gôa, parte com o capitão Pedro Barreto para Moçambique, onde em 1569 o vae encontrar Diogo do Couto, em cuja obra ſe lê, na *Decada* VII: «Em Moçambique achamos aquelle principe dos poetas do ſeu tempo, meu matalote e amigo Luiz de Camões, tão pobre, que comia de amigos, e para ſe embarcar para o reino, lhe ajuntamos os amigos toda roupa que houve miſter, e não faltou quem lhe déſſe de comer, e aquelle inverno, que eſteve em Moçambique acabou de aperfeiçoar as ſuas *Luſiadas* para as imprimir, e foi eſcrevendo muito em um livro, que ia fazendo, que intitulava *Parnaſo de Luiz de Camões,* livro de muita erudição, doutrina e philoſophia.»

Parte finalmente de Moçambique e chega a Lisboa,

depois de uma auſencia de dezeſete annos, no dia 7 de abril de 1570, a bordo da nau Santa Clara.

A cidade que o poeta vem encontrar ao deſembarcar no Tejo é bem differente da que elle deixára ao partir. Do tempo de D. Manuel ou dos primeiros annos do reinado de D. João III até o tempo de D. Sebaſtião, duas vagas alteroſas tinham aſſolado a bella capital em feſta, d'onde partiam, empavezados, flammantes de eſperança, arquejando de aventura, os galeões das conquiſtas. A inquiſição e a peſte grande de 1569 haviam coberto o ſolo com uma cruſta de podridão empapada em ſangue e em lagrimas.

Cincoenta mil peſſoas tinham morrido empeſtadas. Houve dias em que ſeiſcentas a ſetecentas victimas ſuccumbiram, caindo muitas d'ellas fulminadas repentinamente. Eſpalhara-ſe a prophecia de que Lisboa ſeria ſubvertida, esboroando-ſe a collina do Caſtello ſobre o Carmo e ſobre a Almada. Os que não enfermavam fugiam ſem deſtino, levados uns pelos outros, na vertigem do terror. Tinham-ſe fechado todos os bellos armazens da rua Nova dos Ferros e do Rocio. A herva creſcera alto nas ruas deſertas, abeberada no eſtrume dos cadaveres enterrados ás portas. Os forçados tinham ſaido das galés para ſepultar os mortos nos montados, nos olivaes e nas praias; em grandes valas ſagradas á preſſa, onde eram lançados de roldão os defunctos que eſperavam cova durante dias, com as mãos lividas cruzadas no peito, amortalhados, eſtendidos na rua, cobertos de moſcas, diſſolvendo-ſe ao calor do ſol.

A Inquiſição não fizera menos eſtragos do que a peſte.

Os grandes meſtres que a reforma dos eſtudos reunira em Coimbra pelo tempo em que fôra educado Camões haviam deſapparecido, ou perſeguidos ou preſos ou diſperſos pelo terror que inſpirava o Santo Officio. Depois da morte de André de Gouveia — do qual o ſeu diſcipulo Montaigne eſcreveu: *Il feut ſans comparaiſon le plus grand principal de France*, — varios profeſſores ſeus companheiros haviam ſido condemnados; entre elles Buchanan, preſo durante anno e meio por comer carne em dia de jejum e por dizer mal dos franciſcanos. Em Portugal, aſſim como em toda a Peninſula, os mais diſtinctos cultores das ſciencias e das letras provocavam a perſeguição do terrivel tribunal, emquanto os jeſuitas, apoderando-ſe inteiramente do enſino, monopoliſavam a direcção da intelligencia. Damião de Goes, que ao tempo do regreſſo de Camões eſtava já denunciado na meſa inquiſitorial pelo Padre Simão Rodrigues, tinha de ſer condemnado dois annos depois a carcere perpetuo, accuſado por ſua ſobrinha Briolanja, por ſeu genro, por ſua propria filha Catharina, e pelo poetaſtro odioſo Pedro de Andrade Caminha. O proceſſo de Damião de Goes, um dos mais brilhantes europeus do ſeculo XVI, reduzido á miſeria pelo ſequeſtro dos ſeus bens, velho, doente, *cheio de uſagre e de ſarna por todo o corpo*, não podendo *ſuſter-ſe nas pernas* e pedindo ao tribunal, do fundo da ſua maſmorra, *pelas cinco chagas de Noſſo Senhor Jeſus Chriſto*, que ſe lhe empreſte para ler um livro latino, porque elle apodrece ali a pouco e pouco de ocioſidade e de deſgoſto, é um dos documentos mais expreſſivos do eſtado dos eſpiritos em Portugal á chegada de Luiz de Camões. As peſſoas mais honradas convertiam-ſe

expontaneamente em eſpiões e em delatores. As mulheres denunciavam os maridos, os filhos denunciavam os paes. O horror á priſão ineſperada, ao proceſſo ſecreto, á condemnação irremiſſivel afundira a ſociedade inteira na mentira, no fingimento hypocrita, na traição refalſada. Uma triſteza immenſa peſava em todos os eſpiritos, cobria os campos incultos e cobria a cidade devaſtada pela morte, onde as prociſſões de penitencia carpiam pelas ruas, de egreja em egreja, chorando a miſeria e o luto. Foi através d'eſſes cortejos lugubres, d'eſſa deſolação lamentoſa, que Camões atraveſſou Lisboa deſde o Caes até á Mouraria, elle meſmo alquebrado pelas fadigas, pelas doenças, pelos deſgoſtos, apoiando ao hombro do ſeu fiel Jau os reſtos de uma exiſtencia dilacerada e *pelo mundo em pedaços repartida*.

Nada mais triſte na hiſtoria das crueis deſilluſões humanas do que a volta á caſa paterna d'eſſe filho prodigo, recebido nos braços de uma velha mãe, viuva deſamparada e pobriſſima! De tudo quanto elle amara na vida, —a força, a deſtreza, o ruido, o combate, a gloria—reſtava-lhe apenas o carinho d'aquelle peito alquebrado, as lagrimas d'aquelles olhos e a benção d'aquellas mãos enrugadas e tremulas, eſtendidas ſobre a ſua cabeça encanecida. Para que ſe não deixaſſe acabar ahi de deſalento, de canſaço e de amargura, no aconchego do derradeiro amparo a que podia aſpirar na terra, era preciſo que elle eſtiveſſe ainda ſolidamente amarrado á vida por eſſe vinculo maravilhoſamente poderoſo, quaſi indeſtructivel á acção da morte, que prende aquelle que enceta um grande feito á concluſão da ſua obra.

No deſalento d'eſſes ultimos annos elle ſente com magua diminuir *o goſto de eſcrever que vae perdendo;* ſente que lhe enrouquece a voz...

E não do canto, mas de ver que venho
Cantar a gente ſurda, e endurecida.
O favor com que mais ſe accende o engenho,
Non-o dá a Patria, não, que eſtá mettida
No goſto da cobiça e na rudeza
D'ũa auſtera, apagada e vil triſteza.
.....
A fortuna me faz o engenho frio,
Do qual já não me jacto, nem me abono;
Os deſgoſtos me vão levando ao rio
Do negro eſquecimento e eterno ſomno...

Acabado o ſeu poema, terminado o manuſcripto que traz comſigo e que repreſenta o unico fructo da ſua longa e trabalhoſa peregrinação no mundo, vencidas pacientemente as enormes difficuldades da cenſura, combinadas as ſubſtituições e as emendas a que é preciſo ſujeitar o livro para que a policia inquiſitorial lhe dê venia, impreſſos finalmente, e publicados Os *Luſiadas,* Camões, premiado como poeta e como ſoldado com uma tença annual de quinze mil réis, tentou ainda lutar, abraçar-ſe á vida por algum novo intereſſe.

As peſtes, as fomes ſubſequentes, os naufragios conſecutivos, as aventuras da India, a cobiça deſenfreada, a diſſolução da vida domeſtica, a pobreza, o terror á Inquiſição e o fanatiſmo catholico tinham caido como ſó uma e immenſa cataſtrophe ſobre o povo portuguez, affectando profundamente os organiſmos, atacando-os nos centros nervoſos, compromettendo pelas exceſſivas commoções o equilibrio das faculdades intellectuaes, produzindo finalmente

uma geração enferma, propenſa ao hyſteriſmo, á epilepſia e á loucura. Os jovens fidalgos da côrte de D. Sebaſtião não ſão homens normaes. Na breve hiſtoria d'eſte reinado revela-ſe uma eſpecie de allucinação publica. Ha o que quer que ſeja eſtranho, inſenſato, frenetico, pathologico, n'eſſa expedição d'Africa reunida em Lisboa, convertendo a cidade n'um acampamento de opera, com barracas de ſeda garridamente liſtradas e guerreiros de chapeus empennachados, veſtidos de veludo com golpes de ſetim e paſſamanes de ouro, eſpadas e adagas cravejadas de rubis, eſporas recurvas e telintantes calçando os finos pés ariſtrocraticos de homens que mal ſabem andar e menos ainda aguentar-ſe acavallo, de rins molles e de imaginação concupiſcente, amparados a quatro pagens encarregados de os levar mimoſamente para a guerra, collocando-os nas ſellas almofadadas de veludo, ſegurando-lhes as capas, calçando-lhes as luvas e afivelando-lhes ſobre as rendas perfumadas as couraças polidas, no centro das quaes deſabrocham em eſcudetes, como flores de eſmalte, as côres dos braſões. Os ſoldados italianos, caſtelhanos e tudeſcos manobram nas ruas em evoluções apparatoſas, fazendo brilhar ao ſol como n'uma bella maſcarada, o matiz dos uniformes e o aço reluzente dos arcabuzes e dos moſquetes. Na Sé o arcebiſpo benze ſolemnemente o eſtandarte que tem de entrar na batalha com a imagem de Chriſto crucificado. Ha banquetes e ſaraus ao ſom dos tambores, á luz alegre dos fogos de campanha,— grandes orgias militares e ſentimentaes, em que as mulheres deſfallecem, rendidas pela novidade da commoção, pendidas, na doce frouxidão das deſpedidas, ſobre o peito dos na-

morados da nova ala, dos novos cruzados que iam á guerra d'Africa preparar-se para ir mais tarde ao resgate do Santo Sepulchro.

O rei D. Sebastião julgava-se destinado pela providencia para ser o redemptor d'este povo abatido, que era preciso retemperar no antigo heroismo por meio de um enorme feito milagroso. Este principe que tinha na exacerbação do delirio o sentimento da cavallaria, da honra, da religião e da patria, era naturalmente sympathico ao caracter de Camões, e foi com um vislumbre de esperança na rehabilitação do caracter nacional que o poeta viu o joven soberano, *de quem esperava jugo e vituperio do torpe Ismaelita, do Turco oriental e do Gentio,* ir á egreja da Batalha, desenterrar o corpo de D. João II, pôr em pé defronte de si o esqueleto do grande rei e medir-se peito a peito com a ossada veneranda, cingida ao seu largo montante de guerra. Camões quiz ainda associar-se a esse esforço supremo em que se empenhavam todas as posses da nação, e em que elle se inclinava a crer, por tendencia mystica, como n'um milagre. Mas o milagre falhou.

Filippe II de Castella, entrando triumphantemente em Lisboa, acclamado pelo povo e cantado por poetas a quem elle proprio pagava a inspiração, como Pedro de Andrade Caminha, Diogo Bernardes, Rodrigues Lobo, Fernão Alvares do Oriente, Pero da Costa Perestrello e outros, quiz vêr o feitio que teria em Portugal um homem, e pediu que lhe trouxessem Luiz de Camões. Foram-o procurar. Tinha morrido, no momento em que o exercito hispanhol penetrava no territorio portuguez, no dia 10 de junho de 1580, dois mezes antes da victoria de Alcantara pelo duque d'Alba.

Em um fragmento de carta dirigida a D. Franciſco de Almeida conſervam-ſe as derradeiras palavras do poeta:

«Quem ouviu dizer nunca que em hum tão pequeno leito, quizeſſe a fortuna repreſentar tão grandes deſaventuras? E eu como ſe ellas não baſtaſſem me ponho ainda da ſua parte; porque procurar reſiſtir a tantos males, pareceria eſpecie de deſavergonhamento. E aſſi acabarei a vida, e verão todos que fui tão affeiçoado á minha patria, que não ſómente me contentei de morrer n'ella mas de morrer com ella.»

Não ſe realiſou eſſa prophecia. O *bom Luiz*, como lhe chamava o ſeu amigo Torquato Taſſo, morreu. A patria, não. A patria ficava, eterniſada na obra immortal em que o poeta ſe lhe conſagrara. Os *Luſiadas* ſão os deuſes penates da nacionalidade portugueza. Onde elles eſtiverem ahi eſtará eternamente a nação para o portuguez que os lêr.

Quando Portugal ſupportava o jugo do dominio eſtrangeiro *Os Luſiadas* eram a patria de João Pinto Ribeiro, e foi lendo e commentando o poema de Camões que ſe creou a grande alma d'eſſe eminente cidadão que ſoube manter o peſo de um ſceptro, firme e honrado, no punho de um rei tão fraco, tão meſquinho e tão covarde como D. João IV.

O biſpo Frei Thomé de Faria, aos oitenta annos de edade, traduzindo *Os Luſiadas* como conſolação das ſuas triſtezas de patriota, conſagra o ſeu trabalho á *Nação Portugueza*. Eſtava-ſe em 1622, em pleno dominio hiſpanhol,

mas perante *Os Luſiadas* Portugal continuava a ſer uma nação para o velho e pezaroſo humaniſta.

João Franco Barreto, que tinha ido ás guerras de Pernambuco, André Baião, em Roma, Frei Franciſco de Santo Agoſtinho, em Paris, Garcez e Bento Caldeira, em Hiſpanha, adoçam egualmente as amarguras da expatriação e fortalecem-ſe na tempera nacional eſtudando, annotando ou traduzindo *Os Luſiadas*.

No deſterro foram ainda *Os Luſiadas* a patria ideal de Brotero, de Coelho da Serra e de Filinto Elyzio; e é em volta de Camões, que na emigração de 1824 ſe reunem para o commemorar como um ſymbolo da liberdade—pela pintura, pela muſica e pela poeſia—os tres maiores artiſtas nacionaes do principio d'eſte ſeculo—Sequeira, Domingos Bomtempo e Garrett.

Eſta meſma pagina que eſtaes lendo, o que é ſenão a expreſſão obſcura de um grande e nobre tributo de gratidão e de amor trazido por portuguezes de muito longe da terra natal á memoria d'aquelle que, ſymboliſando as mais altas e as mais glorioſas aſpirações nacionaes, ſerá ſempre para os cidadãos auſentes de Portugal o objecto ſacroſanto das ſuas invocações patrioticas? Para os portuguezes que, do paiz deſcoberto por Alvares Cabral, enviam a Camões a ſua homenagem, *Os Luſiadas* ſão a repreſentação da cidade ideal, a flor da Terra Promettida aos ſeus corações enthuſiaſtas e ſaudoſos.

Todos os elementos tão complexos d'eſſa coheſão que ſe chama a nacionalidade de um povo eſtão expreſſos e affirmados indelevelmente n'eſſe livro, que é o mais vaſto poema concebido pelo genio de um homem.

Pela ſua fórma e pela ſua diſpoſição litteraria *Os Luſiadas* têem ſido juſtamente equiparados á *Eneida,* mas é principalmente pelo ſeu objecto, que *Os Luſiadas* ſão comparaveis á epopeia latina e ao poema cyclico da *Iliada*, collaborado pela intelligencia collectiva de um povo. Não é ſómente um heroe e um momento hiſtorico que ſe celebra nos *Luſiadas*, é uma nação inteira, é a grande alma popular, é o *peito illuſtre luſitano.*

O valor individual do Gama é puramente acceſſorio...

Ás muſas agradeça o noſſo Gama
O muito amor da patria, que as obriga
A dar aos ſeus na lyra nome, e fama,
De toda a illuſtre e bellica fadiga:
Que *elle*, nem quem na eſtirpe *ſeu* ſe chama,
Calliope não tem por tão amiga,
Nem as filhas do Tejo, que deixaſſem
As telas d'ouro fino, e que o cantaſſem.

Os *Luſiadas* celebram a patria com todas as energias que a conſtituem, com todos os caracteriſticos que a individualiſam e aſſignalam:—as origens, a lingua, a religião, a poeſia, a hiſtoria, a politica, a geographia, o ſolo, a paizagem, os temperamentos, as paixões, as tradições, os mythos e as lendas.

A lingua póde-ſe dizer que foi Camões quem a creou, tal como ella ainda hoje ſe eſcreve e ſe falla,—diſciplinando-a, enobrecendo-a, dobrando-a a todas as fórmas, tornando-a um dos mais poderoſos e dos mais bellos inſtrumentos das litteraturas modernas. A poeſia, na fórma culta e litteraria, foi elle que a tornou comprehenſivel e nacional, baſeando-a na tradição do lyriſmo popular, libertando-a do convencionaliſmo claſſico, dando-lhe os me-

tros que mais quadram á locução vernacula, á falla, á cantiga, ao ouvido luſitano, eſcrevendo-a, não para os eruditos, nem para os reis, nem para os cortezãos, nem para os ſacerdotes, mas unicamente para o grande e incorruptivel juiz ſupremo da obra d'arte—o povo.

A geographia da noſſa nacionalidade ninguem a fez com mais filial amor, ninguem, ſobre tudo, a caracteriſou n'um ſó traço tão profundo como eſta ſimples deſignação —*a occidental praia luſitana*. Toda a noſſa hiſtoria procede d'eſte principio geographico: Portugal é uma praia. É por eſſa razão que eſte reino, *onde a terra ſe acaba e o mar começa,* teve um papel na hiſtoria, teve uma autonomia na politica e foi uma nação. O mar chamava-nos; mettemos á onda a prôa do noſſo baixel e ſeguimol-o. D'ahi, a noſſa independencia, o noſſo poder de acção ſobre o progreſſo do mundo, e, hiſtoricamente, a noſſa razão de ſer. Ninguem comprehendeu como Luiz de Camões eſta verdade fundamental. Por iſſo o poema da noſſa nacionalidade é eſſencialmente maritimo. Não ha guerras, não ha combates nem aſſedios, não ha eden nem ha inferno, não ha ficções nem fabulas no aſſumpto d'eſſe livro maravilhoſo. O Dante, o Taſſo, Milton, Klopſtock, para fazerem as ſuas epopeias, recuam do ſeu tempo, vão atraz de Pedro Eremita para o Santo Sepulchro, repiſam o caminho da redempção meſſianeſca, guindam-ſe aos ceus, aprofundam-ſe no interior do averno e preciſam para fazer andar um heroe de pôr em jogo mil apparelhos miraculoſos a que puxam legiões de ſombras, de phantaſmas com todas as fórmas, de anjos, de demonios, de predeſtinados e de precitos. Camões, conſiderando que os intereſſes do

mundo moderno ſe prendem aos factos da civiliſação e não ás abſtracções da metaphyſica, inicia a arte nos ſeus novos deſtinos, cantando um povo que entra na hiſtoria pela revolução da ſciencia, pela luta pacifica do homem com a natureza. E o ſeu poema, que encerra a imagem de toda a elaboração de uma nacionalidade, tem por unico theatro da acção um ſimples navio, que arvorou á pôpa o pavilhão das quinas e que vae dobrar o Cabo Tormentorio.

A religião dos *Luſiadas* é eſſe doce chriſtianiſmo da Egreja primitiva, que tão intimamente ſe allia com a poeſia do mar. O templo tem a fórma da nau com a prôa ao Oriente: *eccleſia inſtar navis ad Orientem converſa.* Os marinheiros davam á Virgem o nome terno de Eſtrella do Mar. E quando em mares inexplorados e deſconhecidos o gageiro vê terra, os noſſos navegantes ajoelham-ſe no convez e com as cabeças deſcobertas entoam com uma ſolemnidade ſimples e tocante a *Gloria in excelſis Deo.* Piedoſas lendas chriſtãs explicam á razão ingenua dos rudes mareantes varios phenomenos maritimos.

O elemento maravilhoſo dos *Luſiadas*, o conflicto das divindades actuando na direcção dos ſucceſſos, não é um facto de ſubſerviencia ao *deus ex machina* da velha eſthetica. A intervenção divina no deſtino das couſas humanas era a baſe de todo o ſyſtema moral na alma profundamente myſtica dos povos peninſulares. Camões faz entrar no jogo da ſua epopeia eſſe elemento tranſcendente, —a fé religioſa, que elle meſmo tinha, a fé que fôra uma das grandes forças impulſivas da acção que elle ſe propunha celebrar, a fé que ainda ninguem ſoube exprimir

com uma eloquencia tão elegiaca e tão ſolemne como a d'elle, nas redondilhas que começam:

Sôbolos rios que vão
Por Babylonia me achei...

Todos os heroes peninſulares têem a meſma profundidade de crenças.

Colombo é um illuminado que converſa com Deus como Santa Thereza de Jeſus. Vaſco da Gama, que partira do Reſtello em *ſerviço de Deus*, como elle proprio confeſſa a D. Manuel, acredita tão piamente na vontade do Eterno, que o elegeu para levar a fé aos mundos deſconhecidos, que, ao abafar a celebre conſpiração dos pilotos, elle arroja ao mar da borda da capitania todos os inſtrumentos e todas as cartas de navegação. «*E agora,* — acreſcenta propheticamente — *Deus e a India!*»

A promiſcuidade dos deuſes pagãos com as entidades do catholiciſmo, tão levianamente reprehendida nos *Luſiadas,* não ſó exprime de um modo concreto a alliança do eſpirito occidental com o eſpirito do Oriente, mas conſtata o ſyncretiſmo religioſo que tão profundamente impreſſionou os noſſos navegantes. O *falſo deus adorando o verdadeiro* era um facto frequente e vulgar na India, no tempo a que ali chegaram as noſſas primeiras expedições. Os neſtorianos, depois de condemnados no concilio de Epheſo, pela hereſia que conſiſtia em negar que a Virgem Maria ſe podeſſe denominar a mãe de Deus, refugiaram-ſe pelo ſeculo v até os confins da Aſia, creando na India um grande numero de proſelytos. O neſtorianiſmo ſubſiſte ainda hoje, contando cerca de 400 mil adherentes. Os

noſſos marinheiros foram encontrar na coſta de Coromandel uma capella do apoſtolo S. Thomé ſervida por gentios que acreditavam egualmente nos milagres dos noſſos ſantos e nos dos ſeus deuſes. Nas prociſſões os andores em que iam os idolos eram abaixados com reverencia deante da capella do apoſtolo. Eſte facto, citado na Chronica de D. João III, por Franciſco de Andrade, é um dos muitos veſtigios da influencia dos neſtorianos, que ſe chamavam na India «os chriſtãos de S. Thomé». Em Caſtanheda e no roteiro anonymo do *Deſcobrimento da India por Vaſco da Gama* encontram-ſe referencias a factos analogos. Se á idéa da influencia regreſſiva dos neſtorianos acreſcentarmos que os ſyſtemas religioſos da India ſe deſenvolveram do meſmo typo primordial das outras religiões indo-europeas, e que entre todas as religiões aſiaticas ſe operaram em differentes periodos acções e reacções conſideraveis, comprehenderemos as analogias cultuaes cuja exiſtencia Camões ſymboliſou e que a critica moderna tem largamente definido.

A ſituação politica e geographica de Portugal com relação á Europa, a ſua chorographia, as origens das ſuas principaes cidades e villas, a impreſſão das ſuas paizagens, o aſpecto dos novos paizes deſcobertos e conquiſtados, a religião d'elles, a politica, a indole, os uſos, os productos do ſolo, as proprias veſtimentas, tudo nos apparece nos *Luſiadas*, como n'um quadro completo em que ſe deſdobra a acção.

O temperamento nacional, a idioſyncraſia portugueza, a compleição moral do povo, transluzem com uma expreſſão intenſa dos epiſodios familiares do poema.

A noſſa indole proverbialmente amoroſa manifeſta-ſe em muitos lances e principalmente na pintura do paraiſo promettido aos heroes como o premio da coragem repreſentado na Ilha dos Amores.

O ſentimento do Oceano, tão verdadeiro e tão intimo no coração do poeta, a ſua maravilhoſa comprehenſão de todos os phenomenos aſtronomicos e maritimos, a ſua technologia naval, os ſeus quadros tão reaes da vida de bordo, com as converſações do tombadilho, as manobras, as commoções da tormenta e as alegrias que traz comſigo o perfume da terra aviſtada pelo gageiro, fazem de Camões o interprete mais fiel do genio maritimo de um povo eſſencialmente navegador; do povo que ao meſmo tempo que fazia as grandes viagens para o Oriente, fazia tambem as grandes peſcas maritimas para o Norte; do povo que, para definir um eſtado eſpecial do ſeu eſpirito amargurado pela periodicidade das auſencias, creou uma palavra eſpecial que nenhum outro povo tem—*a ſaudade;* de um povo cujos marinheiros conceberam, elles meſmos, eſſa bella epopeia anonyma que ſe chama a *Hiſtoria Tragico-Maritima,* livro ſublime e unico nas litteraturas modernas; de um povo, finalmente, que n'uma das ſuas mais bellas cantigas populares aſſignalou a comprehenſão do ſeu deſtino, com eſſe traço expontaneo e profundo:

A minha alma é ſó de Deus
E o meu corpo é do mar.

Toda a hiſtoria de Portugal deſde as ſuas origens até á edade do poeta — hiſtoria antiga e hiſtoria contemporanea — é narrada nos *Luſiadas* com uma eloquencia vi-

brante, com um impulſo de enthuſiaſmo electrico, que ſe nos communica e nos faz ſeguir as narrativas do Gama ao rei de Melinde e ao Catual do imperador de Calecut como cortejos triumphaes que paſſam, na orcheſtração victorioſa de tubas canoras e bellicoſas, que o peito accendem e a côr ao geſto mudam.

E, de envolta com a hiſtoria, entretecem-ſe as antigas legendas e as tradições patrioticas, nas quaes ſe tranſmitte de geração para geração o ideal do povo.

As grandes virtudes nacionaes tomam vulto e desfilam aos noſſos olhos, encarnadas nas figuras dos heroes.

É a lealdade repreſentada em Egas Moniz, *eſpelho de vaſſalos*, o que

> Determina de dar a doce vida
> A troco da palavra mal cumprida.

É o amor, na mimoſa e pallida figura da linda Ignez, —*que depois de morta foi rainha.*

É o patriotiſmo, no condeſtavel D. Nuno Alvares,— o *pae da patria*, o *açoute de ſoberbos caſtelhanos*, o *Scipião portuguez*, propondo-ſe, elle ſó, *defender da força dura e infeſta a terra nunca d'outrem ſubjugada.*

É a abnegação e o martyrio, no ſanto infante D. Fernando,

> Que por ſalvar o povo miſerando...
> A captiveiro eterno ſe convida.

É o valor e a bravura guerreira, em D. Fuas Roupinho, —*levando a gloria*

> Da primeira maritima victoria;

no prior Theotonio, — o vencedor d'Arronches; em Mem Moniz, — *que o hiſpalico pendão derriba em terra;* em Giraldo Sem-Pavôr, — o do *forte peito;* em Martim Lopes, — o heroe d'Abrantes; no biſpo D. Matheus, — *que em lança d'aço torna o bago d'ouro;* em Paio Correia, — o conquiſtador do Algarve.

É a galanteria cavalleiroſa e romaneſca, nos Doze de Inglaterra, no grão Magriço, em Gonçalo Ribeiro e nos ſeus dois companheiros de aventura, que em França e Hiſpanha

> Se fazem conhecer perpetuamente
> Em deſafios, juſtas, e torneios.

Os caracteres dos ſoldados da India — os fortes Gamas, os Albuquerques terriveis, os Caſtros fortes, os Almeidas por quem ſempre o Tejo chora — ſão deſenhados á maneira de Shakſpeare com a juſtiça inflexivel da verdade.

A politica de Camões — n'um tempo em que a politica não era ainda um problema ſcientifico, mas ſim o reſultado de uma aſpiração ſentimental — deduz-ſe naturalmente, não das ſuas convicções, mas das ſuas crenças. Camões era um catholico da Renaſcença. A theoria — refutada pela Reforma — de uma Monarchia univerſal, derivada do principio de uma Egreja univerſal, ſeduziu o ſeu eſpirito de portuguez e de papiſta. O ſeu patriotiſmo ardente inſpirou-lhe a idéa da miſſão hegemonica da ſua patria ſobre os eſtados europeus, e elle acreditou que Portugal eſtava deſtinado a ſer conjuntamente a cabeça da Chriſtandade e a do Quinto Imperio. Como producto do raciocinio ſcientifico, nada mais conteſtavel, ſe a politica do

ſeculo XVI ſe ſubordinaſſe á ſciencia. Como facto do ſentimento patriotico, nada mais bello do que a aſpiração camoneana.

Como politico, como litterato, como erudito, o auctor dos *Luſiadas* é um reſultado das influencias que determinavam a direcção mental e ſocial do ſeu tempo. Mas Camões é principalmente, e ſobre tudo, um artiſta de genio, iſto é, uma poderoſa individualidade através da qual as commoções recebidas ſe concretiſam em concepções peſſoaes de um caracter eſſencialmente humano. No molde gerador da ſua grande alma, a creação artiſtica aſſume a originalidade mais poderoſa, mais energica, mais dominativa. Por eſſa razão, apeſar de catholico e de monarchico, elle ouſa lançar á face da realeza, cuja vontade —*manda mais que a juſtiça e a verdade*—, e á face do clero, eſſa eſtrophe tão ſentida e tão generoſa:

Vê que aquelles que devem á pobreza
Amor divino, e ao povo charidade,
Amam ſómente mandos e riqueza,
Simulando juſtiça e integridade.
Da fêa tyrannia, e de aſpereſa,
Fazem direito, e vãa ſeveridade:
Leis em favor do Rei ſe eſtabelecem,
As em favor do povo ſó perecem.

Na meſma epoca em que o auctor dos *Luſiadas* proteſtava tão energicamente contra a intolerancia da Egreja, o auctor da *Jeruſalemme Liberata* ſanccionava o deſpotiſmo catholico exclamando: — *Per la fé il tutto lice!*

É pela qualidade de artiſta, o que é o meſmo que dizer — é pelo valor peſſoal — que Camões viverá eternamente na admiração e na ſympathia humana. Se elle

foſſe um puro ſabio de gabinete, um ſentimentaliſta de ſala, um guerreiro de côrte, conſagrando ás eſpeculações eſtheticas os ocios ariſtocraticos, a preoccupação erudita do ſeculo aſſoberbal-o-hia e eſmagaria a ſua obra na doblez da liſonja aos poderes vigentes e na imitação banal dos modelos conſagrados. Mas elle é o homem de acção que a ſua biographia nos revela. Não faz ſimples tarefa imaginativa e litteraria. As ſcenas que deſcreve e os logares que pinta viu-os elle meſmo peſſoalmente e de perto. As paixões de que vivem os ſeus heroes, elle proprio as ſentiu e as experimentou. A ſua vida, profundamente accidentada, deu-lhe a poſſe de todas as impreſſões de que é ſuſceptivel a ſenſibilidade humana. Succeſſivamente glorificado e eſcarnecido, cordialmente amado e implacavelmente perſeguido, provou a doçura de todos os triumphos e o amargor de todas as miſerias. Bacharel, fidalgo, cortezão, brigador, viajante, ſoldado, marinheiro, funccionario adminiſtrativo, tendo paſſado por todas as provações da deſgraça — a indigencia, a fome, os deſterros, os captiveiros, as guerras, os naufragios—, tendo ſentido todos os contactos hoſtis da vida, todas as lutas pela exiſtencia, temperara-ſe rijamente na verdade das coiſas. Saturara-ſe de realidade. Não podia ſer ſervilmente um imitador ou um convencionaliſta. A energia da ſua perſonalidade reage victorioſamente ſobre o canoniſmo do ſeu meio. É um iniciador. Demonſtrou-o bem Humboldt, demonſtrou-o Schlegel, demonſtrou-o Proudhon, demonſtrou-o Quinet. E nada mais ſignificativo na glorificação de Camões do que o teſtemunho conforme d'eſſes quatro homens, que repreſentam as quatro maiores forças do ſeculo XIX: a ſcien-

cia, a critica, o eſpirito da juſtiça, e o ſentimento da concordia e da fraternidade humana.

Camões é um grande poeta porque foi um grande homem, experimentando todas as commoções da vida, praticando todas as virtudes do animo, ſentindo todas as reſponſabilidades da intelligencia.

O nivel da energia e da dignidade portugueza póde determinar-ſe, como n'um thermometro, pelo grau em que ſe deſenvolve ou ſe deprime o apreço publico á obra de Camões. Deſde o ultimo quartel do ſeculo XVI até o fim do ſeculo XVII tiram-ſe ſucceſſivamente vinte e tres edições dos *Luſiadas;* no ſeculo XIX fazem-ſe cincoenta e duas edições; no ſeculo XVIII fazem-ſe apenas dez! A approximação d'eſtes numeros é eloquente. Não ſe liam os *Luſiadas* no ſeculo da intolerancia e do deſpotiſmo, no ſeculo em que D. Pedro II, celebrando o tratado de Methwen, fazia de Portugal uma feitoria ingleza, em que D. João V transformava o reino inteiro em uma torpe ſachriſtia por cima da qual badalava o carrilhão de Mafra, em que D. Joſé definia o dogma da ſoberania abſoluta e omniſciente do rei, e D. Maria I, beata até a imbecilidade, convertia em inſtituições nacionaes o hyſtheriſmo devoto e a gulodice fradeſca.

Os *Luſiadas* ſão a pedra monumental ſob que jaz a gloria da patria, e é n'eſſa pedra que terão de vir afiar as ſuas eſpadas de combate todos os portuguezes que ſe armarem para reſiſtir a eſta invaſão terrivel com que lutamos e que ſe chama—a decadencia.

O futuro das nacionalidades não dependerá por muito tempo do jogo da guerra entre as monarchias. Acima

da força de todos os exercitos e de todas as diplomacias annuncia-se a força nova da sciencia determinando a lei das aggregações nacionaes com tanto rigor como aquelle com que se formúla uma lei de mechanica.

Para os portuguezes do seculo XIX Camões é o grande symbolo d'esse poder novo que por toda a parte vae congraçando as consciencias em quanto não revoluciona completamente os principios e as instituições. Para os portuguezes do seculo XX os *Lusiadas* serão mais que um symbolo: ou serão a unica expressão nacional de um povo extincto para a civilisação e vivendo em torno de um livro como a raça judaica; ou serão a prophecia realisada do patriotismo camoneano:—o Imperio do Occidente, fundado na confederação democratica dos estados peninsulares.

Dando a lêr este livro aos nossos filhos, nós preparamol-os para o conflicto que chega, vestindo-lhes uma armadura e impondo-lhes uma benção,—a benção de Luiz de Camões, o pae do nosso espirito [1].

Lisboa 19 de março de 1880.

RAMALHO ORTIGÃO.

1 Os documentos da biographia de Camões que servem de fundamento a este ensaio de critica encontram-se nas obras mais recentemente consagradas á historia do poeta pelo sr. visconde de Juromenha, o benemerito investigador, e pelo sr. Theophilo Braga, a quem o paiz deve a historia completa da sua evolução litteraria.

Ha dois lapsos que importa corrigir no texto da nossa noticia. Na pagina LI, no termo do alistamento de Camões, a palavra *barbiruivo* (signal physionomico do poeta) deve acrescentar-se á designação da idade. Na pagina XLI o algarismo 2 deve ser substituido pelo algarismo 3 na data 1527.

OBSERVAÇÕES SOBRE O TEXTO

DOS LUSIADAS

OBSERVAÇÕES SOBRE O TEXTO

DOS LUSIADAS

COM a data de 1572 temos duas edições dos *Luſiadas,* que, viſto terem ſido publicadas durante a vida e ſob a inſpecção do poeta, ſão a baſe neceſſaria de toda edição ſeria. Infelizmente, nem a edição conſiderada como primeira, nem a ſegunda, aliás mais correcta, offerecem um texto ſatisfactorio, que o editor critico poſſa reproduzir ſem heſitação. Ellas apreſentam, e em grau elevado, os defeitos das edições portuguezas do tempo, taes como orthographia contradictoria, erros typographicos evidentes, e pontuação erronea. Ha além d'iſſo diverſas paſſagens cujo ſentido permanece obſcuro [1]; outras em que ſe manifeſta falta de retoque da mão do poeta; não faltam tambem os verſos que peccam pelo metro contra os principios geralmente ſeguidos por Camões. Ao lado d'eſſes defeitos nota-ſe ainda o emprego de numeroſas fórmas que não podem ſer conſideradas como ſimples erros typographicos, porque eram fórmas exiſtentes na lingua na epoca em

1 Por exemplo: ... as eſtrellas nitidas que ſaem A repouſo convidam quando caem, IV, 67; Da primeira c'o terreno ſeio IX, 21 (modificado por muitos editores em: Da mãe primeira), etc.

que Camões eſcrevia, como moſtra o teſtemunho dos outros eſcriptores do ſeculo XVI, fórmas que em parte ſe acham ainda hoje na tradição popular. É verdade que ao lado d'eſſas fórmas antigas e populares ſe acham nas primeiras edições do poema muitas vezes as fórmas das meſmas palavras taes como ellas ſe acham hoje mais ou menos fixadas na litteratura; por exemplo achamos nos *Luſiadas*—*antre* e *entre*, *pera* e *para*, *polo* e *pelo*, *fruito* e *fruto;* mas o meſmo ſe dá a cada paſſo nos outros antigos eſcriptores, e eſſe facto é caracteriſtico dos periodos das linguas que não foram ainda ſufficientemente ſubmettidas á diſciplina grammatical e lexicologica [1]. Os editores modernos, ſem reſpeito algum pelos factos da linguagem, paſſam uma raſoira por eſſas differenças importantes, fazendo fallar a Camões a lingua do ſeculo XIX, excepto quando metro ou rima os obriga a ſer fieis ao poeta e contradictorios comſigo.

O pouco tempo de que diſpoſemos para preparar o texto que apreſentamos dos *Luſiadas,* antes de começarem os trabalhos typographicos, miſteres urgentes a que não podiamos roubar ſenão alguns momentos para a reviſão das provas, não nos permittiram dar ainda um texto que ſatiſfaça inteiramente ás exigencias da critica; mas ao menos podemos aſſeverar que não mentimos ſe diſſermos a edição do *Gabinete Portuguez de Leitura no Rio de Janeiro*

1 Na impoſſibilidade de tratar aqui d'eſta queſtão importante traslado o que, com relação a um facto ſimilhante na litteratura grega, obſerva H. L. Ahrens, referindo-ſe aos fragmentos de Alceu e Sappho: «*Nam ne duplices quidem, quae interdum reperiuntur, formae ſunt certa mixtae dialecti indicia; ſaepe enim in linguis et dialectis ſimul vigent formae pleniores et breviores, obſoletiores et uſitatiores.*» *De graecae linguae dialectis*, I, 7. Gottingae 1839.

conforme ás edições feitas em vida do poeta, reſpeitando a linguagem do tempo, ſalvo n'alguma particularidade que eſcapou á noſſa attenção ou de importancia muito ſecundaria (por exemplo a ſubſtituição em certas fórmas de *e* não accentuado por *i*, ou vice-verſa) e apenas com as ſeguintes modificações: uniformiſamos a orthographia, em viſta do uſo actual principalmente [1], ſem tentarmos eſcapar ás contradicções que eſſe uſo impõe, mas não levando a incoherencia, como a maior parte dos editores modernos, a eſcrever as palavras d'um modo no interior do verſo, d'outro na rima, pela mania de querer fazer rima para os olhos [2]; adoptamos numeroſas correcções de erros em geral typographicos aſſignalados pelos editores anteriores, e juſtificados pelo ſentido, metro ou rima, e fizemos algumas correcções novas d'eſſe genero; por exemplo corrigimos em: «Mil praticas alegres ſe trocavam» o v. 1 de x, 5, que nas edições de Barreto Feio, Freire de Carvalho, viſconde de Juromenha, etc. ſe lê: «Mil praticas alegres ſe tocavam»; alteramos emfim a pontuação. No gloſſario que ſegue procuramos ſer conciſos e limitamo-nos ao mais intereſſante ſob o ponto de viſta das fórmas camoneanas. Excepto no caſo de indicação contraria, as citações referem-ſe á ſegunda edição dos *Luſiadas*.

1 Evitamos, porém, o emprego de letras que nem a pronuncia nem a etymologia juſtificam.

2 Não heſitamos em pôr em rima *damno* e *engano, maligna* e *imagina*. Por ventura os inglezes e os francezes, entre outros, tranſtornam a ſua orthographia accidentalmente por cauſa das rimas?

GLOSSARIO

a prep. *a ſegundo;* loc. adv., VI, 23, VII, 47, etc. Frequente em Gil Vicente e outros antigos eſcriptores; popular.

-abil; fórma uſual do ſuf. lat. *-abilis* em *Lus.* p. ex. *inexpugnabil, incanſabil, inſtabil;* do meſmo modo ſe encontram as fórmas em *-ebil, -ibil* (lat. *-ebilis, -ibilis*) p. ex. *terribil, inviſibil, impoſſibil, vendibil;* em *-ubil* (lat. *-ubilis*) como *volubil.*

acquista; de *acquiſtar*, verbo hoje deſuſado: VII, 59 (adquirir).

agardecer e **agradecer**; fórmas duplas; p. ex. *agardecido,* X, 22; *agardece,* IV, 81; *agardeceo,* VI, 93; mas *agradecido* VII, 83, *agardecer* é popular.

algũa; conſtante por mod. *alguma;* aquella fórma é a que chronologicamente precede eſta. Camões emprega-a ora como diſſyllabica, ora como monoſyllabica; os editores modernos põem *alguma,* excepto quando o metro, ou a rima, ou a inadvertencia os faz pôr *algũa;* p. ex., Freire e Juromenha, IX, 47 (duas vezes), e IX, 48, por cauſa da rima com *lũa, nenhũa,* que fóra do meſmo caſo elles eſcrevem *lua, nenhuma.*

alfereses; pl. de *alferes,* IV, 27: é fórma popular.

Alanquer; por mod. *Alemquer,* III, 61; é a fórma antiga medieval e ainda popular hoje.

Aluarez; alterna com *Alueres* (*Alvares*); a primeira fórma em 1.ª edição, IV, 14 e 24; a ſegunda na 2.ª edição, nos meſmos logares.

Alcaçare; alterna com *Alcacere,* VIII, 38, etc.

amedrenta; por uſual *amedronta,* X, 72 (em rima); ainda popular.

Anrique; por uſual *Henrique,* como corrigem as edições modernas; mas é uma fórma vulgariſſima nos antigos eſcriptores e na boca do povo; mas *Henriques,* IV, 16.

antigo; ao lado de *antiguo,* paſſim; a rima moſtra que o *u* não ſe pronunciava; ſendo *antigo* a orthographia hoje uſada não ſe comprehende porque as edições modernas tenham *antiguo* fóra da rima e *antigo* na rima.

antão; fórma popular que occorre em *Lus.* parallelamente com *então,* que os editores modernos lhe ſubſtituem ſempre.

antre; fórma frequentiſſima nos eſcriptores medievaes e ainda nos do ſeculo XVI e popular; occorre em *Lus.* parallelamente com *entre,* que os editores modernos lhe ſubſtituem ſempre.

apousento, apousentar; fórmas mais frequentes; mas *apoſentos,* X, 87; devem-ſe preferir as primeiras pela regularidade do ſeu emprego; chronologicamente precedem ellas as actuaes *apoſento, apoſentar.*

appetito; fórma moderna *appetite* (lat. *appetitus*), X, 5, etc.

aspeito; fórma conſtante e não *aſpecto,* p. ex. VIII, 2.

atente; talvez ſimples erro typographico, V, 85, *atento,* VII, 76.

aventajar; fórma antiga e popular, mas que chronologicamente é prece-

dida de *avantajar*, hoje fixada na lingua litteraria; *aventajam* v, 5.

avorrecido; não *aborrecido*, como nas edições modernas, p. ex. I, 106.

axes; por *eixos*, como termo didactico, x, 87.

bago; fórma popular, do fundo da lingua, por *baculo*, que é a fórma erudita, VIII, 23.

bailos; fórma antiga e ainda popular por *bailes*, danças, v, 62. Os editores modernos corrigem sem razão em *bailes*.

bautizado; fórma popular, do fundo da lingua, que alterna com *baptisado*, reformada pelo typo latino, v. p. ex. III, 43, I, 104.

baxo; alterna com *baixo*, mas não vemos aqui mais que variantes orthographicas como *pexe* e *peixe*, sendo a pronuncia *baicho*.

biuora (bivora); por a fórma usual hoje *vibora*, v, 11, etc.

Ceita; fórma usada por *Ceuta*, IV, 52 (em rima com *respeito*), IV, 49 (fóra da rima), etc.

contino; moderno *continuo*, p. ex. III, 8, IV, 17; ainda que se adopte a orthographia etymologica, no texto de *Lus.* deve-se pronunciar *contino*.

contrairo; occorre VIII, 41; mais frequente *contrario*, p. ex. no pl. e rimando com *varios*, *temerarios*, VIII, 60.

Costantino; por *Constantino*, I, 60, III, 12. Camões esquecer-se-hia aqui do typo classico do nome, seguindo sem reflexão a pronuncia popular, ou a pronuncia era a do compositor?

crecer; tambem *crescer*. A incerteza d'esta e similhantes lições manifesta-se p. ex. quando vemos na deixa de uma pagina *crecendo* e na pagina seguinte: *Crescendo* (começo de VIII, 72, na 2.ª edição, fol. 140).

crem; 3.ª pes. pl. pres. ind. de *crer*; cp. *tem*, *vem*, *vêm*, 3.ª pes. pl. pres. ind. de *ter*, *vir*, *vêr*. As fórmas usuaes hoje são *teem*, *veem*, *vêem*, dissyllabicas, mais conformes á etymologia e á analogia geral.

decer; frequente por *descer*, hoje fixado na lingua litteraria, IX, 20, *deceo* I, 19, *dece* II, 57; mas *descer* IV, 80. As edições modernas põem *descer* etc., excepto quando a rima os obriga a conservar as fórmas sem *s*. Cp. *crecer*, *nacer* e vide *Questões da lingua portugueza* p. 371 ff. Cp. *descende* VIII, 40, *descendente* VIII, 42, etc.

defensa; fórma litteraria por popular *defesa*, x, 49 (em rima).

desemparos; por *desamparos*, hoje usual, IV, 96; tambem occorre *emparo* p. ex. IV, 90 por *amparo*, hoje usual.

despois; por *depois*; é a fórma constante, geralmente respeitada pelos editores modernos.

desposta; por *disposta*, v, 6.

dino; é a orthographia conforme á pronuncia do adjectivo, que escrevemos *digno*; o *g* não deve ser pois pronunciado. As edições modernas põem *digno* fóra da rima, e *dino* na rima; da mesma maneira escrevem os derivados e compostos *dignar*, *indignar*, etc. ora com *g*, ora sem *g*; na pronuncia camoneana tambem o *g* d'estes não se ouvia.

direito; alterna com *dereito*, que é mais frequente; podem ser considerados como simples variantes orthographicas.

dizer; alterna com *dezer*; podem ser considerados como simples variantes orthographicas.

dões; pl. constante de *dom*, que hoje dizemos *dons*, VIII, 62, x, 105, etc.

eccellencia v, 72; mas *excellentes* VIII, 42, IX, 69. Escrevemos seguindo a

orthographia uſual e etymologica *excellencia, excellente*, mas deve-ſe conſiderar a pronuncia camoneana como ſendo *ecelente, ecelencia*. Cp. *eccefſivo*.

eccessiuos; v, 46; mas *exceſſiua* IX, 48; *exceſſiuos* X, 151.

emparo; vide *deſemparos*.

enxuto, X, 133, rimando com *fructo, tributo;* mas III, 120 rimando com *fructo, muito;* é evidente que no primeiro caſo as rimas ſão *fructo, tributo, enxuto;* no ſegundo *fruito, muito, enxuito;* pois lat. *fructus, exfuctus* deram reſpectivamente em portuguez as fórmas duplas *fruito*, e *fruto, enxuito* e *enxuto; tributo, multum*, porem, deram reſpectivamente *tributo, muito* (ou *moito* ant.) não *tribuito, muto*.

estamago; por *eſtomago*, I, 39; fórma antiga e popular.

esté; VIII, 54; *eſteis*, VIII, 48; fórmas do ſubjunctivo de *eſtar;* correſpondem ás do ſubj. lat. de *ſtare (ſtem, ſtes, ſtet);* as fórmas *eſteja, eſtejas*, etc. foram produzidas pela analogia de *ſeja, ſejas (ſedeam, ſedeas)*.

Euxinio; é talvez ſimples erro typographico em IV, 83 por *Euxino*, como corrigem as edições modernas.

escuitar; é a fórma uſual em *Lus. eſcuitando*, III, 3; *eſcuitarão*, IV, 28; é ainda hoje popular; a fórma *eſcutar* fixou-ſe na linguagem litteraria.

Federico; por *Frederico*, III, 87; pode ſer fórma popular, que é ainda hoje uſada, ou um erro typographico; cp. *tocar* por *trocar*, X, 5.

felice; VIII, 17, etc.; como *infelice, fugace;* IX, 63, etc. por *feliz, infeliz, fugaz*, fórmas populares, ſão fórmas poeticas fundadas ſobre o typo latino do caſo obliquo *felice-, infelice-, fugace-*, empregadas para acudir ás neceſſidades metricas.

fermoso; por *formoſo*, é a fórma conſtante em *Lus.*, como nos eſcriptores anteriores a Camões; as edições modernas mudam-na tambem conſtantemente em *formoſo*.

Frandes; por *Flandres*, X, 50; fórma popular.

fruito; vide *enxuito*.

g; diante de *n*, em *aſſignalar, ſignal, maligno, digno*, etc. não deve ſer pronunciado; *gn* em *Magno* deve ſer pronunciado como *nh*, como moſtra a rima (IV, 32, IX, 92).

Gelanda; por *Zelanda* em VII, 61 pode ſer erro typographico, mas talvez antes uma pronuncia popular que ſe deveria reproduzir no texto.

grandiloco, grandiloca; v, 89. Com quânto ſe eſcreva conforme á etymologia e uſo actual *grandiloquo, grandiloqua*, o *u* não ſe deve pronunciar em *Lus.*

grão; frequente por *grande*, fórma de 2 generos; p. ex. *grão verdade*, VIII, 75; *grão valia*, VIII, 76; frequentiſſima em todos os antigos eſcriptores, parece ter hoje ſaido do uſo popular; na linguagem litteraria ſó occorre no eſtylo elevado em certas denominações tradicionaes como Grão-Vaſco, Grã-Bretanha.

Hircinia, III, 11; por *Hercyna* como corrigem as edições modernas.

inico, inica; comquanto ſe eſcrevam *iniquo, iniqua*, o *u* não deve pronunciar-ſe em *Lus.* como moſtra a rima (p. ex. *inica, rica* X, 109).

imigo; fórma ſyncopada por *inimigo;* ambas populares antigamente, e uſadas parallelamente por Camões, etc.

impida; conjunctivo de *impedir*, VIII, 75, IX, 8; hoje *impeça* eſtá fixado na linguagem litteraria.

impito; fórma camoneana uſual por *impeto*, p. ex. IV, 72.

infia; ſimples variante orthographica por *enfia*, em que o *e* vale ainda hoje por *i*; occorre VI, 87, etc.

Ingres, VI, 47; alterna com *Ingles*, VI, 53, VII, 5, etc. Na 1.ª edição ha *Ingres*, VI, 53, *Ingreſa*, VI, 59, *Ingreſes*, VI, 58, 60, *Ingraterra*, VI, 54, etc. fórmas corrigidas em *Ingles*, *Inglesa*, *Ingleſes*, *Inglaterra* na 2.ª edição. *Ingres*, etc. ſão fórmas populares.

is; por *vaes*, VI, 91.

Jesu; por *Jeſus*, fórma uſual, p. ex. X, 115.

Juditha, X, 49. Hoje eſcreve-ſe *Judith*.

lhe; por *lhes*, frequente p. ex. VIII, 39, 42, 46; IX, 8. As edições modernas corrigem algumas vezes em *lhes*, mas ſem coherencia.

lia; por *liga*, VIII, 62; fórma ainda hoje uſada, principalmente pelo povo.

Lianor; por *Leonor*, III, 139, VI, 6; Camões empregou a meſma fórma nas *Rimas*; ella é frequente nos antigos eſcriptores e na linguagem popular.

lisonge, IV, 101; de um verbo *liſonjar*, por *liſonjear*, hoje fixado na linguagem litteraria (*liſonje* em rima com *longe*).

longinco; comquanto ſe eſcreva *longinquo*, o *u* não ſe pronuncia em *Lus.*

lũa; fórma conſtante em *Lus.* por *lua*, hoje fixada na linguagem litteraria; as edições modernas têem *lua*, excepto quando a rima força a eſcrever *lũa*, p. ex. IX, 48 (*lũa*, *nenhũa*, *algũa*). *lũa* é a fórma intermedia entre latim *luna* e a uſual *lua*; é ainda hoje popular, principalmente no Minho.

m; diante de *n* não ſe deve pronunciar em *Lus.* p. ex. *damno*, *ſomno*; é, demais, a pronuncia moderna. As edições modernas eſcrevem *damno*, *ſomno* fóra de rima, e *dano*, *ſono*, na rima; p. ex. I, 106 (*dano*, *engano*).

Magno; vide *g*.

Mahamede; alterna com *Mafamede*.

Mahoma; VII, 17, por *Mafoma*.

Mahometa; adj. por *mahometano*, frequente, p. ex. III, 19, VII, 24, X, 108, em rima e fóra da rima.

maligno; pronuncia-ſe *malino*; vide *g*.

Maometano (*Maumetano*); por *Mahometano*, com ſynereſe, VIII, 81, 84, 88, IX, 2, 8.

masto; por *maſtro*, X, 28, é fórma antiga e popular; o *r* de *maſtro* é inorganico.

Mauro, III, 90, 115 por *Mouro*, ſ. m. Pode ſer erro typographico; como adj. emprega Camões a fórma, p. ex. *maura gente* II, 25. *Maura reſiſtencia* III, 128.

meios mortos, III, 113; o bom uſo da lingua pedia *meio mortos*.

menhã, IV, 75; fórma popular ou erro typographico; poder-ſe-hia deixal-a ſem eſcrupulo no texto.

menear; por *manear*, VI, 73.

mestura, IV, 84; pode conſiderar-ſe ſimples variante orthographica por *miſtura*; na pronuncia o ſom varia entre *e* ſurdo e *i*.

milhor; IV, 103; pode conſiderar-ſe como ſimples variante orthographica por *melhor*.

Miralmomini; não *Mir-almuminin*, como corrigem as edições modernas, é o que teem *Lus.* III, 78, 82.

Mobile; como ſubſt. X, 85.

mortindade; por *mortandade*, III, 115; é fórma antiga e popular; cp. *orfindade* III, 125.

mouro; por *morro*, III, 129. *mouro* por *morra*, etc. fórmas antigas.

Mouses; por *Moiſés*, X, 98.

nacer; alterna com *naſcer*, p. ex. *nace* IV, 69; *nacerem* IV, 69; *nacidos* V, 47, IX, 32; *naſce* IV, 64; *naſcem* IX, 34; *naſcido* IX, 20; *nacimento* IV, 74; *naſcimento* III, 116. Cp. *decer*, *crecer*.

natura; paſſim; fórma antiga, hoje uſada na linguagem poetica; Camões emprega tambem *natureza*, p. ex. IX, 76.

não no; VI, 7, VIII, 28; dizemos hoje geralmente *não o;* o *n* de *no* repreſenta o *l* da antiga fórma do artigo aſſimilado á naſal precedente *(non + lo = non + no = não + no);* a meſma aſſimilação ſe deu em *amarom-lo, amam-lo* etc. pronunciados *amarão-no, amão-no,* etc.; do meſmo modo *no* eſtá por *eno,* eſte por *en-no* (*enno* frequente nos eſcriptos medievaes) e *en-no* por *en-lo.*

nenhũa; é a fórma conſtante por *nenhuma.*

noda; por *nodoa,* hoje uſual, III, 17, X, 47.

no mais; não mais, III, 67, X, 145. Não é preciſo attribuir eſta peculiaridade camoneana a uma influencia caſtelhana; era uma formula tradicional em que *non* pela ſua fuſão proclitica com *mais* perdera a naſal propria, eſcapando aſſim á mudança em *não,* que experimentou quando independente.

Orpheio; III, 2 por *Orpheo* (III, 1), por neceſſidade da rima.

paresce; por *parece,* IV, 66; as fórmas como *pareſcer, agradeſcer* já não eram uſadas no ſeculo XVI (vid. *Queſtões da lingua portugueza,* p. 371 ff.); aquella deve ſer corrigida em *parece.*

pentem; fórma camoneana por *pente.*

per; por *por* p. ex. IX, 14.

perclaros; por *preclaros,* V, 47.

perlas; por *perolas,* X, 102.

phocas; 1, 52; uſado como ſubſt. maſc.

piadoso; II, 45, III, 126, IV, 92, etc. Em III, 124 a 1.ª edição tem *piadoſas,* a 2.ª *piedoſas;* ha as meſmas diſcordancias com relação a *piedade,* III, 124, 126, IV, 92; nota-ſe, porém, tendencia para empregar de preferencia *piedade* e ao contrario *piadoſo.*

planeta; femenino em V, 24, como prova a concordancia com *apreſſada,* apeſar de as 1.ªs edições trazerem *o planeta* no primeiro verſo d'aquella eſtancia, e as edições modernas repetirem o erro. O viſconde de Juromenha põe: Mas já o planeta, que no ceu primeiro, etc. e annota: «O poeta fez neutro o ſubſtantivo — *planeta* —, pondo-o no genero femenino, fazendo-o concordar com o adject. — *apreſſada* — no meſmo genero.» Não comprehendemos.

polo, pola, etc.; alternam com *pelo, pela,* etc., como nos outros antigos eſcriptores; ha divergencias entre as duas 1.ªs edições com relação ás meſmas paſſagens; aſſim em III, 107 a 1.ª edição tem *pelas,* a 2.ª *polas.* As edições modernas adoptam em geral as fórmas *pelo, pela.*

pranta; fórma antiga e popular por *planta,* X, 70.

preceptos; orthographia puramente etymologica em VII, 13, 2.ª edição; deve-ſe corrigir em *preceitos.*

preminente; conſtante por *preeminente.*

Proteio; por *Proteo,* VIII, 85, em rima; *Proteo* n'outros logares.

pubrico; fórma antiga e popular por *publico,* IV, 52, etc.

quasi; deve lêr-ſe *caſi.*

rapto; como adj. X, 86.

relampados; *relampagos,* VI, 78, 84.

reposta; por *reſpoſta,* IX, 96.

reprende; fórma popular por *reprehende,* VIII, 28.

represaria; talvez ſimples erro por *repreſalia,* IX, 9; mas pode ſer uma fórma viva.

revelde; por *rebelde,* ix, 25.

rezão; occorre algumas vezes por *razão,* p. ex. x, 58, v, 97; como ainda hoje a pronuncia oſcilla entre *e* e *a* (*e* n'outros caſos ſoa na pronuncia corrente como *a,* e vice-verſa).

saluços; fórma popular por *ſoluços,* ii, 43.

samear; fórma popular por *ſemear,* viii, 10, 15.

Samori; por *Samorim* vii, 59. *Camori,* erro por *Çamori (Samori),* vii, 36.

sanguinas; por *ſanguineas,* iii, 23.

seista; orthographia etymologica por *ſexta,* v, 2 (2.ª edição); a pronuncia camoneana era pois *ſeiſta,* como hoje é a pronuncia correcta.

sigue; por *ſegue,* x, 76; fórma ainda popular.

Sirena; fórma erudita por *ſereia,* v, 88, fóra da rima; x, 5, em rima.

sururgião; fórma antiga e popular, v, 82; *chirurgião* é a fórma erudita; *ſolorgião* era tambem uſada pelos eſcriptores, como o é ainda pelo povo.

su- *(so-)* por *(ſob-)* em muitas palavras compoſtas. Quer eſcripto quer não, pode admittir-ſe que o *b* nunca ſe deve pronunciar n'eſſas palavras em *Lus.,* como moſtram a tendencia geral da lingua e a orthographia camoneana mais frequente; aſſim *ſojugada* ao lado de *ſubjugada* (vi, 61), *ſumettido, ſometido, ſutil* e *ſubtil, ſumerſa* (vii, 8). Na orthographia moderna ha ainda arbitrario no emprego do *b* n'eſſe caſo; aſſim eſcreve-ſe *ſujeito,* mas eſcreve-ſe e pronuncia-ſe *ſubmetter, ſubmerſo, ſubjugado* com *b;* em *ſubtil* e derivados uns pronunciam o *b,* outros não o fazem ouvir *(ſutil).*

Tarquino; por *Tarquinio*; pode ſer erro typographico, iii, 140.

terzeno; por *trezeno,* vi, 60, pode ſer erro typographico ou fórma popular.

torneos; em rima com *tropheos,* viii, 26.

torvo; turvo, *torva* iv, 35.

treição; occorre ii, 17; mas *traições* viii, 42, x, 17. *tredores,* não *traidores,* como corrigem as edições modernas iv, 33, viii, 98. *treição* como *tredor* ſão antigas fórmas populares.

ũa (*hũa* orthographia conſtante); uma, paſſim; ora monoſyllabo, ora diſſyllabo (o que é muito mais frequente); no primeiro caſo as edições modernas deixam a fórma intacta (p. ex. iii, 141, vii, 19, 22, ix, 87); no ſegundo caſo mudam a fórma em *huma;* mas *ũa* como atteſta a conſtancia com que apparece deve ter ſido a repreſentação graphica da pronuncia da palavra; lat. *una* deu *ũa,* como *luna lũa;* o *m* deſenvolveu-ſe da reſonancia naſal. Cp. *algũa, nenhũa.*

varões; alterna com *barões,* ix, 91. x, 7.

vas; por *vaes* preſ. ind. deve deixar-ſe em ii, 4; occorre ainda p. ex. iv, 90, x, 19.

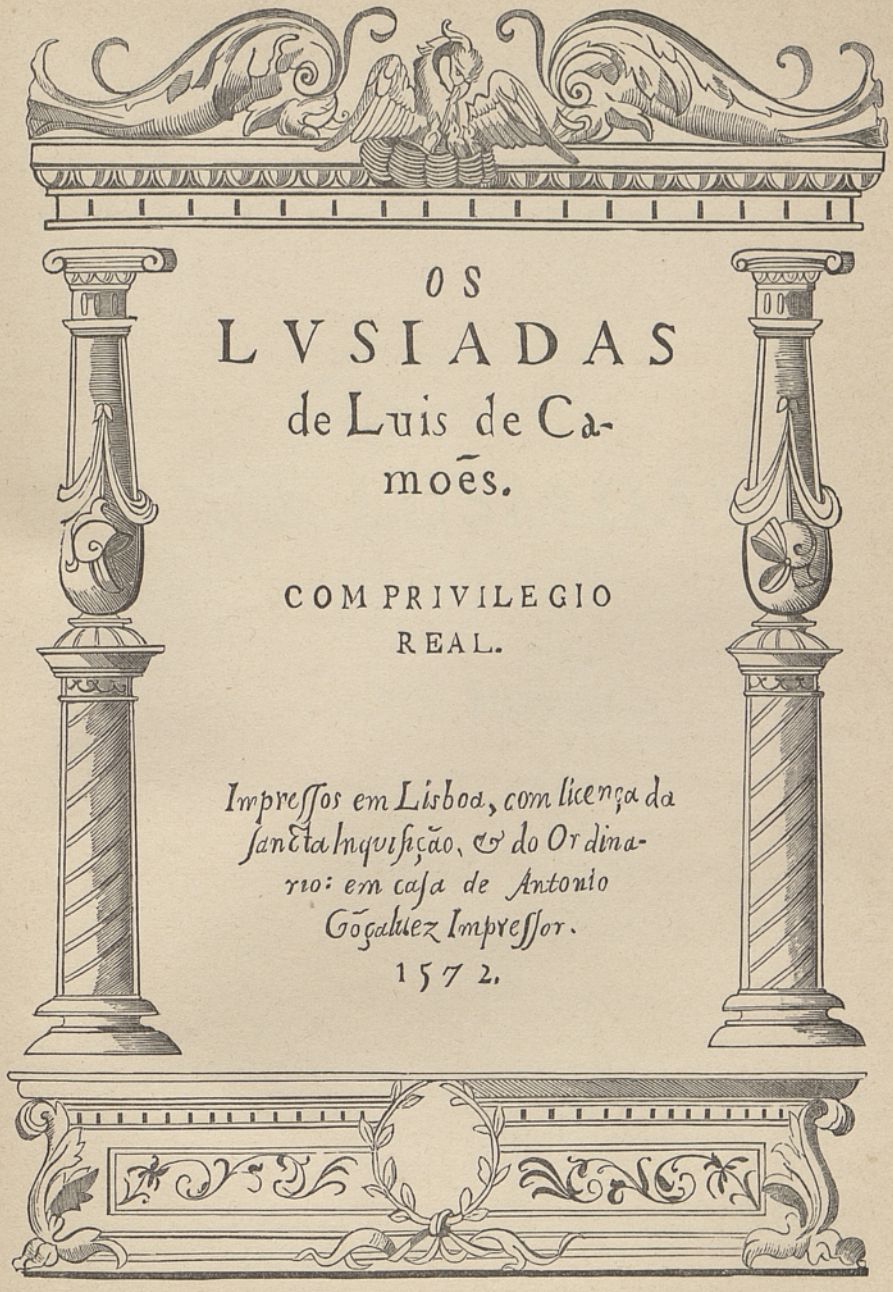
vertude; vi, 63; tambem *virtude;* ſimples variantes orthographicas, pela oſcillação na pronuncia de *e* e *i.*

vulgado; divulgado, vii, 69.

veo; fórma intereſſante por *vello,* iv, 83.

Lisboa, março de 1880

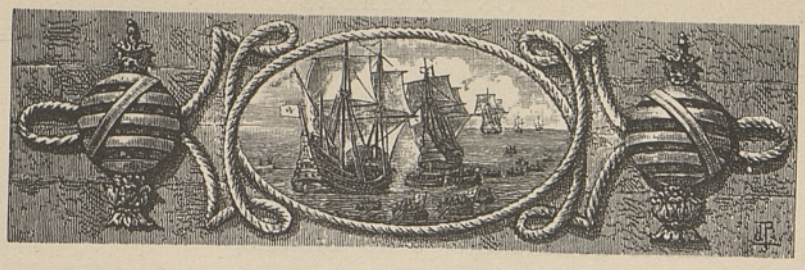
F. Adolpho Coelho



Fac-símile do frontispício da primeira edição dos *Lusíadas*

OS LUSIADAS

Canto Primeiro



Canto Primeiro

I

AS Armas, e os Barões assignalados,
Que da occidental praia Lusitana,
Por mares nunca d'antes navegados,
Passaram ainda além da Taprobana,
Em perigos e guerras esforçados,
Mais do que promettia a força humana,
E entre gente remota edificaram
Novo reino, que tanto sublimaram;

II

E tambem as memorias glorioſas
D'aquelles Reis, que foram dilatando
A Fé, o Imperio, e as terras vicioſas
De Africa e de Asia andaram devaſtando,
E aquelles que por obras valeroſas
Se vão da lei da morte libertando —
Cantando eſpalharei por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.

III

Ceſſem do ſabio Grego, e do Troiano,
As navegações grandes, que fizeram;
Cale-ſe d'Alexandro, e de Trajano,
A fama das victorias, que tiveram:
Que eu canto o peito illuſtre Luſitano,
A quem Neptuno e Marte obedeceram.
Ceſſe tudo o que a Muſa antiga canta,
Que outro valor mais alto ſe alevanta.

IV

E vós, Tagides minhas, pois creado
Tendes em mi um novo engenho ardente,
Se ſempre em verſo humilde celebrado
Foi de mi voſſo rio alegremente,
Dae-me agora um ſom alto e ſublimado,
Um eſtylo grandiloquo e corrente;
Porque de voſſas aguas Phebo ordene,
Que não tenham inveja ás de Hippocrene.

V

Dae-me uma furia grande e ſonoroſa,
E não de agreſte avena, ou frauta ruda,
Mas de tuba canora e bellicoſa,
Que o peito accende, e a côr ao geſto muda;
Dae-me egual canto aos feitos da famoſa
Gente voſſa, a que Marte tanto ajuda;
Que ſe eſpalhe, e ſe cante no univerſo,
Se tão ſublime preço cabe em verſo.

VI

E vós, ó bem naſcida ſegurança
Da Luſitana antiga liberdade,
E não menos certiſſima eſperança
De augmento da pequena Chriſtandade;
Vós, ó novo temor da Maura lança,
Maravilha fatal da noſſa edade,
Dada ao mundo por Deos, que todo o mande,
Pera do mundo a Deos dar parte grande;

VII

Vós, terno e novo ramo florecente
D'ũa arvore de Chriſto mais amada,
Que nenhũa naſcida no Occidente,
Ceſarea, ou Chriſtianiſſima chamada
(Vêde-o no voſſo eſcudo, que preſente
Vos amoſtra a victoria já paſſada,
Na qual vos deo por armas, e deixou
As que elle pera ſi na Cruz tomou);

VIII

Vós, poderoſo Rei, cujo alto imperio
O Sol logo em naſcendo vê primeiro;
Vê-o tambem no meio do hemiſpherio,
E quando dece o deixa derradeiro;
Vós, que eſperâmos jugo e vituperio
Do torpe Iſmaelita cavalleiro,
Do Turco oriental, e do Gentio,
Que inda bebe o licor do ſancto rio;

IX

Inclinae por um pouco a mageſtade,
Que neſſe tenro geſto vos contemplo,
Que já ſe moſtra, qual na inteira edade,
Quando ſubindo ireis ao eterno templo.
Os olhos da Real benignidade
Ponde no chão: vereis um novo exemplo
De amor dos patrios feitos valeroſos,
Em verſos divulgado numeroſos.

X

Vereis amor da patria, não movido
De premio vil, mas alto e quaſi eterno:
Que não é premio vil ſer conhecido
Por um pregão do ninho meu paterno.
Ouvi: vereis o nome engrandecido
D'aquelles de quem ſois ſenhor ſuperno;
E julgareis qual é mais excellente,
Se ſer do mundo Rei, ſe de tal gente.

XI

Ouvi: que não vereis com vãs façanhas,
Phantaſticas, fingidas, mentiroſas,
Louvar os voſſos, como nas extranhas
Muſas, de engrandecer-ſe deſejoſas:
As verdadeiras voſſas ſão tamanhas,
Que excedem as ſonhadas, fabuloſas;
Que excedem Rodamonte e o vão Rugeiro,
E Orlando, indaque fôra verdadeiro.

XII

Por eſtes vos darei um Nuno fero,
Que fez ao Rei, e ao reino tal ſerviço,
Um Egas, e um Dom Fuas, que de Homero
A cithara para elles ſó cubiço.
Pois polos doze pares, dar-vos quero
Os doze de Inglaterra, e o ſeu Magriço;
Dou-vos tambem aquelle illuſtre Gama,
Que para ſi de Eneas toma a fama.

XIII

Pois ſe a troco de Carlos, Rei de França,
Ou de Ceſar quereis egual memoria,
Vêde o primeiro Affonſo, cuja lança
Eſcura faz qualquer extranha gloria;
E aquelle, que a ſeu reino a ſegurança
Deixou co'a grande e proſpera victoria;
Outro Joanne, invicto cavalleiro,
O quarto e quinto Affonſos, e o terceiro.

XIV

Nem deixarão meus verſos eſquecidos
Aquelles que nos reinos lá da Aurora
Se fizeram por armas tão ſubidos,
Voſſa bandeira ſempre vencedora;
Um Pacheco fortiſſimo, e os temidos
Almeidas, por quem ſempre o Tejo chora;
Albuquerque terribil, Caſtro forte,
E outros em quem poder não teve a morte.

XV

E em quanto eu eſtes canto, e a vós não poſſo,
Sublime Rei, que não me atrevo a tanto,
Tomae as redeas vós do reino voſſo,
Dareis materia a nunca ouvido canto;
Comecem a ſentir o peſo groſſo
(Que polo mundo todo faça eſpanto)
De exercitos, e feitos ſingulares,
De Africa as terras, e do Oriente os mares.

XVI

Em vós os olhos tem o Mouro frio,
Em quem vê ſeu exicio afigurado;
Só com vos vêr o barbaro Gentio
Moſtra o peſcoço ao jugo já inclinado;
Tethys todo o ceruleo ſenhorio
Tem pera vós por dote apparelhado;
Que affeiçoada ao geſto bello e tenro,
Deſeja de comprar-vos pera genro.

XVII

Em vós ſe vêm da Olympica morada
Dos dous Avôs as almas cá famoſas;
Úa na paz angelica dourada,
Outra polas batalhas ſanguinoſas;
Em vós eſperam ver-ſe renovada
Sua memoria e obras valeroſas;
E lá vos tem lugar no fim da edade,
No templo da ſuprema eternidade.

XVIII

Mas em quanto eſte tempo paſſa lento
De regerdes os povos, que o deſejam,
Dae vós favor ao novo atrevimento,
Pera que eſtes meus verſos voſſos ſejam;
E vereis ir cortando o ſalſo argento
Os voſſos argonautas; porque vejam
Que ſão viſtos de vós no mar irado;
E coſtumae-vos já a ſer invocado.

XIX

Já no largo Oceano navegavam,
As inquietas ondas apartando;
Os ventos brandamente reſpiravam,
Das naos as velas concavas inchando;
Da branca eſcuma os mares ſe moſtravam
Cobertos, onde as proas vão cortando
As maritimas aguas conſagradas,
Que do gado de Proteo ſão cortadas.

XX

Quando os deoſes no Olympo luminoſo,
Onde o governo eſtá da humana gente,
Se ajuntam em concilio glorioſo,
Sobre as couſas futuras do Oriente:
Piſando o cryſtallino ceo fermoſo,
Vem pela Via Lactea juntamente,
Convocados da parte do Tonante,
Pelo neto gentil do velho Atlante.

XXI

Deixam dos ſete ceos o regimento,
Que do poder mais alto lhe foi dado;
Alto poder, que ſó c'o penſamento
Governa o ceo, a terra, e o mar irado:
Ali ſe acharam juntos num momento
Os que habitam o Arcturo congelado,
E os que o Auſtro tem, e as partes onde
A Aurora naſce, e o claro Sol ſe eſconde.

XXII

Eſtava o Padre ali ſublime e digno,
Que vibra os feros raios de Vulcano,
Num aſſento de eſtrellas cryſtallino,
Com geſto alto, ſevero e ſoberano;
Do roſto reſpirava um ar divino,
Que divino tornara um corpo humano,
Com ũa corôa e ſceptro rutilante
D'outra pedra mais clara que diamante.

XXIII

Em luzentes aſſentos, marchetados
De ouro e de perlas, mais abaixo eſtavam
Os outros deoſes todos aſſentados,
Como a razão e a ordem concertavam:
Precedem os antigos mais honrados;
Mais abaixo os menores ſe aſſentavam:
Quando Jupiter alto, aſſi dizendo,
C'um tom de voz começa, grave e horrendo.

XXIV

Eternos moradores do luzente
Eſtellifero polo e claro aſſento,
Se do grande valor da forte gente
De Luſo não perdeis o penſamento,
Deveis de ter ſabido claramente,
Como é dos fados grandes certo intento,
Que por ella ſe eſqueçam os humanos
De Aſſyrios, Perſas, Gregos e Romanos.

XXV

Já lhe foi, bem o viſtes, concedido
C'um poder tão ſingelo e tão pequeno,
Tomar ao Mouro forte e guarnecido
Toda a terra, que rega o Tejo ameno;
Pois contra o Caſtelhano tão temido,
Sempre alcançou favor do Ceo ſereno:
Aſſi que ſempre em fim com fama e gloria
Teve os tropheos pendentes da victoria.

XXVI

Deixo, deoſes, atraz a fama antiga,
Que co'a gente de Romulo alcançaram,
Quando com Viriato, na inimiga
Guerra romana tanto ſe afamaram;
Tambem deixo a memoria, que os obriga
A grande nome, quando alevantaram
Um por ſeu capitão, que peregrino
Fingio na Cerva eſpirito divino.

XXVII

Agora, vedes bem que, commettendo
O duvidoſo mar num lenho leve,
Por vias nunca uſadas, não temendo
De Africo, e Noto a força, a mais ſe atreve;
Que havendo tanto já que as partes vendo,
Onde o dia é comprido, e onde breve,
Inclinam ſeu propoſito e perfia,
Ao ver os berços onde naſce o dia.

XXVIII

Promettido lhe eſtá do Fado eterno,
Cuja alta lei não póde ſer quebrada,
Que tenham longos tempos o governo
Do mar, que vê do Sol a roxa entrada.
Nas aguas tem paſſado o duro inverno;
A gente vem perdida e trabalhada;
Já parece bem feito, que lhe ſeja
Moſtrada a nova terra, que deſeja.

XXIX

E porque, como viſtes, tem paſſados
Na viagem tão aſperos perigos,
Tantos climas e ceos exp'rimentados,
Tanto furor de ventos inimigos;
Que ſejam, determino, agaſalhados
Neſta coſta Africana, como amigos;
E, tendo guarnecida a laſſa frota,
Tornarão a ſeguir ſua longa rota.

XXX

Eſtas palavras Jupiter dizia,
Quando os deoſes, por ordem reſpondendo,
Na ſentença um do outro differia,
Razões diverſas dando e recebendo.
O padre Baccho ali não conſentia
No que Jupiter diſſe, conhecendo
Que eſquecerão ſeus feitos no Oriente,
Se lá paſſar a Luſitana gente.

XXXI

Ouvido tinha aos Fados, que viria
Úa gente fortiſſima de Heſpanha
Pelo mar alto, a qual ſujeitaria
Da India tudo quanto Doris banha;
E com novas victorias venceria
A fama antiga, ou ſua, ou foſſe extranha:
Altamente lhe doe perder a gloria,
De que Nyſa celebra inda a memoria.

XXXII

Vê que já teve o Indo ſojugado,
E nunca lhe tirou fortuna, ou caſo,
Por vencedor da India ſer cantado
De quantos bebem a agua do Parnaſo;
Teme agora que ſeja ſepultado
Seu tão celebre nome em negro vaſo
D'agua do eſquecimento, ſe lá chegam
Os fortes Portuguezes, que navegam.

XXXIII

Suſtentava contra elle Venus bella,
Affeiçoada á gente Luſitana,
Por quantas qualidades via nella
Da antiga tão amada ſua Romana:
Nos fortes corações, na grande eſtrella,
Que moſtraram na terra Tingitana;
E na lingua, na qual quanto imagina,
Com pouca corrupção crê que é a Latina.

XXXIV

Eſtas cauſas moviam Cytherea;
E mais, porque das Parcas claro entende
Que ha de ſer celebrada a clara dea,
Onde a gente belligera ſe eſtende.
Aſſi que, um pela infamia que arrecea,
E o outro polas honras que pretende,
Debatem, e na perfia permanecem;
A qualquer ſeus amigos favorecem.

XXXV

Qual Auſtro fero, ou Boreas na eſpeſſura
De ſylveſtre arvoredo abaſtecida,
Rompendo os ramos vão da mata eſcura
Com impito e braveza deſmedida;
Brama toda a montanha, o ſom murmura,
Rompem-ſe as folhas, ferve a ſerra erguida:
Tal andava o tumulto levantado,
Entre os deoſes no Olympo conſagrado.

XXXVI

Mas Marte, que da deoſa ſuſtentava
Entre todos as partes em porfia;
Ou porque o amor antigo o obrigava,
Ou porque a gente forte o merecia;
De antre os deoſes em pé ſe levantava;
Merencorio no geſto parecia;
O forte eſcudo ao collo pendurado
Deitando pera traz, medonho e irado.

XXXVII

A viſeira do elmo de diamante
Alevantando um pouco, mui ſeguro,
Por dar ſeu parecer ſe poz diante
De Jupiter, armado, forte e duro;
E dando ũa pancada penetrante
C'o conto do baſtão no ſolio puro,
O ceo tremeo; e Apollo de torvado,
Um pouco a luz perdeo, como infiado.

XXXVIII

E diſſe aſſi: Ó Padre, a cujo imperio
Tudo aquillo obedece, que creaſte;
Se eſta gente, que buſca outro hemiſpherio,
Cuja valia e obras tanto amaſte,
Não queres que padeçam vituperio,
Como ha já tanto tempo que ordenaſte,
Não ouças mais, pois és juiz direito,
Razões de quem parece que é ſuſpeito:

XXXIX

Que ſe aqui a razão ſe não moſtraſſe
Vencida do temor demaſiado,
Bem fôra que aqui Baccho os ſuſtentaſſe,
Pois que de Luſo vem, ſeu tão privado;
Mas eſta tenção ſua agora paſſe,
Porque em fim vem de eſtamago damnado;
Que nunca tirará alheia inveja
O bem que outrem merece, e o Ceo deſeja.

XL

E tu, Padre de grande fortaleza,
Da determinação que tens tomada,
Não tornes por detraz; pois é fraqueza
Deſiſtir-ſe da couſa começada.
Mercurio, pois excede em ligeireza
Ao vento leve, e á ſetta bem talhada,
Lhe vá moſtrar a terra, onde ſe informe
Da India, e onde a gente ſe reforme.

XLI

Como iſto diſſe, o Padre poderoſo,
A cabeça inclinando, conſentio
No que diſſe Mavorte valeroſo,
E nectar ſobre todos eſparzio.
Pelo caminho Lacteo glorioſo
Logo cada um dos deoſes ſe partio,
Fazendo ſeus reaes acatamentos,
Pera os determinados apouſentos.

XLII

Em quanto iſto ſe paſſa na fermoſa
Caſa etherea do Olympo omnipotente,
Cortava o mar a gente bellicoſa
Já lá da banda do Auſtro, e do Oriente,
Entre a coſta Ethiopica, e a famoſa
Ilha de São Lourenço; e o Sol ardente
Queimava então os deoſes, que Typheo
C'o temor grande em peixes converteo.

XLIII

Tão brandamente os ventos os levavam,
Como quem o Ceo tinha por amigo;
Sereno o ar, e os tempos ſe moſtravam
Sem nuvens, ſem receio de perigo;
O promontorio Praſſo já paſſavam,
Na coſta de Ethiopia, nome antigo;
Quando o mar deſcobrindo lhe moſtrava
Novas ilhas, que em torno cerca e lava.

XLIV

Vaſco da Gama, o forte capitão,
Que a tamanhas empreſas ſe offerece,
De ſoberbo, e de altivo coração,
A quem fortuna ſempre favorece,
Pera ſe aqui deter não vê razão,
Que inhabitada a terra lhe parece;
Por diante paſſar determinava;
Mas não lhe ſuccedeo como cuidava.

XLV

Eis apparecem logo em companhia
Uns pequenos bateis, que vem d'aquella
Que mais chegada á terra parecia,
Cortando o longo mar com larga vela;
A gente ſe alvoroça, e de alegria
Não ſabe mais que olhar a cauſa d'ella.
Que gente ſerá eſta? em ſi diziam;
Que coſtumes, que lei, que Rei teriam?

XLVI

As embarcações eram na maneira
Mui veloces, eſtreitas e compridas;
As velas, com que vem, eram de eſteira
D'ũas folhas de palma bem tecidas;
A gente da côr era verdadeira,
Que Phaeton, nas terras accendidas,
Ao mundo deo, de ouſado e não prudente:
O Pado o ſabe, e Lampetuſa o ſente.

XLVII

De pannos de algodão vinham veſtidos,
De varias cores, brancos e liſtrados;
Uns trazem derredor de ſi cingidos,
Outros em modo airoſo ſobraçados:
Das cintas pera cima vem deſpidos;
Por armas tem adargas e tarçados:
Com toucas na cabeça; e navegando,
Anafis ſonoroſos vão tocando.

XLVIII

C'os pannos, e c'os braços aſſenavam
Ás gentes Luſitanas, que eſperaſſem;
Mas já as proas ligeiras ſe inclinavam
Pera que junto ás ilhas amainaſſem;
A gente e marinheiros trabalhavam,
Como ſe aqui os trabalhos ſ'acabaſſem;
Tomam velas, amaina-ſe a verga alta;
Da ancora o mar ferido em cima ſalta.

XLIX

Não eram ancorados, quando a gente
Extranha polas cordas já ſubia;
No geſto ledos vem, e humanamente
O Capitão ſublime os recebia.
As meſas manda pôr em continente;
Do licor, que Lyeo prantado havia,
Enchem vaſos de vidro, e do que deitam
Os de Phaeton queimados nada engeitam.

L

Comendo alegremente perguntavam,
Pela Arabica lingua: d'onde vinham?
Quem eram? de que terra? que buſcavam?
Ou que partes do mar corrido tinham?
Os fortes Luſitanos lhe tornavam
As diſcretas reſpoſtas, que convinham:
Os Portuguezes ſomos do Occidente;
Imos buſcando as terras do Oriente.

LI

Do mar temos corrido e navegado
Toda a parte do Antarctico, e Calliſto;
Toda a coſta Africana rodeado;
Diverſos ceos e terras temos viſto;
D'um Rei potente ſomos, tão amado,
Tão querido de todos, e bemquiſto,
Que não no largo mar, com leda fronte,
Mas no lago entraremos de Acheronte.

LII

E por mandado ſeu buſcando andamos
A terra oriental, que o Indo rega;
Por elle o mar remoto navegamos,
Que ſó dos feios phocas ſe navega.
Mas já razão parece, que ſaibamos,
Se entre vós a verdade não ſe nega,
Quem ſois? que terra é eſta que habitaes?
Ou ſe tendes da India alguns ſignaes?

LIII

Somos, um dos das ilhas lhe tornou,
Extrangeiros na terra, lei e nação;
Que os proprios ſão aquelles, que criou
A natura ſem lei e ſem razão.
Nós temos a lei certa, que enſinou
O claro deſcendente de Abrahão,
Que agora tem do mundo o ſenhorio;
A mãe Hebrea teve, e o pae Gentio.

LIV

Eſta ilha pequena, que habitamos,
É em toda eſta terra certa eſcala
De todos os que as ondas navegamos,
De Quiloa, de Mombaça, de Sofala;
E, por ſer neceſſaria, procuramos,
Como proprios da terra, de habital-a:
E, porque tudo em fim vos notifique,
Chama-ſe a pequena ilha Moçambique.

LV

E já que de tão longe navegaes,
Buſcando o Indo Hydaſpe e terra ardente,
Piloto aqui tereis, por quem ſejaes
Guiados pelas ondas ſabiamente;
Tambem ſerá bem feito que tenhaes
Da terra algum refreſco, e que o Regente,
Que eſta terra governa, que vos veja,
E do mais neceſſario vos proveja.

LVI

Iſto dizendo, o Mouro ſe tornou
A ſeus bateis com toda a companhia;
Do Capitão e gente ſe apartou,
Com moſtras de devida cortezia.
Niſto Phebo nas aguas encerrou
C'o carro de cryſtal o claro dia,
Dando cargo á irmã, que alumiaſſe
O largo mundo, em quanto repouſaſſe.

LVII

A noute ſe paſſou na laſſa frota
Com extranha alegria, e não cuidada,
Por acharem da terra tão remota
Nova de tanto tempo deſejada.
Qualquer então comſigo cuida, e nota
Na gente, e na maneira deſuſada,
E como os que na errada ſeita creram,
Tanto por todo o mundo ſe eſtenderam.

LVIII

Da Lũa os claros raios rutilavam
Polas argenteas ondas Neptuninas;
As eſtrellas os ceos acompanhavam,
Qual campo reveſtido de boninas;
Os furioſos ventos repouſavam
Pelas covas eſcuras peregrinas;
Porém da armada a gente vigiava,
Como por longo tempo coſtumava.

LIX

Mas aſſi como a Aurora marchetada
Os fermoſos cabellos eſpalhou
No ceo ſereno, abrindo a roxa entrada
Ao claro Hyperionio, que acordou;
Começa a embandeirar-ſe toda a armada,
E de toldos alegres ſe adornou,
Por receber com feſtas, e alegria,
O Regedor das ilhas, que partia.

LX

Partia alegremente navegando,
A ver as naos ligeiras Luſitanas,
Com refresco da terra, em ſi cuidando,
Que ſão aquellas gentes inhumanas,
Que os apouſentos Caſpios habitando,
A conquiſtar as terras Aſianas
Vieram, e por ordem do deſtino,
O Imperio tomaram a Conſtantino.

LXI

Recebe o Capitão alegremente
O Mouro, e toda ſua companhia;
Dá-lhe de ricas peças um preſente,
Que ſó pera eſte effeito já trazia;
Dá-lhe conſerva doce, e dá-lhe o ardente
Não uſado licor, que dá alegria.
Tudo o Mouro contente bem recebe,
E muito mais contente come e bebe.

LXII

Eſtá a gente maritima de Luſo
Subida pela enxarcia, de admirada,
Notando o extrangeiro modo e uſo,
E a linguagem tão barbara e enleada.
Tambem o Mouro aſtuto eſtá confuſo,
Olhando a côr, o trajo, e a forte armada;
E, perguntando tudo, lhe dizia
Se por ventura vinham de Turquia.

LXIII

E mais lhe diz tambem que ver deſeja
Os livros da ſua lei, preceito, ou fé,
Pera ver ſe conforme á ſua ſeja,
Ou ſe ſão dos de Chriſto, como crê;
E porque tudo note, e tudo veja,
Ao Capitão pedia, que lhe dê
Moſtra das fortes armas de que uſavam,
Quando c'os inimigos pelejavam.

LXIV

Reſponde o valeroſo Capitão,
Por um, que a lingua eſcura bem ſabia:
Dar-te-hei, ſenhor illuſtre, relação
De mi, da lei, das armas que trazia.
Nem ſou da terra, nem da geração
Das gentes enojoſas de Turquia;
Mas ſou da forte Europa bellicoſa,
Buſco as terras da India tão famoſa.

LXV

A lei tenho d'aquelle, a cujo imperio
Obedece o viſibil e inviſibil;
Aquelle que creou todo o hemiſpherio,
Tudo o que ſente, e todo o inſenſibil;
Que padeceo deshonra e vituperio,
Soffrendo morte injuſta e inſoffribil;
E que do Ceo á terra em fim deceo,
Por ſubir os mortaes da terra ao Ceo.

LXVI

D'eſte Deos-Homem, alto e infinito,
Os livros, que tu pedes, não trazia;
Que bem poſſo eſcuſar trazer eſcrito
Em papel o que na alma andar devia.
Se as armas queres ver, como tens dito,
Cumprido eſſe deſejo te ſeria:
Como amigo as verás; porque eu me obrigo,
Que nunca as queiras ver como inimigo.

LXVII

Iſto dizendo, manda os diligentes
Miniſtros amoſtrar as armaduras.
Vem arnezes, e peitos reluzentes,
Malhas finas, e laminas ſeguras,
Eſcudos de pinturas differentes,
Pelouros, eſpingardas de aço puras,
Arcos, e ſagittiferas aljavas,
Partazanas agudas, chuças bravas;

LXVIII

As bombas vem de fogo, e juntamente
As panellas ſulfureas, tão damnoſas;
Porém aos de Vulcano não conſente
Que dem fogo ás bombardas temeroſas;
Porque o generoſo animo, e valente,
Entre gentes tão poucas, e medroſas
Não moſtra quanto póde: e com razão,
Que é fraqueza entre ovelhas ſer leão.

LXIX

Porém d'iſto, que o Mouro aqui notou,
E de tudo o que vio, com olho attento,
Um odio certo na alma lhe ficou,
Úa vontade má de penſamento:
Nas moſtras e no geſto o não moſtrou;
Mas com riſonho, e ledo fingimento,
Tratal-os brandamente determina,
Até que moſtrar poſſa o que imagina.

LXX

Pilotos lhe pedia o Capitão,
Por quem podeſſe á India ſer levado:
Diz-lhe que o largo premio levarão
Do trabalho, que niſſo for tomado.
Promette-lh'os o Mouro, com tenção
De peito venenoſo, e tão damnado,
Que a morte, ſe podeſſe, neſte dia
Em lugar de pilotos lhe daria.

LXXI

Tamanho o odio foi, e a má vontade,
Que aos extrangeiros ſubito tomou,
Sabendo ſer ſequaces da verdade,
Que o filho de David nos enſinou.
Oh ſegredos d'aquella Eternidade,
A quem juizo algum não alcançou!
Que nunca falte um perfido inimigo
Áquelles de quem foſte tanto amigo!

LXXII

Partio-ſe niſto em fim co'a companhia,
Das naos o falſo Mouro deſpedido,
Com enganoſa e grande cortezia,
Com geſto ledo a todos e fingido.
Cortaram os bateis a curta via
Das aguas de Neptuno, e recebido
Na terra, do obſequente ajuntamento,
Se foi o Mouro ao cognito apouſento.

LXXIII

Do claro aſſento ethereo, o grão Thebano,
Que da paternal coxa foi naſcido,
Olhando o ajuntamento Luſitano
Ao Mouro ſer moleſto, e avorrecido,
No penſamento cuida um falſo engano,
Com que ſeja de todo deſtruido;
E em quanto iſto ſó na alma imaginava,
Comſigo eſtas palavras praticava:

LXXIV

Eſtá do Fado já determinado,
Que tamanhas victorias, tão famoſas,
Hajam os Portuguezes alcançado
Das indianas gentes bellicoſas:
E eu ſó, filho do Padre ſublimado,
Com tantas qualidades generoſas,
Hei de ſoffrer, que o Fado favoreça
Outrem, por quem meu nome ſe eſcureça?

LXXV

Já quizeram os deoſes, que tiveſſe
O filho de Philippo n'eſta parte
Tanto poder, que tudo ſumetteſſe
Debaixo do ſeu jugo o fero Marte;
Mas ha-ſe de ſoffrer, que o Fado deſſe
A tão poucos tamanho esforço e arte,
Que eu c'o grão Macedonio, e c'o Romano,
Demos lugar ao nome Luſitano?

LXXVI

Não ſerá aſſi; porque antes que chegado
Seja eſte Capitão, aſtutamente
Lhe ſerá tanto engano fabricado,
Que nunca veja as partes do Oriente:
Eu decerei á terra; e o indignado
Peito revolverei da Maura gente;
Porque ſempre por via irá direita,
Quem do opportuno tempo ſe aproveita.

LXXVII

Iſto dizendo irado, e quaſi inſano,
Sobre a terra Africana deſcendeo,
Onde veſtindo a fórma e geſto humano,
Pera o Praſſo ſabido ſe moveo;
E por melhor tecer o aſtuto engano,
No geſto natural ſe converteo
D'um Mouro em Moçambique conhecido,
Velho, ſabio, e c'o Xeque mui valido.

LXXVIII

E entrando aſſi a fallar-lhe a tempo, e horas
Á ſua falſidade accommodadas,
Lhe diz, como eram gentes roubadoras
Eſtas, que ora de novo ſão chegadas;
Que das nações na coſta moradoras
Correndo a fama veio, que roubadas
Foram por eſtes homens que paſſavam,
Que com pactos de paz ſempre ancoravam.

LXXIX

E ſabe mais, lhe diz, como entendido
Tenho d'eſtes Chriſtãos ſanguinolentos,
Que quaſi todo o mar tem deſtruido
Com roubos, com incendios violentos;
E trazem já de longe engano urdido
Contra nós; e que todos ſeus intentos
São pera nos matarem e roubarem,
E mulheres e filhos captivarem.

LXXX

E tambem ſei que tem determinado
De vir por agua á terra muito cedo
O Capitão, dos ſeus acompanhado;
Que da tenção damnada naſce o medo.
Tu deves de ir tambem c'os teus armado
Eſperal-o em cilada, occulto e quedo;
Porque, ſaindo a gente deſcuidada,
Cairão facilmente na cilada.

LXXXI

E ſe inda não ficarem d'eſte geito
Deſtruidos, ou mortos totalmente,
Eu tenho imaginada no conceito
Outra manha e ardil, que te contente:
Manda-lhe dar piloto, que de geito
Seja aſtuto no engano, e tão prudente,
Que os leve aonde ſejam deſtruidos,
Desbaratados, mortos, ou perdidos.

LXXXII

Tanto que eſtas palavras acabou,
O Mouro, nos taes caſos ſabio e velho,
Os braços pelo collo lhe lançou,
Agradecendo muito o tal conſelho:
E logo neſſe inſtante concertou
Pera a guerra o belligero apparelho,
Pera que ao Portuguez ſe lhe tornaſſe
Em roxo ſangue a agua, que buſcaſſe.

LXXXIII

E buſca mais, pera o cuidado engano,
Mouro, que por piloto á nao lhe mande,
Sagaz, aſtuto, e ſabio em todo o damno,
De quem fiar-ſe poſſa um feito grande:
Diz-lhe, que, acompanhando o Luſitano,
Por taes coſtas e mares co'elle ande,
Que, ſe d'aqui eſcapar, que lá diante
Vá cair, onde nunca ſe alevante.

LXXXIV

Já o raio Apollineo viſitava
Os montes Nabatheos accendido,
Quando o Gama c'os ſeus determinava
De vir por agua a terra apercebido;
A gente nos bateis ſe concertava,
Como ſe foſſe o engano já ſabido;
Mas poude ſuſpeitar-ſe facilmente;
Que o coração preſago nunca mente.

LXXXV

E mais tambem mandado tinha a terra
De antes pelo piloto neceſſario;
E foi-lhe reſpondido em ſom de guerra:
Caſo do que cuidava mui contrario.
Por iſto, e porque ſabe quanto erra,
Quem ſe crê de ſeu perfido adverſario,
Apercebido vae, como podia,
Em tres bateis ſómente, que trazia.

LXXXVI

Mas os Mouros, que andavam pela praia,
Por lhe defender a agua deſejada,
Um de eſcudo embraçado, e de azagaia,
Outro de arco encurvado, e ſetta ervada,
Eſperam que a guerreira gente ſaia;
Outros muitos já poſtos em cilada;
E porque o caſo leve ſe lhe faça,
Põem uns poucos diante por negaça.

LXXXVII

Andam pela ribeira alva, arenoſa,
Os bellicoſos Mouros acenando
Com a adarga, e co'a haſtea perigoſa,
Os fortes Portuguezes incitando.
Não ſoffre muito a gente generoſa
Andar-lhe os cães os dentes amoſtrando.
Qualquer em terra ſalta tão ligeiro,
Que nenhum dizer pode que é primeiro.

LXXXVIII

Qual no corro ſanguino o ledo amante,
Vendo a fermoſa dama deſejada,
O touro buſca, e pondo-ſe diante,
Salta, corre, ſibila, acena e brada;
Mas o animal atroce neſſe inſtante,
Com a fronte cornigera inclinada,
Bramando duro corre, e os olhos cerra,
Derriba, fere, e mata e põe por terra:

LXXXIX

Eis nos bateis o fogo ſe levanta
Na furioſa e dura artilheria;
A plumbea pela mata, o brado eſpanta,
Ferido o ar retumba, e aſſovia:
O coração dos Mouros ſe quebranta;
O temor grande o ſangue lhe resfria:
Já foge o eſcondido de medroſo,
E morre o deſcoberto aventuroſo.

XC

Não ſe contenta a gente Portugueza;
Mas ſeguindo a victoria eſtrue e mata;
A povoação ſem muro e ſem defeſa
Esbombardea, accende e desbarata.
Da cavalgada ao Mouro já lhe peſa,
Que bem cuidou compral-a mais barata;
Já blaſphema da guerra e maldizia
O velho inerte, e a mãe que o filho cria.

XCI

Fugindo, a ſetta o Mouro vae tirando
Sem força, de covarde e de apreſſado,
A pedra, o pao e o canto arremeſſando;
Dá-lhe armas o furor deſatinado.
Já a ilha, e todo o mais deſamparando,
Á terra firme foge amedrontado;
Paſſa, e corta do mar o eſtreito braço,
Que a ilha em torno cerca, em pouco eſpaço.

XCII

Uns vão nas almadias carregadas;
Um corta o mar a nado diligente;
Quem ſe afoga nas ondas encurvadas;
Quem bebe o mar, e o deita juntamente.
Arrombam as miudas bombardadas
Os pangaios ſubtis da bruta gente:
D'eſt'arte o Portuguez em fim caſtiga
A vil malicia, perfida, inimiga.

XCIII

Tornam victoriosos pera a armada,
C'o despojo da guerra e rica presa,
E vão a seu prazer fazer aguada,
Sem achar resistencia, nem defesa.
Ficava a Maura gente magoada,
No odio antigo, mais que nunca, accesa;
E vendo sem vingança tanto damno,
Somente estriba no segundo engano.

XCIV

Pazes commetter manda arrependido
O Regedor d'aquella iniqua terra,
Sem ser dos Lusitanos entendido,
Que em figura de paz lhe manda guerra;
Porque o piloto falso promettido,
Que toda a má tenção no peito encerra.
Pera os guiar á morte lhe mandava,
Como em signal das pazes, que tratava.

XCV

O Capitão, que já lhe então convinha
Tornar a seu caminho acostumado;
Que tempo concertado e ventos tinha
Pera ir buscar o Indo desejado;
Recebendo o piloto, que lhe vinha,
(Foi d'elle alegremente agasalhado)
E respondendo ao mensageiro, attento,
As velas manda dar ao largo vento.

XCVI

D'eſt'arte deſpedida a forte armada,
As ondas de Amphitrite dividia,
Das filhas de Nereo acompanhada,
Fiel, alegre e doce companhia.
O Capitão, que não caía em nada
Do enganoſo ardil, que o Mouro urdia,
D'elle mui largamente ſe informava
Da India toda, e coſtas que paſſava.

XCVII

Mas o Mouro inſtruido nos enganos,
Que o malevolo Baccho lhe enſinara,
De morte, ou captiveiro novos damnos,
Antes que á India chegue, lhe prepara;
Dando razão dos portos Indianos,
Tambem tudo o que pede lhe declara:
Que havendo por verdade o que dizia,
De nada a forte gente ſe temia.

XCVIII

E diz-lhe mais, c'o falſo penſamento
Com que Sinon os Phrygios enganou,
Que perto eſtá ũa ilha, cujo aſſento
Povo antigo Chriſtão ſempre habitou.
O Capitão, que a tudo eſtava attento,
Tanto com eſtas novas ſe alegrou,
Que com dadivas grandes lhe rogava,
Que o leve á terra onde eſta gente eſtava.

XCIX

O meſmo o falſo Mouro determina,
Que o ſeguro Chriſtão lhe manda, e pede;
Que a ilha é poſſuida da maligna
Gente, que ſegue o torpe Mahamede:
Aqui o engano e morte lhe imagina,
Porque em poder e forças muito excede
A Moçambique eſta ilha, que ſe chama
Quiloa, mui conhecida pola fama.

C

Pera lá ſe inclinava a leda frota;
Mas a deoſa em Cythere celebrada,
Vendo como deixava a certa rota,
Por ir buſcar a morte não cuidada,
Não conſente que em terra tão remota
Se perca a gente d'ella tanto amada;
E com ventos contrarios a deſvia
D'onde o piloto falſo a leva e guia.

CI

Mas o malvado Mouro não podendo
Tal determinação levar avante,
Outra maldade iniqua commettendo,
Ainda em ſeu propoſito conſtante,
Lhe diz, que pois as aguas diſcorrendo,
Os levaram por força por diante,
Que outra ilha tem perto, cuja gente
Eram Chriſtãos com Mouros juntamente.

CII

Tambem neſtas palavras lhe mentia,
Como por regimento em fim levava;
Que aqui gente de Chriſto não havia,
Mas a que a Mahamede celebrava.
O Capitão, que em tudo o Mouro cria,
Virando as velas, a ilha demandava;
Mas não querendo a deoſa guardadora,
Não entra pela barra, e ſurge fóra.

CIII

Eſtava a ilha á terra tão chegada,
Que um eſtreito pequeno a dividia;
Úa cidade nella ſituada,
Que na fronte do mar apparecia;
De nobres edificios fabricada,
Como por fóra ao longe deſcobria,
Regida por um Rei de antiga edade,
Mombaça é o nome da ilha e da cidade.

CIV

E ſendo a ella o Capitão chegado,
Extranhamente ledo, porque eſpera
De poder ver o povo baptizado,
Como o falſo piloto lhe diſſera;
Eis vem bateis da terra com recado
Do Rei, que já ſabia a gente que era:
Que Baccho muito de antes o aviſara,
Na fórma d'outro Mouro, que tomara.

CV

O recado que trazem é de amigos,
Mas debaixo o veneno vem coberto;
Que os penſamentos eram de inimigos,
Segundo foi o engano deſcoberto.
Oh grandes e graviſſimos perigos!
Oh caminho da vida nunca certo!
Que aonde a gente põe ſua eſperança
Tenha a vida tão pouca ſegurança!

CVI

No mar tanta tormenta e tanto damno,
Tantas vezes a morte apercebida!
Na terra tanta guerra, tanto engano,
Tanta neceſſidade avorrecida!
Onde pode acolher-ſe um fraco humano,
Onde terá ſegura a curta vida,
Que não ſe arme, e ſe indigne o Ceo ſereno
Contra um bicho da terra tão pequeno?

OS LUSIADAS

CANTO SEGUNDO

Canto Segundo

I

Já neſte tempo o lucido planeta,
Que as horas vae do dia diſtinguindo,
Chegava á deſejada e lenta meta,
A luz celeſte ás gentes encobrindo;
E da caſa maritima ſecreta
Lhe eſtava o deos nocturno a porta abrindo;
Quando as infidas gentes ſe chegaram
Ás naos, que pouco havia que ancoraram.

II

D'antre elles um, que traz encommendado
O mortifero engano, aſſi dizia:
Capitão valeroſo, que cortado
Tens de Neptuno o reino e ſalſa via,
O Rei que manda eſta ilha, alvoroçado
Da vinda tua, tem tanta alegria,
Que não deſeja mais que agaſalhar-te,
Ver-te, e do neceſſario reformar-te.

III

E porque eſtá em extremo deſejoſo
De te ver, como couſa nomeada,
Te roga, que de nada receoſo,
Entres a barra, tu com toda armada;
E porque do caminho trabalhoſo
Trarás a gente debil e canſada,
Diz que na terra podes reformal-a,
Que a natureza obriga a deſejal-a.

IV

E ſe buſcando vaes mercadoria
Que produze o aurifero Levante,
Canella, cravo, ardente eſpeciaria,
Ou droga ſalutifera e preſtante;
Ou ſe queres luzente pedraria,
O rubi fino, o rigido diamante,
D'aqui levarás tudo tão ſobejo,
Com que faças o fim a teu deſejo.

V

Ao menſageiro o Capitão reſponde,
As palavras do Rei agradecendo;
E diz que, porque o Sol no mar ſe eſconde,
Não entra pera dentro obedecendo;
Porém que como a luz moſtrar por onde
Vá ſem perigo a frota, não temendo,
Cumprirá ſem receio ſeu mandado,
Que a mais por tal ſenhor eſtá obrigado.

VI

Pergunta-lhe deſpois, ſe eſtão na terra
Chriſtãos, como o piloto lhe dizia.
O menſageiro aſtuto, que não erra,
Lhe diz, que a mais da gente em Chriſto cria.
D'eſta ſorte do peito lhe deſterra
Toda a ſuſpeita, e cauta phantaſia:
Por onde o capitão ſeguramente
Se fia da infiel e falſa gente.

VII

E de alguns que trazia condemnados
Por culpas, e por feitos vergonhoſos,
Porque podeſſem ſer aventurados
Em caſos d'eſta ſorte duvidoſos,
Manda dous mais ſagazes, enſaiados,
Porque notem dos Mouros enganoſos
A cidade e poder, e porque vejam
Os Chriſtãos, que ſó tanto ver deſejam.

VIII

E por eſtes ao Rei preſentes manda,
Porque a boa vontade que moſtrava,
Tenha firme, ſegura, limpa e branda,
A qual bem ao contrario em tudo eſtava.
Já a companhia perfida e nefanda,
Das naos ſe deſpedia, e o mar cortava.
Foram com geſtos ledos e fingidos,
Os dous da frota em terra recebidos.

IX

E deſpois que ao Rei apreſentaram
C'o recado os preſentes que traziam,
A cidade correram, e notaram
Muito menos d'aquillo que queriam;
Que os Mouros cauteloſos ſe guardaram
De lhe moſtrarem tudo o que pediam;
Que onde reina a malicia, eſtá o receio,
Que a faz imaginar no peito alheio.

X

Mas aquelle, que ſempre a mocidade
Tem no roſto perpetua, e foi naſcido
De duas mães, que urdia a falſidade,
Por ver o navegante deſtruido,
Eſtava nũa caſa da cidade,
Com roſto humano e habito fingido,
Moſtrando-ſe Chriſtão, e fabricava
Um altar ſumptuoſo que adorava.

XI

Ali tinha em retrato affigurada
Do alto e Sancto Eſpirito a pintura,
A candida pombinha debuxada,
Sobre a unica phenix Virgem pura;
A companhia ſancta eſtá pintada
Dos doze, tão turvados na figura,
Como os que, ſó das linguas que cairam
De fogo, varias linguas referiram.

XII

Aqui os dous companheiros conduzidos,
Onde com eſte engano Baccho eſtava,
Poem em terra os giolhos, e os ſentidos
Naquelle Deos, que o mundo governava.
Os cheiros excellentes produzidos
Na Panchaia odorifera queimava
O Thyoneo; e aſſi por derradeiro
O falſo deos adora o verdadeiro.

XIII

Aqui foram de noite agaſalhados
Com todo o bom e honeſto tratamento
Os dous Chriſtãos, não vendo que enganados
Os tinha o falſo e ſancto fingimento.
Mas aſſi como os raios eſpalhados
Do Sol foram no mundo, e num momento
Appareceo no rubido horizonte
Da moça de Titão a roxa fronte:

XIV

Tornam da terra os Mouros c'o recado
Do Rei, pera que entraſſem, e comſigo
Os dous, que o Capitão tinha mandado,
A quem ſe o Rei moſtrou ſincero amigo:
E ſendo o Portuguez certificado
De não haver receio de perigo,
E que gente de Chriſto em terra havia,
Dentro no falſo rio entrar queria.

XV

Dizem-lhe os que mandou, que em terra viram
Sacras aras, e ſacerdote ſancto;
Que ali ſe agaſalharam e dormiram,
Em quanto a luz cobrio o eſcuro manto;
E que no Rei e gentes não ſentiram
Senão contentamento, e goſto tanto,
Que não podia certo haver ſuſpeita
Nũa moſtra tão clara e tão perfeita.

XVI

Com iſto o nobre Gama recebia
Alegremente os Mouros que ſubiam;
Que levemente um animo ſe fia
De moſtras, que tão certas pareciam.
A nao da gente perfida ſe enchia,
Deixando a bordo os barcos que traziam.
Alegres vinham todos, porque crem,
Que a preſa deſejada certa tem.

XVII

Na terra cautamente apparelhavam
Armas e munições, que como viſſem
Que no rio os navios ancoravam,
Nelles ouſadamente ſe ſubiſſem:
E neſta treïção determinavam,
Que os de Luſo de todo deſtruiſſem;
E que incautos pagaſſem, d'eſte geito,
O mal que em Moçambique tinham feito.

XVIII

As ancoras tenaces vão levando
Com a nautica grita coſtumada;
Da proa as velas ſós ao vento dando,
Inclinam pera a barra abalizada.
Mas a linda Erycina, que guardando
Andava ſempre a gente aſſignalada,
Vendo a cilada grande, e tão ſecreta,
Voa do ceo ao mar como ũa ſetta.

XIX

Convoca as alvas filhas de Nereo,
Com toda a mais cerulea companhia;
Que, porque no ſalgado mar naſceo,
Das aguas o poder lhe obedecia;
E propondo-lhe a cauſa a que deceo,
Com todos juntamente ſe partia,
Pera eſtorvar que a armada não chegaſſe
Aonde pera ſempre ſe acabaſſe.

XX

Já na agua erguendo vão com grande preſſa,
Co'as argenteas caudas branca eſcuma:
Doto c'o peito corta, e atraveſſa
Com mais furor o mar do que coſtuma.
Salta Niſe, Nerine ſe arremeſſa
Por cima da agua creſpa em força ſumma;
Abrem caminho as ondas encurvadas,
De temor das Nereidas apreſſadas.

XXI

Nos hombros de um Tritão, com geſto acceſo,
Vae a linda Dione furioſa;
Não ſente quem a leva o doce peſo,
De ſoberbo com carga tão fermoſa;
Já chegam perto d'onde o vento teſo
Enche as velas da frota bellicoſa;
Repartem-ſe, e rodeam neſſe inſtante
As naos ligeiras, que iam por diante.

XXII

Põe-ſe a deoſa com outras em direito
Da proa capitaina, e ali fechando
O caminho da barra, eſtão de geito,
Que em vão aſſopra o vento, a vela inchando;
Põe no madeiro duro o brando peito,
Pera detraz a forte nao forçando:
Outras em derredor levando-a eſtavam,
E da barra inimiga a deſviavam.

XXIII

Quaes pera a cova as providas formigas,
Levando o peſo grande accomodado,
As forças exercitam, de inimigas
Do inimigo inverno congelado:
Ali ſão ſeus trabalhos e fadigas,
Ali moſtram vigor nunca eſperado:
Taes andavam as nymphas eſtorvando
Á gente Portugueza o fim nefando.

XXIV

Torna pera detraz a nao forçada,
A peſar dos que leva, que gritando
Maream velas, ferve a gente irada,
O leme a um bordo, e a outro atraveſſando;
O meſtre aſtuto em vão da popa brada,
Vendo como diante ameaçando
Os eſtava um maritimo penedo,
Que de quebrar-lhe a nao lhe mette medo.

XXV

A celeuma medonha ſe alevanta
No rudo marinheiro que trabalha;
O grande eſtrondo a Maura gente eſpanta,
Como ſe viſſem horrida batalha;
Não ſabem a razão de furia tanta;
Não ſabem neſta preſſa quem lhe valha;
Cuidam que ſeus enganos ſão ſabidos,
E que hão de ſer por iſſo aqui punidos.

XXVI

Eil-os ſubitamente ſe lançavam
A ſeus bateis veloces que traziam;
Outros em cima o mar alevantavam,
Saltando nagua, a nado ſe acolhiam;
De um bordo e d'outro ſubito ſaltavam,
Que o medo os compellia do que viam;
Que antes querem ao mar aventurar-ſe,
Que nas mãos inimigas entregar-ſe.

XXVII

Aſſi como em ſelvatica alagoa
As rãs, no tempo antigo Lycia gente,
Se ſentem porventura vir peſſoa,
Eſtando fóra da agua incautamente,
D'aqui e d'ali ſaltando, o charco ſoa,
Por fugir do perigo que ſe ſente;
E acolhendo-ſe ao couto que conhecem,
Sós as cabeças nagua lhe apparecem:

XXVIII

Aſſi fogem os Mouros; e o piloto,
Que ao perigo grande as naos guiara,
Crendo que ſeu engano eſtava noto,
Tambem foge, ſaltando na agua amara.
Mas por não darem no penedo immoto,
Onde percam a vida doce e cara,
A ancora ſolta logo a capitaina,
Qualquer das outras junto d'ella amaina.

XXIX

Vendo o Gama, attentado, a extranheza
Dos Mouros, não cuidada, e juntamente
O piloto fugir-lhe com preſteza,
Entende o que ordenava a bruta gente;
E vendo ſem contraſte, e ſem braveza
Dos ventos, ou das aguas ſem corrente,
Que a nao paſſar avante não podia,
Havendo-o por milagre, aſſi dizia:

XXX

Oh caſo grande, extranho e não cuidado!
Oh milagre clariſſimo e evidente!
Oh deſcoberto engano inopinado!
Oh perfida, inimiga e falſa gente!
Quem poderá do mal apparelhado
Livrar-ſe ſem perigo ſabiamente,
Se lá de cima a Guarda ſoberana
Não acudir á fraca força humana?

XXXI

Bem nos moſtra a divina Providencia
D'eſtes portos a pouca ſegurança;
Bem claro temos viſto na apparencia,
Que era enganada a noſſa confiança:
Mas pois ſaber humano, nem prudencia
Enganos tão fingidos não alcança,
Ó tu, Guarda divina, tem cuidado
De quem ſem ti não pode ſer guardado.

XXXII

E ſe te move tanto a piedade
D'eſta miſera gente peregrina,
Que ſó por tua altiſſima bondade,
Da gente a ſalvas perfida e maligna;
Nalgum porto ſeguro de verdade
Conduzir-nos já agora determina;
Ou nos moſtra a terra que buſcamos,
Pois ſó por teu ſerviço navegamos.

XXXIII

Ouvio-lhe eſtas palavras piadoſas
A fermoſa Dione; e commovida,
D'antre as nymphas ſe vae, que ſaudoſas
Ficaram d'eſta ſubita partida.
Já penetra as eſtrellas luminoſas;
Já na terceira eſphera recebida,
Avante paſſa; e lá no ſexto ceo,
Pera onde eſtava o Padre, ſe moveo.

XXXIV

E como ia affrontada do caminho,
Tão fermoſa no geſto ſe moſtrava,
Que as eſtrellas, e o ceo, e o ar vizinho,
E tudo quanto a via, namorava.
Dos olhos, onde faz ſeu filho o ninho,
Uns eſpiritos vivos inſpirava,
Com que os polos gelados accendia,
E tornava de fogo a eſphera fria.

XXXV

E por mais namorar o ſoberano
Padre, de quem foi ſempre amada e cara,
Se lh'apreſenta aſſi, como ao Troiano,
Na ſelva Idea já ſe apreſentara.
Se a vira o caçador, que o vulto humano
Perdeo, vendo Diana nagua clara,
Nunca os famintos galgos o mataram,
Que primeiro deſejos o acabaram.

XXXVI

Os creſpos fios d'ouro ſe eſparziam
Pelo collo, que a neve eſcurecia;
Andando, as lacteas tetas lhe tremiam,
Com quem amor brincava, e não ſe via;
Da alva petrina flammas lhe ſaiam,
Onde o Menino as almas accendia;
Polas liſas columnas lhe trepavam
Deſejos, que como hera ſe enrolavam.

XXXVII

C'um delgado ſendal as partes cobre,
De quem vergonha é natural reparo;
Porém nem tudo eſconde, nem deſcobre
O veo, dos roxos lirios pouco avaro:
Mas pera que o deſejo accenda e dobre,
Lhe põe diante aquelle objecto raro.
Já ſe ſentem no Ceo, por toda a parte,
Ciumes em Vulcano, amor em Marte.

XXXVIII

E moſtrando no angelico ſembrante,
C'o riſo ũa triſteza miſturada,
Como dama, que foi do incauto amante
Em brincos amoroſos maltratada,
Que ſe queixa, e ſe ri num meſmo inſtante,
E ſe torna entre alegre magoada;
D'eſt'arte a deoſa, a quem nenhũa eguala,
Mais mimoſa que triſte ao Padre falla.

XXXIX

Sempre eu cuidei, ó Padre poderoſo,
Que pera as couſas, que eu do peito amaſſe,
Te achaſſe brando, affabil e amoroſo,
Poſtoque a algum contrario lhe peſaſſe;
Mas pois que contra mi te vejo iroſo,
Sem que t'o mereceſſe, nem te erraſſe,
Faça-ſe como Baccho determina;
Aſſentarei em fim que fui moſina.

XL

Eſte povo, que é meu, por quem derramo
As lagrimas, que em vão caidas vejo,
Que aſſaz de mal lhe quero, pois que o amo,
Sendo tu tanto contra meu deſejo;
Por elle a ti rogando, choro e bramo,
E contra minha dita em fim pelejo.
Ora pois, porque o amo é maltratado,
Quero-lhe querer mal, ſerá guardado.

XLI

Mas moura em fim nas mãos das brutas gentes,
Que pois eu fui... E niſto, de mimoſa,
O roſto banha em lagrimas ardentes,
Como c'o orvalho fica a freſca roſa;
Calada um pouco, como ſe entre os dentes
Se lhe impedira a falla piedoſa,
Torna a ſeguil-a; e indo por diante,
Lhe atalha o poderoſo e grão Tonante:

XLII

E d'eſtas brandas moſtras commovido,
Que moveram de um tigre o peito duro,
C'o vulto alegre, qual do ceo ſubido,
Torna ſereno e claro o ar eſcuro,
As lagrimas lhe alimpa, e accendido
Na face a beija, e abraça o collo puro;
De modo que d'ali, ſe ſó ſe achara,
Outro novo Cupido ſe gerara.

XLIII

E c'o ſeu apertando o roſto amado,
Que os ſaluços e lagrimas augmenta,
Como menino da ama caſtigado,
Que quem no affaga, o choro lhe acreſcenta,
Por lhe pôr em ſocego o peito irado,
Muitos caſos futuros lhe apreſenta;
Dos fados as entranhas revolvendo,
D'eſta maneira em fim lhe eſtá dizendo:

XLIV

Fermoſa filha minha, não temaes
Perigo algum nos voſſos Luſitanos;
Nem que ninguem commigo poſſa mais,
Que eſſes choroſos olhos ſoberanos:
Que eu vos prometto, filha, que vejaes
Eſquecerem-ſe Gregos e Romanos,
Pelos illuſtres feitos, que eſta gente
Ha de fazer nas partes do Oriente.

XLV

Que ſe o facundo Ulyſſes eſcapou
De ſer na Ogygia ilha eterno eſcravo;
E ſe Antenor os ſeios penetrou
Illyricos, e a fonte de Timavo;
E ſe o piadoſo Eneas navegou
De Scylla e de Charybdis o mar bravo;
Os voſſos, mores couſas attentando,
Novos mundos ao mundo irão moſtrando.

XLVI

Fortalezas, cidades e altos muros
Por elles vereis, filha, edificados;
Os Turcos bellaciſſimos e duros,
D'elles ſempre vereis desbaratados;
Os Reis da India, livres e ſeguros,
Vereis ao Rei potente ſojugados:
E por elles, de tudo em fim ſenhores,
Serão dadas na terra leis melhores.

XLVII

Vereis eſte, que agora preſſuroſo
Por tantos medos o Indo vae buſcando,
Tremer d'elle Neptuno, de medroſo,
Sem vento ſuas aguas encreſpando.
Oh caſo nunca viſto e milagroſo,
Que trema e ferva o mar, em calma eſtando!
Oh gente forte e de altos penſamentos,
Que tambem d'ella hão medo os elementos!

XLVIII

Vereis a terra, que a agua lhe tolhia,
Que inda ha de ſer um porto mui decente,
Em que vão deſcanſar da longa via
As naos que navegarem do Occidente.
Toda eſta coſta em fim, que agora urdia
O mortifero engano, obediente
Lhe pagará tributos, conhecendo
Não poder reſiſtir ao Luſo horrendo.

XLIX

E vereis o mar Roxo tão famoſo
Tornar-ſe-lhe amarello de infiado;
Vereis de Ormuz o reino poderoſo
Duas vezes tomado e ſojugado;
Ali vereis o Mouro furioſo
De ſuas meſmas ſettas traſpaſſado;
Que quem vae contra os voſſos, claro veja,
Que ſe reſiſte, contra ſi peleja.

L

Vereis a inexpugnabil Dio forte,
Que dous cercos terá, dos voſſos ſendo;
Ali ſe moſtrará ſeu preço e ſorte,
Feitos de armas grandiſſimos fazendo;
Invejoſo vereis o grão Mavorte
Do peito Luſitano fero e horrendo.
Do Mouro ali verão, que a voz extrema
Do falſo Mahamede ao Ceo blaſphema.

LI

Goa vereis aos Mouros ſer tomada,
A qual virá deſpois a ſer ſenhora
De todo o Oriente, e ſublimada
C'os triumphos da gente vencedora:
Ali ſoberba, altiva e exalçada,
Ao gentio, que os idolos adora,
Duro freio porá, e a toda a terra
Que cuidar de fazer aos voſſos guerra.

LII

Vereis a fortaleza ſuſtentar-ſe
De Cananor, com pouca força e gente;
E vereis Calecut desbaratar-ſe,
Cidade populoſa, e tão potente;
E vereis em Cochim aſſignalar-ſe
Tanto um peito ſoberbo e inſolente,
Que cithara jámais cantou victoria,
Que aſſi mereça eterno nome e gloria.

LIII

Nunca com Marte inſtructo e furioſo,
Se vio ferver Leucate, quando Auguſto
Nas civis Actias guerras animoſo,
O capitão venceo Romano injuſto,
Que dos povos da Aurora, e do famoſo
Nilo, e do Bactra Scythico, e robuſto,
A victoria trazia e preſa rica,
Preſo da Egypcia linda e não pudica.

LIV

Como vereis o mar fervendo acceſo
C'o incendio dos voſſos pelejando,
Levando o Idolatra e o Mouro preſo,
De nações differentes triumphando.
E ſujeita a rica Aurea-Cherſoneſo,
Até o longinquo China navegando,
E as ilhas mais remotas do Oriente,
Ser-lhe-ha todo o Oceano obediente.

LV

De modo, filha minha, que de geito
Amoſtrarão esforço mais que humano,
Que nunca ſe verá tão forte peito,
Do Gangetico mar ao Gaditano;
Nem das boreaes ondas ao Eſtreito,
Que moſtrou o aggravado Luſitano;
Poſtoque em todo o mundo, de affrontados,
Reſuſcitaſſem todos os paſſados.

LVI

Como iſto diſſe, manda o conſagrado
Filho de Maia á terra, porque tenha
Um pacifico porto e ſocegado,
Pera onde ſem receio a frota venha;
E pera que em Mombaça aventurado
O forte Capitão ſe não detenha,
Lhe manda mais, que em ſonhos lhe moſtraſſe
A terra, onde quieto repouſaſſe.

LVII

Já pelo ar o Cylleneo voava;
Com as azas nos pés á terra dece;
Sua vara fatal na mão levava,
Com que os olhos canſados adormece:
Com eſta, as triſtes almas revocava
Do inferno, e o vento lhe obedece:
Na cabeça o galero coſtumado;
E d'eſt'arte a Melinde foi chegado.

LVIII

Comſigo a Fama leva, porque diga
Do Luſitano o preço grande e raro;
Que o nome illuſtre a um certo amor obriga,
E faz a quem o tem amado e caro.
D'eſt'arte vae fazendo a gente amiga,
C'o rumor famoſiſſimo e preclaro:
De Melinde em deſejos arde todo
De ver da gente forte o geſto e modo.

LIX

D'ali pera Mombaça logo parte,
Aonde as naos eſtavam temeroſas,
Pera que á gente mande que ſe aparte
Da barra imiga e terras ſuſpeitoſas:
Porque mui pouco val esforço e arte
Contra infernaes vontades enganoſas:
Pouco val coração, aſtucia e ſiſo,
Se lá dos Ceos não vem celeſte aviſo.

LX

Meio caminho a noite tinha andado,
E as eſtrellas no ceo co'a luz alheia
Tinham o largo mundo alumiado,
E ſó c'o ſomno a gente ſe recreia.
O Capitão illuſtre, já canſado
De vigiar a noite, que arreceia,
Breve repouſo antão aos olhos dava;
A outra gente a quartos vigiava;

LXI

Quando Mercurio em ſonhos lhe apparece,
Dizendo: Fuge, fuge, Luſitano,
Da cilada que o Rei malvado tece,
Por te trazer ao fim e extremo damno;
Fuge, que o vento e o Ceo te favorece;
Sereno o tempo tens, e o Oceano,
E outro Rei mais amigo, noutra parte,
Onde pódes ſeguro agaſalhar-te.

LXII

Não tens aqui ſenão apparelhado
O hospicio, que o cru Diomedes dava,
Fazendo ſer manjar acoſtumado
De cavallos a gente que hoſpedava,
As aras de Buſiris infamado,
Onde os hoſpedes triſtes immolava,
Terás certas aqui, ſe muito eſperas:
Fuge das gentes perfidas e feras.

LXIII

Vae-te ao longo da coſta diſcorrendo,
E outra terra acharás de mais verdade,
Lá quaſi junto d'onde o ſol ardendo
Eguala o dia e noite em quantidade;
Ali, tua frota alegre recebendo,
Um Rei, com muitas obras de amizade,
Gaſalhado ſeguro te daria,
E pera a India certa e ſabia guia.

LXIV

Iſto Mercurio diſſe, e o ſomno leva
Ao Capitão, que com mui grande eſpanto
Acorda, e vê ferida a eſcura treva
D'ũa ſubita luz e raio ſancto.
E vendo claro quanto lhe releva
Não ſe deter na terra iniqua tanto,
Com novo eſprito ao meſtre ſeu mandava,
Que as velas déſſe ao vento que aſſoprava.

LXV

Dae velas, diſſe, dae ao largo vento,
Que o Ceo nos favorece, e Deos o manda;
Que um menſageiro vi do claro aſſento,
Que ſó em favor de noſſos paſſos anda.
Alevanta-ſe niſto o movimento
Dos marinheiros; d'ũa e de outra banda
Levam, gritando, as ancoras acima,
Moſtrando a ruda força, que ſe eſtima.

LXVI

Neſte tempo, que as ancoras levavam,
Na ſombra eſcura os Mouros eſcondidos
Manſamente as amarras lhe cortavam,
Por ſerem, dando á coſta, deſtruidos;
Mas com viſta de linces vigiavam
Os Portuguezes ſempre apercebidos:
Elles como acordados os ſentiram,
Voando, e não remando, lhe fugiram.

LXVII

Mas já as agudas proas apartando
Iam as vias humidas de argento;
Aſſopra-lhe galerno o vento e brando,
Com ſuave e ſeguro movimento:
Nos perigos paſſados vão fallando;
Que mal ſe perderão do penſamento
Os caſos grandes, d'onde em tanto aperto
A vida em ſalvo eſcapa por acerto.

LXVIII

Tinha ũa volta dado o ſol ardente,
E noutra começava, quando viram
Ao longe dous navios, brandamente
C'os ventos navegando, que reſpiram;
Porque haviam de ſer da Maura gente,
Pera elles arribando as velas viram:
Um de temor do mal que arreceava,
Por ſe ſalvar a gente, á coſta dava.

LXIX

Não é o outro que fica tão manhoſo;
Mas nas mãos vae cair do Luſitano,
Sem o rigor de Marte furioſo,
E ſem a furia horrenda de Vulcano;
Que como foſſe debil e medroſo
Da pouca gente o fraco peito humano,
Não teve reſiſtencia; e ſe a tivera,
Mais damno, reſiſtindo, recebera.

LXX

E como o Gama muito deſejaſſe
Piloto pera a India que buſcava,
Cuidou que entre eſtes Mouros o tomaſſe;
Mas não lhe ſuccedeu como cuidava,
Que nenhum d'elles ha que lhe enſinaſſe,
A que parte dos ceos a India eſtava:
Porém dizem-lhe todos, que tem perto
Melinde, onde acharão piloto certo.

LXXI

Louvam do Rei os Mouros a bondade,
Condição liberal, ſincero peito,
Magnificencia grande e humanidade,
Com partes de grandiſſimo reſpeito.
O capitão o aſſella por verdade,
Porque já lh'o diſſera, d'eſte geito,
O Cylleneo em ſonhos; e partia
Pera onde o ſonho e o Mouro lhe dizia.

LXXII

Era no tempo alegre, quando entrava
No roubador de Europa a luz phebeia;
Quando um e o outro corno lhe aquentava,
E Flora derramava o de Amaltheia:
A memoria do dia renovava
O preſſuroſo Sol que o Ceo rodeia,
Em que aquelle, a quem tudo eſtá ſujeito,
O ſêllo pôz a quanto tinha feito:

LXXIII

Quando chegava a frota áquella parte,
Onde o reino Melinde já ſe via,
De toldos adornada, e leda de arte,
Que bem moſtra eſtimar o ſancto dia.
Treme a bandeira, voa o eſtandarte,
A côr purpurea ao longe apparecia;
Soam os atambores, e pandeiros:
E aſſi entravam ledos e guerreiros.

LXXIV

Enche-ſe toda a praia melindana
De gente, que vem ver a leda armada;
Gente mais verdadeira e mais humana,
Que toda a d'outra terra atraz deixada.
Surge diante a frota Luſitana:
Péga no fundo a ancora peſada;
Mandam fóra um dos Mouros que tomaram,
Por quem ſua vinda ao Rei manifeſtaram.

LXXV

O Rei que já ſabia da nobreza,
Que tanto os Portuguezes engrandece,
Tomarem o ſeu porto tanto preza,
Quanto a gente fortiſſima merece;
E com verdadeiro animo e pureza,
Que os peitos generoſos ennobrece,
Lhe manda rogar muito, que ſaiſſem,
Pera que de ſeus reinos ſe ſerviſſem.

LXXVI

São offerecimentos verdadeiros,
E palavras ſinceras, não dobradas,
As que o Rei manda aos nobres cavalleiros,
Que tanto mar e terras tem paſſadas.
Manda-lhe mais lanigeros carneiros,
E gallinhas domeſticas cevadas,
Com as fructas que antão na terra havia:
E a vontade á dadiva excedia.

LXXVII

Recebe o Capitão alegremente
O menſageiro ledo, e ſeu recado;
E logo manda ao Rei outro preſente,
Que de longe trazia apparelhado:
Eſcarlata purpurea, côr ardente,
O ramoſo coral, fino e prezado,
Que debaixo das aguas molle crece,
E como é fóra d'ellas, ſe endurece.

LXXVIII

Manda mais um na pratica elegante,
Que c'o Rei nobre as pazes concertaſſe;
E que de não ſair naquelle inſtante
De ſuas naos em terra o deſculpaſſe.
Partido aſſi o embaixador preſtante,
Como na terra ao Rei ſe apreſentaſſe,
Com eſtylo, que Pallas lhe enſinava,
Eſtas palavras taes fallando orava:

LXXIX

Sublime Rei, a quem do Olympo puro
Foi da Summa Juſtiça concedido
Refrear o ſoberbo povo duro,
Não menos d'elle amado que temido;
Como porto mui forte e mui ſeguro,
De todo o Oriente conhecido,
Te vimos a buſcar, pera que achemos
Em ti o remedio certo que queremos.

LXXX

Não ſomos roubadores, que paſſando
Pelas fracas cidades deſcuidadas,
A ferro e a fogo, as gentes vão matando,
Por roubar-lhe as fazendas cobiçadas:
Mas da ſoberba Europa navegando,
Imos buſcando as terras apartadas
Da India grande e rica, por mandado
De um Rei que temos, alto e ſublimado.

LXXXI

Que geração tão dura ha hi de gente,
Que barbaro coſtume e uſança feia,
Que não vedem os portos tão ſomente,
Mas inda o hoſpicio da deſerta areia?
Que má tenção, que peito em nós ſe ſente,
Que de tão pouca gente ſe arreceia,
Que com laços armados tão fingidos,
Nos ordenaſſem ver-nos deſtruidos?

LXXXII

Mas tu, em quem mui certo confiâmos
Achar-ſe mais verdade, ó Rei benigno,
E aquella certa ajuda em ti eſperâmos,
Que teve o perdido Ithaco em Alcino;
A teu porto ſeguros navegâmos,
Conduzidos do Interprete divino:
Que pois a ti nos manda, eſtá mui claro,
Que és de peito ſincero, humano e raro.

LXXXIII

E não cuides, ó Rei, que não ſaiſſe
O noſſo Capitão eſclarecido
A ver-te, ou a ſervir-te, porque viſſe,
Ou ſuſpeitaſſe em ti peito fingido:
Mas ſaberás que o fez, porque cumpriſſe
O regimento em tudo obedecido
De ſeu Rei, que lhe manda que não ſaia,
Deixando a frota em nenhum porto ou praia.

LXXXIV

E porque é de vaſſallos o exercicio,
Que os membros tem regidos da cabeça,
Não quererás, pois tens de Rei o officio,
Que ninguem a ſeu Rei deſobedeça;
Mas as mercês e o grande beneficio,
Que ora acha em ti, promette que conheça,
Em tudo aquillo que elle e os ſeus perderem,
Em quanto os rios pera o mar correrem.

LXXXV

Aſſi dizia; e todos juntamente,
Uns com outros em pratica fallando,
Louvavam muito o eſtamago da gente,
Que tantos ceos e mares vae paſſando:
E o Rei illuſtre, o peito obediente
Dos Portuguezes na alma imaginando,
Tinha por valor grande e mui ſubido
O do Rei, que é tão longe obedecido.

LXXXVI

E com riſonha viſta e ledo aſpeito,
Responde ao embaixador que tanto eſtima:
Toda a ſuſpeita má tirae do peito,
Nenhum frio temor em vós ſe imprima:
Que voſſo preço e obras ſão de geito,
Pera vos ter o mundo em muita eſtima;
E quem vos fez moleſto tratamento,
Não póde ter ſubido penſamento.

LXXXVII

De não ſair em terra toda a gente,
Por obſervar a uſada preminencia,
Ainda que me peſe extranhamente,
Em muito tenho a muita obediencia:
Mas ſe lh'o o regimento não conſente,
Nem eu conſentirei, que a excellencia
De peitos tão leaes em ſi desfaça,
Só porque a meu deſejo ſatisfaça.

LXXXVIII

Porém, como a luz craſtina chegada
Ao mundo fôr, em minhas almadias
Eu irei viſitar a forte armada,
Que ver tanto deſejo ha tantos dias:
E ſe vier do mar desbaratada,
Do furioſo vento, e longas vias,
Aqui terá, de limpos penſamentos,
Piloto, munições e mantimentos.

LXXXIX

Iſto diſſe; e nas aguas ſe eſcondia
O filho de Latona; e o menſageiro
Co'a embaixada alegre ſe partia
Pera a frota no ſeu batel ligeiro.
Enchem-ſe os peitos todos de alegria,
Por terem o remedio verdadeiro
Pera acharem a terra, que buſcavam;
E aſſi ledos a noite feſtejavam.

XC

Não faltam ali os raios de arteficio,
Os tremulos cometas imitando:
Fazem os bombardeiros ſeu officio,
O ceo, a terra e as ondas atroando.
Moſtra-ſe dos Cyclopas o exercicio
Nas bombas que de fogo eſtão queimando;
Outros com vozes, com que o ceo feriam,
Inſtrumentos altiſonos tangiam.

XCI

Reſpondem-lhe da terra juntamente,
C'o raio volteando, com zonido;
Anda em gyros no ar a roda ardente;
Eſtoura o pó ſulfureo eſcondido.
A grita ſe alevanta ao ceo, da gente;
O mar ſe via em fogos accendido,
E não menos a terra; e aſſim feſteja
Um ao outro, á maneira de peleja.

XCII

Mas já o ceo inquieto revolvendo,
As gentes incitava a ſeu trabalho:
E já a mãe de Memnon a luz trazendo,
Ao ſomno longo punha certo atalho;
Iam-ſe as ſombras lentas desfazendo,
Sobre as flores da terra em frio orvalho,
Quando o Rei melindano ſe embarcava
A ver a frota, que no mar eſtava.

XCIII

Viam-ſe em derredor ferver as praias
Da gente, que a ver ſó concorre leda;
Luzem da fina purpura as cabaias,
Luſtram os pannos da tecida ſeda;
Em lugar de guerreiras azagaias,
E do arco, que os cornos arremeda
Da Lũa, trazem ramos de palmeira,
Dos que vencem, coroa verdadeira.

XCIV

Um batel grande e largo, que toldado
Vinha de ſedas de diverſas cores,
Traz o Rei de Melinde, acompanhado
De nobres de ſeu reino e de ſenhores.
Vem de ricos veſtidos adornado,
Segundo ſeus coſtumes e primores;
Na cabeça ũa fota guarnecida,
De ouro e de ſeda, e de algodão tecida.

XCV

Cabaia de damaſco rico e digno,
Da Tyria côr, entre elles eſtimada;
Um collar ao peſcoço, de ouro fino,
Onde a materia da obra é ſuperada;
C'um reſplandor reluze adamantino,
Na cinta, a rica adaga bem lavrada;
Nas alparcas dos pés, em fim de tudo,
Cobrem ouro e aljofar ao velludo.

XCVI

Com um redondo emparo alto de ſeda,
Nũa alta e dourada haſtea enxerido,
Um miniſtro á ſolar quentura veda
Que não offenda e queime o Rei ſubido.
Muſica traz na proa, extranha e leda,
De aſpero ſom, horriſſimo ao ouvido,
De trombetas arcadas em redondo,
Que ſem concerto fazem rudo eſtrondo.

XCVII

Não menos guarnecido o Luſitano,
Nos ſeus bateis da frota ſe partia
A receber no mar o Melindano,
Com luſtroſa e honrada companhia.
Veſtido o Gama vem ao modo Hiſpano;
Mas Franceza era a roupa que veſtia,
De ſetim da Adriatica Veneza
Carmeſi, côr que a gente tanto preza;

XCVIII

De botões d'ouro as mangas vem tomadas,
Onde o Sol reluzindo a viſta cega;
As calças ſoldadeſcas recamadas
Do metal, que fortuna a tantos nega;
E com pontas do meſmo delicadas,
Os golpes do gibão ajunta e achega;
Ao Italico modo a aurea eſpada;
Pruma na gorra, um pouco declinada.

XCIX

Nos de ſua companhia ſe moſtrava,
Da tinta, que dá o murice excellente,
A varia côr que os olhos alegrava,
E a maneira do trajo differente:
Tal o fermoſo eſmalte ſe notava
Dos veſtidos olhados juntamente,
Qual apparece o arco rutilante
Da bella nympha, filha de Thaumante.

C

Sonoroſas trombetas incitavam
Os animos alegres, reſoando;
Dos Mouros os bateis o mar coalhavam,
Os toldos pelas aguas arrojando;
As bombardas horriſonas bramavam,
Com as nuvens de fumo o Sol tomando;
Amiudam-ſe os brados accendidos,
Tapam co'as mãos os Mouros os ouvidos.

CI

Já no batel entrou do Capitão
O Rei, que nos ſeus braços o levava:
Elle co'a cortezia, que a razão
(Por ſer Rei) requeria, lhe fallava.
C'ũas moſtras de eſpanto e admiração,
O Mouro o geſto e o modo lhe notava,
Como quem em mui grande eſtima tinha
Gente, que de tão longe á India vinha.

CII

E com grandes palavras lhe offerece
Tudo o que de ſeus reinos lhe cumpriſſe,
E que ſe mantimento lhe fallece,
Como ſe proprio foſſe lh'o pediſſe:
Diz-lhe mais, que por fama bem conhece
A gente Luſitana ſem que a viſſe:
Que já ouvio dizer, que noutra terra
Com gente de ſua lei tiveſſe guerra.

CIII

E como por toda a Africa ſe ſoa,
Lhe diz os grandes feitos que fizeram,
Quando nella ganharam a corôa
Do reino, onde as Heſperidas viveram:
E com muitas palavras apregoa
O menos, que os de Luſo mereceram,
E o mais, que pela fama o Rei ſabia;
Mas d'eſta ſorte o Gama reſpondia:

CIV

Ó tu, que ſó tiveſte piedade,
Rei benigno, da gente Luſitana,
Que com tanta miſeria e adverſidade
Dos mares exp'rimenta a furia inſana;
Aquella alta e divina Eternidade,
Que o Ceo revolve, e rege a gente humana,
Pois que de ti taes obras recebemos,
Te pague o que nós outros não podemos.

CV

Tu ſó, de todos quantos queima Apollo,
Nos recebes em paz, do mar profundo;
Em ti, dos ventos horridos de Eolo,
Refugio achâmos bom, fido e jocundo.
Em quanto apaſcentar o largo polo
As eſtrellas, e o Sol der lume ao mundo,
Onde quer que eu viver, com fama e gloria
Viverão teus louvores em memoria.

CVI

Iſto dizendo, os barcos vão remando
Para a frota, que o Mouro ver deſeja;
Vão as naos ũa e ũa rodeando,
Porque de todas tudo note e veja:
Mas pera o ceo Vulcano fuzilando,
A frota co'as bombardas o feſteja,
E as trombetas canoras lhe tangiam;
C'os anafis os Mouros reſpondiam.

CVII

Mas depois de ſer tudo já notado
Do generoſo Mouro, que paſmava,
Ouvindo o inſtrumento inuſitado,
Que tamanho terror em ſi moſtrava;
Mandava eſtar quieto e ancorado
Nagua o batel ligeiro, que os levava,
Por fallar de vagar c'o forte Gama
Nas couſas de que tem noticia e fama.

CVIII

Em praticas o Mouro differentes
Se deleitava, perguntando agora
Pelas guerras famoſas e excellentes
C'o povo havidas, que a Mafoma adora:
Agora lhe pergunta pelas gentes
De toda a Heſperia ultima, onde mora;
Agora pelos povos ſeus vizinhos;
Agora pelos humidos caminhos.

CIX

Mas antes, valeroſo Capitão,
Nos conta, lhe dizia, diligente
Da terra tua o clima, e região
Do mundo onde moraes, diſtinctamente;
E aſſi de voſſa antiga geração,
E o principio do reino tão potente,
C'os ſucceſſos das guerras do começo,
Que, ſem ſabel-as, ſei que ſão de preço;

CX

E aſſi tambem nos conta dos rodeios
Longos, em que te traz o mar irado,
Vendo os coſtumes barbaros, alheios,
Que a noſſa Africa ruda tem creado.
Conta; que agora vem c'os aureos freios
Os cavallos, que o carro marchetado
Do novo ſol, da fria Aurora trazem;
O vento dorme, o mar e as ondas jazem.

CXI

E não menos c'o tempo ſe parece
O deſejo de ouvir-te o que contares;
Que quem ha, que por fama não conhece
As obras portuguezas ſingulares?
Não tanto deſviado reſplandece
De nós o claro Sol, pera julgares
Que os Melindanos tem tão rudo peito,
Que não eſtimem muito um grande feito.

CXII

Commetteram ſoberbos os Gigantes
Com guerra vã o Olympo claro e puro;
Tentou Pirithoo e Theſeo, de ignorantes,
O reino de Plutão horrendo e eſcuro:
Se houve feitos no mundo tão poſſantes,
Não menos é trabalho illuſtre e duro,
Quanto foi commetter inferno, e ceo,
Que outrem commetta a furia de Nereo.

CXIII

Queimou o ſagrado templo de Diana,
Do ſubtil Cteſiphonio fabricado,
Heroſtrato, por ſer da gente humana
Conhecido no mundo e nomeado:
Se tambem com taes obras nos engana
O deſejo de um nome aventajado,
Mais razão ha, que queira eterna gloria,
Quem faz obras tão dignas de memoria.

OS LUSIADAS

Canto Terceiro

Canto Terceiro

I

AGORA tu, Calliope, me enſina
O que contou ao Rei o illuſtre Gama;
Inſpira immortal canto e voz divina
Neſte peito mortal que tanto te ama.
Aſſi o claro inventor da medicina,
De quem Orpheo pariſte, ó linda dama,
Nunca por Daphne, Clycie, ou Leucothoe,
Te negue o amor devido, como ſoe.

II

Põe tu, Nympha, em effeito meu deſejo,
Como merece a gente Luſitana;
Que veja e ſaiba o mundo, que do Tejo
O licor de Aganippe corre e mana.
Deixa as flores do Pindo, que já vejo
Banhar-me Apollo na agua ſoberana;
Senão direi que tens algum receio,
Que ſe eſcureça o teu querido Orpheio.

III

Promptos eſtavam todos eſcuitando
O que o ſublime Gama contaria;
Quando, deſpois de um pouco eſtar cuidando,
Alevantando o roſto, aſſi dizia:
Mandas-me, ó Rei, que conte declarando
Da minha gente a grão genealogia!
Não me mandas contar extranha hiſtoria,
Mas mandas-me louvar dos meus a gloria.

IV

Que outrem poſſa louvar esforço alheio,
Couſa é que ſe coſtuma e ſe deſeja;
Mas louvar os meus proprios, arreceio
Que louvor tão ſuſpeito mal me eſteja;
E pera dizer tudo, temo e creio
Que qualquer longo tempo curto ſeja;
Mas pois o mandas, tudo ſe te deve;
Irei contra o que devo, e ſerei breve.

V

Alem diſſo, o que a tudo em fim me obriga,
É não poder mentir no que diſſer,
Porque de feitos taes, por mais que diga,
Mais me ha de ficar inda por dizer;
Mas, porque niſto a ordem leve e ſiga,
Segundo o que deſejas de ſaber,
Primeiro tratarei da larga terra,
Deſpois direi da ſanguinoſa guerra.

VI

Entre a zona, que o Cancro ſenhoreia,
Meta ſeptentrional do Sol luzente,
E aquella, que por fria ſe arreceia
Tanto, como a do meio por ardente,
Jaz a ſoberba Europa, a quem rodeia,
Pela parte do Arcturo e do Occidente,
Com ſuas ſalſas ondas o Oceano,
E pela Auſtral, o mar Mediterrano.

VII

Da parte d'onde o dia vem naſcendo,
Com Aſia ſe avizinha; mas o rio,
Que dos montes Rhipheios vae correndo
Na alagoa Meotis, curvo e frio,
As divide, e o mar, que fero e horrendo
Vio dos Gregos o irado ſenhorio,
Onde agora de Troia triumphante
Não vê mais que a memoria o navegante.

VIII

Lá onde mais debaixo eſtá do polo,
Os montes Hyperboreos apparecem,
E aquelles onde ſempre ſopra Eolo,
E c'o nome dos ſopros ſe ennobrecem:
Aqui tão pouca força tem de Apollo
Os raios, que no mundo reſplandecem,
Que a neve eſtá contino pelos montes,
Gelado o mar, geladas ſempre as fontes.

IX

Aqui dos Scythas grande quantidade
Vivem, que antigamente grande guerra
Tiveram ſobre a humana antiguidade
C'os que tinham antão a Egypcia terra;
Mas quem tão fóra eſtava da verdade,
(Já que o juizo humano tanto erra),
Pera que do mais certo ſe informara,
Ao campo Damaſceno o perguntara.

X

Agora neſtas partes ſe nomeia
A Lappia fria, a inculta Noruega;
Eſcandinavia ilha, que ſe arreia
Das victorias, que Italia não lhe nega.
Aqui, em quanto as aguas não refreia
O congelado inverno, ſe navega
Um braço do Sarmatico Oceano,
Pelo Bruſio, Suecio e frio Dano.

XI

Entre eſte mar e o Tanais vive extranha
Gente, Ruthenos, Moſcos e Livonios,
Sarmatas outro tempo; e na montanha
Hercynia, os Marcomanos ſão Polonios.
Sujeitos ao imperio de Allemanha
São Saxones, Bohemios e Pannonios,
E outras varias nações que o Rheno frio
Lava, e o Danubio, Amaſis e Albis rio.

XII

Entre o remoto Iſtro e o claro eſtreito,
Aonde Helle deixou c'o nome a vida,
Eſtão os Thraces de robuſto peito,
Do fero Marte patria tão querida,
Onde c'o Hemo, o Rhodope ſujeito
Ao Othomano eſtá, que ſumettida
Byzancio tem a ſeu ſerviço indigno;
Boa injuria do grande Conſtantino!

XIII

Logo de Macedonia eſtão as gentes,
A quem lava do Axio a agua fria;
E vós tambem, ó terras excellentes
Nos coſtumes, engenhos e ouſadia,
Que creaſtes os peitos eloquentes.
E os juizos da alta phantaſia,
Com quem tu, clara Grecia, o ceo penetras,
E não menos por armas, que por letras.

XIV

Logo os Dalmatas vivem; e no ſeio,
Onde Antenor já muros levantou,
A ſoberba Veneza eſtá no meio
Das aguas, que tão baixa começou.
Da terra um braço vem ao mar, que, cheio
De esforço, nações varias ſujeitou;
Braço forte de gente ſublimada.
Não menos nos engenhos, que na eſpada!

XV

Em torno o cerca o Reino Neptunino,
C'os muros naturaes por outra parte;
Pelo meio o divide o Apennino,
Que tão illuſtre fez o patrio Marte;
Mas deſpois que o porteiro tem divino,
Perdendo o esforço veio e bellica arte;
Pobre eſtá já da antiga poteſtade:
Tanto Deos ſe contenta da humildade!

XVI

Gallia ali ſe verá, que nomeada
C'os ceſareos triumphos foi no mundo,
Que do Sequana e Rhodano é regada,
E do Garumna frio e Rheno fundo;
Logo os montes da Nympha ſepultada,
Pyrene, ſe alevantam, que, ſegundo
Antiguidades contam, quando arderam,
Rios de ouro e de prata então correram.

XVII

Eis-aqui ſe deſcobre a nobre Heſpanha,
Como cabeça ali da Europa toda,
Em cujo ſenhorio, e gloria extranha
Muitas voltas tem dado a fatal roda;
Mas nunca poderá, com força ou manha,
A fortuna inquieta pôr-lhe noda,
Que lh'a não tire o esforço e ouſadia
Dos bellicoſos peitos, que em ſi cria.

XVIII

Com Tingitania enteſta, e ali parece
Que quer fechar o mar Mediterrano,
Onde o ſabido Eſtreito ſe ennobrece
C'o extremo trabalho do Thebano.
Com nações differentes ſe engrandece,
Cercadas com as ondas do Oceano,
Todas de tal nobreza e tal valor,
Que qualquer d'ellas cuida que é melhor.

XIX

Tem o Tarragonez, que ſe fez claro
Sujeitando Parthenope inquieta;
O Navarro, as Aſturias, que reparo
Já foram contra a gente Mahometa;
Tem o Gallego cauto, e o grande e raro
Caſtelhano, a quem fez o ſeu planeta
Reſtituidor de Heſpanha e ſenhor d'ella,
Betis, Leão, Granada, com Caſtella.

XX

Eis-aqui, quaſi cume da cabeça
De Europa toda, o reino Luſitano,
Onde a terra ſe acaba e o mar começa,
E onde Phebo repouſa no Oceano.
Eſte quiz o Ceo juſto, que floreça
Nas armas contra o torpe Mauritano,
Deitando-o de ſi fóra; e lá na ardente
Africa eſtar quieto o não conſente.

XXI

Eſta é a ditoſa patria minha amada;
Á qual ſe o Ceo me dá, que eu ſem perigo
Torne, com eſta empreſa já acabada,
Acabe-ſe eſta luz ali commigo.
Eſta foi Luſitania, derivada
De Luſo, ou Lyſa, que de Baccho antigo
Filhos foram, parece, ou companheiros,
E nella antão os incolas primeiros.

XXII

D'eſta o Paſtor naſceo, que no ſeu nome
Se vê que de homem forte os feitos teve;
Cuja fama ninguem virá que dome,
Pois a grande de Roma não ſe atreve.
Eſta, o velho que os filhos proprios come,
Por decreto do Ceo, ligeiro e leve,
Veio a fazer no mundo tanta parte,
Creando-a reino illuſtre; e foi d'eſt'arte.

XXIII

Um Rei, por nome Affonſo, foi na Heſpanha,
Que fez aos Sarracenos tanta guerra,
Que por armas ſanguinas, força e manha,
A muitos fez perder a vida e a terra.
Voando d'eſte Rei a fama extranha,
Do Herculano Calpe á Caſpia ſerra,
Muitos, pera na guerra eſclarecer-ſe,
Vinham a elle e á morte offerecer-ſe.

XXIV

E c'um amor intrinſeco accendidos
Da Fé, mais que das honras populares,
Eram de varias terras conduzidos,
Deixando a patria amada e proprios lares.
Deſpois que em feitos altos e ſubidos
Se moſtraram nas armas ſingulares,
Quiz o famoſo Affonſo, que obras taes
Levaſſem premio digno e dões eguaes.

XXV

D'eſtes Anrique, dizem que ſegundo
Filho de um Rei de Hungria exp'rimentado,
Portugal houve em ſorte, que no mundo
Então não era illuſtre nem prezado;
E pera mais ſignal d'amor profundo,
Quiz o rei Caſtelhano, que caſado
Com Tereſa, ſua filha, o Conde foſſe;
E com ella das terras tomou poſſe.

XXVI

Eſte, deſpois que contra os deſcendentes
Da eſcrava Agar victorias grandes teve,
Ganhando muitas terras adjacentes,
Fazendo o que a ſeu forte peito deve;
Em premio d'eſtes feitos excellentes,
Deo-lhe o supremo Deus em tempo breve
Um filho, que illuſtraſſe o nome ufano
Do bellicoſo reino Luſitano.

XXVII

Já tinha vindo Anrique da conquiſta
Da cidade Hieroſolyma ſagrada,
E do Jordão a areia tinha viſta,
Que vio de Deos a carne em ſi lavada;
Que não tendo Gothfredo a quem reſiſta,
Deſpois de ter Judea ſojugada,
Muitos que neſtas guerras o ajudaram,
Pera ſeus ſenhorios ſe tornaram.

XXVIII

Quando chegado ao fim da ſua edade,
O forte e famoſo Hungaro extremado,
Forçado da fatal neceſſidade,
O esp'rito deo a quem lh'o tinha dado.
Ficava o filho em tenra mocidade,
Em quem o pae deixava ſeu traslado,
Que do mundo os mais fortes egualava,
Que de tal pae tal filho ſe eſperava.

XXIX

Mas o velho rumor, não ſei ſe errado,
(Que em tanta antiguidade não ha certeza)
Conta que a mãe, tomando todo o Eſtado,
Do ſegundo hymeneo não ſe deſpreza;
O filho orphão deixava desherdado,
Dizendo, que nas terras a grandeza
Do ſenhorio todo ſó ſua era,
Porque pera caſar ſeu pae lh'as dera.

XXX

Mas o Principe Affonſo (que d'eſt'arte
Se chamava, do avô tomando o nome)
Vendo-ſe em ſuas terras não ter parte,
Que a mãe com ſeu marido as manda e come;
Fervendo-lhe no peito o duro Marte,
Imagina comſigo como as tome:
Revolvidas as cauſas no conceito,
Ao propoſito firme ſegue o effeito.

XXXI

De Guimarães o campo ſe tingia
C'o ſangue proprio da inteſtina guerra,
Onde a mãe, que tão pouco o parecia,
A ſeu filho negava o amor e a terra.
Com elle poſta em campo já ſe via;
E não vê a ſoberba o muito que erra
Contra Deos, contra o maternal amor;
Mas nella o ſenſual era maior.

XXXII

Ó Progne crua! ó magica Medeia!
Se em voſſos proprios filhos vos vingaes
Da maldade dos paes, da culpa alheia,
Olhae que inda Tereſa pecca mais.
Incontinencia má, cobiça feia
São as cauſas d'eſte erro principaes:
Scylla, por ũa, mata o velho pae,
Eſta, por ambas, contra o filho vae.

XXXIII

Mas já o Principe claro o vencimento
Do padraſto e da iniqua mãe levava;
Já lhe obedece a terra num momento,
Que primeiro contra elle pelejava;
Porém, vencido de ira o entendimento,
A mãe em ferros aſperos atava;
Mas de Deos foi vingada em tempo breve:
Tanta veneração aos paes ſe deve!

XXIV

Eis ſe ajunta o ſoberbo Caſtelhano,
Pera vingar a injuria de Tereſa,
Contra o tão raro em gente Luſitano,
A quem nenhum trabalho aggrava ou peſa.
Em batalha cruel o peito humano,
Ajudado da angelica defeſa,
Não ſó contra tal furia ſe ſuſtenta,
Mas o inimigo aſperrimo afugenta.

XXXV

Não paſſa muito tempo, quando o forte
Principe em Guimarães eſtá cercado
De infinito poder, que d'eſta ſorte
Foi refazer-ſe o imigo magoado;
Mas com ſe offerecer á dura morte
O fiel Egas amo, foi livrado;
Que de outra arte podera ſer perdido,
Segundo eſtava mal apercebido.

XXXVI

Mas o leal vaſſallo, conhecendo
Que ſeu ſenhor não tinha reſiſtencia,
Se vae ao Caſtelhano, promettendo
Que elle faria dar-lhe obediencia.
Levanta o inimigo o cerco horrendo,
Fiado na promeſſa e conſciencia
De Egas Moniz; mas não conſente o peito
Do moço illuſtre a outrem ſer ſujeito.

XXXVII

Chegado tinha o prazo promettido,
Em que o Rei Caſtelhano já aguardava,
Que o Principe, a ſeu mando ſumettido,
Lhe déſſe a obediencia que eſperava.
Vendo Egas, que ficava fementido,
O que d'elle Caſtella não cuidava,
Determina de dar a doce vida
A troco da palavra mal cumprida.

XXXVIII

E com ſeus filhos e mulher ſe parte
A alevantar com elles a fiança;
Deſcalços, e deſpidos, de tal arte,
Que mais move a piedade, que a vingança.
Se pretendes, Rei alto, de vingar-te
De minha temeraria confiança,
Dizia, eis-aqui venho offerecido
A te pagar co'a vida o promettido.

XXXIX

Vês aqui trago as vidas innocentes
Dos filhos ſem peccado, e da conſorte;
Se a peitos generoſos e excellentes,
Dos fracos ſatisfaz a fera morte,
Vês aqui as mãos e a lingua delinquentes;
Nellas ſó exp'rimenta toda ſorte
De tormentos, de mortes, pelo eſtylo
De Scinis, e do touro de Perillo.

XL

Qual diante do algoz o condemnado,
Que já na vida a morte tem bebido,
Põe no cepo a garganta, e já entregado
Eſpera pelo golpe tão temido:
Tal diante do Principe indignado,
Egas eſtava a tudo offerecido;
Mas o Rei, vendo a extranha lealdade,
Mais poude em fim, que a ira, a piedade.

XLI

Oh grão fidelidade portugueza
De vaſſallo que a tanto ſe obrigava!
Que mais o Perſa fez naquella empreſa,
Onde roſto e narizes ſe cortava?
Do que ao grande Dario tanto peſa,
Que mil vezes dizendo ſuſpirava,
Que mais o ſeu Zopyro ſão prezara,
Que vinte Babylonias, que tomara.

XLII

Mas já o Principe Affonſo apparelhava
O Luſitano exercito ditoſo
Contra o Mouro, que as terras habitava
D'alem do claro Tejo deleitoſo;
Já no campo de Ourique ſe aſſentava
O arraial ſoberbo e bellicoſo
Defronte do inimigo Sarraceno,
Poſtoque em força e gente tão pequeno.

XLIII

Em nenhũa outra couſa confiado,
Senão no ſummo Deos, que o Ceo regia;
Que tão pouco era o povo bautizado,
Que pera um ſó cem Mouros haveria.
Julga qualquer juizo ſocegado
Por mais temeridade, que ouſadia,
Commetter um tamanho ajuntamento,
Que pera um cavalleiro houveſſe cento.

XLIV

Cinco Reis Mouros ſão os inimigos,
Dos quaes o principal Iſmar ſe chama;
Todos exp'rimentados nos perigos
Da guerra, onde ſe alcança a illuſtre fama.
Seguem guerreiras damas ſeus amigos,
Imitando a fermoſa e forte dama,
De quem tanto os Troianos ſe ajudaram,
E as que o Thermodonte já goſtaram.

XLV

A matutina luz ſerena e fria,
As eſtrellas do polo já apartava,
Quando na Cruz o Filho de Maria,
Amoſtrando-ſe a Affonſo, o animava.
Elle adorando quem lhe apparecia,
Na Fé todo inflammado, aſſi gritava:
Aos infieis, Senhor, aos infieis,
E não a mi, que creio o que podeis!

XLVI

Com tal milagre os animos da gente
Portugueza inflammados, levantavam
Por ſeu Rei natural eſte excellente
Principe, que do peito tanto amavam:
E diante do exercito potente
Dos imigos, gritando o Ceo tocavam,
Dizendo em alta voz: Real, Real,
Por Affonſo, alto Rei de Portugal.

XLVII

Qual, c'os gritos e vozes incitado,
Pola montanha o rabido moloſo
Contra o touro remette, que fiado
Na força eſtá do corno temeroſo;
Ora pega na orelha, ora no lado,
Latindo mais ligeiro que forçoſo,
Até que, em fim, rompendo-lhe a garganta,
Do bravo a força horrenda ſe quebranta:

XLVIII

Tal do Rei novo o eſtamago accendido
Por Deos e polo povo juntamente,
O barbaro commette apercebido,
C'o animoſo exercito rompente.
Levantam niſto os perros o alarido
Dos gritos; tocam á arma, ferve a gente,
As lanças e arcos tomam, tubas ſoam,
Inſtrumentos de guerra tudo atroam.

XLIX

Bem como quando a flamma, que ateada
Foi nos aridos campos (aſſoprando
O ſibilante Boreas) animada
C'o vento, o ſecco mato vae queimando;
A paſtoral companha, que deitada
C'o doce ſomno eſtava, deſpertando
Ao eſtridor do fogo, que ſe ateia,
Recolhe o fato, e foge pera a aldeia:

L

D'eſt'arte o Mouro attonito e torvado,
Toma ſem tento as armas mui depreſſa;
Não foge, mas eſpera confiado,
E o ginete belligero arremeſſa.
O Portuguez o encontra denodado,
Pelos peitos as lanças lhe atraveſſa:
Uns caem meios mortos, e outros vão
A ajuda convocando do Alcorão.

LI

Ali ſe vem encontros temeroſos,
Pera ſe desfazer ũa alta ſerra,
E os animaes correndo furioſos,
Que Neptuno amoſtrou ferindo a terra;
Golpes ſe dão medonhos e forçoſos;
Por toda a parte andava acceſa a guerra;
Mas o de Luſo, arnez, couraça e malha
Rompe, corta, desfaz, abola e talha.

LII

Cabeças pelo campo vão ſaltando,
Braços, pernas, ſem dono, e ſem ſentido,
E d'outros as entranhas palpitando,
Pallida a côr, o geſto amortecido.
Já perde o campo o exercito nefando,
Correm rios do ſangue deſparzido,
Com que tambem do campo a côr ſe perde,
Tornado carmeſi de branco e verde.

LIII

Já fica vencedor o Luſitano,
Recolhendo os tropheos e preſa rica;
Desbaratado e roto o Mauro Hiſpano,
Tres dias o grão Rei no campo fica.
Aqui pinta no branco eſcudo ufano,
Que agora eſta victoria certifica,
Cinco eſcudos azues eſclarecidos,
Em ſignal d'eſtes cinco Reis vencidos.

LIV

E neſtes cinco eſcudos pinta os trinta
Dinheiros, por que Deos fôra vendido,
Eſcrevendo a memoria em varia tinta,
D'aquelle de quem foi favorecido;
Em cada um dos cinco, cinco pinta;
Porque aſſi fica o numero cumprido,
Contando duas vezes o do meio
Dos cinco azues, que em cruz pintando veio.

LV

Paſſado já algum tempo, que paſſada
Era eſta grão victoria, o Rei ſubido
A tomar vae Leiria, que tomada
Fôra mui pouco havia do vencido.
Com eſta a forte Arronches ſojugada
Foi juntamente, e o ſempre ennobrecido
Scalabicaſtro, cujo campo ameno
Tu, claro Tejo, regas tão ſereno.

LVI

A eſtas nobres villas ſumettidas
Ajunta tambem Mafra em pouco eſpaço,
E nas ſerras da Lũa conhecidas
Sojuga a fria Cintra o duro braço;
Cintra, onde as Naiades eſcondidas
Nas fontes, vão fugindo ao doce laço
Onde amor as enreda brandamente,
Nas aguas accendendo fogo ardente.

LVII

E tu, nobre Lisboa, que no mundo
Facilmente das outras és princeza,
Que edificada foſte do facundo,
Por cujo engano foi Dardania acceſa;
Tu, a quem obedece o mar profundo,
Obedeceſte á força Portugueza,
Ajudada tambem da forte armada,
Que das Boreaes partes foi mandada.

LVIII

Lá do Germanico Albis e do Rheno,
E da fria Bretanha conduzidos,
A deſtruir o povo Sarraceno,
Muitos com tenção ſancta eram partidos.
Entrando a boca já do Tejo ameno,
C'o arraial do grande Affonſo unidos,
Cuja alta fama antão ſubia aos ceos,
Foi poſto cerco aos muros Ulyſſeos.

LIX

Cinco vezes a Lũa ſe eſcondera,
E outras tantas moſtrara cheio o roſto,
Quando a cidade entrada ſe rendera
Ao duro cerco que lhe eſtava poſto.
Foi a batalha tão ſanguina e fera,
Quanto obrigava o firme preſuppoſto
De vencedores aſperos e ouſados,
E de vencidos já deſeſperados.

LX

D'eſt'arte, em fim, tomada ſe rendeo
Aquella, que nos tempos já paſſados
Á grande força nunca obedeceo
Dos frios povos Scythicos ouſados,
Cujo poder a tanto ſe eſtendeo,
Que o Ibero o vio, e o Tejo amedrontados;
E em fim c'o Betis tanto alguns poderam,
Que á terra de Vandalia nome deram.

LXI

Que cidade tão forte por ventura
Haverá que reſiſta, ſe Lisboa
Não pode reſiſtir á força dura
Da gente, cuja fama tanto voa?
Já lhe obedece toda a Eſtremadura,
Obidos, Alanquer, por onde ſoa
O tom das freſcas aguas entre as pedras,
Que murmurando lavam, e Torres Vedras.

LXII

E vós tambem, ó terras Tranſtaganas,
Affamadas c'o dom da flava Ceres,
Obedeceis ás forças mais que humanas,
Entregando-lhe os muros e os poderes;
E tu, lavrador Mouro, que te enganas,
Se ſuſtentar a fertil terra queres;
Que Elvas e Moura e Serpa conhecidas,
E Alcacere do Sal eſtão rendidas.

LXIII

Eis a nobre cidade, certo aſſento
Do rebelde Sertorio antigamente,
Onde ora as aguas nitidas de argento
Vem ſuſtentar de longe a terra e a gente
Pelos arcos reaes, que cento e cento
Nos ares ſe alevantam nobremente,
Obedeceo por meio e ouſadia
De Giraldo, que medos não temia.

LXIV

Já na cidade Beja vae tomar
Vingança de Trancoſo deſtruida
Affonſo, que não ſabe ſocegar,
Por eſtender co'a fama a curta vida;
Não ſe lhe pôde muito ſuſtentar
A cidade; mas ſendo já rendida,
Em toda a couſa viva a gente irada
Provando os fios vae da dura eſpada.

LXV

Com eſtas ſojugada foi Palmella,
E a piſcoſa Cezimbra, e juntamente,
Sendo ajudado mais de ſua eſtrella,
Desbarata um exercito potente:
Sentio-o a villa, e vio-o o ſenhor d'ella,
Que ſoccorrel-a vinha diligente
Pela fralda da ſerra, deſcuidado
Do temeroſo encontro inopinado.

LXVI

O Rei de Badajoz era alto Mouro,
Com quatro mil cavallos furioſos,
Innumeros peões, d'armas e de ouro
Guarnecidos, guerreiros e luſtroſos.
Mas qual no mez de Maio o bravo touro
C'os ciumes da vacca arreceoſos,
Sentindo gente o bruto e cego amante,
Salteia o deſcuidado caminhante:

LXVII

D'eſt'arte Affonſo, ſubito moſtrado,
Na gente dá, que paſſa bem ſegura;
Fere, mata, derriba denodado;
Foge o Rei Mouro, e ſó da vida cura.
D'um panico terror todo affombrado,
Só de ſeguil-o o exercito procura;
Sendo eſtes que fizeram tanto abalo,
No mais que ſó ſeſſenta de cavallo.

LXVIII

Logo ſegue a victoria ſem tardança
O grão Rei incanſabil, ajuntando
Gentes de todo o Reino, cuja uſança
Era andar ſempre terras conquiſtando.
Cercar vae Badajoz, e logo alcança
O fim de ſeu deſejo, pelejando
Com tanto esforço e arte e valentia,
Que a faz fazer ás outras companhia.

LXIX

Mas o alto Deos, que pera longe guarda
O caſtigo d'aquelle que o merece,
Ou pera que ſe emende ás vezes tarda,
Ou por ſegredos que homem não conhece;
Se atéqui ſempre o forte Rei reſguarda
Dos perigos a que elle ſe offerece;
Agora lhe não deixa ter defeſa
Da maldição da mãe, que eſtava preſa:

LXX

Que eſtando na cidade, que cercara,
Cercado nella foi dos Leonezes,
Porque a conquiſta d'ella lhe tomara,
De Leão ſendo, e não dos Portuguezes.
A pertinacia aqui lhe cuſta cara,
Aſſi como acontece muitas vezes,
Que em ferros quebra as pernas, indo acceſo
Á batalha, onde foi vencido e preſo.

LXXI

Ó famoſo Pompeio, não te pene
De teus feitos illuſtres a ruina;
Nem ver que a juſta Nemeſis ordene
Ter teu ſogro de ti victoria digna;
Poſtoque o frio Phaſis ou Syene,
Que pera nenhum cabo a ſombra inclina,
O Bootes gelado, e a Linha ardente,
Temeſſem o teu nome geralmente;

LXXII

Poſtoque a rica Arabia, e que os feroces
Heniochos e Colchos, cuja fama
O veo dourado eſtende; e os Capadoces,
E Judea, que um Deos adora e ama;
E que os molles Sophenes, e os atroces
Cilicios, com a Armenia, que derrama
As aguas dos dous rios, cuja fonte
Eſtá noutro mais alto e ſancto monte;

LXXIII

E poſto em fim que deſde o mar de Atlante
Até o Scythico Tauro, monte erguido,
Já vencedor te viſſem; não te eſpante
Se o campo Emathio ſó te vio vencido;
Porque Affonſo verás, ſoberbo e ovante,
Tudo render, e ſer deſpois rendido.
Aſſi o quiz o Conſelho alto celeſte,
Que vença o ſogro a ti, e o genro a eſte.

LXXIV

Tornado o Rei ſublime finalmente,
Do divino Juizo caſtigado,
Deſpois que em Santarem ſoberbamente,
Em vão dos Sarracenos foi cercado;
E deſpois que do martyre Vicente
O ſanctiſſimo corpo venerado
Do Sacro promontorio conhecido
Á cidade Ulyſſea foi trazido;

LXXV

Porque levaſſe avante ſeu deſejo,
Ao forte filho manda o laſſo velho,
Que ás terras ſe paſſaſſe d'Alemtejo
Com gente, e c'o belligero apparelho.
Sancho, d'esforço e d'animo ſobejo,
Avante paſſa, e faz correr vermelho
O rio, que Sevilha vae regando,
C'o ſangue Mauro, barbaro e nefando.

LXXVI

E com eſta victoria cobiçoſo,
Já não deſcança o moço, até que veja
Outro eſtrago, como eſte temeroſo,
No barbaro, que tem cercado Beja.
Não tarda muito o Principe ditoſo,
Sem ver o fim d'aquillo que deſeja.
Aſſi eſtragado o Mouro, na vingança
De tantas perdas põe ſua eſperança.

LXXVII

Já ſe ajuntam do monte, a quem Meduſa
O corpo fez perder que teve o ceo;
Já vem do promontorio de Ampeluſa,
E do Tinge, que aſſento foi de Anteo;
O morador de Abyla não ſe eſcuſa;
Que tambem com ſuas armas ſe moveo
Ao ſom da Mauritana e ronca tuba
Todo o reino, que foi do nobre Juba.

LXXVIII

Entrava com toda eſta companhia
O Mir-almomini em Portugal;
Treze Reis Mouros leva de valia,
Entre os quaes tem o ſceptro imperial:
E aſſi fazendo quanto mal podia,
O que em partes podia fazer mal,
Dom Sancho vae cercar em Santarem;
Porém não lhe ſuccede muito bem.

LXXIX

Dá-lhe combates aſperos, fazendo
Ardis de guerra mil o Mouro iroſo;
Não lhe aproveita já trabuco horrendo,
Mina ſecreta, ariete forçoſo;
Porque o filho de Affonſo, não perdendo
Nada do esforço e accordo generoſo,
Tudo provê com animo e prudencia;
Que em toda a parte ha esforço e reſiſtencia.

LXXX

Mas o velho, a quem tinham já obrigado
Os trabalhoſos annos ao ſocego,
Eſtando na cidade, cujo prado
Enverdecem as aguas do Mondego,
Sabendo como o filho eſtá cercado
Em Santarem do Mauro povo cego,
Se parte diligente da cidade;
Que não perde a preſteza co'a idade.

LXXXI

E co'a famoſa gente á guerra uſada
Vae ſoccorrer o filho; e aſſi ajuntados,
A Portugueza furia coſtumada
Em breve os Mouros tem desbaratados.
A campina, que toda eſtá coalhada
De marlotas, capuzes variados,
De cavallos, jaezes, preſa rica,
De ſeus ſenhores mortos cheia fica.

LXXXII

Logo todo o reſtante ſe partio
De Luſitania, poſtos em fugida:
O Mir-almomini ſó não fugio,
Porque antes de fugir lhe foge a vida.
A quem lhe eſta victoria permittio
Dão louvores e graças ſem medida:
Que em caſos tão extranhos claramente
Mais peleja o favor de Deos, que a gente.

LXXXIII

De tamanhas victorias triumphava
O velho Affonſo, Principe ſubido,
Quando quem tudo em fim vencendo andava,
Da larga e muita idade foi vencido.
A pallida doença lhe tocava
Com fria mão o corpo enfraquecido;
E pagaram ſeus annos d'eſte geito
Á triſte Libitina ſeu direito.

LXXXIV

Os altos promontorios o choraram,
E dos rios as aguas ſaudoſas
Os ſemeados campos alagaram,
Com lagrimas correndo piadoſas;
Mas tanto pelo mundo ſe alargaram
Com fama ſuas obras valeroſas,
Que ſempre no ſeu reino chamarão
Affonſo, Affonſo, os echos; mas em vão.

LXXXV

Sancho, forte mancebo, que ficara
Imitando ſeu pae na valentia,
E que em ſua vida já ſe exp'rimentara,
Quando o Betis de ſangue ſe tingia,
E o barbaro poder desbaratara
Do Iſmaelita Rei de Andaluzia,
E mais quando os que Beja em vão cercaram,
Os golpes de ſeu braço em ſi provaram:

LXXXVI

Deſpois que foi por Rei alevantado,
Havendo poucos annos que reinava,
A cidade de Silves tem cercado,
Cujos campos o barbaro lavrava:
Foi das valentes gentes ajudado
Da Germanica armada, que paſſava,
De armas fortes e gente apercebida,
A recobrar Judea já perdida.

LXXXVII

Paſſavam a ajudar na ſancta empreſa
O roxo Frederico, que moveo
O poderoſo exercito em defeſa
Da cidade onde Chriſto padeceo;
Quando Guido, co'a gente em ſêde acceſa,
Ao grande Saladino ſe rendeo
No lugar, onde aos Mouros ſobejavam
As aguas, que os de Guido deſejavam.

LXXXVIII

Mas a fermoſa armada, que viera
Por contraſte de vento áquella parte,
Sancho quiz ajudar na guerra fera,
Já que em ſerviço vae do ſancto marte.
Aſſi como a ſeu pae acontecera
Quando tomou Lisboa, da meſma arte,
Do Germano ajudado, Silves toma,
E o bravo morador deſtrue e doma.

LXXXIX

E ſe tantos tropheos do Mahometa
Alevantando vae, tambem do forte
Leonez não conſente eſtar quieta
A terra, uſada aos caſos de Mavorte:
Até que na cerviz ſeu jugo metta
Da ſoberba Tui, que a meſma ſorte
Vio ter a muitas villas ſuas vizinhas,
Que por armas tu, Sancho, humildes tinhas.

XC

Mas entre tantas palmas ſalteado
Da temeroſa morte fica herdeiro
Um filho ſeu, de todos eſtimado,
Que foi ſegundo Affonſo, e Rei terceiro.
No tempo d'eſte aos Mouros foi tomado
Alcacere do Sal por derradeiro;
Porque d'antes os Mouros o tomaram,
Mas agora eſtruidos o pagaram.

XCI

Morto deſpois Affonſo, lhe ſuccede
Sancho ſegundo, manſo e deſcuidado,
Que tanto em ſeus deſcuidos ſe deſmede,
Que de outrem, quem mandava, era mandado.
De governar o reino, que outro pede,
Por cauſa dos privados foi privado;
Porque, como por elles ſe regia,
Em todos os ſeus vicios conſentia.

XCII

Não era Sancho, não, tão deshoneſto
Como Nero, que um moço recebia
Por mulher, e deſpois horrendo inceſto
Com a mãe Agrippina commettia;
Nem tão cruel ás gentes e moleſto,
Que a cidade queimaſſe onde vivia;
Nem tão máo como foi Heliogabalo,
Nem como o molle Rei Sardanapalo.

XCIII

Nem era o povo ſeu tyranniſado,
Como Sicilia foi de ſeus tyrannos;
Nem tinha, como Phálaris, achado
Genero de tormentos inhumanos;
Mas o reino, de altivo e coſtumado
A ſenhores em tudo ſoberanos,
A Rei não obedece, nem conſente,
Que não for mais que todos excellente.

XCIV

Por eſta cauſa o reino governou
O Conde Bolonhez, deſpois alçado
Por Rei, quando da vida ſe apartou
Seu irmão Sancho, ſempre ao ocio dado.
Eſte, que Affonſo o bravo ſe chamou,
Deſpois de ter o reino ſegurado,
Em dilatal-o cuida; que em terreno
Não cabe o altivo peito tão pequeno.

XCV

Da terra dos Algarves, que lhe fôra
Em caſamento dada, grande parte
Recupera c'o braço, e deita fóra
O Mouro mal querido já de Marte.
Eſte de todo fez livre e ſenhora
Luſitania, com força e bellica arte,
E acabou de opprimir a nação forte
Na terra, que aos de Luſo coube em forte.

XCVI

Eis deſpois vem Diniz que bem parece
Do bravo Affonſo eſtirpe nobre e digna;
Com quem a fama grande ſe eſcurece
Da liberalidade Alexandrina.
Com eſte o reino proſpero florece
(Alcançada já a paz aurea divina)
Em conſtituições, leis e coſtumes,
Na terra já tranquilla claros lumes.

XCVII

Fez primeiro em Coimbra exercitar-ſe
O valeroſo officio de Minerva,
E de Helicona as Muſas fez paſſar-ſe
A piſar do Mondego a fertil herva.
Quanto pode de Athenas deſejar-ſe,
Tudo o ſoberbo Apollo aqui reſerva:
Aqui as capellas dá tecidas de ouro,
Do bacharo e do ſempre verde louro.

XCVIII

Nobres villas de novo edificou,
Fortalezas, caſtellos mui ſeguros;
E quaſi o reino todo reformou
Com edificios grandes e altos muros.
Mas deſpois que a dura Atropos cortou
O fio de ſeus dias já maduros,
Ficou-lhe o filho, pouco obediente,
Quarto Affonſo, mas forte e excellente.

XCIX

Eſte ſempre as ſoberbas Caſtelhanas
C'o peito deſprezou firme e ſereno;
Porque não é das forças Luſitanas
Temer poder maior, por mais pequeno;
Mas, porém, quando as gentes Mauritanas
A poſſuir o Heſperico terreno
Entraram pelas terras de Caſtella,
Foi o ſoberbo Affonſo a ſoccorrel-a.

C

Nunca com Semiramis gente tanta
Veio os campos Hydaſpicos enchendo;
Nem Attila, que Italia toda eſpanta,
Chamando-ſe de Deos açoute horrendo,
Gotica gente trouxe tanta, quanta
Do Sarraceno barbaro eſtupendo,
C'o poder exceſſivo de Granada,
Foi nos campos Tarteſſios ajuntada.

CI

E vendo o Rei ſublime Caſtelhano
A força inexpugnabil, grande e forte,
Temendo mais o fim do povo Hiſpano,
Já perdido ũa vez, que a propria morte;
Pedindo ajuda ao forte Luſitano,
Lhe mandava a cariſſima conſorte,
Mulher de quem a manda, e filha amada
D'aquelle a cujo reino foi mandada.

CII

Entrava a fermoſiſſima Maria
Polos paternaes paços ſublimados;
Lindo o geſto, mas fóra de alegria,
E ſeus olhos em lagrimas banhados;
Os cabellos angelicos trazia
Pelos eburneos hombros eſpalhados:
Diante do pae ledo, que a agaſalha,
Eſtas palavras taes chorando eſpalha:

CIII

Quantos povos a terra produzio
De Africa toda, gente fera e extranha,
O grão Rei de Marrocos conduzio,
Pera vir poſſuir a nobre Heſpanha:
Poder tamanho junto não ſe vio,
Deſpois que o ſalſo mar a terra banha:
Trazem ferocidade e furor tanto,
Que a vivos medo, e a mortos faz eſpanto.

CIV

Aquelle que me deſte por marido,
Por defender ſua terra amedrontada,
C'o pequeno poder, offerecido
Ao duro golpe eſtá da Maura eſpada;
E, ſe não for comtigo ſoccorrido,
Ver-me-has d'elle e do reino ſer privada;
Viuva e triſte, e poſta em vida eſcura,
Sem marido, ſem reino e ſem ventura.

CV

Por tanto, ó Rei, de quem com puro medo
O corrente Mulucha ſe congela,
Rompe toda a tardança, acude cedo
Á miſeranda gente de Caſtella.
Se eſſe geſto, que moſtras claro e ledo,
De pae o verdadeiro amor aſſella,
Acude e corre, pae, que ſe não corres,
Pode ſer que não aches quem ſoccorres.

CVI

Não de outra ſorte a timida Maria
Fallando eſtá, que a triſte Venus, quando
A Jupiter ſeu pae favor pedia
Pera Eneas, ſeu filho, navegando;
Que a tanta piedade o commovia,
Que, caido das mãos o raio infando,
Tudo o clemente Padre lhe concede,
Peſando-lhe do pouco, que lhe pede.

CVII

Mas já c'os eſquadrões da gente armada
Os Eborenſes campos vão coalhados;
Luſtra c'o Sol o arnez, a lança, a eſpada;
Vão rinchando os cavallos jaezados:
A canora trombeta embandeirada,
Os corações á paz acoſtumados
Vae ás fulgentes armas incitando,
Pelas concavidades retumbando.

CVIII

Entre todos no meio ſe ſublima,
Das inſignias reaes acompanhado,
O valeroſo Affonſo, que por cima
De todos leva o collo alevantado;
E ſómente c'o geſto esforça e anima
A qualquer coração amedrontado:
Aſſi entra nas terras de Caſtella
Com a filha gentil, Rainha d'ella.

CIX

Juntos os dous Affonſos finalmente
Nos campos de Tarifa, eſtão defronte
Da grande multidão da cega gente,
Pera quem ſão pequenos campo e monte.
Não ha peito tão alto e tão potente,
Que de deſconfiança não ſe affronte,
Em quanto não conheça e claro veja,
Que c'o braço dos ſeus Chriſto peleja.

CX

Eſtão de Agar os netos quaſi rindo
Do poder dos Chriſtãos fraco e pequeno;
As terras, como ſuas, repartindo
Antemão entre o exercito Agareno;
Que com titulo falſo poſſuindo
Eſtá o famoſo nome ſarraceno;
Aſſi tambem com falſa conta e nua,
Á nobre terra alheia chamam ſua.

CXI

Qual o membrudo e barbaro Gigante,
Do Rei Saul com cauſa tão temido,
Vendo o Paſtor inerme eſtar diante,
Só de pedras e esforço apercebido;
Com palavras ſoberbas o arrogante
Deſpreza o fraco moço mal veſtido,
Que, rodeando a funda, o deſengana
Quanto mais póde a fé, que a força humana:

CXII

D'eſt'arte o Mouro perfido deſpreza
O poder dos Chriſtãos, e não entende,
Que eſtá ajudado da alta fortaleza
A quem o inferno horrifico ſe rende:
Com ella o Caſtelhano, e com deſtreza
De Marrocos o Rei commette e offende;
O Portuguez, que tudo eſtima em nada,
Se faz temer ao reino de Granada.

CXIII

Eis as lanças e eſpadas retiniam
Por cima dos arnezes: bravo eſtrago!
Chamam (ſegundo as leis que ali ſeguiam)
Uns Mafamede, e os outros Sanct-Iago.
Os feridos com grita o ceo feriam,
Fazendo de ſeu ſangue bruto lago,
Onde outros meios mortos ſe afogavam,
Quando do ferro as vidas eſcapavam.

CXIV

Com esforço tamanho estrue e mata
O Luso ao Granadil, que em pouco espaço
Totalmente o poder lhe desbarata,
Sem lhe valer defesa ou peito de aço.
De alcançar tal victoria tão barata,
Inda não bem contente o forte braço,
Vae ajudar ao bravo Castelhano,
Que pelejando está c'o Mauritano.

CXV

Já se ia o Sol ardente recolhendo
Pera a casa de Thetis, e inclinado
Pera o Ponente, o Vespero trazendo,
Estava o claro dia memorado;
Quando o poder do Mouro grande e horrendo
Foi pelos fortes Reis desbaratado
Com tanta mortindade, que a memoria
Nunca no mundo vio tão grande victoria.

CXVI

Não matou a quarta parte o forte Mario,
Dos que morreram neste vencimento,
Quando as aguas c'o sangue do adversario
Fez beber ao exercito sedento;
Nem o Peno, asperissimo contrario
Do Romano poder de nascimento,
Quando tantos matou da illustre Roma,
Que alqueires tres de anneis dos mortos toma.

CXVII

E ſe tu tantas almas ſó podeſte
Mandar ao reino eſcuro de Cocyto,
Quando a ſancta Cidade desfizeſte
Do povo pertinaz no antigo rito;
Permiſſão e vingança foi celeſte,
E não força de braço, ó nobre Tito;
Que aſſi dos vates foi prophetiſado,
E deſpois por Jesu certificado.

CXVIII

Paſſada eſta tão proſpera victoria,
Tornando Affonſo á Luſitana terra,
A ſe lograr da paz com tanta gloria,
Quanta ſoube ganhar na dura guerra;
O caſo triſte e digno de memoria,
Que do ſepulchro os homens deſenterra,
Aconteceo da miſera e meſquinha,
Que, deſpois de ſer morta, foi Rainha.

CXIX

Tu ſó, tu, puro Amor, com força crua,
Que os corações humanos tanto obriga,
Deſte cauſa á moleſta morte ſua,
Como ſe fôra perfida inimiga.
Se dizem, fero amor, que a ſêde tua,
Nem com lagrimas triſtes ſe mitiga,
É porque queres, aſpero e tyranno,
Tuas aras banhar em ſangue humano.

CXX

Eſtavas, linda Ignez, poſta em ſocego,
De teus annos colhendo doce fruito,
Naquelle engano da alma, ledo e cego,
Que a fortuna não deixa durar muito;
Nos ſaudoſos campos do Mondego,
De teus fermoſos olhos nunca enxuito,
Aos montes enſinando e ás hervinhas
O nome, que no peito eſcrito tinhas.

CXXI

Do teu Principe ali te reſpondiam
As lembranças, que na alma lhe moravam;
Que ſempre ante ſeus olhos te traziam,
Quando dos teus fermoſos ſe apartavam;
De noite em doces ſonhos, que mentiam,
De dia em penſamentos, que voavam;
E quanto em fim cuidava, e quanto via,
Eram tudo memorias de alegria.

CXXII

De outras bellas ſenhoras e Princezas,
Os deſejados thalamos engeita;
Que tudo em fim, tu, puro amor, deſprezas,
Quando um geſto ſuave te ſujeita.
Vendo eſtas namoradas extranhezas
O velho pae ſeſudo, que reſpeita
O murmurar do povo, e a phantaſia
Do filho, que caſar-ſe não queria,

CXXIII

Tirar Ignez ao mundo determina,
Por lhe tirar o filho, que tem preſo;
Crendo c'o ſangue ſó da morte indigna
Matar do firme amor o fogo acceſo.
Que furor conſentio, que a eſpada fina,
Que poude ſuſtentar o grande peſo
Do furor Mauro, foſſe alevantada
Contra ũa fraca dama delicada?

CXXIV

Traziam-na os horrificos algozes
Ante o Rei, já movido a piedade;
Mas o povo com falſas e ferozes
Razões á morte crua o perſuade.
Ella com triſtes e piedoſas vozes,
Saidas ſó da magoa e ſaudade
Do ſeu Principe e filhos, que deixava,
Que mais que a propria morte a magoava:

CXXV

Pera o ceo cryſtallino alevantando
Com lagrimas os olhos piedoſos,
Os olhos, porque as mãos lhe eſtava atando
Um dos duros miniſtros rigoroſos,
E deſpois nos meninos attentando,
Que tão queridos tinha e tão mimoſos,
Cuja orphindade como mãe temia,
Pera o avô cruel aſſi dizia:

CXXVI

Se já nas brutas feras, cuja mente
Natura fez cruel de naſcimento;
E nas aves agreſtes, que ſómente
Nas rapinas aerias tem o intento,
Com pequenas creanças vio a gente
Terem tão piadoſo ſentimento,
Como co'a mãe de Nino já moſtraram,
E c'os irmãos, que Roma edificaram:

CXXVII

Ó tu, que tens de humano o geſto e o peito,
(Se de humano é matar ũa donzella
Fraca e ſem força, ſó por ter ſujeito
O coração a quem ſoube vencel-a)
A eſtas criancinhas tem reſpeito,
Pois o não tens á morte eſcura d'ella:
Mova-te a piedade, ſua e minha,
Pois te não move a culpa, que não tinha.

CXXVIII

E ſe, vencendo a Maura reſiſtencia,
A morte ſabes dar com fogo e ferro,
Sabe tambem dar vida com clemencia
A quem pera perdel-a não fez erro;
Mas, ſe t'o aſſi merece eſta innocencia,
Põe-me em perpetuo e miſero deſterro,
Na Scythia fria, ou lá na Libya ardente,
Onde em lagrimas viva eternamente.

CXXIX

Põe-me onde ſe uſe toda a feridade,
Entre leões e tigres; e verei
Se nelles achar poſſo a piedade,
Que entre peitos humanos não achei:
Ali c'o amor intrinſeco, e vontade
Naquelle por quem mouro, criarei
Eſtas reliquias ſuas, que aqui viſte,
Que refrigerio ſejam da mãe triſte.

CXXX

Queria perdoar-lhe o Rei benigno,
Movido das palavras, que o magoam;
Mas o pertinaz povo e ſeu deſtino
(Que d'eſta ſorte o quiz) lhe não perdoam.
Arrancam das eſpadas de aço fino
Os que por bom tal feito ali apregoam.
Contra ũa dama, ó peitos carniceiros,
Feros vos amoſtraes e cavalleiros?

CXXXI

Qual contra a linda moça Polyxena,
Conſolação extrema da mãe velha,
Porque a ſombra de Achilles a condemna,
C'o ferro o duro Pyrrho ſe apparelha:
Mas ella os olhos, com que o ar ſerena,
(Bem como paciente e manſa ovelha)
Na miſera mãe poſtos, que endoudece,
Ao duro ſacrificio ſe offerece:

CXXXII

Taes contra Ignez os brutos matadores
No collo de alabaſtro, que ſoſtinha
As obras, com que Amor matou de amores
Aquelle, que deſpois a fez Rainha,
As eſpadas banhando, e as brancas flores,
Que ella dos olhos ſeus regadas tinha,
Se encarniçavam, fervidos e iroſos,
No futuro caſtigo não cuidoſos.

CXXXIII

Bem poderas, ó Sol, da viſta d'eſtes
Teus raios apartar aquelle dia,
Como da ſéva meſa de Thyeſtes,
Quando os filhos por mão de Atreo comia!
Vós, ó concavos valles, que podeſtes
A voz extrema ouvir da boca fria,
O nome do ſeu Pedro, que lhe ouviſtes,
Por muito grande eſpaço repetiſtes!

CXXXIV

Aſſi como a bonina, que cortada
Antes do tempo foi, candida e bella,
Sendo das mãos laſcivas maltratada
Da menina, que a trouxe na capella,
O cheiro traz perdido e a cor murchada:
Tal eſtá morta a pallida donzella,
Seccas do roſto as roſas, e perdida
A branca e viva cor, co'a doce vida.

CXXXV

As filhas do Mondego a morte eſcura
Longo tempo chorando memoraram;
E, por memoria eterna, em fonte pura
As lagrimas choradas transformaram:
O nome lhe puzeram, que inda dura,
Dos amores de Ignez, que ali paſſaram.
Vêde que freſca fonte rega as flores,
Que lagrimas ſão a agua e o nome amores!

CXXXVI

Não correu muito tempo, que a vingança
Não viſſe Pedro das mortaes feridas;
Que, em tomando do reino a governança,
A tomou dos fugidos homicidas:
Do outro Pedro cruiſſimo os alcança;
Que ambos, imigos das humanas vidas,
O concerto fizeram duro e injuſto,
Que com Lepido e Antonio fez Auguſto.

CXXXVII

Eſte caſtigador foi rigoroſo
De latrocinios, mortes e adulterios:
Fazer nos máos cruezas, fero e iroſo,
Eram os ſeus mais certos refrigerios.
As cidades guardando, juſtiçoſo,
De todos os ſoberbos vituperios,
Mais ladrões caſtigando á morte deo,
Que o vagabundo Alcides ou Theſeo.

CXXXVIII

Do juſto e duro Pedro naſce o brando,
(Vêde da natureza o deſconcerto!)
Remiſſo e ſem cuidado algum, Fernando,
Que todo o reino poz em muito aperto:
Que vindo o Caſtelhano devaſtando
As terras ſem defeſa, eſteve perto
De deſtruir-ſe o reino totalmente;
Que um fraco Rei faz fraca a forte gente.

CXXXIX

Ou foi caſtigo claro do peccado
De tirar Lianor a ſeu marido,
E caſar-ſe com ella, de enlevado
Num falſo parecer mal entendido;
Ou foi que o coração ſujeito e dado
Ao vicio vil, de quem ſe vio rendido,
Molle ſe fez e fraco; e bem parece,
Que um baixo amor os fortes enfraquece.

CXL

Do peccado tiveram ſempre a pena
Muitos, que Deos o quiz e permittio;
Os que foram roubar a bella Helena;
E com Apio tambem Tarquinio o vio;
Pois por quem David ſancto ſe condemna?
Ou quem o Tribu illuſtre deſtruio
De Benjamim? Bem claro nol-o enſina
Por Sara Pharaó, Sichem por Dina.

CXLI

E pois ſe os peitos fortes enfraquece
Um inconceſſo amor deſatinado,
Bem no filho de Alcmena ſe parece,
Quando em Omphale andava transformado.
De Marco Antonio a fama ſe eſcurece
Com ſer tanto a Cleopatra affeiçoado.
Tu tambem, Peno proſpero, o ſentiſte,
Deſpois que ũa moça vil na Apulia viſte.

CXLII

Mas quem póde livrar-ſe porventura
Dos laços, que Amor arma brandamente
Entre as roſas e a neve humana pura,
O ouro e o alabaſtro tranſparente?
Quem de ũa peregrina fermoſura,
De um vulto de Meduſa propriamente,
Que o coração converte, que tem preſo,
Em pedra não, mas em deſejo acceſo?

CXLIII

Quem vio um olhar ſeguro, um geſto brando,
Úa ſuave e angelica excellencia,
Que em ſi eſtá ſempre as almas transformando,
Que tiveſſe contra ella reſiſtencia?
Deſculpado por certo eſtá Fernando,
Pera quem tem de amor experiencia:
Mas antes, tendo livre a phantaſia,
Por muito mais culpado o julgaria.

OS LUSIADAS

Canto Quarto

Canto Quarto

I

DESPOIS de procelloſa tempeſtade,
Nocturna ſombra e ſibilante vento,
Traz a manhã ſerena claridade,
Eſperança de porto e ſalvamento;
Aparta o Sol a negra eſcuridade,
Removendo o temor ao penſamento:
Aſſi no reino forte aconteceo,
Deſpois que o Rei Fernando falleceo.

II

Porque ſe muito os noſſos deſejaram
Quem os damnos e offenſas vá vingando
Naquelles, que tão bem ſe aproveitaram
Do deſcuido remiſſo de Fernando;
Deſpois de pouco tempo o alcançaram,
Joanne ſempre illuſtre alevantando
Por Rei, como de Pedro unico herdeiro,
(Aindaque baſtardo) verdadeiro.

III

Ser iſto ordenação dos Ceos divina,
Por ſignaes muito claros ſe moſtrou,
Quando em Evora a voz de ũa menina,
Ante tempo fallando, o nomeou;
E como couſa em fim, que o Ceo deſtina,
No berço o corpo e a voz alevantou:
Portugal, Portugal, alçando a mão,
Diſſe, polo Rei novo, Dom João.

IV

Alteradas então do reino as gentes
C'o odio, que occupado os peitos tinha,
Abſolutas cruezas e evidentes
Faz do povo o furor, por onde vinha:
Matando vão amigos e parentes
Do adultero Conde e da Rainha,
Com quem ſua incontinencia deshoneſta
Mais, deſpois de viuva, manifeſta.

V

Mas elle em fim, com cauſa deshonrado,
Diante d'ella a ferro frio morre,
De outros muitos na morte acompanhado;
Que tudo o fogo erguido queima e corre:
Quem, como Aſtyanax, precipitado
(Sem lhe valerem ordens) de alta torre;
A quem ordens, nem aras, nem reſpeito;
Quem nu por ruas, e em pedaços feito.

VI

Podem-ſe pôr em longo eſquecimento
As cruezas mortaes, que Roma vio,
Feitas do feroz Mario e do cruento
Sylla, quando o contrario lhe fugio.
Por iſſo Lianor, que o ſentimento
Do morto Conde ao mundo deſcobrio,
Faz contra Luſitania vir Caſtella,
Dizendo ſer ſua filha herdeira d'ella.

VII

Beatriz era a filha, que caſada
C'o Caſtelhano eſtá, que o reino pede,
Por filha de Fernando reputada,
Se a corrompida fama lh'o concede.
Com eſta voz Caſtella alevantada,
Dizendo que eſta filha ao pae ſuccede,
Suas forças ajunta pera as guerras,
De varias regiões e varias terras.

VIII

Vem de toda a provincia, que de um Brigo
(Se foi) já teve o nome derivado;
Das terras que Fernando e que Rodrigo
Ganharam do tyranno e Mauro eſtado.
Não eſtimam das armas o perigo
Os que cortando vão c'o duro arado
Os campos Leonezes, cuja gente
C'os Mouros foi nas armas excellente.

IX

Os Vandalos, na antiga valentia
Ainda confiados, ſe ajuntavam
Da cabeça de toda Andaluzia,
Que do Guadalquibir as aguas lavam.
A nobre ilha tambem ſe apercebia,
Que antigamente os Tyrios habitavam,
Trazendo, por inſignias verdadeiras,
As Herculeas columnas nas bandeiras.

X

Tambem vem lá do reino de Toledo,
Cidade nobre e antiga, a quem cercando
O Tejo em torno vae ſuave e ledo,
Que das ſerras de Conca vem manando.
A vós outros tambem não tolhe o medo,
Ó ſordidos Gallegos, duro bando,
Que pera reſiſtirdes, vos armaſtes,
Áquelles cujos golpes já provaſtes.

XI

Tambem movem da guerra as negras furias
A gente Biſcainha, que carece
De polidas razões, e que as injurias
Muito mal dos extranhos compadece.
A terra de Guipuſcua e das Aſturias,
Que com minas de ferro ſe ennobrece,
Armou d'elle os ſoberbos moradores,
Pera ajudar na guerra a ſeus ſenhores.

XII

Joanne, a quem do peito o esforço crece,
Como a Sanſão Hebrëo da guedelha,
Poſtoque tudo pouco lhe parece,
C'os poucos de ſeu reino ſe apparelha:
E, não porque conſelho lhe fallece,
C'os principaes ſenhores ſe aconſelha,
Mas ſó por ver das gentes as ſentenças;
Que ſempre houve entre muitos differenças.

XIII

Não falta com razões quem deſconcerte
Da opinião de todos na vontade,
Em quem o esforço antigo ſe converte
Em deſuſada e má deslealdade;
Podendo o temor mais gelado, inerte,
Que a propria e natural fidelidade:
Negam o Rei, e a patria; e ſe convem,
Negarão (como Pedro) o Deos que tem.

XIV

Mas nunca foi que eſte erro ſe ſentiſſe
No forte Dom Nuno Alvares: mas antes,
Poſtoque em ſeus irmãos tão claro o viſſe,
Reprovando as vontades inconſtantes,
Áquellas duvidoſas gentes diſſe,
Com palavras mais duras que elegantes,
A mão na eſpada, irado e não facundo,
Ameaçando a terra, o mar e o mundo:

XV

Como? da gente illuſtre Portugueza
Ha de haver quem refuſe o patrio Marte?
Como? d'eſta provincia, que princeza
Foi das gentes na guerra em toda parte,
Ha de ſair quem negue ter defeſa?
Quem negue a fé, o amor, o esforço e arte
De Portuguez, e por nenhum reſpeito
O proprio reino queira ver ſujeito?

XVI

Como? Não ſois vós inda os deſcendentes
D'aquelles, que debaixo da bandeira
Do grande Henriques, feros e valentes,
Venceſtes eſta gente tão guerreira?
Quando tantas bandeiras, tantas gentes
Puzeram em fugida, de maneira
Que ſete illuſtres condes lhe trouxeram
Preſos, afora a preſa que tiveram?

XVII

Com quem foram contino ſopeados
Eſtes, de quem o eſtaes agora vós,
Por Diniz e ſeu filho ſublimados,
Senão c'os voſſos fortes paes e avós?
Pois ſe com ſeus deſcuidos, ou peccados,
Fernando em tal fraqueza aſſi vos poz,
Torne-vos voſſas forças o Rei novo;
Se é certo que c'o Rei ſe muda o povo.

XVIII

Rei tendes tal, que ſe o valor tiverdes
Egual ao Rei que agora alevantaſtes,
Desbaratareis tudo o que quizerdes,
Quanto mais a quem já desbarataſtes:
E ſe com iſto em fim vos não moverdes
Do penetrante medo, que tomaſtes,
Atae as mãos a voſſo vão receio,
Que eu ſó reſiſtirei ao jugo alheio.

XIX

Eu ſó com meus vaſſallos, e com eſta,
(E dizendo iſto arranca meia eſpada)
Defenderei da força dura e infeſta,
A terra nunca de outrem ſojugada:
Em virtude do Rei, da patria meſta,
Da lealdade, já por vós negada,
Vencerei não ſó eſtes adverſarios,
Mas quantos a meu Rei forem contrarios.

XX

Bem como entre os mancebos recolhidos
Em Canuſio, reliquias ſós de Cannas,
Já para ſe entregar, quaſi movidos,
Á fortuna das forças Africanas,
Cornelio moço os faz, que compellidos
Da ſua eſpada jurem, que as Romanas
Armas não deixarão, em quanto a vida
Os não deixar, ou nellas for perdida:

XXI

D'eſt'arte a gente força, e esforça Nuno,
Que com lhe ouvir as ultimas razões,
Removem o temor frio, importuno,
Que gelados lhe tinha os corações:
Nos animaes cavalgam de Neptuno,
Brandindo e volteando arremeſſões;
Vão correndo e gritando á boca aberta:
Viva o famoſo Rei, que nos liberta.

XXII

Das gentes populares uns approvam
A guerra com que a patria ſe ſoſtinha;
Uns as armas alimpam e renovam,
Que a ferrugem da paz gaſtadas tinha;
Capacetes eſtofam, peitos provam,
Arma-ſe cada um como convinha;
Outros fazem veſtidos de mil cores,
Com letras e tenções de ſeus amores.

XXIII

Com toda eſta luſtroſa companhia
Joanne forte ſae da freſca Abrantes,
Abrantes, que tambem da fonte fria
Do Tejo logra as aguas abundantes.
Os primeiros armigeros regia,
Quem pera reger era os mui poſſantes
Orientaes exercitos ſem conto,
Com que paſſava Xerxes o Helleſponto:

XXIV

Dom Nuno Alvares digo, verdadeiro
Açoute de ſoberbos Caſtelhanos,
Como já o fero Huno o foi primeiro
Pera Francezes, pera Italianos.
Outro tambem famoſo cavalleiro
Que a ala direita tem dos Luſitanos,
Apto pera mandal-os e regel-os,
Mem Rodrigues ſe diz de Vaſconcellos.

XXV

E da outra ala, que a eſta correſponde,
Antão Vaſques de Almada é capitão,
Que deſpois foi de Abranches nobre Conde,
Das gentes vae regendo a ſeſtra mão.
Logo na retaguarda não ſe eſconde
Das quinas e caſtellos o pendão,
Com Joanne Rei forte em toda parte,
Que eſcurecendo o preço vae de Marte.

XXVI

Eſtavam pelos muros temeroſas,
E de um alegre medo quaſi frias,
Rezando as mães, irmãs, damas e eſpoſas,
Promettendo jejuns e romarias.
Já chegam as eſquadras bellicoſas
Defronte das imigas companhias,
Que com grita grandiſſima os recebem;
E todas grande duvida concebem.

XXVII

Reſpondem as trombetas menſageiras,
Pifaros ſibilantes e atambores;
Alferezes volteiam as bandeiras,
Que variadas ſão de muitas cores.
Era no ſecco tempo, que nas eiras
Ceres o fructo deixa aos lavradores;
Entra em Aſtrea o Sol, no mez de Agoſto;
Baccho das uvas tira o doce moſto.

XXVIII

Deo ſignal a trombeta Caſtelhana
Horrendo, fero, ingente e temeroſo:
Ouvio-o o monte Artabro; e Guadiana
Atraz tornou as ondas de medroſo:
Ouvio-o o Douro e a terra Tranſtagana;
Correo ao mar o Tejo duvidoſo;
E as mães, que o ſom terribil eſcuitaram,
Aos peitos os filhinhos apertaram.

XXIX

Quantos roſtos ali ſe vêm ſem côr,
Que ao coração acode o ſangue amigo!
Que nos perigos grandes o temor
É maior muitas vezes, que o perigo:
E ſe o não é, parece-o; que o furor
De offender, ou vencer o duro imigo,
Faz não ſentir, que é perda grande e rara,
Dos membros corporaes, da vida cara.

XXX

Começa-ſe a travar a incerta guerra;
De ambas partes ſe move a primeira ala;
Uns leva a defenſão da propria terra,
Outros as eſperanças de ganhal-a:
Logo o grande Pereira, em quem ſe encerra
Todo o valor, primeiro ſe aſſignala;
Derriba e encontra, e a terra em fim ſemeia
Dos que a tanto deſejam, ſendo alheia.

XXXI

Já pelo eſpeſſo ar os eſtridentes
Farpões, ſettas e varios tiros voam;
Debaixo dos pés duros dos ardentes
Cavallos treme a terra, os valles ſoam;
Eſpedaçam-ſe as lanças, e as frequentes
Quedas co'as duras armas tudo atroam;
Recrecem os imigos ſobre a pouca
Gente do fero Nuno, que os apouca.

XXXII

Eis ali ſeus irmãos contra elle vão:
(Caſo feio e cruel!) Mas não ſe eſpanta;
Que menos é querer matar o irmão,
Quem contra o Rei e a patria ſe alevanta:
D'eſtes arrenegados muitos ſão
No primeiro eſquadrão, que ſe adianta
Contra irmãos e parentes, (caſo extranho!)
Quaes nas guerras civis de Julio e Magno.

XXXIII

Ó tu, Sertorio, ó nobre Coriolano,
Catilina, e vós outros dos antigos,
Que contra voſſas patrias com profano
Coração vos fizeſtes inimigos;
Se lá no reino eſcuro de Sumano
Receberdes graviſſimos caſtigos,
Dizei-lhe, que tambem dos Portuguezes
Alguns tredores houve algumas vezes.

XXXIV

Rompem-ſe aqui dos noſſos os primeiros;
Tantos dos inimigos a elles vão:
Eſtá ali Nuno, qual pelos outeiros
De Ceita eſtá o fortiſſimo leão,
Que cercado ſe vê dos cavalleiros,
Que os campos vão correr de Tetuão;
Perſeguem-no co'as lanças, e elle iroſo,
Turvado um pouco eſtá, mas não medroſo.

XXXV

Com torva viſta os vê, mas a natura
Ferina, e a ira não lhe compadecem
Que as coſtas dê, mas antes na eſpeſſura
Das lanças ſe arremeſſa, que recrecem.
Tal eſtá o cavalleiro, que a verdura
Tinge c'o ſangue alheio. Ali perecem
Alguns dos ſeus; que o animo valente
Perde a virtude contra tanta gente.

XXXVI

Sentio Joanne a affronta, que paſſava
Nuno, que, como ſabio capitão,
Tudo corria, e via, e a todos dava,
Com preſença e palavras, coração.
Qual parida leoa, fera e brava,
Que os filhos, que no ninho ſós eſtão,
Sentio que, emquanto paſto lhe buſcara,
O paſtor de Maſſylia lh'os furtara;

XXXVII

Corre raivoſa, e freme, e com bramidos
Os montes Sete Irmãos atroa e abala:
Tal Joanne, com outros eſcolhidos
Dos ſeus, correndo acode á primeira ala:
Ó fortes companheiros, ó ſubidos
Cavalleiros, a quem nenhum ſe eguala,
Defendei voſſas terras; que a eſperança
Da liberdade eſtá na voſſa lança.

XXXVIII

Vedes-me aqui Rei voſſo e companheiro,
Que entre as lanças e ſettas e os arnezes
Dos inimigos corro, e vou primeiro:
Pelejae, verdadeiros Portuguezes.
Iſto diſſe o magnanimo guerreiro;
E ſopeſando a lança quatro vezes,
Com força tira, e d'eſte unico tiro
Muitos lançaram o ultimo ſuſpiro.

XXXIX

Porque eis os ſeus acceſos novamente
D'ũa nobre vergonha e honroſo fogo,
Sobre qual mais com animo valente
Perigos vencerá do marcio jogo,
Porfiam: tinge o ferro o fogo ardente;
Rompem malhas primeiro, e peitos logo:
Aſſi recebem junto, e dão feridas,
Como a quem já não doe perder as vidas.

XL

A muitos mandam ver o Eſtygio lago,
Em cujo corpo a morte e o ferro entrava:
O Meſtre morre ali de Sanct'Iago,
Que fortiſſimamente pelejava;
Morre tambem, fazendo grande eſtrago,
Outro Meſtre cruel de Calatrava:
Os Pereiras tambem arrenegados
Morrem, arrenegando o Ceo, e os fados.

XLI

Muitos tambem do vulgo vil ſem nome
Vão, e tambem dos nobres, ao Profundo;
Onde o trifauce cão perpetua fome
Tem das almas, que paſſam d'eſte mundo:
E porque mais aqui ſe amanſe e dome
A ſoberba do imigo furibundo,
A ſublime bandeira Caſtelhana
Foi derribada aos pés da Luſitana.

XLII

Aqui a fera batalha ſe encruece
Com mortes, gritos, ſangue e cutiladas;
A multidão da gente que perece,
Tem as flores da propria côr mudadas.
Já as coſtas dão e as vidas; já fallece
O furor, e ſobejam as lançadas:
Já de Caſtella o Rei desbaratado
Se vê, e de ſeu propoſito mudado.

XLIII

O campo vae deixando ao vencedor,
Contente de lhe não deixar a vida:
Seguem-no os que ficaram; e o temor
Lhe dá, não pés, mas azas á fugida.
Encobrem no profundo peito a dor
Da morte, da fazenda deſpendida,
Da magoa, da deshonra e triſte nojo
De ver outrem triumphar de ſeu deſpojo.

XLIV

Alguns vão maldizendo e blaſphemando
Do primeiro que guerra fez no mundo;
Outros a ſêde dura vão culpando
Do peito cubiçoſo e ſitibundo,
Que, por tomar o alheio, o miſerando
Povo aventura ás penas do Profundo,
Deixando tantas mães, tantas eſpoſas
Sem filhos, ſem maridos, deſditoſas.

XLV

O vencedor Joanne eſteve os dias
Coſtumados no campo, em grande gloria;
Com offertas deſpois e romarias,
As graças deo a quem lhe deo victoria.
Mas Nuno, que não quer por outras vias
Entre as gentes deixar de ſi memoria,
Senão por armas ſempre ſoberanas,
Pera as terras ſe paſſa Tranſtaganas.

XLVI

Ajuda-o ſeu deſtino de maneira,
Que fez egual o effeito ao penſamento;
Porque a terra dos Vandalos fronteira
Lhe concede o deſpojo e o vencimento.
Já de Sevilha a Betica bandeira,
E de varios ſenhores, num momento
Se lhe derriba aos pés, ſem ter defeſa,
Obrigados da força Portugueza.

XLVII

D'eſtas e outras victorias longamente
Eram os Caſtelhanos opprimidos;
Quando a paz, deſejada já da gente,
Deram os vencedores aos vencidos;
Deſpois que quiz o Padre omnipotente
Dar os Reis inimigos por maridos
Ás duas illuſtriſſimas Inglezas,
Gentis, fermoſas, inclytas Princezas.

XLVIII

Não ſoffre o peito forte, uſado á guerra,
Não ter imigo já a quem faça damno;
E aſſi, não tendo a quem vencer na terra,
Vae commetter as ondas do Oceano.
Eſte é o primeiro Rei, que ſe deſterra
Da patria, por fazer que o Africano
Conheça pelas armas, quanto excede
A lei de Chriſto á lei de Mafamede.

XLIX

Eis mil nadantes aves pelo argento
Da furioſa Thetis inquieta,
Abrindo as pandas azas vão ao vento,
Pera onde Alcides poz a extrema meta.
O monte Abyla, e o nobre fundamento
De Ceita toma, e o torpe Mahometa
Deita fóra; e ſegura toda Heſpanha
Da Juliana, má e desleal manha.

L

Não conſentio a morte tantos annos,
Que de Heroe tão ditoſo ſe lograſſe
Portugal, mas os coros ſoberanos
Do Ceo ſupremo quiz que povoaſſe:
Mas pera defenſão dos Luſitanos
Deixou quem o levou, quem governaſſe
E augmentaſſe a terra mais que d'antes,
Inclyta geração, altos Infantes.

LI

Não foi do Rei Duarte tão ditoſo
O tempo que ficou na ſumma alteza;
Que aſſi vae alternando o tempo iroſo
O bem c'o mal, o goſto co'a triſteza.
Quem vio ſempre um eſtado deleitoſo?
Ou quem vio em fortuna haver firmeza?
Pois inda neſte reino e neſte Rei,
Não uſou ella tanto d'eſta lei.

LII

Vio ſer captivo o ſancto irmão Fernando,
Que a tão altas empreſas aſpirava,
Que por ſalvar o povo miſerando
Cercado, ao Sarraceno ſ'entregava.
Só por amor da patria eſtá paſſando
A vida de ſenhora feita eſcrava,
Por não ſe dar por elle a forte Ceita:
Mas o pubrico bem que o ſeu reſpeita.

LIII

Codro, porque o inimigo não venceſſe,
Deixou antes vencer da morte a vida;
Regulo, porque a patria não perdeſſe,
Quiz mais a liberdade ver perdida;
Eſte, porque ſe Heſpanha não temeſſe,
A captiveiro eterno ſe convida:
Codro, nem Curcio, ouvido por eſpanto,
Nem os Decios leaes fizeram tanto.

LIV

Mas Affonſo, do Reino unico herdeiro,
Nome em armas ditoſo em noſſa Heſperia,
Que a ſoberba do barbaro fronteiro
Tornou em baixa e humilima miſeria,
Fôra por certo invicto cavalleiro,
Se não quizera ir ver a terra Iberia:
Mas Africa dirá ſer impoſſibil,
Poder ninguem vencer o Rei terribil.

LV

Eſte pode colher as maçãs de ouro,
Que ſomente o Tyrinthio colher pode:
Do jugo que lhe poz, o bravo Mouro
A cerviz inda agora não ſacode.
Na fronte a palma leva, e o verde louro
Das victorias do barbaro, que acode
A defender Alcacer, forte villa,
Tangere populoſo, e a dura Arzila.

LVI

Porém ellas em fim por força entradas,
Os muros abaixaram de diamante
Ás Portuguezas forças, coſtumadas
A derribarem quanto acham diante.
Maravilhas em armas eſtremadas,
E de eſcritura dignas elegante,
Fizeram cavalleiros neſta empreſa,
Mais afinando a fama Portugueza.

LVII

Porém deſpois, tocado de ambição
E gloria de mandar, amara e bella,
Vae commetter Fernando de Aragão,
Sobre o potente reino de Caſtella.
Ajunta-ſe a inimiga multidão
Das ſoberbas e varias gentes d'ella,
Deſde Cadis ao alto Pyreneo,
Que tudo ao Rei Fernando obedeceo.

LVIII

Não quiz ficar nos reinos ocioſo
O mancebo Joanne; e logo ordena
De ir ajudar o pae ambicioſo,
Que então lhe foi ajuda não pequena.
Saiu-ſe em fim do trance perigoſo
Com fronte não torvada, mas ſerena,
Desbaratado o pae ſanguinolento;
Mas ficou duvidoſo o vencimento;

LIX

Porque o filho ſublime e ſoberano,
Gentil, forte, animoſo cavalleiro,
Nos contrarios fazendo immenſo damno,
Todo um dia ficou no campo inteiro.
D'eſt'arte foi vencido Octaviano,
E Antonio vencedor, ſeu companheiro,
Quando d'aquelles que Ceſar mataram,
Nos Philippicos campos ſe vingaram.

LX

Porém deſpois que a eſcura noite eterna
Affonſo apouſentou no Ceo ſereno,
O Principe, que o reino então governa,
Foi Joanne ſegundo, e Rei terzeno.
Eſte, por haver fama ſempiterna,
Mais do que tentar pode homem terreno,
Tentou; que foi buſcar da roxa Aurora
Os terminos, que eu vou buſcando agora.

LXI

Manda ſeus menſageiros, que paſſaram
Heſpanha, França, Italia celebrada;
E lá no illuſtre porto ſe embarcaram,
Onde já foi Parthenope enterrada;
Napoles, onde os fados ſe moſtraram,
Fazendo-a a varias gentes ſojugada,
Pola illuſtrar no fim de tantos annos
C'o ſenhorio de inclytos Hiſpanos.

LXII

Polo mar alto Siculo navegam;
Vão-ſe ás praias de Rhodes arenoſas;
E d'ali ás ribeiras altas chegam,
Que co'a morte de Magno ſão famoſas.
Vão a Memphis, e ás terras que ſe regam
Das enchentes Niloticas undoſas;
Sobem á Ethiopia, ſobre Egypto,
Que de Chriſto lá guarda o ſancto rito.

LXIII

Paſſam tambem as ondas Erythreas,
Que o povo de Iſrael ſem nao paſſou;
Ficam-lhe atraz as ſerras Nabatheas,
Que o filho de Iſmael c'o nome ornou.
As coſtas odoriferas Sabeas,
Que a mãe do bello Adonis tanto honrou,
Cercam, com toda a Arabia deſcoberta
Feliz, deixando a Petrea e a Deſerta.

LXIV

Entram no eſtreito Perſico, onde dura
Da confuſa Babel inda a memoria:
Ali c'o Tigre o Euphrates ſe miſtura,
Que as fontes onde naſcem tem por gloria.
D'ali vão em demanda da agua pura,
Que cauſa inda ſerá de larga hiſtoria,
Do Indo, pelas ondas do Oceano,
Onde não ſe atreveo paſſar Trajano.

LXV

Viram gentes incognitas e extranhas,
Da India, da Carmania e Gedroſia,
Vendo varios coſtumes, varias manhas,
Que cada região produze e cria.
Mas de vias tão aſperas, tamanhas,
Tornar-ſe facilmente não podia:
Lá morreram em fim, e lá ficaram;
Que á deſejada patria não tornaram.

LXVI

Parece que guardava o claro Ceo
A Manoel e ſeus merecimentos
Eſta empreſa tão ardua, que o moveo
A ſubidos e illuſtres movimentos:
Manoel, que a Joanne ſuccedeo
No reino e nos altivos penſamentos,
Logo como tomou do reino cargo,
Tomou mais a conquiſta do mar largo:

LXVII

O qual, como do nobre penſamento
D'aquella obrigação, que lhe ficara
De ſeus antepaſſados, (cujo intento
Foi ſempre accrecentar a terra cara)
Não deixaſſe de ſer um ſó momento
Conquiſtado; no tempo, que a luz clara
Foge, e as eſtrellas nitidas que ſaem,
A repouſo convidam quando caem;

LXVIII

Eſtando já deitado no aureo leito,
Onde imaginações mais certas ſão;
Revolvendo contino no conceito
De ſeu officio e ſangue a obrigação,
Os olhos lhe occupou o ſomno acceito,
Sem lhe deſoccupar o coração;
Porque tanto que laſſo ſe adormece,
Morpheo em varias fórmas lhe apparece.

LXIX

Aqui ſe lhe apreſenta, que ſubia
Tão alto, que tocava á prima eſphera,
D'onde diante varios mundos via,
Nações de muita gente extranha e fera:
E lá bem junto d'onde nace o dia,
Deſpois que os olhos longos eſtendera,
Vio de antigos, longinquos e altos montes,
Nacerem duas claras e altas fontes.

LXX

Aves agreſtes, feras e alimarias
Pelo monte ſelvatico habitavam;
Mil arvores sylveſtres e hervas varias,
O paſſo e o trato ás gentes atalhavam.
Eſtas duras montanhas adverſarias
De mais converſação, por ſi moſtravam,
Que deſque Adão peccou aos noſſos annos,
Não as romperam nunca pés humanos.

LXXI

Das aguas ſe lhe antolha que ſaiam,
Par'elle os largos paſſos inclinando,
Dous homens, que mui velhos pareciam,
De aſpeito, inda que agreſte, venerando:
Das pontas dos cabellos lhe ſaiam
Gottas, que o corpo todo vão banhando;
A côr da pelle, baça e denegrida;
A barba hirſuta, intonſa, mas comprida.

LXXII

D'ambos de dous a fronte coroada
Ramos não conhecidos e hervas tinha;
Um d'elles a preſença traz canſada,
Como quem de mais longe ali caminha:
E aſſi a agua, com impito alterada,
Parecia que d'outra parte vinha:
Bem como Alpheo de Arcadia em Syracuſa
Vae buſcar os abraços de Arethuſa.

LXXIII

Eſte, que era o mais grave na peſſoa,
D'eſt'arte pera o Rei de longe brada:
Ó tu, a cujos reinos e corôa,
Grande parte do mundo eſtá guardada;
Nós outros, cuja fama tanto voa,
Cuja cerviz bem nunca foi domada,
Te aviſamos, que é tempo que já mandes
A receber de nós tributos grandes.

LXXIV

Eu ſou o illuſtre Ganges, que na terra
Celeſte tenho o berço verdadeiro:
Eſt'outro é o Indo, Rei, que neſta ſerra
Que vês, ſeu nacimento tem primeiro.
Cuſtar-te-hemos com tudo dura guerra;
Mas inſiſtindo tu, por derradeiro,
Com não viſtas victorias, ſem receio,
A quantas gentes vês porás o freio.

LXXV

Não diſſe mais o rio illuſtre e ſancto,
Mas ambos deſparecem num momento:
Accorda Manoel c'um novo eſpanto,
E grande alteração de penſamento.
Eſtendeo niſto Phebo o claro manto
Pelo eſcuro Hemiſpherio ſomnolento;
Veio a manhã no ceo pintando as cores
De pudibunda roſa e roxas flores.

LXXVI

Chama o Rei os ſenhores a conſelho,
E propõe-lhe as figuras da viſão;
As palavras lhe diz do ſancto velho,
Que a todos foram grande admiração.
Determinam o nautico apparelho,
Pera que com ſublime coração
Vá a gente que mandar cortando os mares
A buſcar novos climas, novos ares.

LXXVII

Eu, que bem mal cuidava que em effeito
Se pozeſſe o que o peito me pedia;
Que ſempre grandes couſas d'eſte geito
Preſago o coração me promettia;
Não ſei porque razão, porque reſpeito,
Ou porque bom ſignal que em mi ſe via,
Me põe o inclyto Rei nas mãos a chave
D'eſte commettimento grande e grave.

LXXVIII

E com rogo e palavras amoroſas,
Que é um mando nos Reis que a mais obriga,
Me diſſe: As couſas arduas e luſtroſas
Se alcançam com trabalho e com fadiga;
Faz as peſſoas altas e famoſas
A vida que ſe perde e que periga;
Que quando ao medo infame não ſe rende,
Então, ſe menos dura, mais ſe eſtende.

LXXIX

Eu vos tenho entre todos eſcolhido
Para ũa empreſa, qual a vós ſe deve:
Trabalho illuſtre, duro e eſclarecido;
O que eu ſei, que por mi vos ſerá leve.
Não ſoffri mais, mas logo: Ó Rei ſubido,
Aventurar-me a ferro, a fogo, a neve,
É tão pouco por vós, que mais me pena
Ser eſta vida couſa tão pequena.

LXXX

Imaginae tamanhas aventuras,
Quaes Euryſtheo a Alcides inventava:
O leão Cleoneo, Harpyas duras,
O porco de Erymantho, a Hydra brava;
Deſcer em fim ás ſombras vãs e eſcuras,
Onde os campos de Dite a Eſtyge lava;
Porque a maior perigo, a mor affronta,
Por vós, ó Rei, o eſp'rito e carne é pronta.

LXXXI

Com mercês ſumptuoſas me agradece,
E com razões me louva eſta vontade;
Que a virtude louvada vive e crece,
E o louvor altos caſos perſuade.
A acompanhar-me logo ſe offerece,
Obrigado d'amor e d'amiſade,
Não menos cubiçoſo de honra e fama,
O caro meu irmão, Paulo da Gama.

LXXXII

Mais ſe me ajunta Nicolao Coelho,
De trabalhos mui grande ſoffredor;
Ambos ſão de valia e de conſelho,
D'experiencia em armas e furor;
Já de manceba gente me apparelho,
Em que crece o deſejo do valor;
Todos de grande esforço; e aſſi parece
Quem a tamanhas couſas ſe offerece.

LXXXIII

Foram de Emmanuel remunerados,
Porque com mais amor ſe apercebeſſem,
E com palavras altas animados
Pera quantos trabalhos ſuccedeſſem.
Aſſi foram os Minyas ajuntados,
Pera que o veo dourado combateſſem,
Na fatidica nao, que ouſou primeira
Tentar o mar Euxino aventureira.

LXXXIV

E já no porto da inclyta Ulyſſeia,
C'um alvoroço nobre, e c'um deſejo,
(Onde o licor miſtura e branca areia
C'o ſalgado Neptuno o doce Tejo)
As naos preſtes eſtão: e não refreia
Temor nenhum o juvenil deſpejo,
Porque a gente maritima e a de Marte
Eſtão pera ſeguir-me a toda parte.

LXXXV

Pelas praias veſtidos os ſoldados
De varias cores vem e varias artes;
E não menos de esforço apparelhados
Pera buſcar do mundo novas partes.
Nas fortes naos os ventos ſocegados
Ondeam os aerios eſtandartes:
Ellas promettem, vendo os mares largos,
De ſer no Olympo eſtrellas, como a de Argos.

LXXXVI

Deſpois de apparelhados d'eſta ſorte
De quanto tal viagem pede e manda,
Apparelhámos a alma pera a morte,
Que ſempre aos nautas ante os olhos anda.
Pera o ſummo Poder, que a etherea côrte
Suſtenta ſó co'a viſta veneranda,
Implorámos favor, que nos guiaſſe,
E que noſſos começos aſpiraſſe.

LXXXVII

Partimo-nos aſſi do ſancto templo,
Que nas praias do mar eſtá aſſentado,
Que o nome tem da terra, pera exemplo,
D'onde Deos foi em carne ao mundo dado.
Certifico-te, ó Rei, que ſe contemplo
Como fui d'eſtas praias apartado,
Cheio dentro de duvida, e receio,
Que apenas nos meus olhos ponho o freio.

LXXXVIII

A gente da cidade aquelle dia,
(Uns por amigos, outros por parentes,
Outros por ver ſómente), concorria,
Saudoſos na viſta e deſcontentes:
E nós co'a virtuoſa companhia
De mil Religioſos diligentes,
Em prociſſão ſolemne a Deos orando,
Pera os bateis viemos caminhando.

LXXXIX

Em tão longo caminho e duvidoſo,
Por perdidos as gentes nos julgavam;
As mulheres c'um choro piadoſo,
Os homens com ſuſpiros, que arrancavam:
Mães, eſpoſas, irmãs, que o temeroſo
Amor mais deſconfia, acrecentavam
A deſeſperação e frio medo
De já nos não tornar a ver tão cedo.

XC

Qual vae dizendo: Ó filho, a quem eu tinha
Só pera refrigerio e doce emparo
D'eſta canſada já velhice minha,
Que em choro acabará penoſo e amaro;
Porque me deixas, miſera e meſquinha?
Porque de mi te vás, ó filho caro,
A fazer o funereo enterramento
Onde ſejas de peixes mantimento?

XCI

Qual em cabello: Ó doce e amado eſpoſo,
Sem quem não quiz amor que viver poſſa;
Porque is aventurar ao mar iroſo
Eſſa vida, que é minha, e não é voſſa?
Como por um caminho duvidoſo
Vos eſquece a affeição tão doce noſſa?
Noſſo amor, noſſo vão contentamento
Quereis que com as velas leve o vento?

XCII

Neſtas e outras palavras que diziam
De amor e de piadoſa humanidade,
Os velhos e os meninos os ſeguiam,
Em quem menos esforço põe a edade.
Os montes de mais perto reſpondiam,
Quaſi movidos de alta piedade;
A branca areia as lagrimas banhavam,
Que em multidão com ellas ſe egualavam.

XCIII

Nós outros ſem a viſta alevantarmos
Nem a mãe, nem a eſpoſa, neſte eſtado,
Por nos não magoarmos ou mudarmos
Do propoſito firme começado:
Determinei de aſſi nos embarcarmos
Sem o deſpedimento coſtumado;
Que, poſtoque é de amor uſança boa,
A quem ſe aparta, ou fica, mais magoa.

XCIV

Mas um velho d'aſpeito venerando,
Que ficava nas praias entre a gente,
Poſtos em nós os olhos, meneando
Tres vezes a cabeça, deſcontente,
A voz peſada um pouco alevantando,
Que nós no mar ouvimos claramente,
C'um ſaber ſó d'experiencias feito,
Taes palavras tirou do eſperto peito:

XCV

Oh gloria de mandar! Oh vã cobiça
D'eſta vaidade, a quem chamamos fama!
Oh fraudulento goſto, que ſe atiça
C'ũa aura popular, que honra ſe chama!
Que caſtigo tamanho, e que juſtiça
Fazes no peito vão, que muito te ama!
Que mortes, que perigos, que tormentas,
Que crueldades nelles exp'rimentas!

XCVI

Dura inquietação d'alma e da vida,
Fonte de deſemparos e adulterios,
Sagaz conſumidora conhecida
De fazendas, de reinos, e de imperios:
Chamam-te illuſtre, chamam-te ſubida,
Sendo digna de infames vituperios;
Chamam-te fama e gloria ſoberana,
Nomes com quem ſe o povo neſcio engana!

XCVII

A que novos deſastres determinas
De levar eſtes reinos e eſta gente?
Que perigos, que mortes lhe deſtinas
Debaixo de algum nome preminente?
Que promeſſas de reinos e de minas
D'ouro, que lhe farás tão facilmente?
Que famas lhe prometterás? que hiſtorias?
Que triumphos? que palmas? que victorias?

XCVIII

Mas ó tu, geração d'aquelle inſano,
Cujo peccado e deſobediencia,
Não ſomente do reino ſoberano
Te poz neſte deſterro e triſte auſencia,
Mas inda d'outro eſtado mais que humano,
Da quieta e da ſimples innocencia,
Edade d'ouro, tanto te privou,
Que na de ferro e d'armas te deitou:

XCIX

Já que neſta goſtoſa vaïdade
Tanto enlevas a leve phantaſia;
Já que á bruta crueza e feridade
Pozeſte nome, esforço e valentia;
Já que prézas em tanta quantidade
O deſprezo da vida, que devia
De ſer ſempre eſtimada, pois que já
Temeo tanto perdel-a quem a dá:

C

Não tens junto comtigo o Iſmaelita,
Com quem ſempre terás guerras ſobejas?
Não ſegue elle do Arabio a lei maldita,
Se tu pola de Chriſto ſó pelejas?
Não tem cidades mil, terra infinita,
Se terras e riqueza mais deſejas?
Não é elle por armas esforçado,
Se queres por victorias ſer louvado?

CI

Deixas criar ás portas o inimigo
Por ires buſcar outro de tão longe,
Por quem ſe deſpovoe o reino antigo,
Se enfraqueça e ſe vá deitando a longe?
Buſcas o incerto e incognito perigo,
Porque a fama te exalte e te liſonge,
Chamando-te ſenhor, com larga copia,
Da India, Perſia, Arabia e da Ethiopia?

CII

Oh maldito o primeiro, que no mundo
Nas ondas vela poz em ſecco lenho!
Digno da eterna pena do Profundo,
Se é juſta a juſta lei, que ſigo e tenho.
Nunca juizo algum alto e profundo,
Nem cithara ſonora, ou vivo engenho,
Te dê por iſſo fama, nem memoria;
Mas comtigo ſe acabe o nome e gloria!

CIII

Trouxe o filho de Jápeto do Ceo
O fogo, que ajuntou ao peito humano;
Fogo, que o mundo em armas accendeo,
Em mortes, em deshonras: (grande engano!)
Quanto melhor nos fôra, Prometheo,
E quanto pera o mundo menos damno,
Que a tua eſtatua illuſtre não tivera
Fogo de altos deſejos, que a movera!

CIV

Não commettêra o moço miſerando
O carro alto do pae, nem o ar vazio
O grande architector, c'o filho, dando
Um, nome ao mar, e o outro, fama ao rio:
Nenhum commettimento alto e nefando,
Por fogo, ferro, agua, calma e frio,
Deixa intentado a humana geração.
Miſera ſorte! Extranha condição!

CALDERON

OS LUSIADAS

Canto Quinto

Canto Quinto

I

Estas ſentenças taes o velho honrado
Vociferando eſtava, quando abrimos
As azas ao ſereno e ſocegado
Vento, e do porto amado nos partimos:
E como é já no mar coſtume uſado,
A vela desfraldando, o ceo ferimos,
Dizendo: Boa viagem. Logo o vento
Nos troncos fez o uſado movimento.

II

Entrava neſte tempo o eterno lume
No animal Nemeio truculento;
E o mundo, que c'o tempo ſe conſume,
Na ſexta edade andava enfermo e lento:
Nella vê, como tinha por coſtume,
Curſos do Sol quatorze vezes cento,
Com mais noventa e ſete, em que corria,
Quando no mar a armada ſe eſtendia.

III

Já a viſta pouco e pouco ſe deſterra
D'aquelles patrios montes que ficavam:
Ficava o caro Tejo e a freſca ſerra
De Cintra, e nella os olhos ſe alongavam;
Ficava-nos tambem na amada terra
O coração, que as magoas lá deixavam;
E já deſpois que toda ſe eſcondeo,
Não vimos mais em fim que mar e ceo.

IV

Aſſi fomos abrindo aquelles mares
Que geração algũa não abrio,
As novas ilhas vendo e os novos ares,
Que o generoſo Henrique deſcobrio:
De Mauritania os montes e lugares,
Terra que Antheo num tempo poſſuio,
Deixando á mão eſquerda, que á direita
Não ha certeza d'outra, mas ſuſpeita.

V

Paſſámos a grande ilha da Madeira,
Que do muito arvoredo aſſi ſe chama;
Das que nós povoámos a primeira,
Mais celebre por nome, que por fama:
Mas nem por ſer do mundo a derradeira
Se lhe aventajam quantas Venus ama;
Antes, ſendo eſta ſua, ſe eſquecera
De Cypro, Gnido, Paphos e Cythera.

VI

Deixámos de Maſſylia a eſteril coſta,
Onde ſeu gado os Azenegues paſtam;
Gente que as freſcas aguas nunca goſta,
Nem as hervas do campo bem lhe abaſtam:
A terra a nenhum fructo em fim diſpoſta,
Onde as aves no ventre o ferro gaſtam,
Padecendo de tudo extrema inopia,
Que aparta a Barbaria de Ethiopia.

VII

Paſſámos o limite aonde chega
O Sol, que pera o Norte os carros guia,
Onde jazem os povos, a quem nega
O filho de Clymene a côr do dia:
Aqui gentes extranhas lava e rega
Do negro Sanagá a corrente fria,
Onde o cabo Arſinario o nome perde,
Chamando-ſe dos noſſos Cabo-Verde.

VIII

Paſſadas tendo já as Canarias ilhas,
Que tiveram por nome Fortunadas,
Entrámos navegando polas filhas
Do velho Heſperio, Heſperidas chamadas;
Terras por onde novas maravilhas
Andaram vendo já noſſas armadas:
Ali tomámos porto com bom vento,
Por tomarmos da terra mantimento.

IX

Áquella ilha aportámos, que tomou
O nome do guerreiro Sanct'Iago;
Sancto, que os Heſpanhoes tanto ajudou
A fazerem nos Mouros bravo eſtrago.
D'aqui, tanto que Boreas nos ventou,
Tornámos a cortar o immenſo lago
Do ſalgado Oceano, e aſſi deixámos
A terra, onde o refreſco doce achámos.

X

Por aqui rodeando a larga parte
De Africa, que ficava ao Oriente,
A Provincia Jalofo, que reparte
Por diverſas nações a negra gente;
A mui grande Mandinga, por cuja arte
Logrâmos o metal rico e luzente,
Que do curvo Gambea as aguas bebe,
As quaes o largo Atlantico recebe:

XI

As Dorcadas paſſámos, povoadas
Das irmãs, que outro tempo ali viviam,
Que de viſta total ſendo privadas,
Todas tres d'um ſó olho ſe ſerviam.
Tu ſó, tu cujas tranças encreſpadas
Neptuno lá nas aguas accendiam,
Tornada já de todas a mais feia,
De bivoras encheſte a ardente areia.

XII

Sempre em fim pera o Auſtro a aguda proa,
No grandiſſimo golfão nos mettemos,
Deixando a ſerra aſperrima Leoa,
C'o cabo, a quem das Palmas nome demos:
O Grande rio, onde batendo ſôa
O mar nas praias notas, que ali temos,
Ficou, co'a ilha illuſtre que tomou
O nome d'um, que o lado a Deos tocou.

XIII

Ali o mui grande reino eſtá de Congo,
Por nós já convertido á fé de Chriſto,
Por onde o Zaire paſſa claro e longo,
Rio pelos antigos nunca viſto.
Por eſte largo mar em fim me alongo
Do conhecido polo de Calliſto,
Tendo o termino ardente já paſſado,
Onde o meio do mundo é limitado.

XIV

Já deſcoberto tinhamos diante
Lá no novo hemiſpherio nova eſtrella,
Não viſta de outra gente, que ignorante
Alguns tempos eſteve incerta d'ella:
Vimos a parte menos rutilante,
E por falta d'eſtrellas menos bella,
Do polo fixo, onde inda ſe não ſabe
Que outra terra comece, ou mar acabe.

XV

Aſſi paſſando aquellas regiões,
Por onde duas vezes paſſa Apollo,
Dous invernos fazendo, e dous verões,
Em quanto corre d'um ao outro polo:
Por calmas, por tormentas e oppreſſões,
Que ſempre faz no mar o irado Eolo,
Vimos as Urſas, apeſar de Juno,
Banharem-ſe nas aguas de Neptuno.

XVI

Contar-te longamente as perigoſas
Couſas do mar, que os homens não entendem,
Subitas trovoadas, temeroſas,
Relampagos, que o ar em fogo accendem;
Negros chuveiros, noites tenebroſas,
Bramidos de trovões, que o mundo fendem,
Não menos é trabalho, que grande erro,
Aindaque tiveſſe a voz de ferro.

XVII

Os caſos vi, que os rudos marinheiros,
Que tem por meſtra a longa experiencia,
Contam por certos ſempre, e verdadeiros,
Julgando as couſas ſó pola apparencia:
E que os que tem juizos mais inteiros,
Que ſó por puro engenho e por ſciencia
Vêm do mundo os ſegredos eſcondidos,
Julgam por falsos, ou mal entendidos.

XVIII

Vi claramente viſto o lume vivo,
Que a maritima gente tem por ſancto,
Em tempo de tormenta e vento eſquivo,
De tempeſtade eſcura e triſte pranto.
Não menos foi a todos exceſſivo
Milagre, e couſa certo de alto eſpanto,
Ver as nuvens do mar, com largo cano,
Sorver as altas aguas do Oceano.

XIX

Eu o vi certamente (e não preſumo
Que a viſta me enganava) levantar-ſe
No ar um vaporſinho, e ſubtil fumo,
E do vento trazido, rodear-ſe:
De aqui levado um cano ao polo ſummo
Se via, tão delgado, que enxergar-ſe
Dos olhos facilmente não podia:
Da materia das nuvens parecia.

XX

Ia-ſe pouco e pouco accrecentando,
E mais que um largo maſtro ſe engroſſava;
Aqui ſe eſtreita, aqui ſe alarga, quando
Os golpes grandes de agua em ſi chupava:
Eſtava-ſe co'as ondas ondeando;
Em cima d'elle ũa nuvem ſe eſpeſſava,
Fazendo-ſe maior, mais carregada
C'o cargo grande d'agua em ſi tomada.

XXI

Qual rôxa ſangueſuga ſe veria
Nos beiços da alimaria (que imprudente,
Bebendo a recolheo na fonte fria)
Fartar c'o ſangue alheio a ſêde ardente;
Chupando mais e mais ſe engroſſa e cria;
Ali ſe enche e ſe alarga grandemente:
Tal a grande columna, enchendo, augmenta
A ſi e a nuvem negra que ſuſtenta.

XXII

Mas deſpois que de todo ſe fartou,
O pé que tem no mar a ſi recolhe,
E pelo ceo chovendo em fim voou,
Porque co'a agua a jacente agua molhe:
Ás ondas torna as ondas que tomou;
Mas o ſabor do ſal lhe tira e tolhe.
Vejam agora os ſabios na eſcritura,
Que ſegredos ſão eſtes da natura.

XXIII

Se os antigos philoſophos, que andaram
Tantas terras por ver ſegredos d'ellas,
As maravilhas, que eu paſſei, paſſaram,
A tão diverſos ventos dando as velas,
Que grandes eſcrituras, que deixaram!
Que influição de ſignos e de eſtrellas!
Que extranhezas, que grandes qualidades!
E tudo ſem mentir, puras verdades.

XXIV

Mas já a planeta, que no ceo primeiro
Habita, cinco vezes apreſſada,
Agora meio roſto, agora inteiro
Moſtrara, em quanto o mar cortava a armada;
Quando da etherea gavea um marinheiro,
Prompto co'a viſta: Terra, Terra, brada.
Salta no bordo alvoroçada a gente
C'os olhos no horiſonte do Oriente.

XXV

Á maneira de nuvens ſe começam
A deſcobrir os montes, que enxergâmos;
As ancoras peſadas ſe adereçam,
As velas já chegados amainâmos:
E pera que mais certas ſe conheçam
As partes tão remotas onde eſtâmos,
Pelo novo inſtrumento do Aſtrolabio,
Invenção de ſubtil juizo e ſabio,

XXVI

Deſembarcámos logo na eſpaçoſa
Parte, por onde a gente ſe eſpalhou,
De ver couſas extranhas deſejoſa,
Da terra, que outro povo não piſou:
Porém eu c'os pilotos na arenoſa
Praia, por vermos em que parte eſtou,
Me detenho em tomar do Sol a altura,
E compaſſar a univerſal pintura.

XXVII

Achámos ter de todo já paſſado
Do Semicapro peixe a grande meta,
Eſtando entre elle, e o circulo gelado
Auſtral, parte do mundo mais ſecreta.
Eis de meus companheiros rodeado,
Vejo um extranho vir de pelle preta,
Que tomaram per força, em quanto apanha
De mel os doces favos na montanha.

XXVIII

Torvado vem na viſta, como aquelle
Que não ſe vira nunca em tal extremo;
Nem elle entende a nós, nem nós a elle,
Selvagem mais que o bruto Polyphemo:
Começo-lhe a moſtrar da rica pelle
De Colchos o gentil metal ſupremo,
A prata fina, a quente eſpeciaria:
A nada d'iſto o bruto ſe movia.

XXIX

Mando moſtrar-lhe peças mais ſomenos,
Contas de cryſtallino tranſparente,
Alguns ſoantes caſcaveis pequenos,
Um barrete vermelho, côr contente.
Vi logo por ſignaes e por aſſenos,
Que com iſto ſe alegra grandemente:
Mando-o ſoltar com tudo; e aſſi caminha
Pera a povoação, que perto tinha.

XXX

Mas logo ao outro dia ſeus parceiros,
Todos nus, e da côr da eſcura treva,
Decendo pelos aſperos outeiros,
As peças vem buſcar, que eſt'outro leva:
Domeſticos já tanto, e companheiros
Se nos moſtram, que fazem que ſe atreva
Fernão Velloſo a ir ver da terra o trato,
E partir-ſe com elles pelo mato.

XXXI

É Velloſo no braço confiado,
E de arrogante crê que vae ſeguro;
Mas ſendo um grande eſpaço já paſſado,
Em que algum bom ſignal ſaber procuro,
Eſtando, a viſta alçada, c'o cuidado
No aventureiro, eis pelo monte duro
Apparece; e ſegundo ao mar caminha,
Mais apreſſado do que fôra vinha.

XXXII

O batel de Coelho foi depreſſa
Pelo tomar; mas antes que chegaſſe,
Um Ethiope ouſado ſe arremeſſa
A elle, porque não ſe lhe eſcapaſſe:
Outro e outro lhe ſaem; vê-ſe em preſſa
Velloſo, ſem que alguem lhe ali ajudaſſe;
Acudo eu logo, e em quanto o remo aperto,
Se moſtra um bando negro deſcoberto.

XXXIII

Da eſpeſſa nuvem ſettas e pedradas
Chovem ſobre nós outros ſem medida;
E não foram ao vento em vão deitadas,
Que eſta perna trouxe eu d'ali ferida:
Mas nós, como peſſoas magoadas,
A reſpoſta lhe démos tão crecida,
Que em mais que nos barretes ſe ſuſpeita,
Que a côr vermelha levam d'eſta feita.

XXXIV

E ſendo já Velloſo em ſalvamento,
Logo nos recolhemos pera a armada,
Vendo a malicia feia e rude intento
Da gente beſtial, bruta e malvada,
De quem nenhum melhor conhecimento
Podemos ter da India deſejada,
Que eſtarmos inda muito longe d'ella:
E aſſi tornei a dar ao vento a vela.

XXXV

Diſſe então a Velloſo um companheiro,
(Começando-ſe todos a ſorrir)
Oulá, Velloſo amigo, aquelle outeiro
É melhor de decer, que de ſubir.
Si é, reſponde o ouſado aventureiro;
Mas quando eu para cá vi tantos vir
D'aquelles cães, depreſſa um pouco vim,
Por me lembrar que eſtaveis cá ſem mim.

XXXVI

Contou então, que tanto que paſſaram
Aquelle monte, os negros de quem fallo,
Avante mais paſſar o não deixaram,
Querendo, ſe não torna, ali matal-o:
E tornando-ſe, logo ſe emboſcaram,
Porque ſaindo nós pera tomal-o,
Nos podeſſem mandar ao reino eſcuro,
Por nos roubarem mais a ſeu ſeguro.

XXXVII

Porém já cinco ſoes eram paſſados,
Que d'ali nos partiramos, cortando
Os mares nunca d'outrem navegados,
Proſperamente os ventos aſſoprando;
Quando uma noite, eſtando deſcuidados
Na cortadora proa vigiando,
Úa nuvem, que os ares eſcurece,
Sobre noſſas cabeças apparece.

XXXVIII

Tão temeroſa vinha e carregada,
Que poz nos corações um grande medo;
Bramindo o negro mar de longe brada,
Como ſe déſſe em vão nalgum rochedo.
Ó Poteſtade, diſſe, ſublimada!
Que ameaço divino, ou que ſegredo,
Eſte clima e eſte mar nos apreſenta,
Que mór couſa parece, que tormenta?

XXXIX

Não acabava, quando ũa figura
Se nos moſtra no ar, robuſta e válida,
De disforme e grandiſſima eſtatura,
O roſto carregado, a barba eſqualida,
Os olhos encovados, e a poſtura
Medonha e má, e a côr terrena e pallida,
Cheios de terra e creſpos os cabellos,
A bôca negra, os dentes amarellos.

XL

Tão grande era de membros, que bem poſſo
Certificar-te, que eſte era o ſegundo
De Rhodes extranhiſſimo coloſſo,
Que um dos ſete milagres foi do mundo:
C'um tom de voz nos falla horrendo e groſſo,
Que pareceo ſair do mar profundo:
Arrepiam-ſe as carnes e o cabello
A mi e a todos, ſó de ouvil-o e vel-o.

XLI

E diſſe: Ó gente ouſada mais que quantas
No mundo commetteram grandes couſas;
Tu, que por guerras cruas, taes e tantas,
E por trabalhos vãos nunca repouſas:
Pois os vedados terminos quebrantas,
E navegar meus longos mares ouſas,
Que eu tanto tempo ha já, que guardo e tenho,
Nunca arados d'extranho ou proprio lenho.

XLII

Pois vens ver os ſegredos eſcondidos
Da natureza e do humido elemento,
A nenhum grande humano concedidos
De nobre ou de immortal merecimento:
Ouve os damnos de mi, que apercebidos
Eſtão a teu ſobejo atrevimento
Por todo o largo mar e pola terra,
Que inda has de ſojugar com dura guerra.

XLIII

Sabe que quantas naos eſta viagem,
Que tu fazes, fizerem de atrevidas,
Inimiga terão eſta paragem,
Com ventos e tormentas deſmedidas:
E da primeira armada, que paſſagem
Fizer por eſtas ondas inſoffridas,
Eu farei de improviſo tal caſtigo,
Que ſeja mór o damno, que o perigo.

XLIV

Aqui eſpero tomar, ſe não me engano,
De quem me deſcobrio ſumma vingança;
E não ſe acabará ſó niſto o damno
De voſſa pertinace confiança;
Antes em voſſas naos vereis cada anno
(Se é verdade o que meu juizo alcança)
Naufragios, perdições, de toda ſorte,
Que o menor mal de todos ſeja a morte.

XLV

E do primeiro illuſtre, que a ventura
Com fama alta fizer tocar os ceos,
Serei eterna e nova ſepultura,
Por juizos incognitos de Deos:
Aqui porá da Turca armada dura
Os ſoberbos e proſperos tropheos;
Commigo de ſeus damnos o ameaça
A deſtruida Quiloa com Mombaça.

XLVI

Outro tambem virá de honrada fama,
Liberal, cavalleiro enamorado,
E comſigo trará a fermoſa dama,
Que Amor por grão mercê lhe terá dado:
Triſte ventura e negro fado os chama
Neſte terreno meu, que duro e irado
Os deixará d'um cru naufragio vivos,
Pera verem trabalhos exceſſivos.

XLVII

Verão morrer com fome os filhos caros,
Em tanto amor gerados e nacidos;
Verão os Cafres aſperos e avaros
Tirar á linda dama ſeus veſtidos:
Os cryſtallinos membros e preclaros
Á calma, ao frio, ao ar verão deſpidos,
Deſpois de ter piſada longamente
C'os delicados pés a areia ardente.

XLVIII

E verão mais os olhos, que eſcaparem
De tanto mal, de tanta deſventura,
Os dous amantes miſeros ficarem
Na fervida e implacabil eſpeſſura:
Ali, deſpois que as pedras abrandarem
Com lagrimas de dor, de magoa pura,
Abraçados as almas ſoltarão
Da fermoſa e miſerrima priſão.

XLIX

Mais ia por diante o monſtro horrendo
Dizendo noſſos fados, quando alçado
Lhe diſſe eu: Quem és tu? que eſſe eſtupendo
Corpo certo me tem maravilhado.
A boca e os olhos negros retorcendo,
E dando um eſpantoſo e grande brado,
Me reſpondeo com voz peſada e amara,
Como quem da pergunta lhe peſara:

L

Eu ſou aquelle occulto e grande Cabo,
A quem chamaes vós outros Tormentorio,
Que nunca a Ptolomeo, Pomponio, Eſtrabo,
Plinio, e quantos paſſaram, fui notorio:
Aqui toda a Africana coſta acabo
Neſte meu nunca viſto promontorio,
Que pera o polo Antarctico ſe eſtende,
A quem voſſa ouſadia tanto offende.

LI

Fui dos filhos aſperrimos da terra,
Qual Encelado, Egeo, e o Centimano;
Chamei-me Adamaſtor, e fui na guerra
Contra o que vibra os raios de Vulcano:
Não que pozeſſe ſerra ſobre ſerra;
Mas conquiſtando as ondas do Oceano,
Fui capitão do mar, por onde andava
A armada de Neptuno, que eu buſcava.

LII

Amores da alta eſpoſa de Peleo
Me fizeram tomar tamanha empreſa;
Todas as deoſas deſprezei do Ceo,
Só por amar das aguas a princeza:
Um dia a vi co'as filhas de Nereo
Sair nua na praia; e logo preſa
A vontade ſenti de tal maneira,
Que inda não ſinto couſa, que mais queira.

LIII

Como foſſe impoſſibil alcançal-a
Pola grandeza feia de meu geſto,
Determinei por armas de tomal-a,
E a Doris eſte caſo manifeſto:
De medo a deoſa então por mi lhe falla;
Mas ella c'um fermoſo riſo honeſto
Reſpondeo: qual ſerá o amor baſtante
De nympha, que ſuſtente o d'um gigante?

LIV

Comtudo, por livrarmos o Oceano
De tanta guerra, eu buſcarei maneira,
Com que com minha honra eſcude o damno:
Tal reſpoſta me torna a menſageira.
Eu que cair não pude neſte engano,
(Que é grande dos amantes a cegueira)
Encheram-me com grandes abondanças
O peito de deſejos, e eſperanças.

LV

Já neſcio, já da guerra deſiſtindo,
Ũa noite de Doris promettida,
Me apparece de longe o geſto lindo
Da branca Thetis unica deſpida.
Como doudo corri de longe, abrindo
Os braços, pera aquella, que era vida
D'eſte corpo, e começo os olhos bellos
A lhe beijar, as faces e os cabellos.

LVI

Oh que não ſei de nojo como o conte!
Que crendo ter nos braços quem amava,
Abraçado me achei c'um duro monte
De aſpero matto e de eſpeſſura brava;
Eſtando c'um penedo fronte a fronte,
Que eu pelo roſto angelico apertava,
Não fiquei homem não, mas mudo e quedo,
E junto d'um penedo outro penedo.

LVII

Ó nympha a mais fermoſa do Oceano,
Já que minha preſença não te agrada,
Que te cuſtava ter-me neſte engano,
Ou foſſe monte, nuvem, ſonho, ou nada?
D'aqui me parto irado e quaſi inſano
Da magoa e da deshonra ali paſſada,
A buſcar outro mundo, onde não viſſe,
Quem de meu pranto e de meu mal ſe riſſe.

LVIII

Eram já neſte tempo meus irmãos
Vencidos, e em miſeria extrema poſtos;
E, por mais ſegurar-ſe os deoſes vãos,
Alguns a varios montes ſotopoſtos:
E como contra o Ceo não valem mãos,
Eu, que chorando andava meus deſgoſtos,
Comecei a ſentir do fado imigo,
Por meus atrevimentos, o caſtigo.

LIX

Converte-ſe-me a carne em terra dura,
Em penedos os oſſos ſe fizeram;
Eſtes membros que vês, e eſta figura,
Por eſtas longas aguas ſe eſtenderam:
Em fim, minha grandiſſima eſtatura
Neſte remoto cabo converteram
Os deoſes; e por mais dobradas maguas,
Me anda Thetis cercando d'eſtas aguas.

LX

Aſſi contava, e c'um medonho choro
Subito d'ante os olhos ſe apartou;
Desfez-ſe a nuvem negra, e c'um ſonoro
Bramido muito longe o mar ſoou.
Eu, levantando as mãos ao ſancto coro
Dos Anjos, que tão longe nos guiou,
A Deos pedi, que removeſſe os duros
Caſos, que Adamaſtor contou futuros.

LXI

Já Phlegon e Pyrois vinham tirando,
C'os outros dous o carro radiante,
Quando a terra alta ſe nos foi moſtrando,
Em que foi convertido o grão gigante:
Ao longo d'eſta coſta, começando
Já de cortar as ondas do Levante,
Por ella abaixo um pouco navegámos,
Onde ſegunda vez terra tomámos.

LXII

A gente que eſta terra poſſuia,
Poſtoque todos Ethiopes eram,
Mais humana no trato parecia,
Que os outros, que tão mal nos receberam:
Com bailos, e com feſtas de alegria,
Pela praia arenoſa a nós vieram;
As mulheres comſigo, e o manſo gado,
Que apacentavam, gordo e bem criado.

LXIII

As mulheres queimadas vem em cima
Dos vagarosos bois, ali sentadas,
Animaes, que elles tem em mais estima,
Que todo o outro gado das manadas:
Cantigas pastoris, ou prosa, ou rima,
Na sua lingua cantam, concertadas
C'o doce som das rusticas avenas,
Imitando de Tityro as Camenas.

LXIV

Estes, como na vista prazenteiros
Fossem, humanamente nos trataram,
Trazendo-nos gallinhas, e carneiros,
A troco d'outras peças, que levaram:
Mas como nunca em fim meus companheiros
Palavra sua algũa lhe alcançaram,
Que désse algum signal do que buscâmos,
As velas dando, as ancoras levâmos.

LXV

Já aqui tinhamos dado um grão rodeio
Á costa negra de Africa, e tornava
A proa a demandar o ardente meio
Do Ceo, e o polo Antarctico ficava;
Aquelle ilheo deixámos, onde veio
Outra armada primeira, que buscava
O Tormentorio cabo; e, descoberto,
Naquelle ilheo fez seu limite certo.

LXVI

D'aqui fomos cortando muitos dias,
Entre tormentas triſtes e bonanças,
No largo mar fazendo novas vias,
Só conduzidos de arduas eſperanças:
C'o mar um tempo andámos em porfias:
Que como tudo nelle ſão mudanças,
Corrente nelle achámos tão poſſante,
Que paſſar não deixava por diante.

LXVII

Era maior a força em demaſia,
Segundo pera traz nos obrigava,
Do mar, que contra nós ali corria,
Que por nós a do vento, que aſſoprava.
Injuriado Noto da porfia,
Em que c'o mar (parece) tanto eſtava,
Os aſſopros esforça iradamente,
Com que nos fez vencer a grão corrente.

LXVIII

Trazia o Sol o dia celebrado,
Em que tres Reis das partes do Oriente
Foram buſcar um Rei de pouco nado,
No qual Rei outros tres ha juntamente:
Neſte dia outro porto foi tomado
Por nós da meſma já contada gente,
Num largo rio, ao qual o nome demos
Do dia em que por elle nos mettemos.

LXIX

D'eſta gente refreſco algum tomámos,
E do rio freſca agua; mas comtudo
Nenhum ſignal aqui da India achámos
No povo, com nós outros quaſi mudo.
Ora vê, Rei, quamanha terra andámos,
Sem ſair nunca d'eſte povo rudo,
Sem vermos nunca nova, nem ſignal
Da deſejada parte Oriental.

LXX

Ora imagina agora, quão coitados
Andariamos todos, quão perdidos,
De fomes, de tormentas quebrantados,
Por climas e por mares não ſabidos;
E do eſperar comprido tão canſados,
Quanto a deſeſperar já compellidos,
Por ceos não naturaes, de qualidade
Inimiga de noſſa humanidade;

LXXI

Corrupto já e damnado o mantimento,
Damnoſo e máo ao fraco corpo humano,
E alem d'iſſo nenhum contentamento,
Que ſe quer da eſperança foſſe engano:
Crês tu, que ſe eſte noſſo ajuntamento
De ſoldados não fôra Luſitano,
Que durara elle tanto obediente
Porventura a ſeu Rei e a ſeu regente?

LXXII

Crês tu, que já não foram levantados
Contra ſeu Capitão, ſe os reſiſtira,
Fazendo-ſe piratas, obrigados
De deſeſperação, de fome, de ira?
Grandemente por certo eſtão provados,
Pois que nenhum trabalho grande os tira
D'aquella Portugueza alta excellencia
De lealdade firme e obediencia.

LXXIII

Deixando o porto em fim do doce rio,
E tornando a cortar a agua ſalgada,
Fizemos d'eſta coſta algum deſvio,
Deitando pera o pégo toda a armada;
Porque, ventando Noto manſo e frio,
Não nos apanhaſſe a agua da enſeada,
Que a coſta faz ali d'aquella banda,
D'onde a rica Sofala o ouro manda.

LXXIV

Eſta paſſada, logo o leve leme
Encommendado ao ſacro Nicolao,
Pera onde o mar na coſta brada e geme,
A proa inclina d'ũa, e d'outra nao:
Quando indo o coração que eſpera e teme,
E que tanto fiou d'um fraco pao,
Do que eſperava já deſeſperado,
Foi d'ũa novidade alvoroçado.

LXXV

E foi, que eſtando já da coſta perto,
Onde as praias, e valles bem ſe viam,
Num rio, que ali ſae ao mar aberto,
Bateis á vela entravam e ſaiam.
Alegria mui grande foi por certo
Acharmos já peſſoas, que ſabiam
Navegar; porque entr'ellas eſperámos
De achar novas algũas, como achámos.

LXXVI

Ethiopes ſão todos, mas parece,
Que com gente melhor communicavam:
Palavra algũa Arabia ſe conhece
Entre a linguagem ſua, que fallavam:
E com panno delgado, que ſe tece
De algodão, as cabeças apertavam;
Com outro, que de tinta azul ſe tinge,
Cada um as vergonhoſas partes cinge.

LXXVII

Pela Arabica lingua, que mal fallam,
E que Fernão Martins mui bem entende,
Dizem, que por naos, que em grandeza egualam
As noſſas, o ſeu mar ſe corta e fende:
Mas que lá d'onde ſae o Sol, ſe abalam
Pera onde a coſta ao Sul ſe alarga e eſtende,
E do Sul pera o Sol; terra onde havia
Gente aſſi como nós da côr do dia.

LXXVIII

Mui grandemente aqui nos alegrámos
Co'a gente, e com as novas muito mais:
Pelos ſignaes, que neſte rio achámos,
O nome lhe ficou dos Bons-Signaes:
Um padrão neſta terra alevantámos;
Que para aſſignalar lugares taes
Trazia alguns; o nome tem do bello
Guiador de Tobias a Gabello.

LXXIX

Aqui de limos, caſcas e d'oſtrinhos,
Nojoſa creação das aguas fundas,
Alimpámos as naos, que dos caminhos
Longos do mar vem ſordidas e immundas.
Dos hoſpedes, que tinhamos vizinhos,
Com moſtras apraziveis e jocundas,
Houvemos ſempre o uſado mantimento,
Limpos de todo o falſo penſamento.

LXXX

Mas não foi da eſperança grande e immenſa,
Que neſta terra houvemos, limpa e pura
A alegria; mas logo a recompenſa
A Rhamnuſia com nova deſventura.
Aſſi no Ceo ſereno ſe diſpenſa:
Com eſta condição peſada e dura
Nacemos: o peſar terá firmeza,
Mas o bem logo muda a natureza.

LXXXI

E foi, que de doença crua e feia
A mais, que eu nunca vi, deſempararam
Muitos a vida, e em terra extranha e alheia
Os oſſos pera ſempre ſepultaram.
Quem haverá que ſem o ver o creia?
Que tão diſformemente ali lhe incharam
As gingivas na boca, que crecia
A carne, e juntamente apodrecia:

LXXXII

Apodrecia c'um fetido e bruto
Cheiro, que o ar vizinho inficionava:
Não tinhamos ali medico aſtuto,
Sururgião ſubtil menos ſe achava:
Mas qualquer neſte officio pouco inſtructo
Pela carne já podre aſſi cortava,
Como ſe fôra morta; e bem convinha,
Pois que morto ficava quem a tinha.

LXXXIII

Em fim que neſta incognita eſpeſſura
Deixámos pera ſempre os companheiros,
Que em tal caminho, e em tanta deſventura
Foram ſempre comnoſco aventureiros.
Quão facil é ao corpo a ſepultura!
Quaeſquer ondas do mar, quaeſquer outeiros
Extranhos, aſſi meſmo como aos noſſos,
Receberam de todo o illuſtre os oſſos.

LXXXIV

Aſſi que d'eſte porto nos partimos
Com maior eſperança e mór triſteza,
E pela coſta abaixo o mar abrimos,
Buſcando algum ſignal de mais firmeza;
Na dura Moçambique, em fim, ſurgimos,
De cuja falſidade e má vileza,
Já ſerás ſabedor, e dos enganos
Dos povos de Mombaça pouco humanos.

LXXXV

Até que aqui no teu ſeguro porto,
Cuja brandura e doce tratamento
Dará ſaude a um vivo, e vida a um morto,
Nos trouxe a piedade do alto aſſento:
Aqui repouſo, aqui doce conforto,
Nova quietação do penſamento
Nos déſte: e vês aqui, ſe attento ouviſte,
Te contei tudo quanto me pediſte.

LXXXVI

Julgas agora, Rei, que houve no mundo
Gentes, que taes caminhos commetteſſem?
Crês tu, que tanto Eneas, e o facundo
Ulyſſes, pelo mundo ſe eſtendeſſem?
Ouſou algum a ver do mar profundo,
Por mais verſos que d'elle ſe eſcreveſſem,
Do que eu vi, a poder d'esforço e de arte,
E do que inda hei de ver, a oitava parte?

LXXXVII

Eſſe que bebeu tanto da agua Aonia,
Sobre quem tem contenda peregrina,
Entre ſi, Rhodes, Smyrna e Colophonia,
Athenas, Ios, Argo e Salamina;
Eſſ'outro, que eſclarece toda Auſonia,
A cuja voz altiſona e divina,
Ouvindo o patrio Mincio ſe adormece,
Mas o Tibre c'o ſom ſe enſobervece:

LXXXVIII

Cantem, louvem, e eſcrevam ſempre extremos
D'eſſes ſeus ſemideoſes, e encareçam,
Fingindo magas, Circes, Polyphemos,
Sirenas que c'o canto os adormeçam:
Dem-lhe mais navegar á vela e remos
Os Cicones e a terra, onde ſe eſqueçam
Os companheiros, em goſtando o loto;
Dem-lhe perder nas aguas o piloto:

LXXXIX

Ventos ſoltos lhe finjam e imaginem
Dos odres, e Calypſos namoradas,
Harpyas, que o manjar lhe contaminem,
Decer ás ſombras nuas já paſſadas:
Que por muito, e por muito que ſe affinem
Neſtas fabulas vãas, tão bem ſonhadas,
A verdade, que eu conto nua e pura,
Vence toda grandiloqua eſcritura.

XC

Da boca do facundo Capitão
Pendendo eſtavam todos embebidos,
Quando deo fim á longa narração
Dos altos feitos grandes e ſubidos.
Louva o Rei o ſublime coração
Dos Reis em tantas guerras conhecidos:
Da gente louva a antiga fortaleza,
A lealdade d'animo e nobreza.

XCI

Vae recontando o povo, que ſe admira,
O caſo cada qual, que mais notou:
Nenhum d'elles da gente os olhos tira,
Que tão longos caminhos rodeou.
Mas já o mancebo Delio as redeas vira,
Que o irmão de Lampecia mal guiou,
Por vir a deſcançar nos Thetios braços;
E elRei ſe vae do mar aos nobres paços.

XCII

Quão doce é o louvor, e a juſta gloria
Dos proprios feitos, quando ſão ſoados!
Qualquer nobre trabalha, que em memoria
Vença, ou eguale os grandes já paſſados.
As invejas da illuſtre e alheia hiſtoria
Fazem mil vezes feitos ſublimados.
Quem valeroſas obras exercita,
Louvor alheio muito o esperta e incita.

XCIII

Não tinha em tanto os feitos glorioſos
De Achilles Alexandro na peleja,
Quanto de quem o canta, os numeroſos
Verſos: iſſo ſó louva, iſſo deſeja.
Os tropheos de Milciades famoſos,
Themiſtocles deſpertam ſó de inveja;
E diz, que nada tanto o deleitava,
Como a voz, que ſeus feitos celebrava.

XCIV

Trabalha por moſtrar Vaſco da Gama,
Que eſſas navegações, que o mundo canta,
Não merecem tamanha gloria e fama,
Como a ſua, que o Ceo e a terra eſpanta.
Si; mas aquelle Heroe, que eſtima e ama
Com dões, mercês, favores e honra tanta
A lyra Mantuana, faz que ſoe
Eneas, e a Romana gloria voe.

XCV

Dá a terra Luſitana Scipiões,
Ceſares, Alexandros e dá Auguſtos;
Mas não lhe dá comtudo aquelles dões,
Cuja falta os faz duros e robuſtos:
Octavio, entre as maiores oppreſſões,
Compunha verſos doutos e venuſtos.
Não dirá Fulvia, certo, que é mentira,
Quando a deixava Antonio por Glaphyra.

XCVI

Vae Ceſar ſojugando toda França,
E as armas não lhe impedem a ſciencia;
Mas numa mão a penna e noutra a lança,
Egualava de Cicero a eloquencia;
O que de Scipião ſe ſabe e alcança,
É nas comedias grande experiencia:
Lia Alexandro a Homero de maneira,
Que ſempre ſe lhe ſabe á cabeceira.

XCVII

Em fim não houve forte capitão,
Que não foſſe tambem douto e ſciente,
Da Lacia, Grega, ou barbara nação,
Senão da Portugueza tamſómente.
Sem vergonha o não digo, que a razão
D'algum não ſer por verſos excellente,
É não ſe ver prezado o verſo e rima,
Porque quem não ſabe a arte, não na eſtima.

XCVIII

Por iſſo, e não por falta de natura,
Não ha tambem Virgilios, nem Homeros;
Nem haverá, ſe eſte coſtume dura,
Pios Eneas, nem Achilles feros:
Mas o peor de tudo é, que a ventura
Tão aſperos os fez, e tão auſteros,
Tão rudos e de engenho tão remiſſo,
Que a muitos lhe dá pouco ou nada d'iſſo.

XCIX

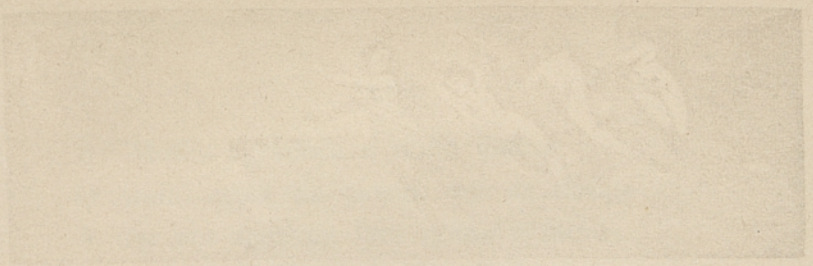
Ás Muſas agradeça o noſſo Gama
O muito amor da patria, que as obriga
A dar aos ſeus na lyra nome e fama
De toda a illuſtre e bellica fadiga:
Que elle, nem quem na eſtirpe ſeu ſe chama,
Calliope não tem por tão amiga,
Nem as filhas do Tejo, que deixaſſem
As telas d'ouro fino, e que o cantaſſem;

C

Porque o amor fraterno e puro goſto
De dar a todo o Luſitano feito
Seu louvor, é ſomente o preſuppoſto
Das Tagides gentis, e ſeu reſpeito:
Porém não deixe em fim de ter diſpoſto
Ninguem a grandes obras ſempre o peito;
Que por eſta, ou por outra qualquer via,
Não perderá ſeu preço e ſua valia.

OS LUSIADAS

Canto Sexto



Canto Sexto

I

DÃO ſabia em que modo feſtejaſſe
O Rei pagão os fortes navegantes,
Para que as amizades alcançaſſe
Do Rei Chriſtão, das gentes tão poſſantes;
Peſa-lhe, que tão longe o apouſentaſſe
Das Europeas terras abundantes
A ventura, que não no fez vizinho
D'onde Hercules ao mar abrio o caminho.

II

Com jogos, danças e outras alegrias,
A ſegundo a policia Melindana,
Com uſadas e ledas peſcarias,
Com que a Lageia Antonio alegra e engana,
Eſte famoſo Rei todos os dias,
Feſteja a companhia Luſitana,
Com banquetes, manjares deſuſados,
Com fructas, aves, carnes e peſcados.

III

Mas vendo o Capitão, que ſe detinha
Já mais do que devia, e o freſco vento
O convida, que parta, e tome aſinha
Os pilotos da terra e mantimento,
Não ſe quer mais deter, que ainda tinha
Muito pera cortar do ſalſo argento:
Já do Pagão benigno ſe deſpede,
Que a todos amizade longa pede.

IV

Pede-lhe mais, que aquelle porto ſeja
Sempre com ſuas frotas viſitado;
Que nenhum outro bem maior deſeja,
Que dar a taes Barões ſeu reino e eſtado:
E que em quanto ſeu corpo o eſp'rito reja,
Eſtará de contino apparelhado
A pôr a vida e reino totalmente,
Por tão bom Rei, por tão ſublime gente.

V

Outras palavras taes lhe reſpondia
O Capitão, e logo as velas dando,
Pera as terras da Aurora ſe partia,
Que tanto tempo ha já que vae buſcando.
No piloto que leva não havia
Falſidade, mas antes vae moſtrando
A navegação certa, e aſſi caminha
Já mais ſeguro do que d'antes vinha.

VI

As ondas navegavam do Oriente
Já nos mares da India, e enxergavam
Os thalamos do Sol, que naſce ardente;
Já quaſi ſeus deſejos ſe acabavam.
Mas o mao de Thyoneo, que na alma ſente
As venturas, que então ſe apparelhavam
Á gente Luſitana, d'ellas digna,
Arde, morre, blaſphema e deſatina.

VII

Via eſtar todo o Ceo determinado
De fazer de Lisboa nova Roma:
Não no póde eſtorvar, que deſtinado
Eſtá d'outro poder, que tudo doma.
Do Olympo dece em fim deſeſperado,
Novo remedio em terra buſca e toma;
Entra no humido reino, e vae-ſe á corte
D'aquelle a quem o mar caío em ſorte.

VIII

No mais interno fundo das profundas
Cavernas altas, onde o mar ſe eſconde,
Lá d'onde as ondas ſaem furibundas,
Quando ás iras do vento o mar reſponde,
Neptuno mora, e moram as jocundas
Nereidas, e outros deoſes do mar, onde
As aguas do campo deixam ás cidades,
Que habitam eſtas humidas deidades.

IX

Deſcobre o fundo nunca deſcoberto
As areias ali de prata fina;
Torres altas ſe vêm no campo aberto
Da tranſparente maſſa cryſtallina:
Quanto ſe chegam mais os olhos perto,
Tanto menos a viſta determina
Se é cryſtal o que vê, ſe diamante,
Que aſſi ſe moſtra claro e radiante.

X

As portas d'ouro fino, e marchetadas
Do rico aljofar, que nas conchas nace,
De eſculptura fermoſa eſtão lavradas,
Na qual do irado Baccho a viſta pace;
E vê primeiro em cores variadas
Do velho cahos a tão confuſa face;
Vem-ſe os quatro elementos trasladados,
Em diverſos officios occupados.

XI

Ali ſublime o Fogo eſtava em cima,
Que em nenhuma materia ſe ſuſtinha;
D'aqui as couſas vivas ſempre anima,
Deſpois que Prometheo furtado o tinha.
Logo após elle leve ſe ſublima
O inviſibil Ar, que mais aſinha
Tomou logar, e nem por quente, ou frio,
Algum deixa no mundo eſtar vaſio.

XII

Eſtava a Terra em montes reveſtida
De verdes hervas e arvores floridas,
Dando paſto diverſo, e dando vida
Ás alimarias nella produzidas.
A clara fórma ali eſtava eſculpida
Das aguas entre a terra deſparzidas,
De peſcados criando varios modos,
Com ſeu humor mantendo os corpos todos.

XIII

Noutra parte eſculpida eſtava a guerra,
Que tiveram os deoſes c'os gigantes;
Eſtá Typheo debaixo da alta ſerra
De Ethna, que as flammas lança crepitantes;
Eſculpido ſe vê ferindo a terra
Neptuno, quando as gentes ignorantes,
D'elle o cavallo houveram, e a primeira
De Minerva pacifica oliveira.

XIV

Pouca tardança faz Lyeo irado
Na viſta d'eſtas couſas; mas entrando
Nos paços de Neptuno, que aviſado
Da vinda ſua, o eſtava já aguardando,
Ás portas o recebe, acompanhado
Das nymphas, que ſe eſtão maravilhando
De ver, que commettendo tal caminho,
Entre no reino d'agua o rei do vinho.

XV

Ó Neptuno, lhe diſſe, não te eſpantes
De Baccho nos teus reinos receberes;
Porque tambem c'os grandes e poſſantes
Moſtra a fortuna injuſta ſeus poderes;
Manda chamar os deoſes do mar, antes
Que falle mais, ſe ouvir-me o mais quizeres;
Verão da deſventura grandes modos;
Ouçam todos o mal, que toca a todos.

XVI

Julgando já Neptuno, que ſeria
Extranho caſo aquelle, logo manda
Tritão, que chame os deoſes da agua fria,
Que o mar habitam d'ũa e d'outra banda.
Tritão, que de ſer filho ſe gloria
Do Rei e de Salacia veneranda,
Era mancebo grande, negro e feio,
Trombeta do ſeu pae e ſeu correio.

XVII

Os cabellos da barba, e os que decem
Da cabeça nos hombros, todos eram
Uns limos prenhes d'agua, e bem parecem,
Que nunca brando pentem conheceram;
Nas pontas pendurados não fallecem
Os negros miſilhões, que ali ſe geram;
Na cabeça por gorra tinha poſta
Úa mui grande caſca de lagoſta.

XVIII

O corpo nu e os membros genitaes,
Por não ter ao nadar impedimento,
Mas porém de pequenos animaes
Do mar todos cobertos cento e cento:
Camarões e cangrejos e outros mais
Que recebem de Phebe crecimento;
Oſtras, e briguigões do muſgo ſujos,
Ás coſtas com a caſca os caramujos.

XIX

Na mão a grande concha retorcida,
Que trazia, com força já tocava;
A voz grande canora foi ouvida
Por todo o mar, que longe retumbava.
Já toda a companhia apercebida
Dos deoſes pera os paços caminhava
Do deos, que fez os muros de Dardania,
Deſtruidos deſpois da Grega inſania.

XX

Vinha o padre Oceano acompanhado
Dos filhos e das filhas, que gerara;
Vem Nereo, que com Doris foi caſado,
Que todo o mar de nymphas povoara;
O propheta Proteo, deixando o gado
Maritimo pacer pela agua amara,
Ali veio tambem; mas já ſabia
O que o padre Lyeo no mar queria.

XXI

Vinha por outra parte a linda eſpoſa
De Neptuno, de Celo e Veſta filha,
Grave e leda no geſto, e tão fermoſa,
Que ſe amanſava o mar de maravilha;
Veſtida ũa camiſa precioſa
Trazia de delgada beatilha,
Que o corpo cryſtallino deixa ver-ſe;
Que tanto bem não é pera eſconder-ſe.

XXII

Amphitrite, fermoſa como as flores,
Neſte caſo não quiz que falleceſſe;
O Delphim traz comſigo, que aos amores
Do Rei lhe aconſelhou que obedeceſſe;
C'os olhos, que de tudo ſão ſenhores,
Qualquer parecerá que o Sol venceſſe:
Ambas vem pela mão, egual partido,
Pois ambas ſão eſpoſas d'um marido.

XXIII

Aquella, que das furias de Athamante
Fugindo, veio a ter divino eſtado,
Comſigo traz o filho, bello infante,
No numero dos deoſes relatado;
Pela praia brincando vem diante
Com as lindas conchinhas, que o ſalgado
Mar ſempre cria; e ás vezes pela areia
No collo o toma a bella Panopeia;

XXIV

E o deos, que foi num tempo corpo humano,
E por virtude da herva poderoſa
Foi convertido em peixe, e d'eſte damno
Lhe reſultou deidade glorioſa,
Inda vinha chorando o feio engano,
Que Circe tinha uſado co'a fermoſa
Scylla, que elle ama, d'eſta ſendo amado;
Que a mais obriga amor mal empregado.

XXV

Já finalmente todos aſſentados
Na grande ſala, nobre e divinal,
As deoſas em riquiſſimos eſtrados,
Os deoſes em cadeiras de cryſtal;
Foram todos do Padre agaſalhados,
Que c'o Thebano tinha aſſento egual:
De fumos enche a caſa a rica maſſa
Que no mar nace, e Arabia em cheiro paſſa.

XXVI

Eſtando ſocegado já o tumulto
Dos deoſes, e de ſeus recebimentos,
Começa a deſcobrir do peito occulto
A cauſa o Thyoneo de ſeus tormentos:
Um pouco carregando-ſe no vulto,
Dando moſtra de grandes ſentimentos,
Só por dar aos de Luſo triſte morte
C'o ferro alheio, falla d'eſta ſorte:

XXVII

Principe, que de juro ſenhoreias
D'um polo ao outro polo o mar irado;
Tu, que as gentes da terra toda enfreias,
Que não paſſem o termo limitado;
E tu, padre Oceano, que rodeias
O mundo univerſal, e o tens cercado,
E com juſto decreto, aſſi permittes,
Que dentro vivam ſó de ſeus limites:

XXVIII

E vós, deoſes do mar, que não ſoffreis
Injuria alguma em voſſo reino grande,
Que com caſtigo egual vos não vingueis
De quem quer que por elle corra e ande:
Que deſcuido foi eſte em que viveis?
Quem pode ſer, que tanto vos abrande
Os peitos, com razão endurecidos
Contra os humanos fracos e atrevidos?

XXIX

Viſtes, que com grandiſſima ouſadia
Foram já commetter o ceo ſupremo;
Viſtes aquella inſana phantaſia
De tentarem o mar com vela e remo;
Viſtes, e ainda vemos cada dia
Soberbas e inſolencias taes, que temo
Que do mar e do ceo em poucos annos
Venham deoſes a ſer, e nós humanos.

XXX

Vedes agora a fraca geração,
Que d'um vaſſallo meu o nome toma,
Com ſoberbo e altivo coração,
A vós, e a mi, e o mundo todo doma:
Vedes, o voſſo mar cortando vão,
Mais do que fez a gente alta de Roma:
Vedes, o voſſo reino devaſſando,
Os voſſos eſtatutos vão quebrando.

XXXI

Eu vi, que contra os Minyas, que primeiro
No voſſo reino eſte caminho abriram,
Boreas injuriado, e o companheiro
Aquilo, e os outros todos reſiſtiram:
Pois ſe do ajuntamento aventureiro
Os ventos eſta injuria aſſi ſentiram,
Vós, a quem mais compete eſta vingança,
Que eſperaes? porque a pondes em tardança?

XXXII

E não conſinto, deoſes, que cuideis,
Que por amor de vós do Ceo deci,
Nem da magoa, da injuria, que ſoffreis,
Mas da que ſe me faz tambem a mi;
Que aquellas grandes honras, que ſabeis,
Que no mundo ganhei, quando venci
As terras Indianas do Oriente,
Todas vejo abatidas d'eſta gente:

XXXIII

Que o grão Senhor, e fados, que deſtinam,
Como lhe bem parece, o baixo mundo,
Famas móres que nunca determinam
De dar a eſtes Barões no mar profundo:
Aqui vereis, ó deoſes, como enſinam
O mal tambem a deoſes; que, a ſegundo
Se vê, ninguem já tem menos valia,
Que quem com mais razão valer devia.

XXXIV

E por iſſo do Olympo já fugi,
Buſcando algum remedio a meus peſares,
Por ver o preço, que no Ceo perdi,
Se por dita acharei nos voſſos mares.
Mais quiz dizer, e não paſſou d'aqui,
Porque as lagrimas já correndo a pares
Lhe ſaltaram dos olhos, com que logo
Se accendem as deidades d'agua em fogo.

XXXV

A ira, com que ſubito alterado
O coração dos deoſes foi num ponto,
Não ſoffreo mais conſelho bem cuidado,
Nem dilação, nem outro algum deſconto.
Ao grande Eolo mandam já recado
Da parte de Neptuno, que ſem conto
Solte as furias dos ventos repugnantes;
Que não haja no mar mais navegantes.

XXXVI

Bem quizera primeiro ali Proteo
Dizer neſte negocio o que ſentia;
E ſegundo o que a todos pareceo,
Era algũa profunda prophecia:
Porém tanto o tumulto ſe moveo
Subito na divina companhia,
Que Tethys indignada lhe bradou:
«Neptuno ſabe bem o que mandou.»

XXXVII

Já lá o ſoberbo Hyppotades ſoltava
Do carcere fechado os furioſos
Ventos, que com palavras animava
Contra os Barões audaces e animoſos.
Subito o ceo ſereno ſe obumbrava,
Que os ventos, mais que nunca impetuoſos,
Começam novas forças a ir tomando,
Torres, montes e caſas derribando.

XXXVIII

Em quanto eſte conſelho ſe fazia
No fundo aquoſo, a leda laſſa frota
Com vento ſocegado proſeguia
Pelo tranquillo mar a longa rota.
Era no tempo quando a luz do dia
Do Eoo hemiſpherio eſtá remota:
Os do quarto da prima ſe deitavam,
Pera o ſegundo os outros deſpertavam.

XXXIX

Vencidos vem do ſomno, e mal deſpertos
Bocejando a miudo ſe encoſtavam
Pelas antenas, todos mal cobertos
Contra os agudos ares, que aſſopravam;
Os olhos contra ſeu querer abertos,
Mas esfregando, os membros eſtiravam:
Remedios contra o ſomno buſcar querem,
Hiſtorias contam, caſos mil referem.

XL

Com que melhor podemos, um dizia,
Eſte tempo paſſar, que é tão peſado,
Senão com algum conto de alegria,
Com que nos deixe o ſomno carregado?
Reſponde Leonardo, que trazia
Penſamentos de firme namorado:
Que contos poderemos ter melhores
Pera paſſar o tempo, que de amores?

XLI

Não é, diſſe Velloſo, couſa juſta
Tratar branduras em tanta aſpereza;
Que o trabalho do mar, que tanto cuſta,
Não ſoffre amores, nem delicadeza:
Antes de guerra fervida e robuſta,
A noſſa hiſtoria ſeja; pois dureza
Noſſa vida ha de ſer, ſegundo entendo,
Que o trabalho por vir m'o eſtá dizendo.

XLII

Conſentem niſto todos, e encommendam
A Velloſo que conte iſto que approva.
Contarei, diſſe, ſem que me reprendam
De contar couſa fabuloſa, ou nova;
E porque os que me ouvirem d'aqui aprendam
A fazer feitos grandes de alta prova,
Dos nacidos direi na noſſa terra,
E eſtes ſejam os doze de Inglaterra.

XLIII

No tempo que do reino a redea leve
João, filho de Pedro, moderava,
Deſpois que ſocegado e livre o teve
Do vizinho poder, que o moleſtava,
Lá na grande Inglaterra, que da neve
Boreal ſempre abunda, ſemeava
A fera Erinnys dura e má cizania,
Que luſtre foſſe á noſſa Luſitania.

XLIV

Entre as damas gentis da côrte Ingleza,
E nobres cortezãos, acaſo um dia
Se levantou Diſcordia em ira acceſa;
Ou foi opinião, ou foi porfia.
Os cortezãos, a quem tão pouco peſa
Soltar palavras graves de ouſadia,
Dizem que provarão, que honras e famas
Em taes damas não ha pera ſer damas.

XLV

E que ſe houver alguem com lança e eſpada,
Que queira ſuſtentar a parte ſua,
Que elles em campo raſo ou eſtacada,
Lhe darão feia infamia ou morte crua.
A feminil fraqueza, pouco uſada,
Ou nunca a opprobrios taes, vendo-se nua
De forças naturaes convenientes,
Soccorro pede a amigos e parentes.

XLVI

Mas, como foſſem grandes e poſſantes
No reino os inimigos, não ſe atrevem
Nem parentes, nem fervidos amantes,
A ſuſtentar as damas, como devem.
Com lagrimas fermoſas, e baſtantes
A fazer, que em ſoccorro os deoſes levem
De todo o Ceo, por roſtos de alabaſtro,
Se vão todas ao Duque de Alencaſtro.

XLVII

Era eſte Ingrez potente, e militara
C'os Portuguezes já contra Caſtella,
Onde as forças magnanimas provara
Dos companheiros, e benigna eſtrella:
Não menos neſta terra exp'rimentara
Namorados affeitos, quando nella
A filha vio, que tanto o peito doma
Do forte Rei, que por mulher a toma.

XLVIII

Eſte, que ſoccorrer-lhe não queria,
Por não cauſar diſcordias inteſtinas,
Lhe diz: Quando o direito pretendia
Do reino lá das terras Iberinas,
Nos Luſitanos vi tanta ouſadia,
Tanto primor, e partes tão divinas,
Que elles ſós poderiam, ſe não erro,
Suſtentar voſſa parte a fogo e ferro.

XLIX

E ſe, aggravadas damas, ſois ſervidas,
Por vós lhe mandarei embaixadores,
Que por cartas diſcretas e polidas,
De voſſo aggravo os façam ſabedores:
Tambem por voſſa parte encarecidas
Com palavras de affagos e de amores
Lhe ſejam voſſas lagrimas, que eu creio,
Que ali tereis ſoccorro e forte eſteio.

L

D'eſt'arte as aconſelha o Duque experto,
E logo lhe nomeia doze fortes:
E porque cada dama um tenha certo,
Lhe manda, que ſobre elles lancem ſortes;
Que ellas ſó doze ſão: e deſcoberto
Qual a qual tem caido das conſortes,
Cada ũa eſcreve ao ſeu por varios modos,
E todas a ſeu Rei, e o Duque a todos.

LI

Já chega a Portugal o menſageiro;
Toda a côrte alvoroça a novidade:
Quizera o Rei ſublime ſer primeiro,
Mas não lh'o ſoffre a regia mageſtade.
Qualquer dos cortezãos aventureiro
Deſeja ſer com fervida vontade;
E ſó fica por bemaventurado
Quem já vem pelo Duque nomeado.

LII

Lá na leal cidade, d'onde teve
Origem (como é fama) o nome eterno
De Portugal, armar madeiro leve
Manda o que tem o leme do governo.
Apercebem-ſe os doze em tempo breve
D'armas e roupas de uſo mais moderno,
De elmos, cimeiras, letras e primores,
Cavallos e concertos de mil cores.

LIII

Já do ſeu Rei tomado tem licença
Pera partir do Douro celebrado,
Aquelles, que eſcolhidos por ſentença
Foram do Duque Inglez exp'rimentado.
Não ha na companhia differença
De cavalleiro dextro, ou esforçado;
Mas um ſó, que Magriço ſe dizia,
D'eſt'arte falla á forte companhia:

LIV

Fortiſſimos conſocios, eu deſejo
Ha muito já de andar terras extranhas,
Por ver mais aguas que as do Douro e Tejo,
Varias gentes e leis, e varias manhas:
Agora, que apparelho certo vejo,
(Pois que do mundo as couſas ſão tamanhas)
Quero, ſe me deixaes, ir ſó por terra,
Porque eu ſerei comvoſco em Inglaterra.

LV

E quando caſo for, que eu, impedido
Por quem das couſas é ultima linha,
Não fôr comvoſco ao praſo inſtituido,
Pouca falta vos faz a falta minha.
Todos por mi fareis o que é devido;
Mas ſe a verdade o eſp'rito me adivinha,
Rios, montes, fortuna, ou ſua inveja,
Não farão, que eu comvoſco lá não ſeja.

LVI

Aſſi diz: e abraçados os amigos,
E tomada licença, em fim ſe parte:
Paſſa Leão, Caſtella, vendo antigos
Lugares, que ganhara o patrio Marte:
Navarra, c'os altiſſimos perigos
Do Pyreneo, que Heſpanha e Gallia parte.
Viſtas em fim de França as couſas grandes,
No grande emporio foi parar de Frandes.

LVII

Ali chegado, ou foſſe caſo ou manha,
Sem paſſar ſe deteve muitos dias;
Mas dos onze a illuſtriſſima companha,
Cortam do mar do Norte as ondas frias.
Chegados de Inglaterra á coſta extranha,
Pera Londres já fazem todos vias:
Do Duque ſão com feſta agaſalhados,
E das damas ſervidos e animados.

LVIII

Chega-ſe o praſo e dia aſſignalado,
De entrar em campo já c'os doze Inglezes,
Que pelo Rei já tinham ſegurado:
Armam-ſe d'elmos, grevas e de arnezes:
Já as damas tem por ſi fulgente e armado,
O Mavorte feroz dos Portuguezes:
Veſtem-ſe ellas de cores e de ſedas,
De ouro, e de joias mil, ricas e ledas.

LIX

Mas aquella, a quem fôra em ſorte dado
Magriço, que não vinha, com triſteza
Se veſte, por não ter quem nomeado
Seja ſeu cavalleiro neſta empreſa:
Bem que os onze apregoam, que acabado
Será o negocio aſſi na côrte Ingleza,
Que as damas vencedoras ſe conheçam,
Poſtoque dous e tres dos ſeus falleçam.

LX

Já num ſublime e pubrico theatro
Se aſſenta o Rei Inglez com toda a côrte:
Eſtavam tres e tres, e quatro e quatro,
Bem como a cada qual coubera em ſorte.
Não ſão viſtos do Sol, do Tejo ao Baćtro,
De força, esforço e d'animo mais forte,
Outros doze ſair como os Inglezes
No campo contra os onze Portuguezes.

LXI

Maſtigam os cavallos, eſcumando,
Os aureos freios com feroz ſembrante:
Eſtava o Sol nas armas rutilando
Como em cryſtal, ou rigido diamante;
Mas enxerga-ſe num e noutro bando
Partido deſegual e diſſonante,
Dos onze contra os doze: quando a gente
Começa a alvoroçar-ſe geralmente.

LXII

Viram todos o roſto aonde havia
A cauſa principal do reboliço:
Eis entra um cavalleiro, que trazia
Armas, cavallo, ao bellico ſerviço:
Ao Rei e ás damas falla, e logo ſe ia
Pera os onze, que eſte era o grão Magriço:
Abraça os companheiros como amigos,
A quem não falta certo nos perigos.

LXIII

A dama, como ouvio que eſte era aquelle
Que vinha a defender ſeu nome e fama,
Se alegra, e veſte ali do animal de Helle,
Que a gente bruta mais que virtude ama.
Já dão ſignal, e o ſom da tuba impelle
Os bellicoſos animos, que inflamma:
Picam d'eſporas, largam redeas logo,
Abaixam lanças, fere a terra fogo.

LXIV

Dos cavallos o eſtrepito parece,
Que faz que o chão debaixo todo treme:
O coração no peito, que eſtremece
De quem os olha, ſe alvoroça e teme:
Qual do cavallo voa, que não dece;
Qual c'o cavallo em terra dando, geme;
Qual vermelhas as armas faz de brancas;
Qual c'os pennachos do elmo açouta as ancas.

LXV

Algum d'ali tomou perpetuo ſomno,
E fez da vida ao fim breve intervallo:
Correndo algum cavallo vae ſem dono,
E noutra parte o dono ſem cavallo:
Cae a ſoberba ingleza do ſeu throno,
Que dous, ou tres já fóra vão do vallo:
Os que de eſpada vem fazer batalha,
Mais acham já que arnez, eſcudo e malha.

LXVI

Gaſtar palavras em contar extremos
De golpes feros, cruas eſtocadas,
É d'eſſes gaſtadores, que ſabemos,
Maos do tempo com fabulas ſonhadas:
Baſta por fim do caſo, que entendemos,
Que com finezas altas e afamadas,
C'os noſſos fica a palma da victoria,
E as damas vencedoras e com gloria.

LXVII

Recolhe o Duque os doze vencedores
Nos ſeus paços, com feſtas e alegria:
Cozinheiros occupa, e caçadores,
Das damas a fermoſa companhia;
Que querem dar aos ſeus libertadores
Banquetes mil, cada hora e cada dia,
Em quanto ſe detem em Inglaterra,
Até tornar á doce e cara terra.

LXVIII

Mas dizem, que comtudo o grão Magriço,
Deſejoſo de ver as couſas grandes,
Lá ſe deixou ficar, onde um ſerviço
Notavel á Condeſſa fez de Frandes;
E como quem não era já noviço
Em todo trance, onde tu Marte mandes,
Um Francez mata em campo, que o deſtino
Lá teve de Torquato e de Corvino.

LXIX

Outro tambem dos doze em Allemanha
Se lança, e teve um fero deſafio
C'um Germano enganoſo, que com manha
Não devida o quiz pôr no extremo fio.
Contando aſſi Velloſo, já a companha
Lhe pede, que não faça tal deſvio
Do caſo de Magriço, e vencimento,
Nem deixe o de Allemanha em eſquecimento.

LXX

Mas neſte paſſo aſſi promptos eſtando,
Eis o meſtre, que olhando os ares anda,
O apito toca; acordam deſpertando
Os marinheiros d'ũa e d'outra banda:
E porque o vento vinha refreſcando,
Os traquetes das gaveas tomar manda:
Álerta, diſſe, eſtae, que o vento crece
D'aquella nuvem negra, que apparece.

LXXI

Não eram os traquetes bem tomados,
Quando dá a grande e ſubita procella:
Amaina, diſſe o meſtre a grandes brados,
Amaina, diſſe, amaina a grande vela.
Não eſperam os ventos indignados,
Que amainaſſem; mas juntos dando nella,
Em pedaços a fazem c'um ruido,
Que o mundo pareceu ſer deſtruido.

LXXII

O Ceo fere com gritos niſto a gente,
Com ſubito temor e deſaccordo,
Que no romper da vela a nao pendente
Toma grão ſomma d'agua pelo bordo.
Alija, diſſe o meſtre rijamente,
Alija tudo ao mar, não falte accordo;
Vão outros dar á bomba, não ceſſando:
Á bomba, que nos imos alagando.

LXXIII

Correm logo os ſoldados animoſos
A dar á bomba, e tanto que chegaram,
Os balanços, que os mares temeroſos
Deram á nao, num bordo os derribaram:
Tres marinheiros duros e forçoſos,
A menear o leme não baſtaram;
Talhas lhe punham d'ũa e d'outra parte,
Sem aproveitar dos homens força e arte.

LXXIV

Os ventos eram taes, que não poderam
Moſtrar mais força d'impeto cruel,
Se pera derribar então vieram
A fortiſſima torre de Babel:
Nos altiſſimos mares, que creceram,
A pequena grandura d'um batel
Moſtra a poſſante nao, que move eſpanto,
Vendo que ſe ſuſtem nas ondas tanto.

LXXV

A nao grande em que vae Paulo da Gama
Quebrado leva o maſtro pelo meio,
Quaſi toda alagada: a gente chama
Aquelle que a ſalvar o mundo veio.
Não menos gritos vãos ao ar derrama
Toda a nao de Coelho com receio,
Com quanto teve o meſtre tanto tento,
Que primeiro amainou, que deſſe o vento.

LXXVI

Agora ſobre as nuvens os ſubiam
As ondas de Neptuno furibundo:
Agora a ver parece, que deciam
As intimas entranhas do profundo.
Noto, Auſtro, Boreas, Aquilo queriam
Arruinar a machina do mundo:
A noite negra e feia ſe alumia
C'os raios em que o polo todo ardia.

LXXVII

As Halcyoneas aves triſte canto
Junto da coſta brava levantaram,
Lembrando-ſe de ſeu paſſado pranto,
Que as furioſas aguas lhe cauſaram.
Os delphins namorados entretanto
Lá nas covas maritimas entraram,
Fugindo á tempeſtade e ventos duros,
Que nem no fundo os deixa eſtar ſeguros.

LXXVIII

Nunca tão vivos raios fabricou
Contra a fera ſoberba dos gigantes
O grão ferreiro ſordido, que obrou
Do enteado as armas radiantes:
Nem tanto o grão Tonante arremeſſou
Relampados ao mundo fulminantes
No grão diluvio, donde ſós viveram
Os dous, que em gente as pedras converteram.

LXXIX

Quantos montes então que derribaram
As ondas que batiam denodadas!
Quantas arvores velhas arrancaram
Do vento bravo as furias indignadas!
As forçoſas raizes não cuidaram
Que nunca pera o ceo foſſem viradas;
Nem as fundas areias que podeſſem
Tanto os mares, que em cima as revolveſſem.

LXXX

Vendo Vaſco da Gama, que tão perto
Do fim de ſeu deſejo ſe perdia;
Vendo ora o mar até o inferno aberto,
Ora com nova furia ao ceo ſubia.
Confuſo de temor, da vida incerto,
Onde nenhum remedio lhe valia,
Chama aquelle remedio ſancto e forte,
Que o impoſſibil pode, d'eſta ſorte:

LXXXI

Divina Guarda, angelica, celeſte,
Que os ceos, o mar e terra ſenhoreias;
Tu, que a todo Iſrael refugio déſte
Por metade das aguas Erythreias:
Tu, que livraſte Paulo, e defendeſte
Das ſyrtes arenoſas e ondas feias,
E guardaſte c'os filhos o ſegundo
Povoador do alagado e vacuo mundo:

LXXXII

Se tenho novos medos perigoſos
D'outra Scylla e Charybdis já paſſados,
Outras ſyrtes e baixos arenoſos,
Outros Acroceraunios infamados;
No fim de tantos caſos trabalhoſos
Porque ſomos de ti deſemparados,
Se eſte noſſo trabalho não te offende,
Mas antes teu ſerviço ſó pretende?

LXXXIII

Oh ditoſos aquelles, que poderam
Entre as agudas lanças Africanas
Morrer, em quanto fortes ſuſtiveram
A ſancta Fé nas terras Mauritanas!
De quem feitos illuſtres ſe ſouberam,
De quem ficam memorias ſoberanas,
De quem ſe ganha a vida com perdel-a,
Doce fazendo a morte as honras d'ella!

LXXXIV

Aſſi dizendo, os ventos, que lutavam,
Como touros indomitos bramando,
Mais e mais a tormenta acrecentavam,
Pela miuda enxarcia affoviando:
Relampados medonhos não ceſſavam,
Feros trovões, que vem repreſentando
Cair o ceo dos eixos ſobre a terra,
Comſigo os elementos terem guerra.

LXXXV

Mas já a amoroſa eſtrella ſcintillava
Diante do Sol claro no horizonte,
Menſageira do dia, e viſitava
A terra, e o largo mar com leda fronte:
A deoſa, que nos ceos a governava,
De quem foge o enſifero Orionte,
Tanto que o mar e a cara armada vira,
Tocada junto foi de medo e de ira.

LXXXVI

Eſtas obras de Baccho ſão por certo,
Diſſe: mas não ſerá, que ávante leve
Tão damnada tenção, que deſcoberto
Me ſerá ſempre o mal a que ſe atreve:
Iſto dizendo, dece ao mar aberto,
No caminho gaſtando eſpaço breve,
Em quanto manda ás nymphas amoroſas
Grinaldas nas cabeças pôr de roſas.

LXXXVII

Grinaldas manda pôr de varias cores
Sobre cabellos louros á porfia:
Quem não dirá, que nacem roxas flores
Sobre ouro natural, que amor enfia?
Abrandar determina por amores
Dos ventos a nojoſa companhia,
Moſtrando-lhe as amadas nymphas bellas,
Que mais fermoſas vinham, que as eſtrellas.

LXXXVIII

Aſſi foi; porque tanto que chegaram
Á viſta d'ellas, logo lhe fallecem
As forças com que d'antes pelejaram,
E já como rendidos lhe obedecem:
Os pés e mãos parece que lhe ataram
Os cabellos, que os raios eſcurecem.
A Boreas, que do peito mais queria,
Aſſi diſſe a belliſſima Orithya:

LXXXIX

Não creias, fero Boreas, que te creio,
Que me tiveſte nunca amor conſtante;
Que brandura é de amor mais certo arreio,
E não convem furor a firme amante:
Se já não põres a tanta inſania freio,
Não eſperes de mi d'aqui em diante,
Que poſſa mais amar-te, mas temer-te,
Que amor comtigo em medo ſe converte.

XC

Aſſi meſmo a fermoſa Galateia
Dizia ao fero Noto; que bem ſabe
Que dias ha que em vel-a ſe recreia,
Que bem crê, que com elle tudo acabe.
Não ſabe o bravo tanto bem ſe o creia,
Que o coração no peito lhe não cabe:
De contente de ver, que a dama o manda,
Pouco cuida que faz ſe logo abranda.

XCI

D'eſta maneira as outras amanſavam
Subitamente os outros amadores;
E logo á linda Venus ſe entregavam,
Amanſadas as iras e os furores:
Ella lhe prometteo, vendo que amavam,
Sempiterno favor em ſeus amores,
Nas bellas mãos tomando-lhe homenagem
De lhe ſerem leaes eſta viagem.

XCII

Já a manhã clara dava nos outeiros,
Por onde o Ganges murmurando ſoa,
Quando da celſa gavea os marinheiros
Enxergaram terra alta pela prôa.
Já fóra de tormenta, e dos primeiros
Mares, o temor vão do peito vôa:
Diſſe alegre o piloto Melindano,
«Terra é de Calecut», ſe não me engano.

XCIII

Eſta é por certo a terra que buſcaes,
Da verdadeira India, que apparece;
E ſe do mundo mais não deſejaes,
Voſſo trabalho longo aqui fenece.
Soffrer aqui não pode o Gama mais
De ledo em ver, que a terra ſe conhece;
Os giolhos no chão, as mãos ao ceo,
A mercê grande a Deos agardeceo.

XCIV

As graças a Deos dava, e razão tinha,
Que não ſómente a terra lhe moſtrava,
Que com tanto temor buſcando vinha,
Por quem tanto trabalho exp'rimentava;
Mas via-ſe livrado tão aſinha
Da morte, que no mar lhe apparelhava
O vento duro, fervido e medonho,
Como quem deſpertou de horrendo ſonho.

XCV

Por meio d'eſtes horridos perigos,
D'eſtes trabalhos graves e temores,
Alcançam os que ſão de fama amigos,
As honras immortaes, e gráos maiores:
Não encoſtados ſempre nos antigos
Troncos nobres de ſeus anteceſſores;
Não nos leitos dourados, entre os finos
Animaes de Moſcovia zebellinos:

XCVI

Não c'os manjares novos e exquiſitos,
Não c'os paſſeios molles e ocioſos,
Não c'os varios deleites e infinitos,
Que afeminam os peitos generoſos;
Não c'os nunca vencidos appetitos,
Que a fortuna tem ſempre tão mimoſos,
Que não ſoffre a nenhum, que o paſſo mude
Pera algũa obra heroica de virtude:

XCVII

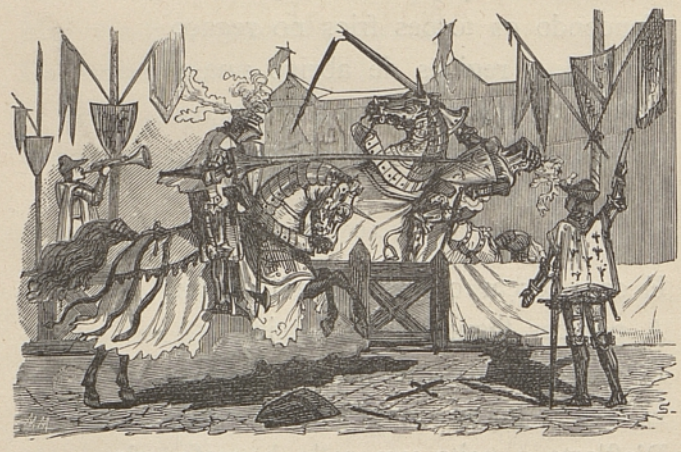
Mas com buſcar c'o ſeu forçoſo braço
As honras, que elle chame proprias ſuas,
Vigiando, e veſtindo o forjado aço,
Soffrendo tempeſtades e ondas cruas,
Vencendo os torpes frios no regaço
Do Sul, e regiões de abrigo nuas,
Engolindo o corrupto mantimento,
Temperado c'um arduo ſoffrimento:

XCVIII

E com forçar o roſto, que ſe enfia,
A parecer ſeguro, ledo, inteiro,
Pera o pelouro ardente, que aſſovia,
E leva a perna ou braço ao companheiro.
D'eſt'arte o peito um callo honroſo cria,
Deſprezador das honras e dinheiro,
Das honras e dinheiro, que a ventura
Forjou, e não virtude juſta e dura.

XCIX

D'eſt'arte ſe eſclarece o entendimento,
Que experiencias fazem repouſado;
E fica vendo, como de alto aſſento,
O baixo trato humano embaraçado:
Eſte, onde tiver força o regimento
Direito, e não de affeitos occupado,
Subirá (como deve) a illuſtre mando,
Contra vontade ſua, e não rogando.



OS LUSIADAS

Canto Setimo

Canto Setimo

I

Já ſe viam chegados junto á terra,
Que deſejada já de tantos fora,
Que entre as correntes Indicas ſe encerra,
E o Ganges, que no ceo terreno mora.
Ora ſus, gente forte, que na guerra
Quereis levar a palma vencedora,
Já ſois chegados, já tendes diante
A terra de riquezas abundante.

II

A vós, ó geração de Luſo, digo,
Que tão pequena parte ſois no mundo,
Não digo inda no mundo, mas no amigo
Curral de quem governa o ceo rotundo;
Vós, a quem não ſómente algum perigo
Eſtorva conquiſtar o povo immundo,
Mas nem cobiça, ou pouca obediencia
Da Madre, que nos Ceos eſtá em eſſencia;

III

Vós, Portuguezes poucos, quanto fortes,
Que o fraco poder voſſo não peſaes;
Vós, que á cuſta de voſſas varias mortes
A Lei da vida eterna dilataes:
Aſſi do Ceo deitadas ſão as ſortes,
Que vós, por muito poucos que ſejaes,
Muito façaes na ſancta Chriſtandade:
Que tanto, ó Chriſto, exaltas a humildade!

IV

Vedel-os Allemães, ſoberbo gado,
Que por tão largos campos ſe apacenta,
Do ſucceſſor de Pedro rebellado,
Novo paſtor, e nova ſeita inventa:
Vedel-o em feias guerras occupado
(Que inda c'o cego error ſe não contenta!)
Não contra o ſuperbiſſimo Othomano,
Mas por ſair do jugo ſoberano.

V

Vedel-o duro Inglez, que ſe nomeia
Rei da velha e ſanctiſſima Cidade,
Que o torpe Iſmaelita ſenhoreia,
(Quem vio honra tão longe da verdade!)
Entre as Boreaes neves ſe recreia,
Nova maneira faz de Chriſtandade:
Pera os de Chriſto tem a eſpada nua,
Não por tomar a terra, que era ſua.

VI

Guarda-lhe por emtanto um falſo Rei
A cidade Hieroſolyma terreſte,
Em quanto elle não guarda a ſancta lei
Da cidade Hieroſolyma celeſte.
Pois de ti, Gallo indigno, que direi?
Que o nome Chriſtianiſſimo quizeſte,
Não pera defendel-o, nem guardal-o,
Mas pera ſer contra elle e derribal-o!

VII

Achas que tens direito em ſenhorios
De Chriſtãos, ſendo o teu tão largo e tanto,
E não contra o Cinypho e Nilo, rios
Inimigos do antigo nome ſancto?
Ali ſe hão de provar da eſpada os fios,
Em quem quer reprovar da Igreja o canto:
De Carlos, de Luiz, o nome e a terra
Herdaſte, e as cauſas não da juſta guerra?

VIII

Pois que direi d'aquelles, que em delicias,
Que o vil ocio no mundo traz comſigo,
Gaſtam as vidas, logram as divicias,
Eſquecidos de ſeu valor antigo?
Naſcem da tyrannia inimicicias,
Que o povo forte tem, de ſi inimigo:
Comtigo, Italia, fallo, já ſumerſa
Em vicios mil, e de ti meſma adverſa.

IX

Ó miſeros Chriſtãos, pola ventura
Sois os dentes de Cadmo deſparzidos,
Que uns aos outros ſe dão a morte dura,
Sendo todos de um ventre produzidos?
Não vedes a divina ſepultura
Poſſuida de cães, que ſempre unidos
Vos vem tomar a voſſa antiga terra,
Fazendo-ſe famoſos pela guerra?

X

Vedes que tem por uſo e por decreto,
Do qual ſão tão inteiros obſervantes,
Ajuntarem o exercito inquieto
Contra os povos, que ſão de Chriſto amantes:
Entre vós nunca deixa a fera Aleto
De ſamear cizanias repugnantes:
Olhae ſe eſtaes ſeguros de perigos,
Que elles e vós ſois voſſos inimigos.

XI

Se cobiça de grandes ſenhorios
Vos faz ir conquiſtar terras alheias,
Não vedes, que Pactolo e Hermo rios,
Ambos volvem auriferas areias?
Em Lydia, Aſſyria, lavram de ouro os fios;
Africa eſconde em ſi luzentes veias:
Mova-vos já ſe quer riqueza tanta,
Pois mover-vos não póde a Caſa ſancta.

XII

Aquellas invenções feras e novas
De inſtrumentos mortaes da artilharia,
Já devem de fazer as duras provas
Nos muros de Byzancio e de Turquia.
Fazei que torne lá ás ſylveſtres covas
Dos Caſpios montes e da Scythia fria
A Turca geração, que multiplica
Na policia da voſſa Europa rica.

XIII

Gregos, Thraces, Armenios, Georgianos,
Bradando-vos eſtão, que o povo bruto
Lhe obriga os caros filhos aos profanos
Preceitos do Alcorão (duro tributo!):
Em caſtigar os feitos inhumanos
Vos gloriae de peito forte e aſtuto;
E não queiraes louvores arrogantes
De ſerdes contra os voſſos mui poſſantes.

XIV

Mas emtanto, que cegos e ſedentos
Andaes de voſſo ſangue, ó gente inſana,
Não faltarão Chriſtãos atrevimentos
Neſta pequena caſa Luſitana:
De Africa tem maritimos aſſentos;
É na Aſia mais que todas ſoberana;
Na quarta parte nova os campos ara;
E ſe mais mundo houvera, lá chegara.

XV

E vejamos emtanto, que acontece
Áquelles tão famoſos navegantes,
Deſpois que a branda Venus enfraquece
O furor vão dos ventos repugnantes;
Deſpois que a larga terra lhe apparece,
Fim de ſuas porfias tão conſtantes,
Onde vem ſamear de Chriſto a lei,
E dar novo coſtume e novo Rei.

XVI

Tanto que á nova terra ſe chegaram,
Leves embarcações de peſcadores
Acharam, que o caminho lhe moſtraram
De Calecut, onde eram moradores:
Pera lá logo as proas ſe inclinaram;
Porque eſta era a cidade das melhores
Do Malabar melhor, onde vivia
O Rei, que a terra toda poſſuia.

XVII

Alem do Indo jaz, e áquem do Gange,
Um terreno mui grande e aſſaz famoſo,
Que pela parte Auſtral o mar abrange,
E pera o Norte o Emodio cavernoſo:
Jugo de Reis diverſos o conſtrange
A varias leis: alguns o vicioſo
Mahoma, alguns os idolos adoram,
Alguns os animaes, que entre elles moram.

XVIII

Lá bem no grande monte, que cortando
Tão larga terra, toda Aſia diſcorre,
Que nomes tão diverſos vae tomando,
Segundo as regiões por onde corre,
As fontes ſaem, d'onde vem manando
Os rios, cuja grão corrente morre
No mar Indico, e cercam todo o peſo
Do terreno, fazendo-o Cherſoneſo.

XIX

Entre um e outro rio, em grande eſpaço,
Sae da larga terra ũa longa ponta,
Quaſi pyramidal, que no regaço
Do mar com Ceilão inſula confronta:
E junto d'onde naſce o largo braço
Gangetico, o rumor antigo conta,
Que os vizinhos, da terra moradores,
Do cheiro ſe mantem das finas flores;

XX

Mas agora de nomes e de uſança
Novos e varios ſão os habitantes;
Os Deliis, os Patanes, que em poſſança
De terra e gente ſão mais abundantes:
Decanis, Oriás, que a eſperança
Tem de ſua ſalvação nas reſonantes
Aguas do Gange; e a terra de Bengala,
Fertil de ſorte, que outra não lhe eguala.

XXI

O reino de Cambaia bellicoſo,
(Dizem que foi de Poro, Rei potente)
O reino de Narſinga, poderoſo
Mais de ouro e pedras, que de forte gente:
Aqui ſe enxerga lá do mar undoſo
Um monte alto, que corre longamente,
Servindo ao Malabar de forte muro,
Com que do Canará vive ſeguro.

XXII

Da terra os naturaes lhe chamam Gate,
Do pé do qual pequena quantidade
Se eſtende ũa fralda eſtreita, que combate
Do mar a natural ferocidade:
Aqui de outras cidades, ſem debate,
Calecut tem a illuſtre dignidade
De cabeça de imperio rica e bella:
Samorim ſe intitula o ſenhor d'ella.

XXIII

Chegada a frota ao rico ſenhorio,
Um Portuguez mandado logo parte,
A fazer ſabedor o Rei gentio
Da vinda ſua a tão remota parte.
Entrando o menſageiro pelo rio,
Que ali nas ondas entra, a não viſta arte,
A côr, o geſto extranho, o trajo novo,
Fez concorrer a vel-o todo o povo.

XXIV

Entre a gente, que a vel-o concorria,
Se chega um Mahometa, que naſcido
Fôra na região da Berberia,
Lá onde fôra Anteo obedecido:
Ou pela vizinhança já teria
O reino Luſitano conhecido,
Ou foi já aſſignalado de ſeu ferro,
Fortuna o trouxe a tão longo deſterro.

XXV

Em vendo o menſageiro, com jocundo
Roſto, como quem ſabe a lingua Hiſpana,
Lhe diſſe: Quem te trouxe a eſt'outro mundo,
Tão longe da tua patria Luſitana?
Abrindo, lhe reſponde, o mar profundo,
Por onde nunca veio gente humana,
Vimos buſcar do Indo a grão corrente,
Por onde a Lei divina ſe accrecente.

XXVI

Eſpantado ficou da grão viagem
O Mouro, que Monçaide ſe chamava,
Ouvindo as oppreſſões, que na paſſagem
Do mar o Luſitano lhe contava:
Mas vendo em fim, que a força da menſagem
Só pera o Rei da terra relevava,
Lhe diz, que eſtava fóra da cidade,
Mas de caminho pouca quantidade;

XXVII

E que, emtanto que a nova lhe chegaſſe
De ſua extranha vinda, ſe queria,
Na ſua pobre caſa repouſaſſe,
E do manjar da terra comeria;
E deſpois que ſe um pouco recreaſſe,
Com elle pera a armada tornaria;
Que alegria não pode ſer tamanha,
Que achar gente vizinha em terra extranha.

XXVIII

O Portuguez acceita de vontade
O que o ledo Monçaide lhe offerece;
Como ſe longa fôra já a amizade,
Com elle come e bebe, e lhe obedece.
Ambos ſe tornam logo da cidade
Pera a frota, que o Mouro bem conhece;
Sobem á capitaina, e toda a gente
Monçaide recebeo benignamente.

XXIX

O Capitão o abraça em cabo ledo,
Ouvindo clara a lingua de Caſtella,
Junto de ſi o aſſenta, e prompto e quedo,
Pela terra pergunta e couſas d'ella.
Qual ſe ajuntava em Rhódope o arvoredo,
Só por ouvir o amante da donzella
Eurydice, tocando a lyra de ouro,
Tal a gente ſe ajunta a ouvir o Mouro.

XXX

Elle começa: Ó gente, que a natura
Vizinha fez de meu paterno ninho,
Que deſtino tão grande, ou que ventura,
Vos trouxe a commetterdes tal caminho?
Não é ſem cauſa, não, occulta e eſcura,
Vir do longinquo Tejo e ignoto Minho,
Por mares nunca d'outro lenho arados,
A reinos tão remotos e apartados.

XXXI

Deos por certo vos traz, porque pretende
Algum ſerviço ſeu, por vós obrado:
Por iſſo ſó vos guia e vos defende
Dos imigos, do mar, do vento irado.
Sabei, que eſtaes na India, onde ſe eſtende
Diverſo povo, rico, e proſperado
De ouro luzente, e fina pedraria,
Cheiro ſuave, ardente eſpeciaria.

XXXII

Eſta provincia, cujo porto agora
Tomado tendes, Malabar ſe chama;
Do culto antigo os idolos adora,
Que cá por eſtas partes ſe derrama:
De diverſos Reis é, mas d'um ſó fôra
Noutro tempo, ſegundo a antiga fama;
Saramá Perimal foi derradeiro
Rei, que eſte reino teve unido e inteiro.

XXXIII

Porém como a eſta terra então vieſſem
De lá do ſeio Arabico outras gentes,
Que o culto Mahometico trouxeſſem,
No qual me inſtituiram meus parentes,
Succedeo, que prégando converteſſem
O Perimal, de ſabias e eloquentes;
Fazem-lhe a lei tomar com fervor tanto,
Que preſuppoz de nella morrer ſancto.

XXXIV

Náos arma, e nellas mette curioſo
Mercadoria, que offereça, rica,
Pera ir nellas a ſer religioſo,
Onde o propheta jaz, que a lei pubrica:
Antes que parta, o reino poderoſo
C'os ſeus reparte, porque não lhe fica
Herdeiro proprio; faz os mais aceitos,
Ricos de pobres, livres de ſujeitos.

XXXV

A um Cochim, e a outro Cananor,
A qual Chalé, a qual a ilha da Pimenta,
A qual Coulão, a qual dá Cranganor,
E os mais, a quem o mais ſerve e contenta.
Um ſó moço, a quem tinha muito amor,
Deſpois que tudo deo, ſe lhe apreſenta:
Pera eſte Calecut ſómente fica,
Cidade já por trato nobre e rica.

XXXVI

Eſta lhe dá c'o titulo excellente
De Imperador, que ſobre os outros mande.
Iſto feito, ſe parte diligente
Pera onde em ſancta vida acabe e ande:
E d'aqui fica o nome de potente
Samorim, mais que todos digno e grande,
Ao moço e deſcendentes, d'onde vem
Eſte, que agora o imperio manda e tem.

XXXVII

A lei da gente toda, rica e pobre,
De fabulas compoſta ſe imagina:
Andam nus, e ſómente um panno cobre
As partes, que a cobrir natura enſina:
Dous modos ha de gente; porque a nobre
Naires chamados são, e a menos digna
Poleás tem por nome, a quem obriga
A lei não miſturar a caſta antiga;

XXXVIII

Porque os que uſaram ſempre um meſmo officio,
D'outro não podem receber conſorte;
Nem os filhos terão outro exercicio,
Senão o de ſeus paſſados, até morte.
Pera os Naires é certo grande vicio
D'eſtes ſerem tocados, de tal ſorte,
Que, quando algum ſe toca por ventura,
Com ceremonias mil ſe alimpa e apura.

XXXIX

D'eſta ſorte o Judaico povo antigo
Não tocava na gente de Samaria:
Mais extranhezas inda das que digo
Neſta terra vereis de uſança varia.
Os Naires ſós ſão dados ao perigo
Das armas, ſós defendem da contraria
Banda o ſeu Rei, trazendo ſempre uſada
Na eſquerda a adarga, e na direita a eſpada.

XL

Brahmenes ſão os ſeus religioſos,
Nome antigo e de grande preminencia:
Obſervam os preceitos tão famoſos
D'um, que primeiro poz nome á sciencia:
Não matam couſa viva, e temeroſos,
Das carnes tem grandiſſima abſtinencia:
Sómente no venereo ajuntamento
Tem mais licença e menos regimento.

XLI

Geraes ſão as mulheres, mas ſómente
Pera os da geração de ſeus maridos:
Ditoſa condição, ditoſa gente,
Que não ſão de ciumes offendidos!
Eſtes e outros coſtumes variamente
São pelos Malabares admittidos:
A terra é groſſa em trato em tudo aquillo,
Que as ondas podem dar da China ao Nilo.

XLII

Affi contava o Mouro; mas vagando
Andava a fama já pela cidade
Da vinda d'eſta gente extranha, quando
O Rei ſaber mandava da verdade:
Já vinham pelas ruas caminhando,
Rodeados de todo ſexo e edade,
Os principaes, que o Rei buſcar mandara
O capitão da armada, que chegara.

XLIII

Mas elle, que do Rei já tem licença
Pera deſembarcar, acompanhado
Dos nobres Portuguezes, ſem detença
Parte, de ricos pannos adornado:
Das cores a fermoſa differença
A viſta alegra ao povo alvoroçado:
O remo compaſſado fere frio
Agora o mar, deſpois o freſco rio.

XLIV

Na praia um regedor do reino eſtava,
Que na ſua lingua Catual ſe chama,
Rodeado de Naires, que eſperava
Com deſuſada feſta o nobre Gama:
Já na terra nos braços o levava,
E num portatil leito ũa rica cama
Lhe offerece em que vá (coſtume uſado),
Que nos hombros dos homens é levado.

XLV

D'eſt'arte o Malabar, d'eſt'arte o Luſo,
Caminham lá pera onde o Rei o eſpera:
Os outros portuguezes vão ao uſo
Que infantaria ſegue, eſquadra fera:
O povo, que concorre, vae confuſo
De ver a gente extranha, e bem quizera
Perguntar; mas no tempo já paſſado,
Na torre de Babel lhe foi vedado.

XLVI

O Gama e o Catual iam fallando
Nas couſas, que lhe o tempo offerecia:
Monçaide entr'elles vae interpretando
As palavras, que de ambos entendia.
Aſſi pela cidade caminhando,
Onde ũa rica fabrica ſe erguia
De um ſumptuoſo templo, já chegavam,
Pelas portas do qual juntos entravam.

XLVII

Ali eſtão das deidades as figuras
Eſculpidas em páo e em pedra fria,
Varios de geſtos, varios de pinturas,
A ſegundo o demonio lhe fingia:
Vêm-ſe as abominaveis eſculpturas,
Qual a Chimera em membros ſe varia:
Os Chriſtãos olhos, a ver Deos uſados
Em fórma humana, eſtão maravilhados.

XLVIII

Um na cabeça cornos eſculpidos,
Qual Jupiter Hammon em Libya eſtava;
Outro num corpo roſtos tinha unidos,
Bem como o antigo Jano ſe pintava;
Outro com muitos braços divididos,
A Briareo parece que imitava;
Outro fronte canina tem de fóra,
Qual Anubis Memphitico ſe adora.

XLIX

Aqui feita do barbaro Gentio
A ſuperſticioſa adoração,
Direitos vão, ſem outro algum deſvio,
Pera onde eſtava o Rei do povo vão:
Engroſſando-ſe vae da gente o fio,
C'os que vem ver o extranho Capitão:
Eſtão pelos telhados e janellas,
Velhos e moços, donas e donzellas.

L

Já chegam perto, e não com paſſos lentos,
Dos jardins odoriferos, fermoſos,
Que em ſi eſcondem os regios apouſentos,
Altos de torres não, mas ſumptuoſos:
Edificam-ſe os nobres ſeus aſſentos
Por entre os arvoredos deleitoſos:
Aſſi vivem os Reis d'aquella gente,
No campo e na cidade juntamente.

LI

Pelos portaes da cerca a ſubtileza
Se enxerga da Dedálea faculdade,
Em figuras moſtrando, por nobreza,
Da India a mais remota antiguidade:
Affiguradas vão com tal viveza
As hiſtorias d'aquella antiga edade,
Que quem d'ellas tiver noticia inteira,
Pela ſombra conhece a verdadeira.

LII

Eſtava um grande exercito, que piſa
A terra Oriental, que o Hydaſpe lava;
Rege-o um capitão de fronte liſa,
Que com frondentes thyrſos pelejava:
Por elle edificada eſtava Nyſa
Nas ribeiras do rio, que manava;
Tão proprio, que ſe ali eſtiver Semele,
Dirá por certo, que é ſeu filho aquelle.

LIII

Mais avante bebendo ſecca o rio
Mui grande multidão da Aſſyria gente,
Sujeita a feminino ſenhorio
De ũa tão bella, como incontinente:
Ali tem junto ao lado nunca frio,
Eſculpido o feroz ginete ardente,
Com quem teria o filho competencia:
Amor nefando, bruta incontinencia!

LIV

D'aqui mais apartadas tremolavam
As bandeiras de Grecia glorioſas,
Terceira monarchia, e ſojugavam
Até as aguas Gangeticas undoſas:
D'um capitão mancebo ſe guiavam,
De palmas rodeado valeroſas,
Que já não de Philippo, mas ſem falta,
De progenie de Jupiter ſe exalta.

LV

Os Portuguezes vendo eſtas memorias,
Dizia o Catual ao Capitão:
Tempo cedo virá, que outras victorias
Eſtas, que agora olhaes, abaterão:
Aqui ſe eſcreverão novas hiſtorias
Por gentes extrangeiras, que virão;
Que os noſſos ſabios magos o alcançaram,
Quando o tempo futuro eſpecularam.

LVI

E diz-lhe mais a magica ſciencia,
Que pera ſe evitar força tamanha,
Não valerá dos homens reſiſtencia,
Que contra o Ceo não val da gente manha:
Mas tambem diz, que a bellica excellencia
Nas armas e na paz, da gente extranha
Será tal, que ſerá no mundo ouvido
O vencedor, por gloria do vencido.

LVII

Aſſi fallando entravam já na ſala,
Onde aquelle potente Imperador
Numa camilha jaz, que não ſe eguala
De outra algũa no preço e no lavor:
No recoſtado geſto ſe aſſignala
Um venerando e proſpero ſenhor:
Um panno de ouro cinge, e na cabeça
De precioſas gemmas ſe adereça.

LVIII

Bem junto d'elle um velho reverente,
C'os giolhos no chão, de quando em quando
Lhe dava a verde folha da herva ardente,
Que a ſeu coſtume eſtava ruminando.
Um Brahmene, peſſoa preminente,
Pera o Gama vem com paſſo brando,
Pera que ao grande Principe o apreſente,
Que diante lhe aſſena, que ſe aſſente.

LIX

Sentado o Gama junto ao rico leito,
Os ſeus mais afaſtados, prompto em viſta
Eſtava o Samori no trajo e geito
Da gente, nunca de antes d'elle viſta:
Lançando a grave voz do ſabio peito,
Que grande auctoridade logo aquiſta
Na opinião do Rei e do povo todo,
O Capitão lhe falla d'eſte modo:

LX

Um grande Rei de lá das partes, onde
O ceo volubil, com perpetua roda,
Da terra a luz ſolar co'a terra eſconde,
Tingindo a que deixou de eſcura noda,
Ouvindo do rumor que lá reſponde
O echo, como em ti da India toda
O principado eſtá, e a mageſtade,
Vinculo quer comtigo de amizade.

LXI

E por longos rodeios a ti manda,
Por te fazer ſaber, que tudo aquillo,
Que ſobre o mar, que ſobre as terras anda,
De riquezas, de lá do Tejo ao Nilo,
E deſde a fria plaga de Zelanda,
Até bem d'onde o Sol não muda o eſtylo
Nos dias, ſobre a gente de Ethiopia,
Tudo tem no ſeu reino em grande copia.

LXII

E ſe queres com pactos e lianças
De paz e de amizade ſacra e nua,
Commercio conſentir das abondanças
Das fazendas da terra ſua e tua,
Porque creçam as rendas e abaſtanças
(Por quem a gente mais trabalha e ſua)
De voſſos reinos; ſerá certamente
De ti proveito, e d'elle gloria ingente.

LXIII

E ſendo aſſi, que o nó d'eſta amizade
Entre vós firmemente permaneça,
Eſtará prompto a toda adverſidade,
Que por guerra a teu reino ſe offereça,
Com gente, armas e naos; de qualidade
Que por irmão te tenha e te conheça:
E da vontade em ti ſobre iſto poſta
Me dês a mi certiſſima reſpoſta.

LXIV

Tal embaixada dava o Capitão,
A quem o Rei gentio reſpondia,
Que em ver embaixadores de nação
Tão remota, grão gloria recebia;
Mas neſte caſo a ultima tenção
Com os de ſeu conſelho tomaria,
Informando-ſe certo, de quem era
O Rei, e a gente e terra, que diſſera.

LXV

E que emtanto podia do trabalho
Paſſado ir repouſar, e em tempo breve
Daria a ſeu deſpacho um juſto talho,
Com que a ſeu Rei repoſta alegre leve.
Já niſto punha a noite o uſado atalho
Ás humanas canſeiras, porque ceve
De doce ſomno os membros trabalhados,
Os olhos occupando ao ocio dados.

LXVI

Agaſalhados foram juntamente
O Gama e Portuguezes no apouſento
Do nobre regedor da Indica gente,
Com feſtas e geral contentamento.
O Catual, no cargo diligente
De ſeu Rei, tinha já por regimento
Saber da gente extranha d'onde vinha,
Que coſtumes, que lei, que terra tinha.

LXVII

Tanto que os igneos carros do fermoſo
Mancebo Delio vio, que a luz renova,
Manda chamar Monçaide, deſejoſo
De poder-ſe informar da gente nova.
Já lhe pergunta, prompto e curioſo,
Se tem noticia inteira, e certa prova
Dos extranhos quem ſão; que ouvido tinha,
Que é gente de ſua patria mui vizinha.

LXVIII

Que particularmente ali lhe déſſe
Informação mui larga, pois fazia
Niſſo ſerviço ao Rei, porque ſoubeſſe
O que neſte negocio ſe faria.
Monçaide torna: Poſtoque eu quizeſſe
Dizer-te d'iſto mais, não ſaberia:
Sómente ſei, que é gente lá de Heſpanha,
Onde o meu ninho, e o Sol no mar ſe banha.

LXIX

Tem a lei d'um Propheta, que gerado
Foi ſem fazer na carne detrimento
Da Mãe; tal que por bafo eſtá approvado
Do Deos, que tem do mundo o regimento.
O que entre meus antigos é vulgado
D'elles, é que o valor ſanguinolento
Das armas no ſeu braço reſplandece,
O que em noſſos paſſados ſe parece:

LXX

Porque elles, com virtude ſobrehumana,
Os deitaram dos campos abundoſos
Do rico Tejo e freſca Guadiana,
Com feitos memoraveis e famoſos:
E não contentes inda, na Africana
Parte, cortando os mares procelloſos,
Nos não querem deixar viver ſeguros,
Tomando-nos cidades e altos muros.

LXXI

Não menos tem moſtrado esforço e manha
Em quaeſquer outras guerras, que aconteçam,
Ou das gentes belligeras de Heſpanha,
Ou lá d'alguns, que do Pyrene deçam:
Aſſi que nunca em fim com lança extranha
Se tem, que por vencidos ſe conheçam:
Nem ſe ſabe inda, não, te affirmo e aſſello,
Pera eſtes Annibaes nenhum Marcello.

LXXII

E ſe eſta informação não for inteira,
Tanto quanto convem, d'elles pretende
Informar-te, que é gente verdadeira,
A quem mais falſidade enoja e offende:
Vae ver-lhe a frota, as armas e a maneira
Do fundido metal, que tudo rende;
E folgarás de veres a policia
Portugueza na paz e na milicia.

LXXIII

Já com deſejos o Idolátra ardia
De ver iſto, que o Mouro lhe contava;
Manda eſquipar bateis, que ir ver queria
Os lenhos em que o Gama navegava.
Ambos partem da praia, a quem ſeguia
A Naira geração, que o mar coalhava;
Á capitaina ſobem forte e bella,
Onde Paulo os recebe a bordo d'ella.

LXXIV

Purpureos ſão os toldos, e as bandeiras
Do rico fio ſão, que o bicho gera;
Nella eſtão pintadas as guerreiras
Obras, que o forte braço já fizera:
Batalhas tem campaes, aventureiras,
Deſafios crueis, pintura fera,
Que tanto que ao Gentio ſe apreſenta,
Attento nella os olhos apacenta.

LXXV

Pelo que vê pergunta; mas o Gama
Lhe pedia primeiro, que ſe aſſente,
E que aquelle deleite, que tanto ama
A ſeita Epicurea, experimente.
Dos eſpumantes vaſos ſe derrama
O licor, que Noé moſtrara á gente;
Mas comer o Gentio não pretende;
Que a ſeita que ſeguia lh'o defende.

LXXVI

A trombeta, que em paz no penſamento
Imagem faz de guerra, rompe os ares:
C'o fogo o diabolico inſtrumento
Se faz ouvir no fundo lá dos mares.
Tudo o Gentio nota; mas o intento
Moſtrava ſempre ter nos ſingulares
Feitos dos homens, que em retrato breve
A muda poeſia ali deſcreve.

LXXVII

Alça-ſe em pé, com elle o Gama junto,
Coelho de outra parte e o Mauritano;
Os olhos põe no bellico tranſumpto
De um velho branco, aſpeito ſoberano,
Cujo nome não pode ſer defunto,
Em quanto houver no mundo trato humano:
No trajo a Grega uſança eſtá perfeita,
Um ramo por inſignia na direita.

LXXVIII

Um ramo na mão tinha... Mas ó cego
Eu, que commetto inſano e temerario,
Sem vós, Nymphas do Tejo e do Mondego,
Por caminho tão arduo, longo e vario!
Voſſo favor invoco, que navego
Por alto mar, com vento tão contrario,
Que ſe não me ajudaes, hei grande medo,
Que o meu fraco batel ſe alague cedo.

LXXIX

Olhae que ha tanto tempo, que cantando
O voſſo Tejo e os voſſos Luſitanos,
A fortuna me traz peregrinando,
Novos trabalhos vendo e novos damnos:
Agora o mar, agora exp'rimentando
Os perigos Mavorcios inhumanos;
Qual Canace, que á morte ſe condemna,
Nũa mão ſempre a eſpada e noutra a penna:

LXXX

Agora com pobreza avorrecida
Por hoſpicios alheios degradado;
Agora da eſperança já adquirida,
De novo mais que nunca derribado;
Agora ás coſtas eſcapando a vida,
Que d'um fio pendia tão delgado;
Que não menos milagre foi ſalvar-ſe,
Que pera o Rei Judaico accrecentar-ſe.

LXXXI

E ainda, Nymphas minhas, não baſtava
Que tamanhas miſerias me cercaſſem;
Senão que aquelles, que eu cantando andava,
Tal premio de meus verſos me tornaſſem:
A troco dos deſcanſos, que eſperava,
Das capellas de louro, que me honraſſem,
Trabalhos nunca uſados me inventaram,
Com que em tão duro eſtado me deitaram.

LXXXII

Vede, Nymphas, que engenhos de ſenhores
O voſſo Tejo cria valeroſos,
Que aſſi ſabem prezar com taes favores
A quem os faz cantando glorioſos!
Que exemplos a futuros eſcriptores,
Pera eſpertar engenhos curioſos,
Pera pôrem as couſas em memoria,
Que merecerem ter eterna gloria!

LXXXIII

Pois logo em tantos males é forçado,
Que ſó voſſo favor me não falleça,
Principalmente aqui, que ſou chegado
Onde feitos diverſos engrandeça:
Dae-m'o vós ſós, que eu tenho já jurado,
Que não no empregue em quem o não mereça,
Nem por liſonja louve algum ſubido,
Sob pena de não ſer agradecido.

LXXXIV

Nem creaes, Nymphas, não, que fama déſſe
A quem ao bem commum, e do ſeu Rei
Antepozer ſeu proprio intereſſe,
Imigo da divina e humana lei:
Nenhum ambicioſo, que quizeſſe
Subir a grandes cargos, cantarei,
Só por poder com torpes exercicios
Uſar mais largamente de ſeus vicios.

LXXXV

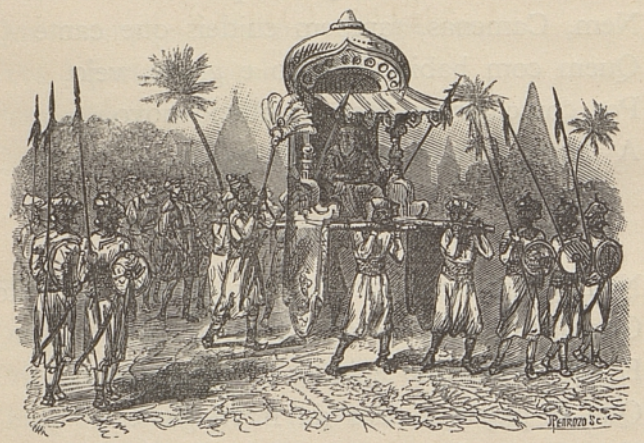
Nenhum que uſe de ſeu poder baſtante
Pera ſervir a ſeu deſejo feio,
E que, por comprazer ao vulgo errante,
Se muda em mais figuras que Proteio:
Nem, Camenas, tambem cuideis que cante
Quem com habito honeſto e grave, veio,
Por contentar ao Rei no officio novo,
A deſpir e roubar o pobre povo.

LXXXVI

Nem quem acha, que é juſto, e que é direito
Guardar-ſe a lei do Rei ſeveramente,
E não acha, que é juſto e bom reſpeito,
Que ſe pague o ſuor da ſervil gente:
Nem quem ſempre com pouco experto peito
Razões aprende e cuida que é prudente,
Pera taxar com mão rapace e eſcaſſa,
Os trabalhos alheios, que não paſſa.

LXXXVII

Aquelles ſós direi, que aventuraram
Por ſeu Deos, por ſeu Rei, a amada vida,
Onde perdendo-a, em fama a dilataram,
Tão bem de ſuas obras merecida.
Apollo e as Muſas, que me acompanharam,
Me dobrarão a furia concedida,
Em quanto eu tomo alento deſcanſado,
Por tornar ao trabalho mais folgado.



OS LUSIADAS

Canto Oitavo

Canto Oitavo

I

DA primeira figura ſe detinha
O Catual, que vira eſtar pintada,
Que por diviſa um ramo na mão tinha,
A barba branca, longa e penteada:
«Quem era, e por que cauſa lhe convinha
«A diviſa, que tem na mão tomada?»
Paulo reſponde, cuja voz diſcreta
O Mauritano ſabio lhe interpreta:

II

Eſtas figuras todas, que apparecem,
Bravos em viſta, e feros nos aſpeitos,
Mais bravos e mais feros ſe conhecem,
Pela fama, nas obras e nos feitos:
Antigos ſão, mas inda reſplandecem
C'o nome entre os engenhos mais perfeitos:
Eſte que vês é Luſo, d'onde a fama
O noſſo reino Luſitania chama.

III

Foi filho ou companheiro do Thebano,
Que tão diverſas partes conquiſtou;
Parece vindo ter ao ninho Hiſpano,
Seguindo as armas, que contino uſou;
Do Douro e Guadiana o campo ufano,
Já dito Elyſio, tanto o contentou,
Que ali quiz dar aos já canſados oſſos
Eterna ſepultura, e nome aos noſſos.

IV

O ramo, que lhe vês pera diviſa,
O verde thyrſo foi de Baccho uſado,
O qual á noſſa edade amoſtra e aviſa,
Que foi ſeu companheiro, ou filho amado.
Vês outro, que do Tejo a terra piſa,
Deſpois de ter tão longo mar arado,
Onde muros perpetuos edifica,
E templo a Pallas, que em memoria fica?

V

Ulyſſes é, o que faz a ſancta caſa
Á deoſa, que lhe dá lingua facunda;
Que ſe lá na Aſia Troia inſigne abraſa,
Cá na Europa Lisboa ingente funda.
Quem ſerá eſt'outro cá, que o campo arraſa
De mortos, com preſença furibunda?
Grandes batalhas tem desbaratadas,
Que as aguias nas bandeiras tem pintadas.

VI

Aſſi o Gentio diz: reſponde o Gama:
Eſte, que vês, paſtor já foi de gado;
Viriato ſabemos que ſe chama,
Deſtro na lança mais, que no cajado;
Injuriada tem de Roma a fama,
Vencedor invencibil, afamado;
Não tem com elle, não, nem ter poderam
O primor, que com Pyrrho já tiveram.

VII

Com força não, com manha vergonhoſa
A vida lhe tiraram, que os eſpanta;
Que o grande aperto em gente, inda que honroſa,
Ás vezes leis magnanimas quebranta.
Outro eſtá aqui, que contra a patria iroſa
Degradado comnoſco ſe alevanta:
Eſcolheo bem com quem ſe alevantaſſe,
Pera que eternamente ſe illuſtraſſe.

VIII

Vês, comnoſco tambem vence as bandeiras
D'eſſas aves de Jupiter validas;
Que já naquelle tempo as mais guerreiras
Gentes de nós ſouberam ſer vencidas:
Olha tão ſubtis artes e maneiras,
Pera adquirir os povos, tão fingidas;
A fatidica cerva, que o aviſa:
Elle é Sertorio, e ella a ſua diviſa.

IX

Olha eſt'outra bandeira, e vê pintado
O grão progenitor dos Reis primeiros:
Nós Hungaro o fazemos, porém nado
Crem ſer em Lotharingia os extrangeiros:
Deſpois de ter, c'os Mouros, ſuperado
Gallegos e Leonezes cavalleiros,
Á Caſa ſancta paſſa o ſancto Henrique,
Porque o tronco dos Reis ſe ſanctifique.

X

Quem é, me dize, eſt'outro que me eſpanta,
(Pergunta o Malabar maravilhado)
Que tantos eſquadrões, que gente tanta
Com tão pouca tem roto e deſtroçado?
Tantos muros aſperrimos quebranta,
Tantas batalhas dá, nunca canſado,
Tantas coroas tem por tantas partes
A ſeus pés derribadas, e eſtandartes?

XI

Eſte é o primeiro Affonſo, diſſe o Gama,
Que todo Portugal aos Mouros toma;
Por quem no Eſtygio lago jura a Fama
De mais não celebrar nenhum de Roma;
Eſte é aquelle zeloſo, a quem Deos ama,
Com cujo braço o Mouro imigo doma,
Pera quem de ſeu reino abaixa os muros,
Nada deixando já pera os futuros.

XII

Se Ceſar, ſe Alexandre Rei, tiveram
Tão pequeno poder, tão pouca gente,
Contra tantos imigos, quantos eram
Os que desbaratava eſte excellente;
Não creias, que ſeus nomes ſe eſtenderam
Com glorias immortaes tão largamente;
Mas deixa os feitos ſeus inexplicaveis,
Vê que os de ſeus vaſſallos ſão notaveis.

XIII

Eſte que vês olhar com geſto irado
Pera o rompido alumno mal ſoffrido,
Dizendo-lhe que o exercito eſpalhado
Recolha, e torne ao campo defendido:
Torna o moço do velho acompanhado,
Que vencedor o torna de vencido:
Egas Moniz ſe chama o forte velho,
Pera leaes vaſſallos claro eſpelho.

XIV

Vêl-o cá vae c'os filhos a entregar-ſe,
A corda ao collo, nu de ſeda e panno,
Porque não quiz o moço ſujeitar-ſe,
Como elle promettera, ao Caſtelhano:
Fez com ſiſo e promeſſas levantar-ſe
O cerco, que já eſtava ſoberano:
Os filhos e mulher obriga á pena:
Pera que o ſenhor ſalve, a ſi condemna.

XV

Não fez o conſul tanto, que cercado
Foi nas forcas Caudinas de ignorante,
Quando a paſſar por baixo foi forçado
Do Samnitico jugo triumphante:
Eſte, pelo feu povo injuriado,
A ſi ſe entrega ſó, firme e conſtante;
Eſt'outro a ſi e os filhos naturaes,
E a conſorte ſem culpa, que doe mais.

XVI

Vês eſte, que ſaindo da cilada,
Dá ſobre o Rei, que cerca a villa forte;
Já o Rei tem preſo, e a villa deſcercada:
Illuſtre feito, digno de Mavorte!
Vêl-o cá vae pintado neſta armada,
No mar tambem aos Mouros dando a morte,
Tomando-lhe as galés, levando a gloria
Da primeira maritima victoria:

XVII

É Dom Fuas Roupinho, que na terra
E no mar reſplandece juntamente,
C'o fogo, que accendeo junto da ſerra
De Abyla, nas galés da Maura gente.
Olha como em tão juſta e ſancta guerra,
De acabar pelejando eſtá contente:
Das mãos dos Mouros entra a felice alma
Triumphando nos Ceos, com juſta palma.

XVIII

Não vês um ajuntamento de extrangeiro
Trajo, ſair da grande armada nova,
Que ajuda a combater o Rei primeiro
Lisboa, de ſi dando ſancta prova?
Olha Henrique, famoſo cavalleiro,
A palma, que lhe naſce junto á cova:
Por elles moſtra Deos milagre viſto:
Germanos ſão os martyres de Chriſto.

XIX

Um ſacerdote vê brandindo a eſpada
Contra Arronches, que toma por vingança
De Leiria, que de antes foi tomada
Por quem por Mafamede enreſta a lança:
É Theotonio, Prior. Mas vê cercada
Santarem, e verás a ſegurança
Da figura nos muros, que primeira
Subindo ergueo das quinas a bandeira:

XX

Vêl-o cá onde Sancho desbarata
Os Mouros de Vandalia em fera guerra,
Os imigos rompendo, o alferes mata,
E Hiſpalico pendão derriba em terra:
Mem Moniz é, que em ſi o valor retrata,
Que o ſepulchro do pae c'os oſſos cerra:
Digno d'eſtas bandeiras, pois ſem falta
A contraria derriba, e a ſua exalta.

XXI

Olha aquelle, que dece pela lança
Com as duas cabeças dos vigias,
Onde a cilada eſconde, com que alcança
A cidade por manhas e ouſadias:
Ella por armas toma a ſimilhança
Do cavalleiro, que as cabeças frias
Na mão levava: feito nunca feito!
Giraldo Sem-pavor é o forte peito.

XXII

Não vês um Caſtelhano, que aggravado
De Affonſo nono Rei, pelo odio antigo
Dos de Lara c'os Mouros é deitado,
De Portugal fazendo-ſe inimigo?
Abrantes villa toma, acompanhado
Dos duros infieis, que traz comſigo:
Mas vê, que um Portuguez com pouca gente
O desbarata, e o prende ouſadamente:

XXIII

Martim Lopes ſe chama o cavalleiro,
Que d'eſtes levar pode a palma e o louro.
Mas olha um eccleſiaſtico guerreiro,
Que em lança de aço torna o bago de ouro:
Vêl-o entre os duvidoſos tão inteiro
Em não negar batalha ao bravo Mouro:
Olha o ſignal no ceo, que lhe apparece,
Com que nos poucos ſeus o esforço crece.

XXIV

Vês, vão os Reis de Cordova e Sevilha
Rotos, c'os outros dous, e não de eſpaço;
Rotos? mas antes mortos. Maravilha
Feita de Deos, que não de humano braço!
Vês, já a villa de Alcacere ſe humilha,
Sem lhe valer defeſa, ou muro de aço,
A Dom Matheus, o Biſpo de Lisboa,
Que a coroa de palma ali coroa.

XXV

Olha um Meſtre, que dece de Caſtella,
Portuguez de nação, como conquiſta
A terra dos Algarves, e já nella
Não acha quem por armas lhe reſiſta:
Com manha, esforço e com benigna eſtrella
Villas, caſtellos toma á eſcala viſta.
Vês Tavila tomada aos moradores,
Em vingança dos ſete caçadores?

XXVI

Vês? com bellica aſtucia ao Mouro ganha
Silves, que elle ganhou com força ingente:
É Dom Paio Correa, cuja manha,
E grande esforço faz inveja á gente.
Mas não paſſes os tres, que em França e Heſpanha
Se fazem conhecer perpetuamente,
Em deſafios, juſtas e torneos,
Nellas deixando publicos tropheos.

XXVII

Vêl-os? c'o nome vem de aventureiros
A Caſtella, onde o preço ſós levaram
Dos jogos de Bellona verdadeiros,
Que com damno de alguns ſe exercitaram.
Vê mortos os ſoberbos cavalleiros,
Que o principal dos tres deſafiaram,
Que Gonçalo Ribeiro ſe nomeia,
Que pode não temer a lei Letheia.

XXVIII

Attenta num, que a fama tanto eſtende,
Que de nenhum paſſado ſe contenta,
Que a patria que de um fraco fio pende,
Sobre ſeus duros hombros a ſuſtenta.
Não no vês tinto de ira, que reprende
A vil deſconfiança inerte e lenta
Do povo, e faz que tome o doce freio
De Rei ſeu natural, e não de alheio?

XXIX

Olha, por ſeu conſelho, e ouſadia,
De Deos guiada ſó, e de ſancta eſtrella,
Só pode, o que impoſſibil parecia,
Vencer o povo ingente de Caſtella.
Vês por induſtria, esforço e valentia
Outro eſtrago, e victoria clara e bella,
Na gente, aſſi feroz como infinita,
Que entre o Tarteſſo e Guadiana habita?

XXX

Mas não vês quaſi já desbaratado
O poder Luſitano, pela auſencia
Do Capitão devoto, que apartado
Orando invoca a ſumma e trina Eſſencia?
Vêl-o com preſſa já dos ſeus achado,
Que lhe dizem, que falta reſiſtencia
Contra poder tamanho, e que vieſſe,
Porque comſigo esforço aos fracos déſſe?

XXXI

Mas olha com que ſancta confiança,
Que inda não era tempo, reſpondia;
Como quem tinha em Deos a ſegurança
Da victoria, que logo lhe daria:
Aſſi Pompilio, ouvindo que a poſſança
Dos imigos a terra lhe corria,
A quem lhe a dura nova eſtava dando,
Pois eu, reſponde, eſtou ſacrificando.

XXXII

Se quem com tanto esforço em Deos ſe atreve,
Ouvir quizeres como ſe nomeia,
Portuguez Scipião chamar ſe deve,
Mas mais de Dom Nuno Alvares ſe arreia.
Ditoſa patria, que tal filho teve!
Mas antes pae: que em quanto o Sol rodeia
Eſte globo de Ceres e Neptuno,
Sempre ſuſpirará por tal alumno.

XXXIII

Na meſma guerra vê, que preſas ganha
Eſt'outro capitão de pouca gente;
Commendadores vence, e o gado apanha,
Que levavam roubado ouſadamente:
Outra vez vê, que a lança em ſangue banha
D'eſtes, ſó por livrar co'amor ardente
O preſo amigo; preſo por leal:
Pero Rodrigues é do Landroal.

XXXIV

Olha eſte desleal o como paga
O perjurio que fez e vil engano:
Gil Fernandes é de Elvas quem o eſtraga,
E faz vir a paſſar o ultimo damno:
De Xerez rouba o campo, e quaſi alaga
C'o ſangue de ſeus donos Caſtelhano.
Mas olha Rui Pereira, que c'o roſto
Faz eſcudo ás galés, diante poſto.

XXXV

Olha, que dezeſete Luſitanos
Neſte outeiro ſubidos ſe defendem
Fortes de quatrocentos Caſtelhanos,
Que em derredor pelos tomar ſe eſtendem:
Porém logo ſentiram com ſeus danos,
Que não ſó ſe defendem, mas offendem:
Digno feito de ſer no mundo eterno,
Grande no tempo antigo, e no moderno!

XXXVI

Sabe-ſe antigamente, que trezentos
Já contra mil Romanos pelejaram,
No tempo, que os viris atrevimentos
De Viriato tanto ſe illuſtraram:
E d'elles alcançando vencimentos
Memoraveis, de herança nos deixaram,
Que os muitos, por ſer poucos, não temamos,
O que deſpois mil vezes amoſtramos.

XXXVII

Olha cá dous Infantes, Pedro e Henrique,
Progenie generoſa de Joanne:
Aquelle faz, que fama illuſtre fique
D'elle em Germania, com que a morte engane;
Eſte, que ella nos mares o pubrique
Por ſeu deſcobridor, e deſengane
De Ceita a Maura tumida vaidade,
Primeiro entrando as portas da cidade.

XXXVIII

Vês o Conde Dom Pedro, que ſuſtenta
Dous cercos contra toda a Barbaria?
Vês? outro Conde eſtá, que repreſenta
Em terra Marte em forças e ouſadia:
De poder defender ſe não contenta
Alcacere da ingente companhia;
Mas do ſeu Rei defende a cara vida,
Pondo por muro a ſua, ali perdida.

XXXIX

Outros muitos verias, que os pintores
Aqui tambem por certo pintariam;
Mas falta-lhe pincel, faltam-lhe cores,
Honra, premio, favor, que as artes criam:
Culpa dos vicioſos ſucceſſores,
Que degeneram certo, e ſe deſviam
Do luſtre e do valor dos ſeus paſſados,
Em goſtos e vaidades atolados.

XL

Aquelles paes illuſtres, que já deram
Principio á geração, que d'elles pende,
Pela virtude muito antão fizeram,
E por deixar a caſa, que deſcende.
Cegos! Que dos trabalhos, que tiveram,
Se alta fama e rumor d'elles ſe eſtende,
Eſcuros deixam ſempre ſeus menores,
Com lhe deixar deſcanſos corruptores.

XLI

Outros tambem ha grandes e abaſtados,
Sem nenhum tronco illuſtre d'onde venham;
Culpa de Reis, que ás vezes a privados
Dão mais que a mil, que esforço e ſaber tenham:
Eſtes os ſeus não querem ver pintados,
Crendo que cores vãs lhe não convenham;
E como a ſeu contrario natural,
Á pintura, que falla, querem mal.

XLII

Não nego, que ha comtudo deſcendentes
De generoſo tronco e caſa rica,
Que com coſtumes altos e excellentes
Suſtentam a nobreza, que lhe fica:
E ſe a luz dos antigos ſeus parentes
Nelles mais o valor não clarifica,
Não falta ao menos, nem ſe faz eſcura;
Mas d'eſtes acha poucos a pintura.

XLIII

Aſſi eſtá declarando os grandes feitos
O Gama, que ali moſtra a varia tinta,
Que a douta mão tão claros, tão perfeitos,
Do ſingular artifice ali pinta.
Os olhos tinha promptos e direitos
O Catual na hiſtoria bem diſtincta:
Mil vezes perguntava, e mil ouvia
As goſtoſas batalhas, que ali via.

XLIV

Mas já a luz ſe moſtrava duvidoſa,
Porque a alampada grande ſe eſcondia
Debaixo do horizonte, e luminoſa
Levava aos antipodas o dia;
Quando o Gentio, e a gente generoſa
Dos Naires, da nao forte ſe partia
A buſcar o repouſo, que deſcanſa
Os laſſos animaes na noite manſa.

XLV

Entretanto os haruſpices famoſos
Na falſa opinião, que em ſacrificios
Antevêm ſempre os caſos duvidoſos,
Por ſignaes diabolicos e indicios,
Mandados do Rei proprio, eſtudioſos
Exercitavam a arte e ſeus officios,
Sobre eſta vinda d'eſta gente extranha,
Que ás ſuas terras vem da ignota Heſpanha.

XLVI

Signal lhe moſtra o Demo verdadeiro,
De como a nova gente lhe ſeria
Jugo perpetuo, eterno captiveiro,
Deſtruição de gente e de valia.
Vae-ſe eſpantado o attonito agoureiro
Dizer ao Rei (ſegundo o que entendia)
Os ſignaes temeroſos, que alcançara
Nas entranhas das victimas, que olhara.

XLVII

A iſto mais ſe ajunta, que a um devoto
Sacerdote da lei de Mafamede,
Dos odios concebidos não remoto
Contra a divina Fé, que tudo excede,
Em fórma do propheta falſo e noto,
Que do filho da eſcrava Agar procede,
Baccho odioſo em ſonhos lhe apparece,
Que de ſeus odios inda ſe não dece.

XLVIII

E diz-lhe aſſi: Guardae-vos, gente minha,
Do mal que ſe apparelha pelo imigo,
Que pelas aguas humidas caminha,
Antes que eſteis mais perto do perigo.
Iſto dizendo, acorda o Mouro aſinha
Eſpantado do ſonho: mas comſigo
Cuida que não é mais que ſonho uſado,
Torna a dormir quieto, e ſocegado.

XLIX

Torna Baccho, dizendo: Não conheces
O grão legislador, que a teus paſſados
Tem moſtrado o preceito a que obedeces,
Sem o qual foreis muitos baptizados?
Eu por ti, rudo, velo, e tu adormeces?
Pois ſaberás, que aquelles, que chegados
De novo ſão, ſerão mui grande damno
Da lei que eu dei ao neſcio povo humano.

L

Em quanto é fraca a força d'eſta gente,
Ordena como em tudo ſe reſiſta;
Porque, quando o Sol ſae, facilmente
Se pode nelle pôr a aguda viſta:
Porém, deſpois que ſobe claro e ardente,
Se agudeza dos olhos o conquiſta,
Tão cega fica, quanto ficareis
Se raizes criar lhe não tolheis.

LI

Iſto dito, elle, e o ſomno ſe deſpede:
Tremendo fica o attonito Agareno;
Salta da cama, lume aos ſervos pede,
Lavrando nelle o fervido veneno.
Tanto que a nova luz, que ao Sol precede,
Moſtrara roſto angelico e ſereno,
Convoca os principaes da torpe ſeita,
Aos quaes do que ſonhou dá conta eſtreita.

LII

Diverſos pareceres e contrarios
Ali ſe dão, ſegundo o que entendiam:
Aſtutas traições, enganos varios,
Perfidias inventavam e teciam:
Mas deixando conſelhos temerarios,
Deſtruição da gente pretendiam,
Por manhas mais ſubtis e ardis melhores,
Com peitas adquirindo os regedores.

LIII

Com peitas, ouro e dadivas ſecretas,
Conciliam da terra os principaes;
E com raſões notaveis e diſcretas,
Moſtram ſer perdição dos naturaes;
Dizendo, que ſão gentes inquietas,
Que os mares diſcorrendo Occidentaes,
Vivem ſó de piraticas rapinas,
Sem Rei, ſem leis humanas, ou divinas.

LIV

Oh quanto deve o Rei, que bem governa,
De olhar, que os conſelheiros, ou privados,
De conſciencia e de virtude interna,
E de ſincero amor ſejam dotados!
Porque, como eſtê poſto na ſuperna
Cadeira, póde mal dos apartados
Negocios ter noticia mais inteira,
Do que lhe der a lingua conſelheira.

LV

Nem tão pouco direi, que tome tanto
Em groſſo a conſciencia limpa e certa,
Que ſe enleve num pobre e humilde manto,
Onde ambição a caſo ande encoberta:
E quando um bom em tudo é juſto e ſancto,
Em negocios do mundo pouco acerta;
Que mal com elles poderá ter conta
A quieta innocencia, em ſó Deos pronta.

LVI

Mas aquelles avaros Catuaes,
Que o Gentilico povo governavam,
Induzidos das gentes infernaes,
O Portuguez deſpacho dilatavam.
Mas o Gama, que não pretende mais,
De tudo quanto os Mouros ordenavam,
Que levar a ſeu Rei um ſignal certo
Do mundo, que deixava deſcoberto:

LVII

Niſto trabalha ſó, que bem ſabia,
Que, deſpois que levaſſe eſta certeza,
Armas, e naos e gente mandaria
Manoel, que exercita a ſumma alteza;
Com que a ſeu jugo e lei ſumetteria
Das terras e do mar a redondeza;
Que elle não era mais, que um diligente
Deſcobridor das terras do Oriente.

LVIII

Fallar ao Rei gentio determina,
Porque com ſeu deſpacho ſe tornaſſe;
Que já ſentia em tudo da maligna
Gente impedir-ſe quanto deſejaſſe.
O Rei, que da noticia falſa e indigna
Não era d'eſpantar ſe ſ'eſpantaſſe,
Que tão credulo era em ſeus agouros,
E mais ſendo affirmados pelos Mouros:

LIX

Eſte temor lhe esfria o baixo peito:
Por outra parte a força da cubiça,
A quem por natureza eſtá ſujeito,
Um deſejo immortal lhe accende e atiça:
Que bem vê, que grandiſſimo proveito
Fará, ſe com verdade e com juſtiça,
O contrato fizer por longos annos,
Que lhe commette o Rei dos Luſitanos.

LX

Sobre iſto nos conſelhos, que tomava,
Achava mui contrarios pareceres;
Que naquelles com quem ſe aconſelhava,
Executa o dinheiro ſeus poderes.
O grande Capitão chamar mandava,
A quem, chegado, diſſe: Se quizeres
Confeſſar-me a verdade limpa e nua,
Perdão alcançarás da culpa tua.

LXI

Eu ſou bem informado, que a embaixada,
Que de teu Rei me déſte, que é fingida;
Porque nem tu tens Rei, nem patria amada,
Mas vagabundo vás paſſando a vida:
Que quem da Heſperia ultima alongada,
Rei ou ſenhor de inſania deſmedida,
Ha de vir commetter com naos e frotas
Tão incertas viagens e remotas?

LXII

E ſe de grandes reinos poderoſos
O teu Rei tem a regia mageſtade,
Que preſentes me trazes valeroſos,
Signaes de tua incognita verdade?
Com peças, e dões altos ſumptuoſos
Se lia dos Reis altos a amizade:
Que ſignal nem penhor não é baſtante,
As palavras d'um vago navegante.

LXIII

Se por ventura vindes deſterrados,
Como já foram homens d'alta ſorte,
Em meu reino ſereis agaſalhados;
Que toda a terra é patria pera o forte:
Ou ſe piratas ſois ao mar uſados,
Dizei-m'o ſem temor de infamia ou morte;
Que por ſe ſuſtentar em toda edade,
Tudo faz a vital neceſſidade.

LXIV

Iſto aſſi dito, o Gama, que já tinha
Suſpeitas das inſidias, que ordenava
O Mahometico odio, d'onde vinha
Aquillo, que tão mal o Rei cuidava:
C'ũa alta confiança, que convinha,
Com que ſeguro credito alcançava,
Que Venus Acidalia lhe influia,
Taes palavras do ſabio peito abria:

LXV

Se os antigos delictos, que a malicia
Humana commetteo na priſca edade,
Não cauſaram, que o vaſo da nequicia,
Açoute tão cruel da Chriſtandade,
Viera pôr perpetua inimicicia
Na geração de Adão co'a falſidade
(Ó poderoſo Rei) da torpe ſeita,
Não conceberas tu tão má ſuſpeita.

LXVI

Mas porque nenhum grande bem ſe alcança
Sem grandes oppreſſões, e em todo o feito
Segue o temor os paſſos da eſperança,
Que em ſuor vive ſempre de ſeu peito;
Me moſtras tu tão pouca confiança
D'eſta minha verdade, ſem reſpeito
Das razões em contrario, que acharias,
Se não creſſes a quem não crer devias:

LXVII

Porque ſe eu de rapinas ſó viveſſe,
Undivago, ou da patria deſterrado,
Como crês, que tão longe me vieſſe
Buſcar aſſento incognito e apartado?
Por que eſperanças, ou por que intereſſe,
Viria exp'rimentando o mar irado,
Os Antarcticos frios, e os ardores,
Que ſoffrem do Carneiro os moradores?

LXVIII

Se com grandes preſentes d'alta eſtima
O credito me pedes do que digo,
Eu não vim mais, que a achar o extranho clima,
Onde a natura poz teu reino antigo:
Mas ſe a fortuna tanto me ſublima,
Que eu torne á minha patria e reino amigo,
Então verás o dom ſoberbo e rico,
Com que minha tornada certifico.

LXIX

Se te parece inopinado feito,
Que Rei da ultima Heſperia a ti me mande,
O coração ſublime, o regio peito,
Nenhum caſo poſſibil tem por grande.
Bem parece, que o nobre e grão conceito
Do Luſitano eſpirito demande
Maior credito e fé de mais alteza,
Que creia d'elle tanta fortaleza.

LXX

Sabe, que ha muitos annos, que os antigos
Reis noſſos firmemente propozeram
De vencer os trabalhos e perigos,
Que ſempre ás grandes couſas ſe oppozeram:
E deſcobrindo os mares inimigos
Do quieto deſcanſo, pretenderam
De ſaber, que fim tinham e onde eſtavam
As derradeiras praias, que lavavam.

LXXI

Conceito digno foi do ramo claro
Do venturoſo Rei, que arou primeiro
O mar, por ir deitar do ninho caro
O morador de Abyla derradeiro:
Eſte, por ſua induſtria e engenho raro,
Num madeiro ajuntando outro madeiro,
Deſcobrir poude a parte, que faz clara
De Argos, da Hydra a luz, da Lebre e da Ara.

LXXII

Creſcendo c'os ſucceſſos bons primeiros
No peito as ouſadias, deſcobriram
Pouco e pouco caminhos extrangeiros,
Que uns ſuccedendo aos outros proſeguiram:
De Africa os moradores derradeiros
Auſtraes, que nunca as ſete flammas viram,
Foram viſtos de nós, atraz deixando
Quantos eſtão os Tropicos queimando.

LXXIII

Aſſi com firme peito, e com tamanho
Propoſito vencemos a Fortuna,
Até que nós no teu terreno extranho
Viemos pôr a ultima columna:
Rompendo a força do liquido eſtanho,
Da tempeſtade horrifica e importuna,
A ti chegámos, de quem ſó queremos
Signal, que ao noſſo Rei de ti levemos.

LXXIV

Eſta é a verdade, Rei; que não faria
Por tão incerto bem, tão fraco premio,
Qual, não ſendo iſto aſſi, eſperar podia,
Tão longo, tão fingido e vão proemio:
Mas antes deſcanſar me deixaria
No nunca deſcanſado e fero gremio
Da madre Thetis, qual pirata iniquo,
Dos trabalhos alheios feito rico.

LXXV

Aſſi que, ó Rei, ſe minha grão verdade
Tens por qual é, ſincera e não dobrada,
Ajunta-me ao deſpacho brevidade,
Não me impidas o goſto da tornada:
E ſe inda te parece falſidade,
Cuida bem na razão, que eſtá provada,
Que com claro juizo pode ver-ſe;
Que facil é a verdade d'entender-ſe.

LXXVI

Attento eſtava o Rei na ſegurança,
Com que provava o Gama o que dizia:
Concebe d'elle certa confiança,
Credito firme, em quanto proferia:
Pondera das palavras a abaſtança,
Julga na auctoridade grão valia;
Começa de julgar por enganados
Os Catuaes corruptos, mal julgados.

LXXVII

Juntamente a cubiça do proveito,
Que eſpera do contracto Luſitano,
O faz obedecer, e ter reſpeito
C'o Capitão, e não c'o Mauro engano.
Em fim, ao Gama manda, que direito
Ás naos ſe vá, e ſeguro d'algum damno
Poſſa á terra mandar qualquer fazenda,
Que pela eſpeciaria troque e venda.

LXXVIII

Que mande da fazenda em fim lhe manda,
Que nos reinos Gangeticos falleça;
Se algũa traz idonea, lá da banda
D'onde a terra ſe acaba e o mar começa.
Já da real preſença veneranda
Se parte o Capitão pera onde peça
Ao Catual, que d'elle tinha cargo,
Embarcação, que a ſua eſtá de largo.

LXXIX

Embarcação, que o leve ás naos lhe pede:
Mas o mao regedor, que novos laços
Lhe machinava, nada lhe concede,
Interpondo tardanças e embaraços:
Com elle parte ao caes, porque o arrede
Longe quanto podér dos regios paços;
Onde, ſem que ſeu Rei tenha noticia,
Faça o que lhe enſinar ſua malicia.

LXXX

Lá bem longe lhe diz, que lhe daria
Embarcação baſtante, em que partiſſe,
Ou que pera a luz craſtina do dia
Futuro, ſua partida differiſſe:
Já com tantas tardanças entendia
O Gama, que o Gentio conſentiſſe
Na má tenção dos Mouros, torpe e fera,
O que d'elle até'li não entendera.

LXXXI

Era eſte Catual um dos que eſtavam
Corruptos pela Maometana gente,
O principal, por quem ſe governavam
As cidades do Samorim potente:
D'elle ſómente os Mouros eſperavam
Effeito a ſeus enganos torpemente:
Elle, que no concerto vil conſpira,
De ſuas eſperanças não delira.

LXXXII

O Gama com inſtancia lhe requere,
Que o mande pôr nas naos, e não lhe val;
E que aſſi lh'o mandara, lhe refere,
O nobre ſucceſſor de Perimal.
Por que razão lhe impede e lhe differe
A fazenda trazer de Portugal?
Pois aquillo que os Reis já tem mandado,
Não póde ſer por outrem derogado.

LXXXIII

Pouco obedece o Catual corrupto
A taes palavras, antes revolvendo
Na phantaſia algum ſubtil e aſtuto
Engano diabolico e eſtupendo;
Ou como banhar poſſa o ferro bruto
No ſangue avorrecido, eſtava vendo;
Ou como as naos em fogo lhe abraſaſſe,
Porque nenhũa á patria mais tornaſſe.

LXXXIV

Que nenhum torne á patria ſó pretende
O conſelho infernal dos Maometanos,
Porque não ſaiba nunca, onde ſe eſtende
A terra Eoa, o Rei dos Luſitanos.
Não parte o Gama em fim, que lh'o defende
O regedor dos barbaros profanos;
Nem ſem licença ſua ir-ſe podia,
Que as almadias todas lhe tolhia.

LXXXV

Aos brados e razões do Capitão,
Reſponde o Idolatra, que mandaſſe
Chegar á terra as naos, que longe eſtão,
Porque melhor d'ali foſſe e tornaſſe.
Signal é de inimigo e de ladrão,
Que lá tão longe a frota ſe alargaſſe,
Lhe diz, porque do certo e fido amigo
É não temer do ſeu nenhum perigo.

LXXXVI

Neſtas palavras o diſcreto Gama
Enxerga bem, que as naos deſeja perto
O Catual, porque com ferro e flamma
Lh'as aſſalte, por odio deſcoberto.
Em varios penſamentos ſe derrama:
Phantaſiando eſtá remedio certo,
Que déſſe a quanto mal ſe lhe ordenava;
Tudo temia, tudo em fim cuidava.

LXXXVII

Qual o reflexo lume do polido
Eſpelho de aço, ou de cryſtal fermoſo,
Que do raio ſolar ſendo ferido,
Vae ferir noutra parte luminoſo;
E ſendo da ocioſa mão movido
Pela caſa do moço curioſo,
Anda pelas paredes e telhado,
Tremulo, aqui e ali, deſſocegado:

LXXXVIII

Tal o vago juizo fluctuava
Do Gama preſo, quando lhe lembrara
Coelho, ſe por caſo o eſperava
Na praia c'os bateis, como ordenara:
Logo ſecretamente lhe mandava,
Que ſe tornaſſe á frota, que deixara,
Não ſoſſe ſalteado dos enganos,
Que eſperava dos feros Maometanos.

LXXXIX

Tal ha de ſer, quem quer c'o dom de Marte
Imitar os illuſtres, e egualal-os:
Voar c'o penſamento a toda parte,
Adivinhar perigos e evital-os:
Com militar engenho e ſubtil arte,
Entender os imigos e enganal-os:
Crer tudo em fim; que nunca louvarei
O Capitão que diga: Não cuidei.

XC

Inſiſte o Malabar em tel-o preſo,
Se não manda chegar á terra a armada:
Elle conſtante, e de ira nobre acceſo,
Os ameaços ſeus não teme nada:
Que antes quer ſobre ſi tomar o peſo
De quanto mal a vil malicia ouſada
Lhe andar armando, que pôr em ventura
A frota de ſeu Rei, que tem ſegura.

XCI

Aquella noite eſteve ali detido,
E parte do outro dia, quando ordena
De ſe tornar ao Rei: mas impedido
Foi da guarda, que tinha não pequena.
Commette-lhe o Gentio outro partido,
Temendo de ſeu Rei caſtigo, ou pena,
Se ſabe eſta malicia, a qual aſinha
Saberá, ſe mais tempo ali o detinha.

XCII

Diz-lhe, que mande vir toda a fazenda
Vendibil, que trazia, pera terra,
Pera que de vagar ſe troque e venda;
Que quem não quer commercio, buſca guerra.
Poſtoque os maos propoſitos entenda
O Gama, que o damnado peito encerra,
Conſente; porque ſabe por verdade,
Que compra co'a fazenda a liberdade.

XCIII

Concertam-ſe, que o negro mande dar
Embarcações idoneas com que venha;
Que os ſeus bateis não quer aventurar,
Onde lh'os tome o imigo, ou lh'os detenha.
Partem as almadias a buſcar
Mercadoria Hiſpana, que convenha:
Eſcreve a ſeu irmão, que lhe mandaſſe
A fazenda, com que ſe reſgataſſe.

XCIV

Vem a fazenda a terra, aonde logo
A agaſalhou o infame Catual:
Com ella ficam Alvaro e Diogo,
Que a podeſſem vender pelo que val.
Se mais que obrigação, que mando e rogo,
No peito vil o premio pode e val,
Bem o moſtra o Gentio a quem o entenda;
Pois o Gama ſoltou pela fazenda.

XCV

Por ella o ſolta, crendo que ali tinha
Penhor baſtante, d'onde recebeſſe
Intereſſe maior do que lhe vinha,
Se o Capitão mais tempo detiveſſe.
Elle vendo, que já lhe não convinha
Tornar a terra, porque não podeſſe
Ser mais retido, ſendo ás naos chegado,
Nellas eſtar ſe deixa deſcanſado.

XCVI

Nas naos eſtar ſe deixa vagaroſo,
Até ver o que o tempo lhe deſcobre;
Que não ſe fia já do cubiçoſo
Regedor corrompido e pouco nobre.
Veja agora o juizo curioſo
Quanto no rico, aſſi como no pobre,
Pode o vil intereſſe e ſêde imiga
Do dinheiro, que a tudo nos obriga!

XCVII

A Polydoro mata o Rei Threïcio,
Só por ficar ſenhor do grão theſouro;
Entra pelo fortiſſimo edificio
Com a filha de Acriſio a chuva d'ouro;
Pode tanto em Tarpeia avaro vicio,
Que a troco do metal luzente e louro,
Entrega aos inimigos a alta torre,
Do qual quaſi afogada em pago morre.

XCVIII

Eſte rende munidas fortalezas,
Faz tredores e falſos os amigos;
Eſte a mais nobres faz fazer vilezas,
E entrega capitães aos inimigos;
Eſte corrompe virginaes purezas,
Sem temer de honra ou fama alguns perigos;
Eſte deprava ás vezes as ſciencias,
Os juizos cegando e as conſciencias.

XCIX

Eſte interpreta mais que ſubtilmente
Os textos; eſte faz e desfaz leis;
Eſte cauſa os perjurios entre a gente,
E mil vezes tyrannos torna os Reis.
Até os que ſó a Deos Omnipotente
Se dedicam, mil vezes ouvireis,
Que corrompe eſte encantador, e illude;
Mas não ſem côr, com tudo, de virtude.

OS LUSIADAS

Canto Nono

Canto Nono

I

TIVERAM longamente na cidade,
Sem vender-ſe, a fazenda os dois feitores;
Que os infieis por manha e falſidade
Fazem, que não lh'a comprem mercadores;
Que todo ſeu propoſito e vontade
Era deter ali os deſcobridores
Da India tanto tempo, que vieſſem
De Meca as naos, que as ſuas desfizeſſem.

II

Lá no ſeio Erythreo, onde fundada
Arſinoe foi do Egypcio Ptolemeo,
Do nome da irmã ſua aſſi chamada,
Que deſpois em Suez ſe converteo;
Não longe o porto jaz da nomeada
Cidade Meca, que ſe engrandeceo
Com a ſuperſtição falſa e profana
Da religioſa agua Maometana.

III

Gidá ſe chama o porto, aonde o trato
De todo o Roxo mar mais florecia,
De que tinha proveito grande e grato
O Soldão, que eſſe reino poſſuia.
D'aqui aos Malabares, por contrato
Dos infieis, fermoſa companhia
De grandes naos pelo Indico Oceano
Eſpeciaria vem buſcar cada anno.

IV

Por eſtas naos os Mouros eſperavam,
Que, como foſſem grandes e poſſantes,
Aquellas, que o commercio lhe tomavam,
Com flammas abraſaſſem crepitantes.
Neſte ſoccorro tanto confiavam,
Que já não querem mais dos navegantes,
Senão que tanto tempo ali tardaſſem,
Que da famoſa Meca as naos chegaſſem.

V

Mas o Governador dos ceos e gentes,
Que pera quanto tem determinado,
De longe os meios dá convenientes,
Por onde vem a effeito o fim fadado;
Influio piadoſos accidentes
De affeição em Monçaide, que guardado
Eſtava pera dar ao Gama aviſo,
E merecer por iſſo o Paraiſo.

VI

Eſte, de quem ſe os Mouros não guardavam,
Por ſer Mouro como elles, antes era
Participante em quanto machinavam,
A tenção lhe deſcobre torpe e fera:
Muitas vezes as naos, que longe eſtavam,
Viſita, e com piedade conſidera
O damno, ſem razão, que ſe lhe ordena
Pela maligna gente Sarracena.

VII

Informa o cauto Gama das armadas,
Que de Arabica Meca vem cada anno,
Que agora ſão dos ſeus tão deſejadas,
Pera ſer inſtrumento d'eſte damno:
Diz-lhe, que vem de gente carregadas,
E dos trovões horrendos de Vulcano;
E que pode ſer d'ellas opprimido,
Segundo eſtava mal apercebido.

VIII

O Gama, que tambem conſiderava
O tempo, que pera a partida o chama,
E que deſpacho já não eſperava
Melhor do Rei, que os Maometanos ama;
Aos feitores, que em terra eſtão, mandava,
Que ſe tornem ás naos; e porque a fama
D'eſta ſubita vinda os não impida,
Lhe manda, que a fizeſſem eſcondida.

IX

Porém não tardou muito, que voando
Um rumor não ſoaſſe com verdade,
Que foram preſos os feitores, quando
Foram ſentidos vir-ſe da cidade.
Eſta fama as orelhas penetrando
Do ſabio Capitão, com brevidade
Faz repreſalia nuns, que ás naos vieram
A vender pedraria, que trouxeram.

X

Eram eſtes antigos mercadores,
Ricos em Calecut, e conhecidos;
Da falta d'elles logo entre os melhores
Sentido foi, que eſtão no mar retidos.
Mas já nas naos os bons trabalhadores
Volvem o cabreſtante, e repartidos
Pelo trabalho, uns puxam pela amarra,
Outros quebram c'o peito duro a barra;

XI

Outros pendem da verga, e já deſatam
A vela, que com grita ſe ſoltava;
Quando com maior grita ao Rei relatam
A preſſa, com que a armada ſe levava:
As mulheres e filhos, que ſe matam,
D'aquelles, que vão preſos, onde eſtava
O Samorim, ſe aqueixam, que perdidos
Uns tem os paes, as outras os maridos.

XII

Manda logo os feitores Luſitanos
Com toda ſua fazenda livremente,
A peſar dos imigos Maometanos,
Porque lhe torne a ſua preſa gente:
Deſculpas manda o Rei de ſeus enganos.
Recebe o Capitão de melhor mente
Os preſos, que as deſculpas; e, tornando
Alguns negros, ſe parte as velas dando.

XIII

Parte-ſe coſta abaixo, porque entende
Que em vão c'o Rei gentio trabalhava
Em querer d'elle paz, a qual pretende
Por firmar o commercio, que tratava.
Mas como aquella terra, que ſe eſtende
Pela Aurora, ſabida já deixava,
Com eſtas novas torna á patria cara,
Certos ſignaes levando do que achara.

XIV

Leva alguns Malabares, que tomou
Per força, dos que o Samorim mandara,
Quando os preſos feitores lhe tornou:
Leva pimenta ardente, que comprara:
A ſecca flor de Banda não ficou,
A noz, e o negro cravo, que faz clara
A nova ilha Maluco, co'a canella,
Com que Ceilão é rica, illuſtre e bella.

XV

Iſto tudo lhe houvera a diligencia
De Monçaide fiel, que tambem leva;
Que inſpirado de angelica influencia,
Quer no livro de Chriſto, que ſe eſcreva.
Oh ditoſo Africano, que a clemencia
Divina aſſi tirou d'eſcura treva,
E tão longe da patria achou maneira
Pera ſubir á patria verdadeira!

XVI

Apartadas aſſi da ardente coſta
As venturoſas naos, levando a proa
Pera onde a natureza tinha poſta
A meta Auſtrina da eſperança boa;
Levando alegres novas, e reſpoſta
Da parte oriental pera Lisboa,
Outra vez commettendo os duros medos
Do mar incerto, timidos e ledos:

XVII

O prazer de chegar á patria cara,
A ſeus penates caros e parentes,
Pera contar a peregrina e rara
Navegação, os varios ceos e gentes;
Vir a lograr o premio, que ganhara
Por tão longos trabalhos e accidentes,
Cada um tem por goſto tão perfeito,
Que o coração para elle é vaſo eſtreito.

XVIII

Porém a deoſa Cypria, que ordenada
Era pera favor dos Luſitanos
Do padre eterno, e por bom genio dada,
Que ſempre os guia já de longos annos;
A gloria por trabalhos alcançada,
Satisfação de bem ſoffridos damnos,
Lhe andava já ordenando, e pretendia
Dar-lhe nos mares triſtes alegria.

XIX

Deſpois de ter um pouco revolvido
Na mente o largo mar, que navegaram,
Os trabalhos que pelo Deos naſcido
Nas Amphioneas Thebas ſe cauſaram;
Já trazia de longe no ſentido,
Pera premio de quanto mal paſſaram,
Buſcar-lhe algum deleite, algum deſcanſo
No reino de cryſtal liquido e manſo:

XX

Algum repouſo em fim, com que podeſſe
Refocilar a laſſa humanidade
Dos navegantes ſeus, como intereſſe
Do trabalho, que encurta a breve edade.
Parece-lhe razão, que conta déſſe
A ſeu filho, por cuja poteſtade
Os deoſes faz decer ao vil terreno,
E os humanos ſubir ao ceo ſereno.

XXI

Iſto bem revolvido, determina
De ter-lhe apparelhada lá no meio
Das aguas, alguma inſula divina,
Ornada d'eſmaltado e verde arreio:
Que muitas tem no reino, que confina
Da primeïra c'o terreno ſeio,
Afora as que poſſue ſoberanas,
Pera dentro das portas Herculanas.

XXII

Ali quer, que as aquaticas donzellas
Eſperem os fortiſſimos Barões,
Todas as que tem titulo de bellas,
Gloria dos olhos, dor dos corações,
Com danças e choreias, porque nellas
Influirá ſecretas affeições,
Pera com mais vontade trabalharem
De contentar a quem ſe affeiçoarem.

XXIII

Tal manha buſcou já, pera que aquelle,
Que de Anchiſes pario, bem recebido
Foſſe no campo, que a bovina pelle
Tomou de eſpaço, por ſubtil partido:
Seu filho vae buſcar, porque ſó nelle
Tem todo ſeu poder, fero Cupido;
Que aſſi como naquella empreſa antiga
A ajudou já, neſt'outra a ajude e ſiga.

XXIV

No carro ajunta as aves, que na vida
Vão da morte as exequias celebrando,
E aquellas em que já foi convertida
Periſtera, as boninas apanhando.
Em derredor da deoſa já partida,
No ar laſcivos beijos ſe vão dando:
Ella por onde paſſa, o ar e o vento
Sereno faz com brando movimento.

XXV

Já ſobre os Idalios montes pende,
Onde o filho frecheiro eſtava então
Ajuntando outros muitos; que pretende
Fazer ũa famoſa expedição
Contra o mundo revelde, porque emende
Erros grandes, que ha dias nelle eſtão,
Amando couſas, que nos foram dadas,
Não pera ſer amadas, mas uſadas.

XXVI

Via Acteon na caça tão auſtero,
De cego na alegria bruta, inſana,
Que por ſeguir um feio animal fero,
Foge da gente e bella forma humana:
E por caſtigo quer, doce e ſevero,
Moſtrar-lhe a fermoſura de Diana;
E guarde-ſe não ſeja inda comido
D'eſſes cães, que agora ama, e conſumido.

XXVII

E vê do mundo todo os principaes,
Que nenhum no bem pubrico imagina;
Vê nelles, que não tem amor a mais,
Que a ſi ſómente, e a quem Philaucia enſina:
Vê que eſſes, que frequentam os reaes
Paços, por verdadeira e ſã doutrina
Vendem adulação, que mal conſente
Mondar-ſe o novo trigo florecente.

XXVIII

Vê que aquelles, que devem á pobreza
Amor divino, e ao povo caridade,
Amam ſómente mandos e riqueza,
Simulando juſtiça e integridade;
Da feia tyrannia e de aſpereza
Fazem direito, e vã ſeveridade;
Leis em favor do Rei ſe eſtabelecem;
As em favor do povo ſó perecem.

XXIX

Vê em fim, que ninguem ama o que deve,
Senão o que ſómente mal deſeja:
Não quer que tanto tempo ſe releve
O caſtigo, que duro e juſto ſeja.
Seus miniſtros ajunta, porque leve
Exercitos conformes á peleja,
Que eſpera ter co'a mal regida gente,
Que lhe não for agora obediente.

XXX

Muitos d'eſtes meninos voadores
Eſtão em varias obras trabalhando,
Uns amolando ferros paſſadores,
Outros haſteas de ſettas delgaçando;
Trabalhando, cantando eſtão de amores,
Varios caſos em verſo modulando;
Melodia ſonora e concertada,
Suave a letra, angelica a ſoada.

XXXI

Nas fragoas immortaes, onde forjavam
Pera as ſettas as pontas penetrantes,
Por lenha, corações ardendo eſtavam,
Vivas entranhas inda palpitantes:
As aguas onde os ferros temperavam,
Lagrimas ſão de miſeros amantes;
A viva flamma, o nunca morto lume,
Deſejo é ſó que queima e não conſume.

XXXII

Alguns exercitando a mão andavam
Nos duros corações da plebe ruda;
Crebros ſuſpiros pelo ar ſoavam
Dos que feridos vão da ſetta aguda;
Fermoſas nymphas ſão as que curavam
As chagas recebidas, cuja ajuda
Não ſómente dá vida aos mal feridos,
Mas põe em vida os inda não naſcidos.

XXXIII

Fermoſas ſão algũas, e outras feias,
Segundo a qualidade for das chagas;
Que o veneno eſpalhado pelas veias
Curam-no ás vezes aſperas triagas.
Alguns ficam ligados em cadeias
Por palavras ſubtis de ſabias magas:
Iſto acontece ás vezes, quando as ſettas
Acertam de levar hervas ſecretas.

XXXIV

D'eſtes tiros aſſi deſordenados,
Que eſtes moços mal deſtros vão tirando,
Naſcem amores mil deſconcertados
Entre o povo ferido, miſerando:
E tambem nos heroes de altos eſtados
Exemplos mil ſe vêm de amor nefando;
Qual o das moças, Bibli e Cinyrea:
Um mancebo de Aſſyria, um de Judea.

XXXV

E vós, ó poderoſos, por paſtoras
Muitas vezes ferido o peito vedes;
E por baixos e rudos, vós ſenhoras,
Tambem vos tomam nas Vulcaneas redes.
Uns eſperando andaes nocturnas horas,
Outros ſubis telhados e paredes;
Mas eu creio, que d'eſte amor indino,
É mais culpa a da mãe, que a do menino.

XXXVI

Mas já no verde prado o carro leve
Punham os brancos cyſnes manſamente;
E Dione, que as roſas entre a neve
No roſto traz, decia diligente.
O frecheiro, que contra o Ceo ſe atreve,
A recebel-a vem ledo e contente;
Vem todos os Cupidos ſervidores
Beijar a mão á deoſa dos amores.

XXXVII

Ella, porque não gaſte o tempo em vão,
Nos braços tendo o filho, confiada
Lhe diz: Amado filho, em cuja mão
Toda minha potencia eſtá fundada,
Filho, em quem minhas forças ſempre eſtão;
Tu que as armas Typheas tens em nada,
A ſoccorrer-me á tua poteſtade
Me traz eſpecial neceſſidade.

XXXVIII

Bem vês as Luſitanicas fadigas,
Que eu já de muito longe favoreço,
Porque das Parcas ſei minhas amigas,
Que me hão de venerar, e ter em preço;
E porque tanto imitam as antigas
Obras de meus Romanos, me offereço
A lhe dar tanta ajuda em quanto poſſo,
A quanto ſe eſtender o poder noſſo.

XXXIX

E porque das inſidias do odioſo
Baccho foram na India moleſtados,
E das injurias ſós do mar undoſo
Poderam mais ſer mortos, que canſados:
No meſmo mar, que ſempre temeroſo
Lhe foi, quero que ſejam repouſados;
Tomando aquelle premio e doce gloria
Do trabalho, que faz clara a memoria.

XL

E pera iſſo queria, que feridas
As filhas de Nereo no ponto fundo,
D'amor dos Luſitanos incendidas,
Que vem de deſcobrir o novo mundo,
Todas nũa ilha juntas, e ſubidas,
Ilha, que nas entranhas do profundo
Oceano terei apparelhada,
De dões de Flora e Zephyro adornada.

XLI

Ali com mil refreſcos e manjares,
Com vinhos odoriferos e roſas,
Em cryſtallinos paços ſingulares
Fermoſos leitos, e ellas mais fermoſas;
Em fim, com mil deleites não vulgares,
Os eſperem as nymphas amoroſas,
D'amor feridas, pera lhe entregarem
Quanto d'ellas os olhos cubiçarem.

XLII

Quero, que haja no reino Neptunino,
Onde eu naſci, progenie forte e bella,
E tome exemplo o mundo vil, maligno,
Que contra tua potencia ſe rebella;
Porque entendam, que muro adamantino,
Nem triſte hypocriſia vale contra ella:
Mal haverá na terra quem ſe guarde,
Se teu fogo immortal nas aguas arde.

XLIII

Aſſi Venus propoz, e o filho iniquo
Pera lhe obedecer já ſe apercebe;
Manda trazer o arco eburneo, rico,
Onde as ſettas de ponta de ouro embebe.
Com geſto ledo a Cypria, e impudico
Dentro no carro o filho ſeu recebe;
A redea larga ás aves, cujo canto
A Phaetontea morte chorou tanto.

XLIV

Mas diz Cupido, que era neceſſaria
Úa famoſa e celebre terceira,
Que poſto que mil vezes lhe é contraria,
Outras muitas a tem por companheira:
A deoſa gigantea, temeraria,
Jactante, mentiroſa e verdadeira,
Que com cem olhos vê, e por onde vôa,
O que vê, com mil bocas apregoa.

XLV

Vão-a buſcar, e mandam-a diante,
Que celebrando vá com tuba clara
Os louvores da gente navegante,
Mais do que nunca os d'outrem celebrara.
Já murmurando a Fama penetrante
Pelas fundas cavernas ſe eſpalhara:
Falla verdade, havida por verdade;
Que junto a deoſa traz Credulidade.

XLVI

O louvor grande, o rumor excellente
No coração dos deoſes, que indignados
Foram por Baccho contra a illuſtre gente,
Mudando, os fez um pouco affeiçoados.
O peito feminil, que levemente
Muda quaeſquer propoſitos tomados,
Já julga por mao zelo, e por crueza
Deſejar mal a tanta fortaleza.

XLVII

Deſpede niſto o fero moço as ſettas
Úa após outra; geme o mar c'os tiros:
Direitas pelas ondas inquietas
Algũas vão, e algũas fazem giros:
Caem as nymphas, lançam das ſecretas
Entranhas ardentiſſimos ſuſpiros;
Cae qualquer, ſem ver o vulto, que ama,
Que tanto como a viſta pode a fama.

XLVIII

Os cornos ajuntou da eburnea lũa,
Com força o moço indomito exceſſiva,
Que Tethys quer ferir mais que nenhũa,
Porque mais que nenhũa lhe era eſquiva.
Já não fica na aljava ſetta algũa,
Nem nos equoreos campos nympha viva;
E ſe feridas inda eſtão vivendo,
Será pera ſentir, que vão morrendo.

XLIX

Dae logar, altas e ceruleas ondas,
Que, vedes, Venus traz a medicina,
Moſtrando as brancas velas e redondas,
Que vem por cima da agua Neptunina:
Pera que tu reciproco reſpondas,
Ardente Amor, á flamma feminina,
É forçado, que a pudicicia honeſta
Faça quanto lhe Venus admoeſta.

L

Já todo o bello côro ſe apparelha
Das Nereidas; e junto caminhava
Em choreas gentis, uſança velha,
Pera a ilha, a que Venus as guiava:
Ali a fermoſa deoſa lhe aconſelha
O que ella fez mil vezes, quando amava:
Ellas, que vão do doce amor vencidas,
Eſtão a ſeu conſelho offerecidas.

LI

Cortando vão as naos a larga via
Do mar ingente pera a patria amada,
Deſejando prover-ſe de agua fria
Pera a grande viagem prolongada:
Quando juntas, com ſubita alegria,
Houveram viſta da ilha namorada;
Rompendo pelo ceo a mãe fermoſa
De Memnonio, ſuave e deleitoſa.

LII

De longe a ilha viram freſca e bella,
Que Venus pelas ondas lh'a levava,
(Bem como o vento leva branca vela)
Pera onde a forte armada ſe enxergava;
Que porque não paſſaſſem, ſem que nella
Tomaſſem porto, como deſejava,
Pera onde as naos navegam a movia
A Acidalia, que tudo em fim podia.

LIII

Mas firme a fez e immobil, como vio
Que era dos nautas viſta e demandada;
Qual ficou Delos, tanto que pario
Latona Phebo, e a deoſa á caça uſada.
Pera lá logo a prôa o mar abrio,
Onde a coſta fazia ũa enſeada
Curva e quieta, cuja branca areia
Pintou de ruivas conchas Cythereia.

LIV

Tres fermoſos outeiros ſe moſtravam
Erguidos com ſoberba gracioſa,
Que de gramineo eſmalte ſe adornavam,
Na fermoſa ilha alegre e deleitoſa:
Claras fontes e limpidas manavam
Do cume, que a verdura tem viçoſa;
Por entre pedras alvas ſe deriva
A ſonoroſa lympha fugitiva.

LV

Num valle ameno, que os outeiros fende,
Vinham as claras aguas ajuntar-ſe,
Onde ũa meſa fazem, que ſe eſtende
Tão bella, quanto pode imaginar-ſe;
Arvoredo gentil ſobre ella pende,
Como que prompto eſtá pera affeitar-ſe,
Vendo-ſe no cryſtal reſplandecente,
Que em ſi o eſtá pintando propriamente.

LVI

Mil arvores eſtão ao ceo ſubindo
Com pomos odoriferos e bellos;
A larangeira tem no fruito lindo
A côr, que tinha Daphne nos cabellos;
Encoſta-ſe no chão, que eſtá caindo
A cidreira c'os peſos amarellos:
Os ſermoſos limões, ali cheirando
Eſtão virgineas tetas imitando.

LVII

As arvores agreſtes, que os outeiros
Tem com frondente coma ennobrecidos,
Alemos ſão de Alcides, e os loureiros
Do louro deos amados e queridos;
Myrtos de Cytherea, c'os pinheiros
De Cybele, por outro amor vencidos:
Eſtá apontando o agudo cypariſo
Pera onde é poſto o ethereo paraiſo.

LVIII

Os dões, que dá Pomona, ali natura
Produze differentes nos ſabores,
Sem ter neceſſidade de cultura,
Que ſem ella ſe dão muito melhores:
As cerejas purpureas na pintura;
As amoras, que o nome tem de amores;
O pomo, que da patria Perſia veio,
Melhor tornado no terreno alheio.

LIX

Abre a romã, moſtrando a rubicunda
Côr, com que tu, rubi, teu preço perdes;
Entre os braços do ulmeiro eſtá a jocunda
Vide, c'uns cachos roxos e outros verdes.
E vós, ſe na voſſa arvore fecunda,
Peras pyramidaes, viver quizerdes,
Entregae-vos ao damno, que c'os bicos
Em vós fazem os paſſaros iniquos.

LX

Pois a tapeçaria bella e fina,
Com que ſe cobre o ruſtico terreno,
Faz ſer a de Achemenia menos digna,
Mas o ſombrio valle mais ameno.
Ali a cabeça a flor Cephiſia inclina
Sobolo tanque lucido e ſereno:
Florece o filho e neto de Cinyras,
Por quem tu, deoſa Paphia, inda ſuſpiras.

LXI

Pera julgar difficil couſa fôra,
No ceo vendo, e na terra as meſmas cores,
Se dava ás flores côr a bella Aurora,
Ou ſe lh'a dão a ella as bellas flores.
Pintando eſtava ali Zephyro e Flora
As violas da côr dos amadores;
O lyrio roxo, a freſca roſa bella,
Qual reluze nas faces da donzella;

LXII

A candida cecem, das matutinas
Lagrimas rociada, e a mangerona;
Vêm-ſe as letras nas flores Hyacinthinas,
Tão queridas do filho de Latona;
Bem ſe enxerga nos pomos e boninas,
Que competia Chloris com Pomona.
Pois ſe as aves no ar cantando voam,
Alegres animaes o chão povoam.

LXIII

Ao longo da agua o niveo cyſne canta,
Reſponde-lhe do ramo Philomela;
Da ſombra de ſeus cornos não ſe eſpanta
Acteon nagua cryſtallina e bella;
Aqui a fugace lebre ſe levanta
Da eſpeſſa mata, ou timida gazella;
Ali no bico traz ao caro ninho
O mantimento o leve paſſarinho.

LXIV

Neſta freſcura tal deſembarcavam
Já das naos os ſegundos Argonautas,
Onde pela floreſta ſe deixavam
Andar as bellas deoſas, como incautas;
Algũas doces citharas tocavam,
Algũas arpas e ſonoras frautas,
Outras c'os arcos de ouro ſe fingiam
Seguir os animaes, que não ſeguiam.

LXV

Aſſi lh'o aconſelhara a meſtra experta,
Que andaſſem pelos campos eſpalhadas;
Que viſta dos Barões a preſa incerta,
Se fizeſſem primeiro deſejadas.
Algũas, que na fórma deſcoberta
Do bello corpo eſtavam confiadas,
Poſta a artificioſa fermoſura,
Nuas lavar ſe deixam na agua pura.

LXVI

Mas os fortes mancebos, que na praia
Punham os pés, de terra cubiçoſos,
Que não ha nenhum d'elles, que não ſaia
De acharem caça agreſte deſejoſos,
Não cuidam, que ſem laço, ou redes, caia
Caça naquelles montes deleitoſos
Tão ſuave, domeſtica e benigna,
Qual ferida lh'a tinha já Erycina.

LXVII

Alguns, que em eſpingardas e nas béſtas
Pera ferir os cervos ſe fiavam,
Pelos ſombrios matos e floreſtas
Determinadamente ſe lançavam;
Outros nas ſombras, que das altas ſeſtas
Defendem a verdura, paſſeavam
Ao longo da agua, que ſuave e queda
Por alvas pedras corre á praia leda.

LXVIII

Começam de enxergar ſubitamente
Por entre verdes ramos varias cores;
Cores de quem a viſta julga e ſente,
Que não eram das roſas ou das flores;
Mas da lã fina e ſeda differente,
Que mais incita a força dos amores,
De que ſe veſtem as humanas roſas,
Fazendo-ſe por arte mais fermoſas.

LXIX

Dá Velloſo eſpantado um grande grito:
Senhores, caça extranha, diſſe, é eſta:
Se inda dura o gentio antigo rito,
A deoſas é ſagrada eſta floreſta.
Mais deſcobrimos, do que humano eſprito
Deſejou nunca; e bem ſe manifeſta,
Que ſão grandes as couſas e excellentes,
Que o mundo encobre aos homens imprudentes.

LXX

Sigamos eſtas deoſas, e vejamos
Se phantaſticas ſão, ſe verdadeiras.
Iſto dito, veloces mais que gamos,
Se lançam a correr pelas ribeiras.
Fugindo as nymphas vão por entre os ramos;
Mas mais induſtrioſas, que ligeiras,
Pouco e pouco ſorrindo, e gritos dando,
Se deixam ir dos galgos alcançando.

LXXI

D'ũa os cabellos de ouro o vento leva
Correndo, e de outra as fraldas delicadas;
Accende-ſe o deſejo, que ſe ceva
Nas alvas carnes ſubito moſtradas;
Ũa de induſtria cae, e já releva
Com moſtras mais macias, que indignadas,
Que ſobre ella empecendo tambem caia
Quem a ſeguiu pela arenoſa praia.

LXXII

Outros por outra parte vão topar
Com as deoſas deſpidas, que ſe lavam:
Ellas começam ſubito a gritar,
Como que aſſalto tal não eſperavam.
Úas fingindo menos eſtimar
A vergonha, que a força, ſe lançavam
Nuas por entre o mato, aos olhos dando
O que ás mãos cubiçoſas vão negando.

LXXIII

Outra, como acudindo mais depreſſa
Á vergonha da deoſa caçadora,
Eſconde o corpo nagua; outra ſe apreſſa
Por tomar os veſtidos, que tem fora.
Tal dos mancebos ha, que ſe arremeſſa
Veſtido aſſi, e calçado (que co'a mora
De ſe deſpir, ha medo que inda tarde)
A matar na agua o fogo, que nelle arde.

LXXIV

Qual cão de caçador, ſagaz e ardido,
Uſado a tomar na agua a ave ferida,
Vendo ao roſto o ferreo cano, erguido
Pera a garcenha ou pata conhecida,
Antes que ſôe o eſtouro, mal ſoffrido
Salta nagua, e da preſa não duvida,
Nadando vae e latindo: aſſi o mancebo
Remette á que não era irmã de Phebo.

LXXV

Leonardo, ſoldado bem diſpoſto,
Manhoſo, cavalleiro e namorado,
A quem amor não dera um ſó deſgoſto,
Mas ſempre fôra d'elle maltratado;
E tinha já por firme preſuppoſto
Ser com amores mal afortunado,
Porém não que perdeſſe a eſperança
De inda poder ſeu fado ter mudança:

LXXVI

Quiz aqui ſua ventura, que corria
Após Ephyre, exemplo de belleza,
Que mais caro, que as outras, dar queria
O que deo pera dar-ſe a natureza.
Já canſado correndo lhe dizia:
Ó fermoſura indigna de aſpereza,
Pois d'eſta vida te concedo a palma,
Eſpera um corpo de quem levas a alma.

LXXVII

Todas de correr canſam, nympha pura,
Rendendo-ſe á vontade do inimigo:
Tu ſó de mi ſó foges na eſpeſſura?
Quem te diſſe, que eu era o que te ſigo?
Se t'o tem dito já aquella ventura,
Que em toda a parte ſempre anda commigo,
Oh! não na creias, porque eu, quando a cria,
Mil vezes cada hora me mentia.

LXXVIII

Não canſes, que me canſas; e ſe queres
Fugir-me, porque não poſſa tocar-te,
Minha ventura é tal, que, inda que eſperes,
Ella fará, que não poſſa alcançar-te.
Eſpera: quero ver, ſe tu quizeres,
Que ſubtil modo buſca de eſcapar-te,
E notarás no fim d'eſte ſucceſſo,
«Tra la ſpiga e la man qual muro è meſſo.»

LXXIX

Ó não me fujas! Aſſi nunca o breve
Tempo fuja de tua fermoſura!
Que ſó com refrear o paſſo leve
Vencerás da fortuna a força dura.
Que Imperador, que exercito ſe atreve
A quebrantar a furia da ventura,
Que em quanto deſejei me vae ſeguindo,
O que tu ſó farás não me fugindo?

LXXX

Pões-te da parte da deſdita minha?
Fraqueza é dar ajuda ao mais potente.
Levas-me um coração, que livre tinha?
Solta-m'o, e correrás mais levemente.
Não te carrega eſſa alma tão meſquinha,
Que neſſes fios de ouro reluzente
Atada levas? Ou, deſpois de preſa,
Lhe mudaſte a ventura, e menos peſa?

LXXXI

Neſta eſperança ſó te vou ſeguindo,
Que ou tu não ſoffrerás o peſo d'ella,
Ou na virtude de teu geſto lindo
Lhe mudarás a triſte e dura eſtrella:
E ſe ſe lhe mudar, não vás fugindo,
Que amor te ferirá, gentil donzella:
E tu me eſperarás, ſe amor te fere;
E ſe me eſperas, não ha mais, que eſpere.

LXXXII

Já não fugia a bella nympha, tanto
Por ſe dar cara ao triſte, que a ſeguia,
Como por ir ouvindo o doce canto,
As namoradas maguas, que dizia.
Volvendo o roſto já ſereno e ſancto,
Toda banhada em riſo e alegria,
Cair ſe deixa aos pés do vencedor,
Que todo ſe desfaz em puro amor.

LXXXIII

Oh que famintos beijos na floreſta!
E que mimoſo choro, que ſoava!
Que affagos tão ſuaves! Que ira honeſta,
Que em riſinhos alegres ſe tornava!
O que mais paſſam na manhã e na ſeſta,
Que Venus com prazeres inflammava,
Melhor é exp'rimental-o, que julgal-o,
Mas julgue-o quem não pode exp'rimental-o.

LXXXIV

D'eſt'arte em fim conformes já as fermoſas
Nymphas c'os ſeus amados navegantes,
Os ornam de capellas deleitoſas,
De louro e de ouro, e flores abundantes;
As mãos alvas lhe davam como eſpoſas;
Com palavras formaes e eſtipulantes
Se promettem eterna companhia
Em vida e morte, de honra e alegria.

LXXXV

Úa d'ellas maior, a quem ſe humilha
Todo o coro das nymphas, e obedece,
Que dizem ſer de Celo e Veſta filha,
O que no geſto bello ſe parece;
Enchendo a terra e o mar de maravilha,
O Capitão illuſtre, que o merece,
Recebe ali com pompa honeſta e regia,
Moſtrando-ſe ſenhora grande e egregia:

LXXXVI

Que deſpois de lhe ter dito quem era,
C'um alto exordio de alta graça ornado,
Dando-lhe a entender, que ali viera
Por alta influição do immobil fado;
Pera lhe deſcobrir da unida eſphera,
Da terra immenſa, e mar não navegado
Os ſegredos por alta prophecia,
O que eſta ſua nação ſó merecia;

LXXXVII

Tomando-o pela mão, o leva, e guia
Pera o cume d'um monte alto e divino,
No qual ũa rica fabrica ſe erguia
De cryſtal toda, e de ouro puro e fino.
A maior parte aqui paſſam do dia
Em doces jogos, e em prazer contino:
Ella nos paços logra ſeus amores,
As outras pelas ſombras entre as flores.

LXXXVIII

Aſſi a fermoſa e a forte companhia
O dia quaſi todo eſtão paſſando,
Nũa alma, doce, incognita alegria,
Os trabalhos tão longos compenſando;
Porque dos feitos grandes, da ouſadia
Forte e famoſa, o mundo eſtá guardando
O premio lá no fim bem merecido,
Com fama grande, e nome alto e ſubido.

LXXXIX

Que as nymphas do Oceano tão fermoſas,
Tethys, e a ilha angelica pintada,
Outra couſa não é, que as deleitoſas
Honras, que a vida fazem ſublimada:
Aquellas preminencias glorioſas,
Os triumphos, a fronte coroada
De palma e louro, a gloria e maravilha,
Eſtes ſão os deleites d'eſta ilha:

XC

Que as immortalidades, que fingia
A antiguidade, que os illuſtres ama,
Lá no eſtellante Olympo, a quem ſubia
Sobre as azas inclytas da fama
Por obras valeroſas, que fazia,
Pelo trabalho immenſo, que ſe chama
Caminho da virtude alto e fragoſo,
Mas no fim doce, alegre e deleitoſo;

XCI

Não eram ſenão premios, que reparte
Por feitos immortaes e ſoberanos
O mundo c'os varões, que esforço e arte
Divinos os fizeram, ſendo humanos:
Que Jupiter, Mercurio, Phebo e Marte,
Eneas e Quirino, e os dous Thebanos,
Ceres, Pallas e Juno com Diana,
Todos foram de fraca carne humana.

XCII

Mas a fama, trombeta de obras taes,
Lhe deo no mundo nomes tão extranhos,
De Deoſes, Semideoſes immortaes,
Indigetes, Heroicos e de Magnos.
Por iſſo, ó vós, que as famas eſtimaes,
Se quizerdes no mundo ſer tamanhos,
Deſpertae já do ſomno do ocio ignavo,
Que o animo de livre faz eſcravo.

XCIII

E ponde na cubiça um freio duro,
E na ambição tambem, que indignamente
Tomaes mil vezes, e no torpe e eſcuro
Vicio da tyrannia infame e urgente:
Porque eſſas honras vãs, eſſe ouro puro,
Verdadeiro valor não dão á gente:
Melhor é merecel-os ſem os ter,
Que poſſuil-os ſem os merecer.

XCIV

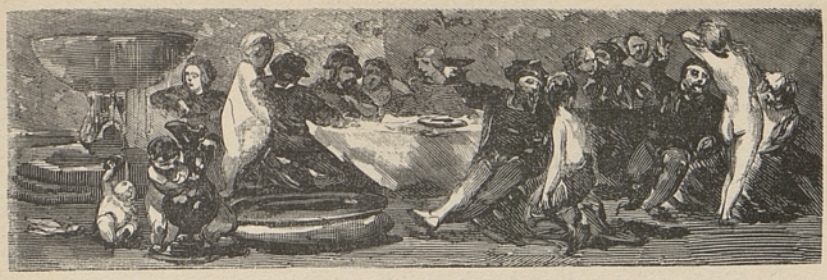
Ou dae na paz as leis eguaes, conſtantes,
Que aos grandes não dem o dos pequenos;
Ou vos veſti nas armas rutilantes,
Contra a lei dos imigos Sarracenos:
Fareis os reinos grandes e poſſantes,
E todos tereis mais, e nenhum menos;
Poſſuireis riquezas merecidas,
Com as honras, que illuſtram tanto as vidas.

XCV

E fareis claro o Rei que tanto amaes,
Agora c'os conſelhos bem cuidados,
Agora co'as eſpadas, que immortaes
Vos farão, como os voſſos já paſſados:
Impoſſibilidades não façaes;
Que quem quiz ſempre pode: e numerados
Sereis entre os Heroes eſclarecidos,
E neſta ilha de Venus recebidos.

OS LUSIADAS

Canto Decimo



Canto Decimo

I

DAS já o claro amador da Lariſſeia
Adultera inclinava os animaes
Lá pera o grande lago, que rodeia
Temiſtitão, nos fins Occidentaes;
O grande ardor do Sol Favonio enfreia
C'o ſôpro, que nos tanques naturaes
Encreſpa a agua ſerena, e deſpertava
Os lirios e jaſmins, que a calma aggrava;

II

Quando as fermoſas nymphas, c'os amantes
Pela mão, já conformes e contentes,
Subiam pera os paços radiantes,
E de metaes ornados reluzentes,
Mandados da Rainha, que abundantes
Meſas d'altos manjares excellentes,
Lhe tinha apparelhadas, que a fraqueza
Reſtaurem da canſada natureza.

III

Ali em cadeiras ricas, cryſtallinas,
Se aſſentam dous e dous, amante e dama;
Noutras, á cabeceira, d'ouro finas,
Eſtá co'a bella deoſa o claro Gama.
De iguarias ſuaves e divinas,
A quem não chega a Egypcia antiga fama,
Se accumulam os pratos de fulvo ouro,
Trazidos lá do Atlantico theſouro.

IV

Os vinhos odoriferos, que acima
Eſtão, não ſó do Italico Falerno,
Mas da Ambroſia, que Jove tanto eſtima,
Com todo o ajuntamento ſempiterno,
Nos vaſos, onde em vão trabalha a lima,
Creſpas eſcumas erguem, que no interno
Coração movem ſubita alegria,
Saltando co'a miſtura d'agua fria.

V

Mil praticas alegres ſe trocavam,
Riſos doces, ſubtís e argutos ditos,
Que entre um e outro manjar ſe alevantavam,
Deſpertando os alegres appetitos:
Muſicos inſtrumentos não faltavam,
(Quaes no profundo reino os nús eſp'ritos
Fizeram deſcanſar da eterna pena)
C'ũa voz d'ũa angelica Sirena.

VI

Cantava a bella nympha, e c'os accentos,
Que pelos altos paços vão ſoando,
Em conſonancia egual os inſtrumentos
Suaves vem a um tempo conformando;
Um ſubito ſilencio enfreia os ventos,
E faz ir docemente murmurando
As aguas, e nas caſas naturaes
Adormecer os brutos animaes.

VII

Com doce voz eſtá ſubindo ao ceo
Altos varões, que eſtão por vir ao mundo,
Cujas claras ideas vio Proteo
Num globo vão, diaphano, rotundo;
Que Jupiter em dom lh'o concedeo
Em ſonhos, e deſpois no reino fundo
Vaticinando o diſſe, e na memoria
Recolheo logo a nympha a clara hiſtoria.

VIII

Materia é de cothurno e não de ſocco,
A que a nympha aprendeo no immenſo lago,
Qual Iopas não ſoube, ou Demodoco,
Entre os Pheaces um, outro em Carthago.
Aqui, minha Calliope, te invoco
Neſte trabalho extremo; porque em pago
Me tornes, do que eſcrevo, e em vão pretendo,
O goſto de eſcrever, que vou perdendo.

IX

Vão os annos decendo, e já do eſtio
Ha pouco que paſſar até o outomno;
A fortuna me faz o engenho frio,
Do qual já não me jacto, nem me abono;
Os deſgoſtos me vão levando ao rio
Do negro eſquecimento e eterno ſomno;
Mas tu me dá, que cumpra, ó grão Rainha
Das Muſas, c'o que quero, á nação minha!

X

Cantava a bella deoſa, que viriam
Do Tejo pelo mar, que o Gama abrira,
Armadas, que as ribeiras venceriam,
Por onde o Oceano Indico ſuſpira;
E que os gentios Reis, que não dariam
A cerviz ſua ao jugo, o ferro e ira
Provariam do braço duro e forte,
Até render-ſe a elle, ou logo á morte;

XI

Cantava d'um, que tem nos Malabares
Do ſummo ſacerdocio a dignidade,
Que ſó por não quebrar c'os ſingulares
Barões os nós, que dera, d'amizade,
Soffrerá ſuas cidades e logares,
Com ferro, incendios, ira e crueldade,
Ver deſtruir do Samorim potente,
Que taes odios terá co'a nova gente.

XII

E canta como lá ſe embarcaria
Em Belem o remedio d'eſte damno,
Sem ſaber o que em ſi ao mar traria,
O grão Pacheco, Achilles Luſitano:
O peſo ſentirão, quando entraria,
O curvo lenho, e o fervido Oceano,
Quando mais nagua os troncos, que gemerem,
Contra ſua natureza ſe metterem.

XIII

Mas já chegado aos fins Orientaes,
E deixado em ajuda do gentio
Rei de Cochim com poucos naturaes
Nos braços do ſalgado e curvo rio,
Desbaratará os Naires infernaes
No paſſo Cambalão, tornando frio
De eſpanto o ardor immenſo do Oriente,
Que verá tanto obrar tão pouca gente.

XIV

Chamará o Samorim mais gente nova;
Virão Reis de Bipur, e de Tanor,
Das ſerras de Narſinga, que alta prova
Eſtarão promettendo a ſeu ſenhor:
Fará que todo o Naire em fim ſe mova,
Que entre Calecut jaz, e Cananor,
D'ambas as leis imigas, pera a guerra,
Mouros por mar, Gentios pola terra.

XV

E todos outra vez desbaratando
Por terra e mar o grão Pacheco ouſado,
A grande multidão, que irá matando,
A todo o Malabar terá admirado;
Commetterá outra vez, não dilatando,
O Gentio os combates apreſſado,
Injuriando os ſeus, fazendo votos
Em vão aos deoſes vãos, ſurdos e immotos.

XVI

Já não defenderá ſómente os paços,
Mas queimar-lhe-ha logares, templos, caſas;
Acceſo de ira o cão, não vendo laſſos
Aquelles, que as cidades fazem raſas,
Fará que os ſeus, de vida pouco eſcaſſos,
Commettam o Pacheco, que tem aſas,
Por dous paſſos num tempo; mas voando
D'um noutro, tudo irá desbaratando.

XVII

Virá ali o Samorim, porque em peſſoa
Veja a batalha, e os ſeus esforce e anime;
Mas um tiro, que com zonido voa,
De ſangue o tingirá no andor ſublime.
Já não verá remedio, ou manha boa,
Nem força, que o Pacheco muito eſtime:
Inventará traições e vãos venenos;
Mas ſempre (o Ceo querendo) fará menos.

XVIII

Que tornará a vez ſetima, cantava,
Pelejar com o invicto e forte Luſo,
A quem nenhum trabalho peſa e aggrava;
Mas com tudo eſte ſó o fará confuſo:
Trará pera a batalha horrenda e brava
Machinas de madeiros fóra de uſo,
Pera lhe abalroar as caravelas,
Que até li vão lhe fôra commettel-as.

XIX

Pela agua levará ſerras de fogo,
Pera abrazar-lhe quanta armada tenha;
Mas a militar arte e engenho, logo
Fará ſer vã a braveza com que venha.
Nenhum claro barão no marcio jogo,
Que nas azas da fama ſe ſoſtenha,
Chega a eſte, que a palma a todos toma,
E perdoe-me a illuſtre Grecia, ou Roma.

XX

Porque tantas batalhas, ſuſtentadas
Com muito pouco mais de cem ſoldados,
Com tantas manhas e artes inventadas,
Tantos cães não imbelles profligados,
Ou parecerão fabulas ſonhadas,
Ou que os celeſtes coros invocados
Decerão a ajudal-o, e lhe darão
Esforço, força, ardil e coração.

XXI

Aquelle, que nos campos Marathonios
O grão poder de Dario eſtrue e rende;
Ou quem com quatro mil Lacedemonios
O paſſo de Thermopylas defende;
Nem o mancebo Cocles dos Auſonios,
Que com todo o poder Tuſco contende
Em defenſa da ponte, ou Quinto Fabio,
Foi como eſte na guerra forte e ſabio.

XXII

Mas neſſe paſſo a nympha o ſom canoro
Abaixando, fez ronco e entriſtecido,
Cantando em baixa voz, envolta em choro,
O grande esforço mal agardecido.
Ó Beliſario, diſſe, que no coro
Das Muſas ſerás ſempre engrandecido,
Se em ti viſte abatido o bravo Marte,
Aqui tens com quem podes conſolar-te!

XXIII

Aqui tens companheiro, aſſi nos feitos,
Como no galardão injuſto e duro:
Em ti, e nelle veremos altos peitos
A baixo eſtado vir, humilde e eſcuro:
Morrer nos hoſpitaes, em pobres leitos,
Os que ao Rei e á lei ſervem de muro!
Iſto fazem os Reis, cuja vontade
Manda mais, que a juſtiça e que a verdade.

XXIV

Iſto fazem os Reis, quando embebidos
Nũa apparencia branda, que os contenta,
Dão os premios, de Aiace merecidos,
Á lingua vã de Ulyſſes fraudulenta.
Mas vingo-me; que os bens mal repartidos,
Por quem ſó doces ſombras apreſenta,
Se não os dão a ſabios cavalleiros,
Dão-os logo a avarentos liſongeiros.

XXV

Mas tu, de quem ficou tão mal pagado
Um tal vaſſallo, ó Rei ſó niſto iniquo,
Se não és pera dar-lhe honroſo eſtado,
É elle pera dar-te um reino rico.
Em quanto for o mundo rodeado
Dos Apollineos raios, eu te fico,
Que elle ſeja entre a gente illuſtre e claro,
E tu niſto culpado por avaro.

XXVI

Mas eis outro, cantava, intitulado
Vem com nome Real, e traz comſigo
O filho, que no mar ſerá illuſtrado
Tanto como qualquer Romano antigo:
Ambos darão com braço forte, armado,
A Quiloa fertil aſpero caſtigo,
Fazendo nella Rei leal e humano,
Deitado fóra o perfido Tyranno.

XXVII

Tambem farão Mombaça, que ſe arreia
De caſas ſumptuoſas e edificios,
C'o ferro e fogo ſeu queimada e feia,
Em pago dos paſſados maleficios.
Deſpois na coſta da India, andando cheia
De lenhos inimigos, e artificios
Contra os Luſos, com velas e com remos
O mancebo Lourenço fará extremos.

XXVIII

Das grandes naos do Samorim potente,
Que encherão todo o mar, co'a ferrea pella,
Que ſae com trovão do cobre ardente,
Fará pedaços leme, maſto, vela;
Deſpois, lançando arpeos ouſadamente
Na capitaina imiga, dentro nella
Saltando, a fará ſó com lança e eſpada
De quatro centos Mouros deſpejada.

XXIX

Mas de Deos a eſcondida providencia,
Que ella ſó ſabe o bem de que ſe ſerve,
O porá onde esforço, nem prudencia,
Poderá haver, que a vida lhe reſerve.
Em Chaul, onde em ſangue, e reſiſtencia
O mar todo com fogo e ferro ferve,
Lhe farão, que com vida ſe não ſaia,
As armadas de Egypto e de Cambaia.

XXX

Ali o poder de muitos inimigos,
Que o grande esforço ſó com força rende,
Os ventos, que faltaram, e os perigos
Do mar, que ſobejaram, tudo o offende.
Aqui reſurjam todos os antigos
A ver o nobre ardor, que aqui ſe aprende:
Outro Sceva verão, que eſpedaçado
Não ſabe ſer rendido, nem domado.

XXXI

Com toda ũa coxa fóra, que em pedaços
Lhe leva um cego tiro, que paſſara,
Se ſerve inda dos animoſos braços,
E do grão coração, que lhe ficara;
Até que outro pelouro quebra os laços,
Com que co'a alma o corpo ſe liara:
Ella ſôlta voou da priſão fóra,
Onde ſubito ſe acha vencedora.

XXXII

Vae-te, alma, em paz da guerra turbulenta,
Na qual tu mereceſte paz ſerena!
Que o corpo, que em pedaços ſe apreſenta,
Quem o gerou vingança já lhe ordena;
Que eu ouço retumbar a grão tormenta,
Que vem já dar a dura e eterna pena,
De eſperas, baſiliſcos e trabucos,
A Cambaicos crueis e a Mamelucos.

XXXIII

Eis vem o pae com animo eſtupendo,
Trazendo furia e magoa por antolhos,
Com que o paterno amor lhe eſtá movendo
Fogo no coração, agua nos olhos:
A nobre ira lhe vinha promettendo,
Que o ſangue fará dar pelos giolhos
Nas inimigas naos: ſentil-o-ha o Nilo,
Podel-o-ha o Indo ver, e o Gange ouvil-o.

XXXIV

Qual o touro cioſo, que ſe enſaia
Pera a crua peleja, os cornos tenta
No tronco d'um carvalho, ou alta faia,
E o ar ferindo, as forças exp'rimenta:
Tal, antes que no ſeio de Cambaia
Entre Franciſco irado, na opulenta
Cidade de Dabul a eſpada afia,
Abaixando-lhe a tumida ouſadia.

XXXV

E logo entrando fero na enſeada
De Dio, illuſtre em cercos e batalhas,
Fará eſpalhar a fraca e grande armada
De Calecut, que remos tem por malhas:
Á de Melique Yaz acautelada,
C'os pelouros, que tu, Vulcano, eſpalhas,
Fará ir ver o frio e fundo aſſento,
Secreto leito do humido elemento.

XXXVI

Mas a de Mir-Hocêm, que abalroando
A furia eſperará dos vingadores,
Verá braços e pernas ir nadando,
Sem corpos, pelo mar, de ſeus ſenhores:
Raios de fogo irão repreſentando
No cego ardor os bravos domadores:
Quanto ali ſentirão olhos e ouvidos,
É fumo, ferro, flammas e alaridos.

XXXVII

Mas ah, que d'eſta proſpera victoria,
Com que deſpois virá ao patrio Tejo,
Quaſi lhe roubará a famoſa gloria
Um ſucceſſo, que triſte e negro vejo!
O cabo Tormentorio, que a memoria
C'os oſſos guardará, não terá pejo
De tirar d'eſte mundo aquelle eſp'rito,
Que não tiraram toda a India e Egypto.

XXXVIII

Ali Cafres ſelvagens poderão
O que deſtros imigos não poderam;
E rudos paos toſtados ſós farão
O que arcos e pelouros não fizeram.
Occultos os juizos de Deos ſão!
As gentes vãs, que não os entenderam,
Chamam-lhe fado máo, fortuna eſcura,
Sendo ſó providencia de Deos pura.

XXXIX

Mas oh que luz tamanha, que abrir ſinto,
Dizia a nympha, e a voz alevantava,
Lá no mar de Melinde em ſangue tinto
Das cidades de Lamo, de Oja e Brava,
Pelo Cunha tambem, que nunca extincto
Será ſeu nome em todo o mar, que lava
As ilhas do Auſtro, e praias, que ſe chamam
De São Lourenço, e em todo o Sul ſe afamam!

XL

Eſta luz é do fogo, e das luzentes
Armas, com que Albuquerque irá amanſando
De Ormuz os Parſeos, por ſeu mal valentes,
Que refuſam o jugo honroſo e brando.
Ali verão as ſettas eſtridentes
Reciprocar-ſe, a ponta no ar virando
Contra quem as tirou; que Deos peleja
Por quem eſtende a fé da madre Igreja.

XLI

Ali de ſal os montes não defendem
De corrupção os corpos no combate,
Que mortos pela praia e mar ſe eſtendem
De Gerum, de Maſcate e Calayate;
Até que á força ſó de braço aprendem
A abaixar a cerviz, onde ſe lhe ate
Obrigação de dar o reino iniquo
Das perlas de Barem tributo rico.

XLII

Que glorioſas palmas tecer vejo,
Com que victoria a fronte lhe coroa,
Quando ſem ſombra vã de medo, ou pejo,
Toma a ilha illuſtriſſima de Goa!
Deſpois, obedecendo ao duro enſejo
A deixa, e occaſião eſpera boa,
Com que a torne a tomar; que esforço e arte
Vencerão a fortuna, e o proprio Marte.

XLIII

Eis já ſobre ella torna, e vae rompendo
Por muros, fogo, lanças e pelouros,
Abrindo com a eſpada o eſpeſſo e horrendo
Eſquadrão de Gentios e de Mouros.
Irão ſoldados inclytos fazendo
Mais que leões famelicos e touros,
Na luz, que ſempre celebrada e digna
Será da Egypcia Sancta Catharina.

XLIV

Nem tu menos fugir poderás d'eſte,
Poſtoque rica, e poſtoque aſſentada
Lá no gremio da Aurora, onde naceſte,
Opulenta Malaca nomeada!
As ſettas venenoſas, que fizeſte,
Os criſes com que já te vejo armada,
Malaios namorados, Jáos valentes,
Todos farás ao Luſo obedientes.

XLV

Mais eſtanças cantára eſta Sirena
Em louvor do illuſtriſſimo Albuquerque,
Mas alembrou-lhe ũa ira, que o condemna,
Poſtoque a fama ſua o mundo cerque.
O grande capitão, que o fado ordena
Que com trabalhos gloria eterna merque,
Mais ha de ſer um brando companheiro
Pera os ſeus, que juiz cruel e inteiro.

XLVI

Mas em tempo, que fomes e aſperezas,
Doenças, frechas e trovões ardentes,
A ſazão e o lugar fazem cruezas
Nos ſoldados a tudo obedientes;
Parece de ſelvaticas brutezas,
De peitos inhumanos e inſolentes,
Dar extremo ſupplicio pela culpa,
Que a fraca humanidade e Amor deſculpa.

XLVII

Não ſerá a culpa abominoſo inceſto,
Nem violento eſtupro em virgem pura,
Nem menos adulterio deshoneſto;
Mas c'ũa eſcrava vil, laſciva e eſcura.
Se o peito, ou de cioſo, ou de modeſto,
Ou de uſado a crueza fera e dura,
C'os ſeus ũa ira inſana não refreia,
Põe na fama alva noda negra e feia.

XLVIII

Vio Alexandre Apelles namorado
Da ſua Campaſpe, e deo-lh'a alegremente,
Não ſendo ſeu ſoldado exp'rimentado,
Nem vendo-ſe num cerco duro e urgente.
Sentio Cyro, que andava já abrazado
Araſpas de Panthea em fogo ardente,
Que elle tomara em guarda, e promettia,
Que nenhum mao deſejo o venceria:

XLIX

Mas vendo o illuſtre Perſa, que vencido
Fôra de amor, que em fim não tem defenſa,
Levemente o perdoa, e foi ſervido
D'elle num caſo grande em recompenſa.
Per força de Juditha foi marido
O ferreo Baldovino; mas diſpenſa
Carlos, pae d'ella, poſto em couſas grandes,
Que viva, e povoador ſeja de Frandes.

L

Mas proſeguindo a nympha o longo canto,
De Soares cantava, que as bandeiras
Faria tremolar, e pôr eſpanto
Pelas roxas Arabicas ribeiras.
Medina abominabil teme tanto,
Quanto Meca e Gidá, co'as derradeiras
Praias de Abaſſia: Barborá ſe teme
Do mal, de que o emporio Zeila geme.

LI

A nobre ilha tambem de Taprobana,
Já pelo nome antigo tão famoſa,
Quanto agora ſoberba e ſoberana
Pela cortiça calida, cheiroſa;
D'ella dará tributo á Luſitana
Bandeira, quando excelſa e glorioſa,
Vencendo, ſe erguerá na torre erguida
Em Columbo, dos proprios tão temida.

LII

Tambem Sequeira, as ondas Erythreias
Dividindo, abrirá novo caminho
Pera ti, grande imperio, que te arreias
De ſeres de Candace e Sabá ninho.
Maçuá, com ciſternas de agua cheias,
Verá, e o porto Arquico ali vizinho;
E fará deſcobrir remotas ilhas,
Que dão ao mundo novas maravilhas.

LIII

Virá deſpois Menezes, cujo ferro
Mais na Africa, que cá terá provado:
Caſtigará de Ormuz ſoberba o erro
Com lhe fazer tributo dar dobrado.
Tambem tu, Gama, em pago do deſterro
Em que eſtás, e ſerás inda tornado,
C'os titulos de Conde, e d'honras nobres
Virás mandar a terra, que deſcobres.

LIV

Mas aquella fatal neceſſidade,
De quem ninguem ſe exime dos humanos,
Illuſtrado co'a Regia dignidade,
Te tirará do mundo e ſeus enganos.
Outro Menezes logo, cuja edade
É maior na prudencia, que nos annos,
Governará, e fará o ditoſo Henrique,
Que perpetua memoria d'elle fique.

LV

Não vencerá ſómente os Malabares,
Deſtruindo Panane, com Coulete,
Commettendo as bombardas, que nos ares
Se vingam ſó do peito, que as commette;
Mas com virtudes certo ſingulares,
Vence os imigos d'alma todos ſete:
De cubiça triumpha, e incontinencia,
Que em tal edade é ſumma de excellencia.

LVI

Mas deſpois que as eſtrellas o chamarem,
Succederás, ó forte Maſcarenhas,
E ſe injuſtos o mando te tomarem,
Prometto-te que fama eterna tenhas!
Pera teus inimigos confeſſarem
Teu valor alto, o fado quer que venhas
A mandar, mais de palmas coroado,
Que de fortuna juſta acompanhado.

LVII

No reino de Bintão, que tantos damnos
Terá a Malaca muito tempo feitos,
Num ſó dia as injurias de mil annos
Vingarás c'o valor de illuſtres peitos.
Trabalhos e perigos inhumanos,
Abrolhos ferreos mil, paſſos eſtreitos,
Tranqueiras, baluartes, lanças, ſettas,
Tudo fico, que rompas e ſumettas.

LVIII

Mas na India cubiça e ambição,
Que claramente põem aberto o roſto
Contra Deos e juſtiça, te farão
Vituperio nenhum, mas ſó deſgoſto.
Quem faz injuria vil e ſem rezão
Com forças, e poder em que eſtá poſto,
Não vence; que a victoria verdadeira
É ſaber ter juſtiça nua e inteira.

LIX

Mas comtudo não nego, que Sampaio
Será no esforço illuſtre e aſſignalado,
Moſtrando-ſe no mar um fero raio,
Que de inimigos mil verá coalhado.
Em Bacanor fará cruel enſaio
No Malabar, pera que amedrontado
Deſpois a ſer vencido d'elle venha
Cutiale, com quanta armada tenha.

LX

E não menos de Dio a fera frota,
Que Chaul temerá, de grande e ouſada,
Fará co'a viſta ſó perdida e rota
Por Heitor da Sylveira, e deſtroçada:
Por Heitor Portuguez, de quem ſe nota,
Que na coſta Cambaica ſempre armada
Será aos Guzarates tanto damno,
Quanto já foi aos Gregos o Troiano.

LXI

A Sampaio feroz ſuccederá
Cunha, que longo tempo tem o leme;
De Chale as torres altas erguerá,
Em quanto Dio illuſtre d'elle treme.
O forte Baçaim ſe lhe dará,
Não ſem ſangue porém; que nelle geme
Melique, porque á força ſó de eſpada
A tranqueira ſoberba vê tomada.

LXII

Traz eſte vem Noronha, cujo auſpicio
De Dio os Rumes feros afugenta:
Dio, que o peito e bellico exercicio
De Antonio da Silveira bem ſuſtenta.
Fará em Noronha a morte o uſado officio,
Quando um teu ramo, ó Gama, ſe exp'rimenta
No governo do imperio, cujo zelo
Com medo o roxo mar fará amarello.

LXIII

Das mãos do teu Eſtevão vem tomar
As redeas um, que já ſerá illuſtrado
No Brazil, com vencer e caſtigar
O pirata Francez, ao mar uſado:
Deſpois Capitão mor do Indico mar,
O muro de Damão ſoberbo e armado
Eſcala, e primeiro entra a porta aberta,
Que fogo e frechas mil terão coberta.

LXIV

A eſte o Rei Cambaico ſoberbiſſimo
Fortaleza dará na rica Dio,
Porque contra o Mogor poderoſiſſimo
Lhe ajude a defender o ſenhorio:
Deſpois irá com peito esforçadiſſimo
A tolher, que não paſſe o Rei gentio
De Calecut, que aſſi com quantos veio
O fará retirar de ſangue cheio.

LXV

Deſtruirá a cidade Repelim,
Pondo o ſeu Rei com muitos em fugida;
E deſpois junto ao cabo Comorim
Úa façanha faz eſclarecida;
A frota principal do Samorim,
Que deſtruir o mundo não duvida,
Vencerá c'o furor do ferro e fogo:
Em ſi verá Beadala o marcio jogo.

LXVI

Tendo aſſi limpa a India dos imigos,
Virá deſpois com ſceptro a governal-a,
Sem que ache reſiſtencia, nem perigos,
Que todos tremem d'elle, e nenhum falla.
Só quiz provar os aſperos caſtigos
Baticalá, que vira já Beadala:
De ſangue e corpos mortos ficou cheia,
E de fogo e trovões desfeita e feia.

LXVII

Eſte ſerá Martinho, que de Marte
O nome tem co'as obras derivado;
Tanto em armas illuſtre em toda parte,
Quanto em conſelho ſabio e bem cuidado.
Succeder-lhe-ha ali Caſtro, que o eſtandarte
Portuguez terá ſempre levantado,
Conforme ſucceſſor ao ſuccedido;
Que um ergue Dio, outro o defende erguido.

LXVIII

Perſas feroces, Abaſſís e Rumes,
Que trazido de Roma o nome tem,
Varios de geſtos, varios de coſtumes,
Que mil nações ao cerco feras vem,
Farão dos ceos ao mundo vãos queixumes,
Porque uns poucos a terra lhe detem;
Em ſangue Portuguez juram deſcridos
De banhar os bigodes retorcidos.

LXIX

Baſiliſcos medonhos e leões,
Trabucos feros, minas encobertas
Suſtenta Maſcarenhas c'os barões,
Que tão ledos as mortes tem por certas:
Até que nas maiores oppreſſões
Caſtro libertador, fazendo offertas
Das vidas de ſeus filhos, quer que fiquem
Com fama eterna, e a Deos ſe ſacrifiquem.

LXX

Fernando um d'elles, ramo da alta pranta,
Onde o violento fogo com ruido
Em pedaços os muros no ar levanta,
Será ali arrebatado, e ao ceo ſubido.
Alvaro, quando o inverno o mundo eſpanta,
E tem o caminho humido impedido,
Abrindo-o, vence as ondas e os perigos,
Os ventos, e deſpois os inimigos.

LXXI

Eis vem deſpois o pae, que as ondas corta
C'o reſtante da gente Luſitana;
E com força e ſaber, que mais importa,
Batalha dá felice e ſoberana:
Uns, paredes ſubindo, eſcuſam porta,
Outros a abrem na fera eſquadra inſana:
Feitos farão tão dignos de memoria,
Que não caibam em verſo, ou larga hiſtoria.

LXXII

Eſte deſpois em campo ſe apreſenta,
Vencedor forte e intrepido, ao poſſante
Rei de Cambaia, e a viſta lhe amedrenta
Da fera multidão quadrupedante.
Não menos ſuas terras mal ſuſtenta
O Hydalcham do braço triumphante,
Que caſtigando vae Dabul na coſta:
Nem lhe eſcapou Pondá, no ſertão poſta.

LXXIII

Eſtes e outros barões, por varias partes
Dignos todos de fama e maravilha,
Fazendo-ſe na terra bravos Martes,
Virão lograr os goſtos d'eſta ilha,
Varrendo triumphantes eſtandartes,
Pelas ondas, que corta a aguda quilha;
E acharão eſtas nymphas e eſtas meſas,
Que glorias e honras ſão de arduas empreſas.

LXXIV

Aſſi cantava a nympha, e as outras todas
Com ſonoroſo applauſo vozes davam,
Com que feſtejam as alegres vodas,
Que com tanto prazer ſe celebravam.
«Por mais que da Fortuna andem as rodas,»
Nũa conſona voz todas ſoavam,
«Não vos hão de faltar, gente famoſa,
«Honra, valor e fama glorioſa!»

LXXV

Deſpois que a corporal neceſſidade
Se ſatisfez do mantimento nobre,
E na harmonica e doce ſuavidade,
Viram os altos feitos, que deſcobre;
Tethys, de graça ornada e gravidade,
Pera que com mais alta gloria dobre
As feſtas d'eſte alegre e claro dia,
Pera o felice Gama aſſi dizia:

LXXVI

Faz-te mercê, barão, a Sapiencia
Suprema, de c'os olhos corporaes
Veres o que não póde a vã ſciencia
Dos errados e miſeros mortaes!
Sigue-me firme e forte, com prudencia,
Por eſte monte eſpeſſo, tu c'os mais.
Aſſi lhe diz: e o guia por um mato
Arduo, difficil, duro a humano trato.

LXXVII

Não andam muito, que no erguido cume
Se acharam, onde um campo ſe eſmaltava
De eſmeraldas, rubis taes, que preſume
A viſta, que divino chão piſava.
Aqui um globo vem no ar, que o lume
Clariſſimo por elle penetrava
De modo, que o ſeu centro eſtá evidente,
Como a ſua ſuperficie claramente.

LXXVIII

Qual a materia ſeja não ſe enxerga,
Mas enxerga-ſe bem, que eſtá compoſto
De varios orbes, que a divina verga
Compoz, e um centro a todos ſó tem poſto;
Volvendo, ora ſe abaixe, agora ſe erga,
Nunca ſ'ergue ou ſe abaixa, e um meſmo roſto
Por toda a parte tem, e em toda a parte
Começa e acaba em fim por divina arte;

LXXIX

Uniforme, perfeito, em ſi ſoſtido,
Qual em fim o Archetypo, que o creou.
Vendo o Gama eſte globo, commovido
De eſpanto e de deſejo ali ficou.
Diz-lhe a deoſa: O tranſumpto reduzido
Em pequeno volume aqui te dou
Do mundo aos olhos teus, pera que vejas
Por onde vás, e irás, e o que deſejas.

LXXX

Vês aqui a grande machina do mundo,
Etherea e elemental, que fabricada
Aſſi foi do ſaber alto e profundo,
Que é ſem principio e meta limitada.
Quem cerca em derredor eſte rotundo
Globo, e ſua ſuperficie tão limada,
É Deos; mas o que é Deos ninguem o entende;
Que a tanto o engenho humano não ſe eſtende.

LXXXI

Eſte orbe, que primeiro vae cercando
Os outros mais pequenos, que em ſi tem,
Que eſtá com luz tão clara radiando,
Que a viſta cega, e a mente vil tambem,
Empyreo ſe nomeia, onde logrando
Puras almas eſtão de aquelle bem
Tamanho, que elle ſó ſe entende e alcança,
De quem não ha no mundo ſemelhança.

LXXXII

Aqui ſó verdadeiros glorioſos
Divos eſtão; porque eu, Saturno e Jano,
Jupiter, Juno, fomos fabuloſos,
Fingidos de mortal e cego engano:
Só pera fazer verſos deleitoſos
Servimos; e ſe mais o trato humano
Nos póde dar, é ſó, que o nome noſſo
Neſtas eſtrellas poz o engenho voſſo;

LXXXIII

E tambem porque a ſancta Providencia,
Que em Jupiter aqui ſe repreſenta,
Por eſpiritos mil, que tem prudencia,
Governa o mundo todo, que ſuſtenta.
Enſina-o a prophetica ſciencia
Em muitos dos exemplos, que apreſenta:
Os que ſão bons, guiando favorecem,
Os maos, em quanto podem, nos empecem.

LXXXIV

Quer logo aqui a pintura, que varia,
Agora deleitando, ora enſinando,
Dar-lhe nomes, que a antiga poeſia
A ſeus deoſes já dera, fabulando:
Que os Anjos de celeſte companhia
Deoſes o ſacro verſo eſtá chamando;
Nem nega, que eſſe nome preminente
Tambem aos maos ſe dá, mas falſamente.

LXXXV

Em fim que o ſummo Deos, que por ſegundas
Cauſas obra no mundo, tudo manda;
E tornando a contar-te das profundas
Obras da mão divina veneranda,
Debaixo d'eſte circulo, onde as mundas
Almas divinas gozam, que não anda,
Outro corre tão leve, e tão ligeiro,
Que não ſe enxerga: é o Móbile primeiro.

LXXXVI

Com eſte rapto e grande movimento
Vão todos os que dentro tem no ſeio:
Por obra d'eſte, o Sol andando a tento,
O dia e noite faz com curſo alheio.
Debaixo d'eſte leve anda outro lento,
Tão lento e ſojugado a duro freio,
Que em quanto Phebo, de luz nunca eſcaſſo,
Duzentos curſos faz, dá elle um paſſo.

LXXXVII

Olha eſt'outro debaixo, que eſmaltado
De corpos liſos anda, e radiantes,
Que tambem nelle tem curſo ordenado,
E nos ſeus axes correm ſcintillantes:
Bem vês como ſe veſte, e faz ornado
C'o largo cinto d'ouro, que eſtellantes
Animaes doze traz affigurados,
Apouſentos de Phebo limitados.

LXXXVIII

Olha por outras partes a pintura,
Que as eſtrellas fulgentes vão fazendo;
Olha a Carreta, attenta a Cynoſura,
Andromeda e ſeu pae, e o Drago horrendo;
Vê de Caſſiopea a fermoſura,
E do Orionte o geſto turbulento;
Olha o Cyſne morrendo, que ſuſpira,
A Lebre e os Cães, a Nao e a doce Lyra.

LXXXIX

Debaixo d'eſte grande firmamento
Vês o ceo de Saturno, deos antigo;
Jupiter logo faz o movimento,
E Marte abaixo, bellico inimigo:
O claro olho do ceo no quarto aſſento,
E Venus, que os amores traz comſigo;
Mercurio de eloquencia ſoberana;
Com tres roſtos debaixo vae Diana.

XC

Em todos eſtes orbes differente
Curſo verás, nuns grave, e noutros leve;
Ora fogem do centro longamente,
Ora da terra eſtão caminho breve;
Bem como quiz o Padre Omnipotente,
Que o fogo fez, e o ar, o vento e neve:
Os quaes verás, que jazem mais a dentro,
E tem c'o mar a terra por ſeu centro.

XCI

Neſte centro, pouſada dos humanos,
Que não ſómente ouſados ſe contentam
De ſoffrerem da terra firme os damnos,
Mas inda o mar inſtabil exp'rimentam;
Verás as varias partes, que os inſanos
Mares dividem, onde ſe apouſentam
Varias nações, que mandam varios Reis,
Varios coſtumes ſeus e varias leis.

XCII

Vês Europa chriſtã, mais alta e clara,
Que as outras em policia e fortaleza:
Vês Africa, dos bens do mundo avara,
Inculta, e toda cheia de bruteza,
C'o cabo, que atéqui ſe vos negara,
Que aſſentou pera o Auſtro a natureza:
Olha eſſa terra toda, que ſe habita
D'eſſa gente ſem lei, quaſi infinita.

XCIII

Vê do Benomotapa o grande imperio,
De ſelvatica gente, negra e nua,
Onde Gonçalo morte e vituperio
Padecerá pola Fé ſancta ſua;
Nace por eſte incognito hemiſpherio
O metal por que mais a gente ſua;
Vê que do lago, d'onde ſe derrama
O Nilo, tambem vindo eſtá Cuama.

XCIV

Olha as caſas dos negros, como eſtão
Sem portas, confiados em ſeus ninhos,
Na juſtiça real e defenſão,
E na fidelidade dos vizinhos;
Olha d'elles a bruta multidão,
Qual bando eſpeſſo e negro de eſtorninhos,
Combaterá em Sofala a fortaleza,
Que defenderá Nhaia com deſtreza.

XCV

Olha lá as alagoas, d'onde o Nilo
Nace, que não ſouberam os antigos;
Vêl-o rega, gerando o crocodilo,
Os povos Abaſſís, de Chriſto amigos;
Olha como ſem muros (novo eſtylo)
Se defendem melhor dos inimigos;
Vê Meroe, que ilha foi de antiga fama,
Que ora dos naturaes Nobá ſe chama.

XCVI

Neſta remota terra, um filho teu
Nas armas contra os Turcos ſerá claro;
Ha de ſer Dom Chriſtovão o nome ſeu;
Mas contra o fim fatal não ha reparo.
Vê cá a coſta do mar, onde te deu
Melinde hoſpicio gaſalhoſo e caro:
O Rapto rio, nota, que o romance
Da terra chama Oby, entra em Quilmance.

XCVII

O cabo vê já Aromata chamado,
E agora Guardafú, dos moradores,
Onde começa a boca do afamado
Mar Roxo, que do fundo toma as cores.
Eſte como limite eſtá lançado,
Que divide Aſia de Africa, e as melhores
Povoações, que a parte Africa tem,
Maçuá ſão, Arquico e Suanquem.

XCVIII

Vês o extremo Suez, que antigamente
Dizem que foi dos Heroas a cidade;
Outros dizem que Arſinoe; e ao preſente
Tem das frotas do Egypto a poteſtade.
Olha as aguas, nas quaes abrio patente
Eſtrada o grão Moyſés na antiga edade:
Aſia começa aqui, que ſe apreſenta
Em terras grande, em reinos opulenta.

XCIX

Olha o monte Sinai, que ſe ennobrece
C'o ſepulchro de Sancta Catharina;
Olha Toro e Gidá, que lhe fallece
Agua das fontes doce e cryſtallina;
Olha as portas do eſtreito, que fenece
No reino da ſecca Adem, que confina
Com a ſerra d'Arzira, pedra viva,
Onde chuva dos ceos ſe não deriva.

C

Olha as Arabias tres, que tanta terra
Tomam, todas da gente vaga e baça,
D'onde vem os cavallos pera a guerra,
Ligeiros e feroces, de alta raça.
Olha a coſta, que corre até que cerra
Outro eſtreito de Perſia, e faz a traça
O cabo, que c'o nome ſe appellida
Da cidade Fartaque ali ſabida.

CI

Olha Dofar inſigne, porque manda
O mais cheiroſo incenſo pera as aras;
Mas attenta, já cá d'eſt'outra banda
De Roçalgate, e praias ſempre avaras,
Começa o reino Ormuz, que todo ſe anda
Pelas ribeiras, que inda ſerão claras
Quando as galés do Turco, e fera armada
Virem de Caſtel-Branco nua a eſpada.

CII

Olha o cabo Aſaboro, que chamado
Agora é Moçandão dos navegantes:
Por aqui entra o lago, que é fechado
De Arabia, e Perſias terras abundantes.
Attenta a ilha Barem, que o fundo ornado
Tem das ſuas perlas ricas e imitantes
Á côr da Aurora; e vê na agua ſalgada
Ter o Tygris e Euphrates ũa entrada.

CIII

Olha da grande Perſia o imperio nobre,
Sempre poſto no campo, e nos cavallos,
Que ſe injuria de uſar fundido cobre,
E de não ter das armas ſempre os callos.
Mas vê a ilha Gerum, como deſcobre
O que fazem do tempo os intervallos;
Que da cidade Armuza, que ali eſteve,
Ella o nome deſpois e a gloria teve.

CIV

Aqui de Dom Philippe de Menezes
Se moſtrará a virtude em armas clara,
Quando com muito poucos Portuguezes
Os muitos Parſeos vencerá de Lara.
Virão provar os golpes e revezes
De Dom Pedro de Souſa, que provara
Já ſeu braço em Ampaza, que deixada
Terá por terra á força ſó de eſpada.

CV

Mas deixemos o eſtreito e o conhecido
Cabo de Jaſque, dito já Carpella,
Com todo o ſeu terreno mal querido
Da natura, e dos dões uſados d'ella:
Carmania teve já por appellido;
Mas vês o fermoſo Indo, que d'aquella
Altura nace, junto á qual tambem
D'outra altura correndo o Gange vem.

CVI

Olha a terra de Ulcinde fertiliſſima,
E de Jaquete a intima enſeada;
Do mar a enchente ſubita grandiſſima,
E a vaſante, que foge apreſſurada.
A terra de Cambaia vê riquiſſima,
Onde do mar o ſeio faz entrada:
Cidades outras mil, que vou paſſando,
A vós outros aqui ſe eſtão guardando.

CVII

Vês corre a coſta celebre Indiana
Pera o Sul, até o cabo Comori,
Já chamada Corí, que Taprobana
(Que ora é Ceilão) defronte tem de ſi.
Por eſte mar a gente Luſitana,
Que com armas virá deſpois de ti,
Terá victorias, terras e cidades,
Nas quaes hão de viver muitas edades.

CVIII

As provincias, que entre um e o outro rio
Vês com varias nações, ſão infinitas:
Um reino Mahometa, outro Gentio,
A quem tem o demonio leis eſcritas.
Olha que de Narſinga o ſenhorio
Tem as reliquias ſanctas e bemditas
Do corpo de Thomé, barão ſagrado,
Que a Jeſu Chriſto teve a mão no lado.

CIX

Aqui a cidade foi, que ſe chamava
Meliapor, fermoſa, grande e rica:
Os idolos antigos adorava,
Como inda agora faz a gente inica;
Longe do mar naquelle tempo eſtava,
Quando a Fé, que no mundo ſe pubrica,
Thomé vinha prégando, e já paſſara
Provincias mil do mundo, que enſinara.

CX

Chegado aqui prégando, e junto dando
A doentes ſaude, a mortos vida,
Acaſo traz um dia o mar vagando
Um lenho de grandeza deſmedida:
Deſeja o Rei, que andava edificando,
Fazer d'elle madeira, e não duvida
Poder tiral-o a terra com poſſantes
Forças d'homens, de engenhos, de aliphantes.

CXI

Era tão grande o peſo do madeiro,
Que ſó pera abalar-ſe nada abaſta;
Mas o nuncio de Chriſto verdadeiro
Menos trabalho em tal negocio gaſta:
Ata o cordão, que traz, por derradeiro
No tronco, e facilmente o leva e arraſta
Pera onde faça um ſumptuoſo templo,
Que ficaſſe aos futuros por exemplo.

CXII

Sabia bem, que ſe com fé formada
Mandar a um monte ſurdo, que ſe mova,
Que obedecerá logo á voz ſagrada;
Que aſſi lh'o enſinou Chriſto, e elle o prova:
A gente ficou d'iſto alvoroçada,
Os Brahmenes o tem por couſa nova;
Vendo os milagres, vendo a ſanctidade,
Hão medo de perder auctoridade.

CXIII

São eſtes Sacerdotes dos Gentios,
Em quem mais penetrado tinha inveja;
Buſcam maneiras mil, buſcam deſvios
Com que Thomé não ſe ouça, ou morto ſeja.
O principal, que ao peito traz os fios,
Um caſo horrendo faz, que o mundo veja;
Que inimiga não ha tão dura e fera,
Como a virtude falſa da ſincera.

CXIV

Um filho proprio mata, e logo accuſa
De homicidio Thomé, que era innocente;
Dá falſas teſtemunhas, como ſe uſa;
Condemnaram-no á morte brevemente.
O Sancto, que não vê melhor eſcuſa,
Que appellar pera o Padre Omnipotente,
Quer diante do Rei e dos ſenhores,
Que ſe faça um milagre dos maiores.

CXV

O corpo morto manda ſer trazido,
Que reſucite, e ſeja perguntado
Quem foi ſeu matador; e ſerá crido
Por teſtemunho o ſeu mais approvado.
Viram todos o moço vivo erguido
Em nome de Jeſu crucificado:
Dá graças a Thomé, que lhe deo vida,
E deſcobre ſeu pae ſer homicida.

CXVI

Eſte milagre fez tamanho eſpanto,
Que o Rei ſe banha logo na agua ſancta,
E muitos após elle: um beija o manto,
Outro louvor do Deos de Thomé canta.
Os Brahmenes ſe encheram de odio tanto,
Com ſeu veneno os morde inveja tanta,
Que perſuadindo a iſſo o povo rudo,
Determinam matal-o em fim de tudo.

CXVII

Um dia, que prégando ao povo eſtava,
Fingiram entre a gente um arruido:
Já Chriſto neſte tempo lhe ordenava,
Que, padecendo, foſſe ao Ceo ſubido.
A multidão das pedras, que voava,
No Sancto dá, já a tudo offerecido:
Um dos maos, por fartar-ſe mais depreſſa,
Com crua lança o peito lhe atraveſſa.

CXVIII

Choraram-te, Thomé, o Gange e o Indo;
Chorou-te toda a terra, que piſaſte;
Mais te choram as almas, que veſtindo
Se iam da ſancta Fé, que lhe enſinaſte:
Mas os Anjos do Ceo, cantando e rindo,
Te recebem na gloria, que ganhaſte.
Pedimos-te, que a Deos ajuda peças,
Com que os teus Luſitanos favoreças.

CXIX

E vós outros, que os nomes uſurpaes
De mandados de Deos, como Thomé,
Dizei, ſe ſois mandados, como eſtaes
Sem irdes a prégar a ſancta Fé?
Olhae que ſe ſois ſal, e vos damnaes
Na patria, onde propheta ninguem é,
Com que ſe ſalgarão em noſſos dias
(Infieis deixo) tantas hereſias?

CXX

Mas paſſo eſta materia perigoſa,
E tornemos á coſta debuxada.
Já com eſta cidade tão famoſa,
Se faz curva a Gangetica enſeada:
Corre Narſinga rica e poderoſa,
Corre Orixa de roupas abaſtada;
No fundo da enſeada o illuſtre rio
Ganges vem ao ſalgado ſenhorio:

CXXI

Ganges, no qual os ſeus habitadores
Morrem banhados, tendo por certeza,
Que inda que ſejam grandes peccadores,
Eſta agua ſancta os lava e dá pureza.
Vê Cathigão, cidade das melhores
De Bengala, provincia, que ſe preza
De abundante; mas olha, que eſtá poſta
Pera o Auſtro d'aqui virada a coſta.

CXXII

Olha o reino Arracão, olha o aſſento
De Pegu, que já monſtros povoaram;
Monſtros filhos do feio ajuntamento
D'ũa mulher e um cão, que ſós ſe acharam;
Aqui ſoante arame no inſtrumento
Da geração coſtumam; o que uſaram
Por manha da Rainha, que inventando
Tal uſo, deitou fóra o error nefando.

CXXIII

Olha Tavai cidade, onde começa
De Sião largo o imperio tão comprido;
Tanaſſarí, Quedá, que é ſó cabeça
Das que pimenta ali tem produzido.
Mais avante fareis, que ſe conheça
Malaca por emporio ennobrecido,
Onde toda a provincia do mar grande
Suas mercadorias ricas mande.

CXXIV

Dizem, que d'eſta terra, co'as poſſantes
Ondas o mar entrando, dividio
A nobre ilha Samatra, que já d'antes
Juntas ambas a gente antiga vio.
Cherſoneſo foi dita, e das preſtantes
Veias d'ouro, que a terra produzio,
Aurea por epitheto lhe ajuntaram;
Alguns que foſſe Ophir imaginaram.

CXXV

Mas na ponta da terra Cingapura
Verás, onde o caminho ás naos ſe eſtreita:
D'aqui, tornando a coſta á Cynoſura,
Se encurva, e pera a Aurora ſe endireita.
Vês Pam, Patane, reinos e a longura
De Sião, que eſtes e outros mais ſujeita;
Olha o rio Menão, que ſe derrama
Do grande lago, que Chiamai ſe chama.

CXXVI

Vês neſte grão terreno os differentes
Nomes de mil nações nunca ſabidas;
Os Laos em terra e numero potentes,
Avás, Bramás, por ſerras tão compridas.
Vê nos remotos montes outras gentes,
Que Gueos ſe chamam, de ſelvages vidas;
Humana carne comem, mas a ſua
Pintam com ferro ardente, uſança crua.

CXXVII

Vês paſſa por Camboja Mecom rio,
Que capitão das aguas ſe interpreta;
Tantas recebe d'outro ſó no eſtio,
Que alaga os campos largos, e inquieta;
Tem as enchentes, quaes o Nilo frio;
A gente d'elle crê, como indiſcreta,
Que pena e gloria tem deſpois de morte
Os brutos animaes de toda ſorte.

CXXVIII

Eſte receberá placido e brando,
No ſeu regaço o Canto, que molhado
Vem do naufragio triſte e miſerando,
Dos procelloſos baixos eſcapado;
Das fomes, dos perigos grandes, quando
Será o injuſto mando executado
Naquelle, cuja lyra ſonoroſa
Será mais afamada, que ditoſa.

CXXIX

Vês corre a coſta, que Champá ſe chama,
Cuja mata é do pao cheiroſo ornada;
Vês Cauchichina eſtá de eſcura fama,
E de Ainão vê a incognita enſeada.
Aqui o ſoberbo imperio, que ſe afama
Com terras e riqueza não cuidada,
Da China corre, e occupa o ſenhorio
Deſde o Tropico ardente ao Cinto frio.

CXXX

Olha o muro e edificio nunca crido,
Que entre um imperio e o outro ſe edifica;
Certiſſimo ſignal e conhecido,
Da potencia Real, ſoberba e rica.
Eſtes, o Rei que tem, não foi nacido
Principe, nem dos paes aos filhos fica;
Mas elegem aquelle, que é famoſo
Por cavalleiro ſabio e virtuoſo.

CXXXI

Inda outra muita terra ſe te eſconde,
Até que venha o tempo de moſtrar-ſe.
Mas não deixes no mar as ilhas, onde
A natureza quiz mais afamar-ſe.
Eſta meia eſcondida, que reſponde
De longe á China, d'onde vem buſcar-ſe,
É Japão, onde nace a prata fina,
Que illuſtrada ſerá co'a Lei divina.

CXXXII

Olha cá pelos mares do Oriente
As infinitas ilhas eſpalhadas:
Vê Tidore e Ternate, c'o fervente
Cume, que lança as flammas ondeadas:
As arvores verás do cravo ardente,
C'o ſangue portuguez inda compradas;
Aqui ha as aureas aves, que não decem
Nunca á terra, e ſó mortas apparecem.

CXXXIII

Olha de Banda as ilhas, que ſe eſmaltam
Da varia côr, que pinta o roxo fruto;
As aves variadas, que ali ſaltam,
Da verde noz tomando ſeu tributo:
Olha tambem Borneo, onde não faltam
Lagrimas, no licor coalhado e enxuto
Das arvores, que camphora é chamado,
Com que da ilha o nome é celebrado.

CXXXIV

Ali tambem Timor, que o lenho manda
Sandalo ſalutifero e cheiroſo:
Olha a Sunda tão larga, que ũa banda
Eſconde pera o Sul difficultoſo:
A gente do ſertão, que as terras anda,
Um rio diz, que tem miraculoſo,
Que por onde elle ſó ſem outro vae,
Converte em pedra o pao, que nelle cae.

CXXXV

Vê naquella, que o tempo tornou ilha,
Que tambem flammas tremulas vapora,
A fonte, que oleo mana, e a maravilha
Do cheiroſo licor, que o tronco chora;
Cheiroſo mais que quanto eſtilla a filha
De Cyniras na Arabia, onde ella mora;
E vê que, tendo quanto as outras tem,
Branda ſeda e fino ouro dá tambem.

CXXXVI

Olha em Ceilão, que o monte ſe alevanta
Tanto, que as nuvens paſſa, ou a viſta engana:
Os naturaes o tem por couſa ſancta,
Pola pedra onde eſtá a pégada humana.
Nas ilhas de Maldiva nace a planta,
No profundo das aguas ſoberana,
Cujo pomo contra o veneno urgente
É tido por antidoto excellente.

CXXXVII

Verás defronte eſtar do Roxo eſtreito
Socotorá, c'o amaro aloe famoſa;
Outras ilhas no mar tambem ſujeito
A vós na coſta de Africa arenoſa;
Onde ſae do cheiro mais perfeito
A maſſa, ao mundo occulta e precioſa:
De São-Lourenço vê a ilha afamada,
Que Madagaſcar é d'alguns chamada.

CXXXVIII

Eis-aqui as novas partes do Oriente,
Que vós outros agora ao mundo daes,
Abrindo a porta ao vaſto mar patente,
Que com tão forte peito navegaes.
Mas é tambem razão, que no Ponente
D'um Luſitano um feito inda vejaes,
Que de ſeu Rei moſtrando-ſe aggravado,
Caminho ha de fazer nunca cuidado.

CXXXIX

Vedes a grande terra, que contina
Vae de Calliſto ao ſeu contrario polo,
Que ſoberba a fará a luzente mina
Do metal, que a côr tem do louro Apollo;
Caſtella, voſſa amiga, ſerá digna
De lançar-lhe o collar ao rudo collo:
Varias provincias tem de varias gentes,
Em ritos e coſtumes differentes.

CXL

Mas cá onde mais ſe alarga, ali tereis
Parte tambem c'o pao vermelho nota:
De Sancta Cruz o nome lhe poreis;
Deſcobril-a-ha a primeira voſſa frota.
Ao longo d'eſta coſta, que tereis,
Irá buſcando a parte mais remota
O Magalhães, no feito com verdade
Portuguez, porém não na lealdade.

CXLI

Deſque paſſar a via mais que meia,
Que ao Antarctico polo vae da Linha,
D'ũa eſtatura quaſi giganteia
Homens verá, da terra ali vizinha:
E mais avante o Eſtreito, que ſe arreia
C'o nome d'elle agora, o qual caminha
Pera outro mar, e terra, que fica onde
Com ſuas frias azas o Auſtro a eſconde.

CXLII

Atéqui, Portuguezes, concedido
Vos é ſaberdes os futuros feitos,
Que pelo mar, que já deixaes ſabido,
Virão fazer barões de fortes peitos.
Agora, pois que tendes aprendido
Trabalhos, que vos façam ſer acceitos
Ás eternas eſpoſas e fermoſas,
Que corôas vos tecem glorioſas:

CXLIII

Podeis-vos embarcar, que tendes vento
E mar tranquillo pera a patria amada.
Aſſi lhe diſſe: e logo movimento
Fazem da ilha alegre e namorada.
Levam refreſco, e nobre mantimento,
Levam a companhia deſejada
Das nymphas, que hão de ter eternamente,
Por mais tempo que o Sol o mundo aquente.

CXLIV

Aſſi foram cortando o mar ſereno
Com vento ſempre manſo e nunca irado,
Até que houveram viſta do terreno
Em que naceram, ſempre deſejado.
Entraram pela Foz do Tejo ameno;
E á ſua patria e Rei temido e amado
O premio e gloria dão, porque mandou,
E com titulos novos ſe illuſtrou.

CXLV

No mais, Muſa, no mais, que a lyra tenho
Deſtemperada, e a voz enrouquecida;
E não do canto, mas de ver que venho
Cantar a gente ſurda e endurecida.
O favor com que mais ſe accende o engenho,
Não no dá a patria, não, que eſtá mettida
No goſto da cubiça e na rudeza
D'ũa auſtera, apagada e vil triſteza.

CXLVI

E não ſei por que influxo de deſtino
Não tem um ledo orgulho e geral goſto,
Que os animos levanta de contino,
A ter pera trabalhos ledo o roſto.
Por iſſo vós, ó Rei, que por divino
Conſelho eſtaes no regio ſolio poſto,
Olhae que ſois (e vêde as outras gentes)
Senhor ſó de vaſſallos excellentes!

CXLVII

Olhae, que ledos vão por varias vias,
Quaes rompentes leões e bravos touros,
Dando os corpos a fomes e vigias,
A ferro, a fogo, a ſettas e pelouros,
A quentes regiões, a plagas frias,
A golpes de Idolatras e de Mouros,
A perigos incognitos do mundo,
A naufragios, a peixes, ao profundo:

CXLVIII

Por vos ſervir a tudo apparelhados,
De vós tão longe, ſempre obedientes
A quaeſquer voſſos aſperos mandados,
Sem dar reſpoſta, promptos e contentes;
Só com ſaber que ſão de vós olhados,
Demonios infernaes, negros e ardentes
Commetterão comvoſco, e não duvido,
Que vencedor vos façam, não vencido.

CXLIX

Favorecei-os logo, e alegrae-os
Com a preſença e leda humanidade;
De rigoroſas leis deſalivae-os,
Que aſſi ſe abre o caminho á ſanctidade;
Os mais exp'rimentados levantae-os,
Se com a experiencia tem bondade
Pera voſſo conſelho; pois que ſabem
O como, o quando, e onde as couſas cabem.

CL

Todos favorecei em ſeus officios,
Segundo tem das vidas o talento;
Tenham Religioſos exercicios
De rogarem por voſſo regimento;
Com jejuns, diſciplina, pelos vicios
Communs, toda ambição terão por vento;
Que o bom Religioſo verdadeiro
Gloria vã não pretende, nem dinheiro.

CLI

Os cavalleiros tende em muita eſtima,
Pois com ſeu ſangue intrepido e fervente,
Eſtendem não ſómente a Lei de cima,
Mas inda voſſo Imperio preminente:
Pois aquelles, que a tão remoto clima
Vos vão ſervir com paſſo diligente,
Dous inimigos vencem: uns os vivos,
E (o que é mais) os trabalhos exceſſivos.

CLII

Fazei, Senhor, que nunca os admirados
Allemães, Gallos, Italos e Inglezes,
Poſſam dizer, que ſão para mandados,
Mais que pera mandar, os Portuguezes.
Tomae conſelhos ſó d'exp'rimentados,
Que viram largos annos, largos mezes;
Que poſtoque em ſcientes muito cabe,
Mais em particular o experto ſabe.

CLIII

De Phormião, philoſopho elegante,
Vereis como Annibal eſcarnecia,
Quando das artes bellicas diante
D'elle com larga voz tratava e lia.
A diſciplina militar preſtante
Não ſe aprende, Senhor, na phantaſia,
Sonhando, imaginando, ou eſtudando,
Senão vendo, tratando, e pelejando.

CLIV

Mas eu que fallo humilde, baixo e rudo,
De vós não conhecido, nem ſonhado?
Da boca dos pequenos ſei com tudo,
Que o louvor ſae ás vezes acabado:
Nem me falta na vida honeſto eſtudo,
Com longa experiencia miſturado,
Nem engenho, que aqui vereis preſente,
Couſas, que juntas ſe acham raramente.

CLV

Pera ſervir-vos, braço ás armas feito;
Pera cantar-vos, mente ás Muſas dada;
Só me fallece ſer a vós acceito,
De quem virtude deve ſer prezada:
Se me iſto o Ceo concede, e o voſſo peito
Digna empreſa tomar de ſer cantada,
Como a preſaga mente vaticina,
Olhando a voſſa inclinação divina:

CLVI

Ou fazendo, que mais, que a de Meduſa
A viſta voſſa tema o monte Atlante,
Ou rompendo nos campos de Ampeluſa
Os muros de Marrocos e Trudante;
A minha já eſtimada e leda Muſa,
Fico, que em todo o mundo de vós cante,
De ſorte que Alexandro em vós ſe veja,
Sem á dita de Achilles ter inveja.

NOTICIA HISTORICA

DO

GABINETE PORTUGUEZ DE LEITURA

NO RIO DE JANEIRO

NOTICIA HISTORICA

DO

GABINETE PORTUGUEZ DE LEITURA

NO RIO DE JANEIRO

FUNDADO EM 1837

I

A evolução progressiva da colonisação portugueza no Brasil, depois da independencia d'este importante estado, é dos factos mais curiosos da historia d'este seculo. Não ha negal-o. Comparando as formulas sociaes, idéas, tendencias dos primeiros povoadores do estado, antes de sua emancipação, com a physiognomia particular que tomou a população portugueza emigrada após 1830, não é possivel negar o contraste, a heterogeneidade. Não parecem producções do mesmo solo, emanações da mesma civilisação. Uma profunda mudança moral houve entre 1808 e 1830. Vinte e dois annos de sopro reformador das idéas valeram mais que a independencia de 1640, as academias historicas de D. João V, e todas as tentativas de assimilação philosophica do marquez de Pombal.

A revolução fez-se pelas idéas. É historia que ainda não se escreveu a da investigação em ordem inversa do advento das idéas. Historiam-se guerras e casamentos de reis, lutas politicas e manifestações da indole artistica, evolução da industria e pseudo-descobertas de paizes; mas o advento methodico e regular das idéas que através dos seculos formam a civilisação, a vida, o caracter da humanidade, é trabalho apenas esboçado. O empyrismo historico é peccado hereditario tanto da velha raça dos plasticos chronistas, como dos criticos da escola philosophica de Diderot, dos sociologistas imitadores de Comte, como dos utilitarios que desde Bentham até Herbert Spencer têem procurado assentar a sociedade humana em novas bases.

Da hiſtoria ſó conhecemos as exterioridades e eſtas meſmo falſas, interruptas e amoldadas aos pontos de viſta hebraicos, chinezes, gregos ou latinos, conforme a vaidade nacional dos eſcriptores. Ha eſpaços na velha hiſtoria do globo completamente eliminados. Ha vacuos nunca preenchidos que dão paſto a civiliſações inventadas, a revelações pre-hiſtoricas que ſó explicam a candidez e inactividade dos inveſtigadores. Deſprezamos os documentos chinezes, americanos e indianos, que até agora não comprehendemos, para inventarmos a hiſtoria univerſal de data recente, profundamente deſmentida pelas tradições dos phenicios, e os monumentos que povoam Africa, America e Oceania.

Na origem das idéas, na ſua tranſmiſſão, na ſua ſequencia na ordem dos tempos, eſtá a verdadeira verificação dos annaes humanos. O proprio Braſil, paiz apenas de tres ſeculos, não tem hiſtoria féria, apontado ſevero do eſtado anterior á deſcoberta, das raças que o povoaram, dos veſtigios eſperſos de anteriores civiliſações, da multiplicidade das origens linguiſticas, das ſucceſſivas emigrações européas, das novas contribuições de raças e de linguas; emfim de todos os elementos ſociologicos que conſtituem o actual imperio. Infelizmente varios documentos impreſcindiveis vão-ſe perdendo, e em breve a hiſtoria ſiſuda das origens da nação braſileira ſerá de impoſſivel elaboração. Têem-ſe contentado com ſimples trabalhos de compilação, com a arrecadação de chronicas ou relações ſem critica nem profundeza, variadas apenas com phantaſias ou controverſias que ſómente revelam a paixão ou a fecundidade imaginativa dos eſcriptores. Entretanto o Braſil é um dos paizes mais curioſos perante a critica hiſtorica, a archeologia, a anthropologia e a linguiſtica. Reunindo nas velhas raças as mais variadas origens, deſde a aryana e ſemitica, até á mongolica e ethiopica, recebeu após a deſcoberta moderna as curioſas contribuições hiſpanicas, flamengas, africanas, germanicas e italicas, que o tornam padrão ſaliente do novo typo ſocial da *civiliſação coſmopolita*.

É eſta a cauſa porque houve de 1808 a 1850 uma transformação lenta, mas poderoſa dos caracteriſticos da civiliſação colonial para a organiſação moderna. Eſte trabalho moral occultava-ſe ſob a vida vegetativa das antigas formulas, e ainda depois da revolução de 1831, que foi a manifeſtação eruptiva das novas

idéas, a apparencia enganadora, dava o exclusivo dominio a essas formulas já gangrenadas, já mortas para o futuro. Ainda se via ao lado das declamações philosophicas dos politicos e jornalistas, dos homens da tempera de Barata e Burlamaqui, que iam ao extremo das consequencias philosophicas, os vestigios da escravidão indiana e os depositos dos recem-vindos de Guiné e Moçambique. No clero predominavam as idéas tridentinas, nas escolas o ensino theocratico, nos clubs as opiniões da força bruta. Entretanto as idéas lavravam lentamente, solapavam o velho edificio da iniquidade, e o imperio caminhava para o golpe contra o trafico e para a fundação dos caminhos de ferro, que foram a gloria de 1850, a epoca brilhante do segundo reinado.

Incontestavelmente á nova geração portugueza que no tentamen da fortuna ou refugiando-se da perseguição veiu após 1830 para o imperio, se deve parte da evolução progressiva d'esse periodo. Não foram só trabalhadores do Minho ou da Beira que acudiram ao novo estado. Entre os emigrantes houve homens como José Marcellino da Rocha Cabral, Antonio José Coelho Lousada, Francisco Freire de Carvalho, Tiburcio Antonio Craveiro, Alberto Antonio de Moraes Carvalho, Caetano Alberto Soares, Bernardo Ribeiro de Carvalho, Adolpho Manoel Victorio da Costa e outros não menos honrados e distinctos, que reuniam ás virtudes civicas a vastidão do saber, largas aspirações do espirito e fé robusta no progresso.

D'esses varões prestantes a morte traçou já o derradeiro epilogo; e o ultimo, depois de crear os mais nobres talentos da sociedade brasileira, foi repousar no tumulo, acompanhado das saudades da segunda geração de patriotas, de que fôra incançavel e assiduo companheiro. Victorio da Costa era a encarnação modesta e forte do nucleo dos primeiros reformadores. Depois de ter assistido á fundação das primeiras associações civilisadoras, contribuiu para a creação da *Caixa de Soccorros de D. Pedro* v *e do Lyceo Litterario Portuguez*, que são os germens do futuro adiantamento das novas phalanges emigrantes. Eram homens robustos pela fé, pela abnegação, pelo amor do nome nacional. Vieram em epoca que respirava as emanações maleficas dos tempos coloniaes e esclavistas, que só tinha em mira o lucro immediato e o orgulho da fortuna, e que despresou as difficeis distinc-

ções do eſpirito e das letras. A educação abſolutiſta circumſcrevera os horiſontes do povo e habituara-o á obediencia paſſiva de que ſó ſaía para as irrupções e deſnorteamentos da força bruta. Era raro o amor pela leitura, a conſciencia da dignidade e dos direitos, o amor ás idéas novas e ao progreſſo. Vegetava-ſe atraz do balcão ou na roça longinqua e iſolada: não ſe vivia nem pelo coração nem pela alma.

Eſtas vontades de ferro, eſtes corações de athletas lançaram a luva ao roſto eſqualido do regimen colonial e o deſafiaram á luta das idéas. A campanha da liberdade — mudança apenas dynaſtica, ſe não fôra a logica ouſada de Mouſinho da Silveira — succedera a revolução ſetembriſta, e o impulſo que o *Panorama* e a trindade de Herculano, Garrett e Caſtilho deram á educação nacional. Não pode imaginar a geração actual, eivada de viſiveis aſpirações germanicas, a tremenda revolução que eſſes heroes do penſamento produziram na geração de 1837. A ſociedade theocratico-feudal ſentiu-ſe atacada nos ſeus mais vitaes orgãos. O ſopro da juventude e do progreſſo correu do Minho aos extremos da monarchia e das colonias, e a ſêde do ſaber e da emancipação creſceu rapidamente n'aquella geração. Teſtemunha d'eſſa epoca, vim pouco depois aſſiſtir no Braſil aos primeiros esforços d'eſſe nucleo reformador para tranſmittir á colonia portugueza o movimento intellectual da metropole. A luta era ardente e difficil, pois ao lado de ideologos e republicanos havia ainda ſebaſtianiſtas e recoloniſadores fervoroſos.

Foi do ſeio d'eſſa agitação que ſaíu a idéa da creação do *Gabinete Portuguez de Leitura,* germen de todas as aſſociações portuguezas no Braſil, e que, guardando em ſi a ſemente da regeneração moral, é deſtinado a perpetuar a memoria da admiravel transformação da raça portugueza e de ſua expanſão na hiſtoria.

II

A 14 de maio de 1837 viam-ſe peſſoas das diverſas claſſes da emigração portugueza dirigir-ſe para a modeſta caſa da rua Direita n.º 20, em que por cima da relojoaria Norris morava o dr. Coelho Louſada. Profunda preoccupação dominava eſſes eſpiritos que pareciam agitados e até divididos. Se os unia a

idéa patriotica de formarem nucleo para a diffuſão dos conhecimentos, dividia-os a differença de opiniões politicas, e o agrupamento de influencias locaes que ſempre foram e ſão a doença democratica da colonia. Não ha que reparar, pois nas velhas e novas democracias em que o governo é realmente das turbas populares ſão ſempre extremas as lutas de influencia peſſoal.

N'eſſe tempo as peſſoas gradas reuniam-ſe em volta do conſelheiro João Baptiſta Moreira, por muitos annos conſul geral de Portugal, ou do dr. Coelho Louſada.

Entretanto combinaram-ſe para levar ávante a fundação do *Gabinete,* que conſta da ſeguinte acta:

«Gabinete Portuguez de Leitura no Rio de Janeiro. Primeira ſeſſão d'Aſſembléa Geral dos Accioniſtas do Gabinete Portuguez de Leitura em o dia 14 de maio de 1837. Socios preſentes 43.

«Os accioniſtas do Gabinete Portuguez de Leitura no Rio de Janeiro, reunidos em numero de 43, na reſidencia do accioniſta Antonio Joſé Coelho Louſada, e eſtando preſente o Encarregado de Negocios da Nação Portugueza João Baptiſta Moreira, foi eſte ſenhor quem preſidiu á Aſſembléa, chamando para 1.º Secretario Franciſco Eduardo Alves Vianna, e para 2.º Joſé Antonio Seixas. O 1.º Secretario pediu a palavra para expôr o eſtado da Aſſociação, e ſendo-lhe concedida apreſentou a liſta geral dos accioniſtas, que sobem a 189, tendo ſubſcrevido por 404 acções, e em ſeguimento, offereceu á Aſſembléa um projecto de Eſtatutos, por elle organiſado, e eſta offerta foi recebida com eſpecial agrado. O meſmo accioniſta fez a ſeguinte indicação: — Proponho que na falta de Eſtatutos, ſe adopte já o ſeguinte artigo do meu projecto: — O Conſelho Adminiſtrativo da ſociedade é nomeado em Aſſembléa Geral, e ſe compõe de ſete membros; um Preſidente, um Vice-Preſidente, dois Secretarios, um Theſoureiro e dois Agentes. Poſta em diſcuſſão, os accioniſtas Louſada e Luiz Joſé da Silva mandaram á meza a ſeguinte emenda: « Proponho que fique prorogada a preſente meza proviſoria até á definitiva approvação dos Eſtatutos.» E entrando a emenda e a propoſta em diſcuſſão, o Preſidente, depois de ſufficientemente diſcutida a materia, poz a votos as ſeguintes queſtões: É da approvação da

Aſſembléa que ſique prorogada a actual meza proviſoria?, e a Aſſembléa Geral decidiu que não. Interrogou o Preſidente mais: Deve proceder-ſe á nomeação de uma nova meza, compoſta de igual numero de membros?, e a Aſſembléa decidiu que ſim. Em virtude d'eſta deliberação, o Preſidente fez proceder á eleição, e a maioria de ſuffragios recaiu para Preſidente, no ſr. Joſé Marcellino da Rocha Cabral; 1.º Secretario, Franciſco Eduardo Alves Vianna, 2.º Secretario, Joſé Maria do Amaral Vergueiro, os quaes tomaram os reſpectivos logares. O accioniſta Franciſco Xavier Alvares, propoz que ſe nomeaſſe uma commiſſão de tres membros, além do accioniſta auctor do projecto de Eſtatutos, para o reverem e organiſarem, e poſto a votos foi approvado, e procedendo-ſe á eleição, reuniram o maior numero de votos o dr. Cabral, dr. João Joaquim Peſtana, o dr. Almeida e Silva e Franciſco Eduardo Alves Vianna. O accioniſta Franciſco Xavier Alvares propoz ſe agradeceſſe ao ſr. dr. Antonio Joſé Coelho Louſada a urbanidade com que ſe tinha dignado tratar a todos os accioniſtas preſentes, franqueando-lhes a ſua caſa. O Preſidente, como interprete dos ſentimentos da Aſſembléa, ſignificou áquelle ſenhor, que os portuguezes alli reunidos ſe achavam penhorados pela civil e hoſpitaleira recepção que lhes havia feito o ill.mo ſr. dr. Antonio Joſé Coelho Louſada. Não havendo mais couſa alguma a tratar, o Preſidente encerrou a ſeſſão á 1 3/4 horas da tarde.

«Sala da ſeſſão d'Aſſembléa Geral dos accioniſtas do Gabinete Portuguez de Leitura no Rio de Janeiro, aos 14 de maio de 1837.

«Aſſignado: Joſé Marcellino da Rocha Cabral, Preſidente — Franciſco Eduardo Alves Vianna, Secretario. Eſtá conforme, Henrique do Carmo Edolo, Secretario.»

Parece que os maiores esforços para eſta reunião foram devidos ao dr. Joſé Marcellino da Rocha Cabral e a Franciſco Eduardo Alves Vianna, eſtabelecido com caſa de commercio á rua do Ouvidor. O primeiro era um advogado illuſtrado e habil, que emigrára para o Braſil em 1828, por motivo de ſuas adeantadas idéas, e que preſtou aqui relevantes ſerviços á educação politica e ao jornaliſmo. Mais tarde uma aſſembléa geral reſolveu que os nomes d'eſtes dois fundadores foſſem gravados em uma lamina de bronze, no recinto do *Gabinete*. Não ſe reali-

ſou eſta manifeſtação honroſa, porque Vianna, de indole um pouco exceſſiva, rompeu com os directores, e expoz á venda a ſua acção na loja de que era dono.

É a ſorte de todos os iniciadores apreſentar pretenſões inacceitaveis, e muitas vezes tornarem-ſe victimas de sua idéa, por exceſſivo zelo.

Cumpre aqui collocar em mais elevada memoria o vulto do dr. Joſé Marcellino da Rocha Cabral, o fundador intellectual do *Gabinete*, e uma das mais dignas illuſtrações da emigração. Fugitivo do reino após a uſurpação de D. Miguel de Bragança, peregrinou por alheias terras, e veiu afinal abordar ao Rio de Janeiro em 1828, quando D. Pedro I era a eſperança dos liberaes portuguezes. Já n'eſta côrte achou Antonio Joſé Coelho Louſada, Alberto Antonio de Moraes Carvalho, Caetano Alberto Soares e outros advogados portuguezes de boa nomeada que o haviam precedido na emigração.

Paſſou-ſe á provincia do Rio Grande do Sul, ſendo encarregado pelo governo imperial da eſtatiſtica d'aquelle territorio, miſſão que encetou bem, mas não terminou por motivo da anarchia politica que pouco depois appareceu. Em 1832 ali fundou o *Propagador da Induſtria Rio Grandenſe,* periodico que capitaneava as mais adeantadas idéas de progreſſo, ao paſſo que defendia os legitimos intereſſes portuguezes. Surprehendido em ſeus pacificos trabalhos pela revolução republicana da provincia, em setembro de 1835, teve que abandonar a obra principiada e retirar-ſe para o Rio de Janeiro em 1836.

Ahi o eſperava um emprehendimento mais arduo, por vezes tentado, para dar mais incremento e elaſticidade ao eſpirito publico da capital do imperio, e até agora quaſi ſempre terminado em naufragio. De todas as folhas diarias da côrte, a que creou vitalidade propria e duradoura foi o *Jornal do Commercio,* iniciado por Plancher e continuado por Villeneuve. Limitando a ſua eſphera á publicidade commercial, não ſe envolvendo na luta dos partidos, conſeguiu circulação deſproporcionada para o goſto da epoca. Pareceu aos eſpiritos mais adeantados que eſta limitação de horiſontes no principal orgão jornaliſtico acanhava o eſpirito publico e impedia a vida regular do jornaliſmo util e independente. Uma pleiade de jornaes braſileiros, educados nas idéas

democraticas da França, a cuja frente eſtava Franciſco de Salles Torres Homem, uniram-ſe ás peſſoas mais illuſtradas da emigração, repreſentadas pelo dr. Rocha Cabral, e fundaram o *Deſpertador,* folha diaria de eſplendida redacção, que por um momento abalou a giganteſca força do *Jornal do Commercio.*

As lutas da maioridade em que o *Deſpertador* ſe envolveu, a precoce actividade de alguns empregados do *Jornal* que mais tarde ſe diſtinguiram na adminiſtração, e a falta de tino dirigente, deram em terra, no fim de 1841, com aquella brilhante e eſperançoſa folha. Cabral perdeu na empreza toda a ſua fortuna particular e os auxilios de ſeus amigos, e teve de retirar-ſe para a cidade da Diamantina, em Minas, onde advogou até 1849.

Antes porém de retirar-ſe preſtára eſte honrado patriota mais um ſerviço á colonia portugueza do Rio de Janeiro, lançando na ſeſſão da aſſembléa geral do *Gabinete,* de janeiro de 1840, as baſes da Sociedade Portugueza de Beneficencia. A commiſſão nomeada n'eſſa occaſião conſeguiu elaborar os eſtatutos e levar a inſtituição a effeito na reunião de 17 de maio do meſmo anno, nas ſalas do Conſulado Portuguez. Da força de vontade de Cabral provém portanto mais eſſa glorioſa inſtituição da colonia portugueza.

Tendo conſeguido de uma filha que profeſſaſſe no convento das Urſulinas, em Braga, d'ali lhe veiu a ceſſão da herança com que remiu ſuas dividas, por intermedio do ſeu dedicado amigo Henrique Pereira Leite Baſtos, e pôde voltar de fronte erguida para a côrte. Ahi não o eſperavam a fortuna nem a gratidão da geração moderna. Novas difficuldades e deſgoſtos lhe amargaram a vida, até que, atacado de febre amarella em principios de 1850, veiu a morrer quaſi ſem ſoccorro, em um caſebre, proximo ao Jardim Botanico.

Fique ao menos eſte proteſto contra a deſventura e ingratidão, na pagina obſcura d'eſte esboço; e na frente do edificio hiſtorico do *Gabinete,* levante-ſe eſte vulto cercado pela mais patriotica e ſublime abnegação.

Apeſar de todas as contrariedades da epoca e dos infortunios de ſeus fundadores, o *Gabinete* inſtituiu-ſe e teve a ſua primeira caſa á rua de S. Pedro n.º 83, proximo á egreja d'aquella invo-

cação. Por esse tempo era facil a acquisição de codices importantes e raros, e exactamente foi no periodo da primeira gestação entre 1837 e 1850 que adquiriu grande parte das edições classicas, obras illustradas importantes, e exemplares dos melhores trabalhos latinos dos primeiros seculos da imprensa, primando nas acquisições dos seculos XVI até o XVIII. Assim elevou a sua bibliotheca em 1860 até perto de 33:000 volumes e o concurso de accionistas a mais de mil.

Da modesta casa da rua de S. Pedro passou em 1842 para a rua da Quitanda n.º 55, onde estivera a typographia do *Despertador,* e mais tarde se estabeleceu o *Correio Mercantil*. Ahi recebeu valioso impulso de Antonio Ferreira Sobral, negociante estabelecido á rua dos Pescadores, e que na qualidade de agente muito contribuiu para o melhoramento de sua renda. A mocidade começou a dar-se ao estudo das letras, e já era honra no commercio pertencer-se ao *Gabinete,* do qual não se podia ser socio sem abonar-se qualidades distinctas e honradas.

O espaço já era pequeno para os livros adquiridos, e ali principiou sua trabalhosa carreira o futuro guarda João d'Oliveira, que, quasi privado da vista, ainda é hoje a memoria viva d'aquella epoca de fé e dedicação. Em consequencia d'esta difficuldade de espaço, mudou-se a bibliotheca em abril de 1850 para a casa da rua dos Benedictinos n.º 12, em que ainda agora se conserva.

Desde 1837 até 1843 houve no *Gabinete,* além do guarda, o cargo de bibliothecario, que foi occupado por alguns homens de distincção. O primeiro foi o dr. José de Almeida e Silva, habil medico, que introduziu no Brasil a homœopathia, e foi o precursor de Gama e Castro, e de Mure. Era homem de dotes litterarios, mas, occupado em materias mais lucrativas, pouco tempo exerceu o cargo, que não era remunerado. Succedeu-lhe Tiburcio Antonio Craveiro, lente do collegio de Pedro II desde a fundação, e que reunia a notavel saber e talento caracter muito distincto. Entretanto não curou muito do cargo que exercia no *Gabinete,* e este foi um pouco prejudicado pela incuria dos subalternos que o administravam. O cirurgião João Bernardo de Almeida, que em seguida occupou o lugar, era mais cuidadoso do regimen economico do estabelecimento, mas pouco curára da bibliotheca, que n'esse periodo soffreu desvios e perdas. Os in-

convenientes da delegação não retribuida do miſter de bibliothecario fizeram extinguir o lugar e paſſar as attribuições á directoria.

No importante cargo de director (preſidente) de 1837 a 1860, ſuccederam-ſe: 1.º, o dr. Joſé Marcellino da Rocha Cabral; 2.º, dr. Alberto Antonio de Moraes Carvalho; 3.º, João Henrique Ulrich; 4.º, dr. Adolpho Manoel Victorio da Coſta; e 5.º, dr. Joſé Pedro da Silva Camacho. Todos eſtes illuſtrados portuguezes foram homens dedicados e trabalhadores, e preſtaram relevantes ſerviços, notando-ſe entre elles o dr. Victorio da Coſta, a quem ſe deve a compra da primeira edição dos *Luſiadas,* por 64$000, e outras acquiſições importantes. O dr. Camacho contribuiu para a confecção do primeiro catalogo do *Gabinete*, obra de grande trabalho e de minucioſa exactidão bibliographica, e mereceu ſempre grande conceito como theologo e philoſopho, ſendo lente do seminario epiſcopal de S. Joſé, e principal aceſſor do ſabio biſpo D. Manoel do Monte Rodrigues.

Em janeiro de 1840 principiára a tomar parte nos trabalhos do *Gabinete* um homem diligente, honeſto e aviſado, que muito devia contribuir para o ſeu rapido deſenvolvimento. Henrique Pereira Leite Baſtos, filho da cidade do Porto, eſteve no Rio Grande do Sul deſde 1828 até 1837, em que veiu reſidir no Rio de Janeiro. Affeiçoado ao dr. Rocha Cabral, foi ſocio deſde a inſtallação do *Gabinete,* mas não ſe dedicou a trabalhos activos ſenão em 1840. Deſde então interveiu na reforma dos eſtatutos, acabando com a parte regimental e contribuindo para a creação do conſelho deliberativo a quem deve tantos ſerviços e ſubſidios a inſtituição. Leite Baſtos foi um athleta n'eſta pacifica arena, pela infatigabilidade no trabalho, na defeſa da inſtituição, e um ſeu incançavel ſuſtentaculo. De 1842 a 1860, foi elle o bibliothecario verdadeiro, activando as acquiſições, promovendo e trabalhando na confecção do catalogo, e debellando as difficuldades que ſe oppunham ao andamento da inſtituição.

Devemos tambem mencionar entre os primeiros ſecretarios d'eſſe periodo João Baptiſta Torres, que occupou-ſe ſeriamente com os deveres do ſeu cargo, e a quem ſe deve, depois de 1840, a confecção e organiſação da contabilidade e movimento da livraria, que ainda merecidamente ſubſiſtem, pela ſua ſingeleza e

exactidão. Antes fôra a escripturação um chaos, sem methodo nem regularidade. Convem aqui mencionar tambem os socios que no cargo de thesoureiro mais serviços prestaram, e são: Jeronymo Francisco de Macedo Braga, Antonio Martins de Sousa Porto e José Joaquim de França, dignos de serem citados, pois era o cargo espinhoso, e n'aquella epoca sem compensação alguma pela exiguidade dos recursos do *Gabinete*. D'esse primeiro periodo cabe a menção de simples socios que, sem exercerem cargos importantes, tambem se dedicaram á instituição e são entre outros Antonio José Mendes Campos, Antonio Ferreira Brandão, Manoel Luiz da Silva Serra, Antonio Sarmento Pereira Brandão, Antonio José Alves Coelho, Constantino Joaquim d'Azevedo Lemos, Francisco Xavier Alvares, Antonio José Ferreira, Hermenegildo Antonio Pinto e Joaquim Augusto da Cunha Porto. A historia mais modesta não deixa de ter especial prazer em passar ao futuro os nomes d'estes capitães de lides pacificas, em que os louros desapparecem na obscuridade, mas as conquistas ficam duradouras no progresso das idéas e da felicidade da classe popular.

Em principios de 1860 tinha o *Gabinete* necessariamente de entrar em uma crise aguda de que dependia a vida da instituição. A propria fertilidade do nucleo que precedera, dando lugar a que d'elle saissem outras instituições importantes e de interesse mais practico e immediato, fizera com que das fileiras dos socios activos se arredassem muitas influencias que se applicaram ás novas associações. O *Gabinete* ficára para os devotos das letras e da instrucção, mas estes eram escassos e nem sempre os mais favorecidos da fortuna. Por outro lado as successivas emigrações de Portugal desde 1842, haviam trazido para o Rio de Janeiro moços com applicação á nova litteratura, que desejavam a reforma das collecções da bibliotheca, e maior alargamento do circulo de influencias que até então haviam gerido a instituição.

D'esse numero eram os representantes da colonia como Fernando Castiço, Manoel de Mello, Ernesto Cybrão, Xavier Pinto, Constantino Lemos, Mello e Faro, José Coelho Lousada, Ramalho Ortigão, Francisco Ramos Paz e outros jovens illustrados, alguns dos quaes mais tarde figuraram á frente das instituições principaes. Entre os velhos sustentadores do *Gabinete* e a camada nova, que tentava apoderar-se do mando, travou-se luta

pertinaz em ſucceſſivas aſſembléas, que moſtravam o intereſſe merecido pela inſtituição. Nem ſempre ſe guardaram as conveniencias, nem ſempre ſe fez juſtiça aos honroſos trabalhos das antigas adminiſtrações, mas a final venceu o eſpirito reformador do ſeculo, que n'eſte caſo não era ſó no dominio adminiſtrativo, mas tambem nas tendencias litterarias e bibliographicas.

A antiga directoria reſignou os ſeus lugares e foi eleita uma de tranſição de que era director Joſé Peixoto de Faria Azevedo, 1.º ſecretario Antonio Xavier Rodrigues Pinto e theſoureiro Julio Erneſto de Caſtro Souſa. O conſelho deliberativo auctoriſou a emiſſão de mais 500 acções e esforçou-ſe por fazer face ás difficuldades financeiras. Na meſma occaſião a directoria concedia o titulo de benemeritos ao dr. Joſé Pedro da Silva Camacho, Henrique Pereira Leite Baſtos e Thomaz Joſé Pereira Lima, correſpondente de Lisboa, para fazer juſtiça aos ſerviços que haviam preſtado ao *Gabinete* em longo periodo.

Para o novo peſſoal adminiſtrativo contribuiu em larga eſcala o *Gremio Litterario Portuguez*, inſtituição de eſtudo e propaganda intellectual, a que então pertenciam os homens mais eſclarecidos da colonia. Foi do ſeio d'ella que ſurgiu a idéa do monumento a Camões, depois geralmente acceita, e para a qual trabalhou o *Gabinete* a convite do ſr. conde de Thomar, que então era embaixador portuguez na côrte do Braſil.

III

Entre os jovens que em 1860 acudiram das fileiras do *Gremio* a ſuſtentar a inſtituição mãe do progreſſo portuguez na America, diſtinguia-ſe Antonio Xavier Rodrigues Pinto pela dedicação, infatigabilidade, abnegação e fé invencivel. Pobre, vivendo do arduo trabalho de guarda-livros, adquirindo o ſaber com os proprios esforços, preſando acima do intereſſe peſſoal o bom nome da gente portugueza no eſtrangeiro, eſte heroe modeſto do progreſſo foi um dos mais fecundos propugnadores do *Gabinete* do *Gremio Litterario* e das inſtituições de caridade. Deante d'aquella pequena eſtatura, d'aquella modeſta apparencia, d'aquella inconſciencia do proprio merecimento, caíam os obſtaculos, deſfaziam-ſe as difficuldades e fazia-ſe riqueza inexgotavel da mais

pauperrima eſcaſſez de meios. Foi elle quem aventou a idéa de um fundo deſtinado á conſtrucção do edificio proprio, e embora o ſorriſo da incredulidade acolheſſe as primeiras propoſtas, teve a felicidade de, antes da morte, vêr a ſua aſpiração em bom caminho com a eminente coadjuvação de Joſé Joaquim Ferreira Margarido, um outro batalhador incançavel d'eſta aſpiração.

Volvidos alguns annos quem irá deſpertar do olvido eſtes nomes modeſtos que não figuraram nas aſſembléas politicas nem nas grandes academias, e que nem ao menos tiveram o theatro da patria para lhes receber e conſagrar as obras? Na terra do exilio, nem ſempre cordial, nem ſempre grata aos trabalhos alheios pelo progreſſo, talvez fiquem abſorvidos por glorias mais felizes eſtes esforços preliminares; mas convem que os annaes internos ſejam mais lembrados do que a ingratidão dos tempos e das gerações.

Deſde 1860 até 28 de janeiro de 1866 lutou eſta adminiſtração com as maiores difficuldades, pois a colonia, diſtrahida por outras inſtituições, pouca attenção preſtava a uma aſſociação de mero intereſſe inſtructivo. Foram duros annos de provação em que muitas vezes faltaram os meios, augmentaram as dividas, viu-ſe o futuro arriſcado e ganhou a deſcrença os mais dedicados corações. Xavier Pinto reſiſtia a todos eſtes embates, já procurando realiſar beneficios nos theatros mais concorridos, já incitando o conſelho deliberativo a paſſar acções; ora preſtando o ſeu trabalho peſſoal para a eſcripturação do *Gabinete,* ora appellando para o ingreſſo e dedicação de novas influencias. Apeſar de todas as contrariedades, no fim de ſeis annos de provação, o *Gabinete* tornára mais decente o ſeu recinto, alargára as acommodações da bibliotheca, adquirira mais 5:626 volumes, e lançára as baſes do fundo deſtinado ao edificio. Foi n'eſſe periodo que no recinto do *Gabinete* e coadjuvado pelo conſelheiro Duarte Nazareth e pela mocidade do *Gremio* o obſcuro auctor d'eſte eſboço, em oração commemorativa do fallecimento de D. Pedro v, levantou a voz para a fundação da Caixa de Soccorros, a mais grandioſa creação da caridade portugueza na America. O immenſo enthuſiaſmo d'eſſa reunião, a eſpontaneidade dos donativos e contribuições, vigoraram deſde logo a vida d'eſſa nova creação do *Gabinete,* que equiparou em dignidade e civiſmo a emigra-

ção portugueza no Braſil ás colonias européas mais numeroſas e adeantadas nos Eſtados Unidos.

Entretanto não era baſtante para a importancia actual da colonia portugueza no Rio de Janeiro a conſervação do *Gabinete* nas *fachas infantis* de 1837 a 1840, no movimento ephemero de 1860 e na vida modeſta dos ſeis annos. Exigia o progreſſo da colonia, da ſua população, riqueza e cultura, que entraſſe em mais vigoroſo tentamen, vencendo as difficuldades pecuniarias, alargando os ſeus repoſitorios e aſpirando a eſtabelecimento definitivo.

A directoria eleita em 1860 tivera uma nobre idéa, a de collocar o *Gabinete* ſob os auſpicios de Alexandre Herculano, o chefe moral da nacionalidade. Por propoſta do sr. Manoel Joſé Gonçalves Machado Junior, vice-director, fôra o illuſtre hiſtoriador nomeado preſidente honorario da aſſociação, que acceitou moſtrando muito intereſſe pelo engrandecimento da inſtituição. A ſociedade *Madrépora,* illuſtre inſtituição que tanto favoreceu o creſcimento da inſtrucção no reino, offertou ao *Gabinete* o retrato do digno preſidente honorario. É de notar que os eſpiritos mais altos, que acima das meſquinhas queſtões politicas honraram a raça portugueza n'eſte ſeculo, ſe intereſſaram pela ſorte do *Gabinete.* Além de Alexandre Herculano citaremos Bernardo Pereira de Vaſconcellos, o organiſador das inſtituições braſileiras; Mendes Leal, a honra de Portugal nos concilios internacionaes da Europa, e Joſé Feliciano de Caſtilho, o propugnador da litteratura das idéas e da linguagem de Portugal na America.

A eſſa memoravel directoria de 1866, deſtinada a lançar as baſes do creſcimento e reforma do *Gabinete,* tomaram parte: Joſé Pereira Soares, director; dr. Joſé d'Almeida Soares de Lima Baſtos, vice-director; Reinaldo Carlos Montóro, 1.º secretario; Joſé Antonio Pereira Duarte, 2.º secretario e Antonio Fernandes, theſoureiro. No conſelho deliberativo figuravam já, entre outros, alguns homens a quem o *Gabinete* ia dever innumeros beneficios: Joſe Avelino da Silva Braga, o incançavel eſmoler de caridade; Joſé Joaquim Ferreira Margarido, a quem deveu-ſe a creação do fundo de reſerva; Manoel Antonio Gonçalves Roque, um dos mais conſtantes e generoſos auxiliares das directorias deſde 1860, e Eduardo Lemos. Em torno a elles havia os velhos

repreſentantes da fundação do *Gabinete,* e os mais ardentes advogados da continuação.

Entretanto, quando na primeira ſeſſão do conſelho Reinaldo Carlos Montóro expoz as circumſtancias pecuniarias do *Gabinete* e fez ver quaes os ſacrificios neceſſarios para eleval-o a condições dignas da emigração portugueza, alguns eſpiritos practicos eſmoreceram e duvidaram. A reacção foi rapida e propria dos fortes caracteres ali congregados. Chamaram a ſi a paſſagem de acções, a obtenção de auxilios, e combinaram elevar a inſtituição em alicerces que deſafiaſſem futuras contingencias de deſanimo.

N'eſte tempo veiu ao Rio de Janeiro uma das glorias da tribuna portugueza, que a fatalidade do ſangue e da exaltação das idéas levou a triſte epiſodio e ainda a mais lamentavel deſapparecimento na capital de Africa. Trata-ſe de Vieira de Caſtro, ante o qual o genio da eloquencia chorará ſempre a ſaudade da mais alta inſpiração. Vieira de Caſtro viu os trabalhos do *Gremio* e do *Gabinete*, e aquella alma dolorida de poeta enthuſiaſmou-ſe pela regeneração e progreſſo dos ſeus compatriotas da America.

Ao humilde auctor d'eſte esboço offereceu elle para o *Gabinete* o producto da venda da impreſſão do ſeu *Diſcurſo ſobre a Caridade,* reſervando-ſe a paſſagem da maior parte. D'eſta generoſa offerta reſultou á ſociedade 1:473$000, que muito contribuiram para os melhoramentos encetados.

Ha muito que o *Gabinete* carecia de um catalogo supplementar, pois havia 5:300 obras em 11:000 volumes que não tinham ſido relacionados em codice ſeparado. A eſte herculeo trabalho preſtou-ſe Manoel da Silva Mello Guimarães, um dos mais eruditos membros da colonia. Poſſuidor de ampla e notavel bibliotheca, auxiliar de Innocencio F. da Silva na confecção do *Diccionario Bibliographico,* entregue aos mais difficeis eſtudos de linguiſtica e philologia, conhecendo os mais recentes methodos de claſſificação bibliographica, Manoel de Mello reunia a eſtes dotes adquiridos, judicioſo eſpirito, acerto de opiniões e o conſelho de Joſé Feliciano de Caſtilho, que ſempre o diſtinguiu entre os curioſos de ſaber da emigração. Eſte grande ſerviço, iniciado no periodo da directoria que funccionou no biennio de 1866-1867, concluiu-ſe em 1870.

Chegando ao fim da tarefa, pôde a directoria annunciar que

pagára os debitos da ſociedade, paſſára, com o efficaz auxilio do conſelho deliberativo, 652 acções, creára nova ſala de leitura e reſtaurára os livros damnificados, elevára o fundo para o edificio a 7:250$000, elevára a renda a perto de 8:000$000, adquirira 2:336 volumes e deixára mais 5:000$000 para o pagamento do *Catalogo Supplementar*.

Succederam-ſe até 1872 as ſeguintes adminiſtrações: Em 1868: director, Manoel Joſé Gonçalves Machado Junior; vice-director, Antonio Joſé da Coſta Braga; 1.º ſecretario, Eduardo Lemos; 2.º ſecretario, João Joſé d'Amorim Coelho; theſoureiro, Antonio Pereira de Barbedo. Em 1869 ſerviu a meſma directoria, com excepção do vice-director que foi ſubſtituido por o viſconde de S. Chriſtovão. Em 1870 a adminiſtração foi aſſim preenchida: director, viſconde de S. Chriſtovão; vice-director, Joſé Joaquim Ferreira Margarido; 1.º ſecretario, Eduardo Lemos; 2.º ſecretario, Manoel Antonio Gonçalves Roque; theſoureiro, Joſé Maria Teixeira d'Azevedo.

No periodo d'eſtes tres annos ſaíu á luz o *Catalogo Supplementar;* augmentou-ſe a bibliotheca em 4:544 volumes; o numero de ſocios foi de 1:340 a 1:796; diſtribuiram-ſe com o generoſo concurſo do conſelho deliberativo 764 acções; a remiſſão de menſalidades, então iniciada em larga eſcala com tanta vantagem para a aſſociação, produziu a elevada verba de 8:300$000; o fundo para o edificio ſubiu de 7:250$000 a 39:155$000, e foi encetada a compra dos terrenos para o meſmo edificio.

Em 1871 tomou poſſe da adminiſtração a ſeguinte directoria: Boaventura Gonçalves Roque, director; João Maria de Miranda Leone, vice-director; Antonio Xavier Rodrigues Pinto, 1.º ſecretario; Joaquim Auguſto d'Affonſeca Franco, 2.º ſecretario; Joſé Maria Teixeira d'Azevedo, theſoureiro. Em 1872 ſerviram os meſmos director, vice-director e theſoureiro, ſendo 1.º ſecretario Joaquim Auguſto d'Affonſeca Franco, e 2.º Antonio Auguſto Pereira de Barros.

Os eſforços continuaram inceſſantes, incançaveis, e repetindo-ſe em todas as ſeſſões do conſelho e directoria. Em Lisboa era a adminiſtração auxiliada por Antonio Maria Pereira, que não ſe limitando ao ſimples papel de agente commercial, procurava pelos maiores eſforços conſeguir do eſtado e de particulares dadivas

valiosas; adiantava meios todas as vezes que as emergencias requeriam, e tomava como causa propria a da instituição querida e amparada. Muitos serviços devem as letras a este prestimoso commerciante; mas a coadjuvação ao *Gabinete* é sem duvida a de maior alcance e abnegação. Por outro lado Ferreira Margarido, João Maria de Miranda Leone e Manoel Roque trabalharam como interessados individualmente, como se fossem consubstanciados com a instituição para que os beneficios annuaes se ampliassem e crescessem em resultados, unindo-se estes aos saldos dos exercicios financeiros, para tornar possivel a acquisição de terrenos e de capitaes no elevado proposito de levantamento do edificio.

Ao 1.º secretario Affonseca Franco deve tambem o *Gabinete* serviços da maior dedicação e assiduidade. Foi iniciador de alguns melhoramentos essenciaes no regimen interno da instituição, e deu constantemente o exemplo da mais severa attenção no desempenho dos deveres de seu cargo.

Foi no periodo d'esta benemerita directoria que o *Gabinete* recebeu, por intermedio do conselheiro João José dos Reis, João Martins Cornelio dos Santos, Boaventura Gonçalves Roque, Manoel Salgado Zenha e Joaquim Pinto de Carvalho Ramos, organisadores da companhia de seguros *Confiança,* o valioso auxilio de 10:937$500 para augmento do fundo para o edificio.

Em dezembro de 1872 pode dizer-se que as primicias de 1866 tinham chegado ás naturaes consequencias, e o director Boaventura Gonçalves Roque, a quem o *Gabinete* é devedor de relevantissimos serviços, podia em seu relatorio annunciar que se achavam adquiridos os terrenos necessarios para a construcção do edificio. Estes prazos, que tambem continham casas de boa renda, estão collocados á rua da Lampadosa em frente dos theatros mais frequentados, com uma pequena praça em frente, e situados em posição central, que deve equivaler ao eixo sobre que girará a capital do imperio em seu recente desenvolvimento. O fundo para o edificio augmentára em cerca de 30 contos de réis effectivos. A bibliotheca continha 20:371 obras com 44:917 volumes do custo de 91:500$000, mas com o duplo talvez de valor real. A renda sustentava-se em 9:800$000, e dava o saldo de 1:700$000. O numero de socios era de 1891, e subscriptores 175.

Estas cifras aridas para os ideologos e imaginosos eram para

os homens practicos eloquente segurança do exito da idéa principal. Viam-se associados no elevado proposito prestantes cidadãos de todas as classes, mesmo d'aquellas que dispensavam minima attenção á cultura intellectual; mas, para todos, o *Gabinete* era a principal fundação da moderna emigração portugueza no Brasil. O edificio devia levantar-se, legando ás novas gerações a memoria da evolução esthetica dos annos das descobertas, da epoca em que o genio arabe se uniu ao normando, ao celta e ao godo, e recebendo o embate da sciencia dos mathematicos hebraicos, produzia em Portugal o brilhante phenomeno civilisador que principia pelo observatorio de Sagres, e termina pela descoberta da quinta parte do globo.

A casa do *Gabinete* é tambem o centro para que devem convergir as associações portuguezas de instrucção e cultura litteraria; é o desmentido levantado contra a nota de inferioridade moral, que nações mais avultadas ou mais ruidosas procuram lançar contra a portugueza.

Em 1871-72 a idéa da fundação do edificio como que se condensára em formulas mais palpaveis, já com a apresentação pelo architecto Bosisio, por intermedio de Miguel Couto dos Santos, dos quadros e plantas do projecto da obra, já pela offerta que o vice-director Miranda Leone apresentava do traçado e desenho de Raphael da Silva e Castro, talentoso engenheiro-architecto de Lisboa.

Bosisio moldava o seu risco do *Gabinete* no gosto da renascença italiana, e Raphael de Castro adoptava no seu desenho a architectura *manuelina,* que no edificio dos Jeronymos, em Belem, consubstanciou o que Camões fez na poesia epica, e frei Luiz de Souza na prosa descriptiva.

Tambem n'esse periodo foram dirigidas sollicitações aos altos poderes do reino ácerca da negativa de cessão gratuita das obras de publicação official ao *Gabinete.*

Realmente era difficil de admittir que á mais bella instituição da colonia portugueza no Brasil, tão generosa em acudir ás necessidades e projectos civicos da mãe-patria, se negasse o pequeno obolo das publicações officiaes. As promessas foram amplas; mas os factos não têem correspondido ao arrependimento official, que, n'este caso, tem traducção pouco generosa e menos culta.

Na adminiſtração de 1873-1874 Joſé Joaquim Ferreira Margarido recebeu o premio de ſeus esforços ſendo elevado ao cargo de director, acompanhando-o Eduardo Lemos, vice-director; Erneſto Cybrão, 1.º ſecretario; Bruno Auguſto da Silva Ribeiro, 2.º ſecretario, e Antonio Joſé Alves Coelho, theſoureiro. N'eſſe periodo recebeu o *Gabinete* valioſas offertas da Academia Real das Sciencias de Lisboa, Miniſterios das Obras Publicas e Juſtiça, de Portugal, e de muitas corporações e cavalheiros do reino e do Braſil. A ſomma dos volumes offertados elevou-ſe a 174, entre os quaes muitos de notavel valor. A bibliotheca aſcendeu a 45:496 volumes, e o fundo para o edificio a 96:409$000.

N'eſſa epoca baixou o decreto n.º 5:587, de 11 de abril de 1874, que approvava a reforma dos eſtatutos da aſſociação organiſada por uma commiſſão compoſta de Joaquim Bernardino Pinto Machado, J. J. Ferreira Margarido e Eduardo Lemos. Eſta reforma permittia elevar o capital a 25:000 acções ou 500 contos de réis, contrahir empreſtimo para a conſtrucção do edificio até 250 contos, e fazer hypotheca dos immoveis adquiridos e da livraria computada em mais de 100 contos de reis, para garantia da meſma operação. Ao meſmo tempo o 1.º ſecretario fazia reformas importantes no regimen interno da bibliotheca, dando mais tempo á leitura e franqueamento das collecções, e extinguindo a multiplicidade de pretextos que difficultavam aos ſocios o inceſſante goſo do eſtabelecimento.

Por circumſtancias imperioſas eſta directoria prolongou-ſe até dezembro de 1877, ficando por ultimo reduzida apenas a tres directores: Erneſto Cybrão, preſidente interino; Bruno Auguſto da Silva Ribeiro, ſecretario, e Antonio Joſé Ricóes, theſoureiro.

N'eſte eſtudo encaramos os ſerviços e as qualidades no ponto de viſta do *Gabinete* e ſó com eſta placida equidade avaliamos todas as individualidades. Se deſagradarmos ſeja-nos levada em conta a juſta e imparcial intenção. N'eſſe quatriennio adquiriu o *Gabinete* 3:138 volumes e ficou o fundo para o edificio elevado á quantia de 110:150$000.

Em 1878 paſſou a adminiſtração a Eduardo Lemos, preſidente; J. C. Ramalho Ortigão, vice-preſidente; Antonio Joaquim

de Carvalho Lima e depois M. R. d'Oliveira Real, 1.os ſecretarios; Joaquim Joſé Cerqueira, 2.º ſecretario; Albino de Freitas Caſtro, theſoureiro; Franciſco Ferreira Vaz, theſoureiro adjuncto. No conſelho deliberativo entravam, entre novos e preſtantes coadjuvadores da brilhante inſtituição, Domingos Candido d'Araujo Azambuja, que subſcreveu avultado numero de acções, e Joſé da Cunha Vaſco, valente batalhador da penna e da palavra que reune em ſi o fogo do civiſmo democratico a ſolidos eſtudos da ſciencia moderna. Em breve devia eſte notavel joven paſſar a 1.º ſecretario, completando aſſim no eſpaço de 40 annos o regiſtro em tão honroſo cargo, dos eſpiritos mais illuſtrados do commercio portuguez no Rio de Janeiro.

É uma galeria glorioſa que hoje já não pode ſer completamente repreſentada pela pintura, mas que podia commemorar aos vindouros, na maior parte das phyſiognomias, o fogo patriotico que abrazava a nova emigração.

Em 1879 foi reeleita a directoria de 1878, com excepção do 1.º ſecretario M. R. de Oliveira Real, que por juſtos motivos declinou da reeleição, paſſando eſte cargo a ſer exercido por Cunha Vaſco. É eſta a derradeira directoria que temos a mencionar n'eſte rapido esboço. O eſtadio percorrido foi grande e os reſultados obtidos não o ſão menos.

Em 31 de dezembro de 1878 o *Gabinete* poſſuia 47:616 volumes no valor nominal de 105:320$000, mas com valor real muito mais creſcido, pela avultada cópia de obras difficeis de adquirir. O fundo para o edificio elevava-ſe a 123:352$000, valor effectivo, repreſentado por quatro predios no Largo da Academia, e dinheiro depoſitado em conta corrente no Banco Induſtrial e Mercantil. Calculava a directoria que em junho de 1880 ſe eleve eſte fundo diſponivel a 60:000$000 e permitta a immediata edificação da obra *manuelina*. O numero de ſocios era de 1:433 e o de ſubſcriptores 126. Movimento annual de livros, 43:500 volumes. A receita ordinaria foi de 14:639$000 e a deſpeſa 11:376$000. É avaliada a conſtrucção do edificio em cerca de 200 contos de réis, e a directoria obteve a coadjuvação do illuſtre architecto F. J. Bettencourt da Silva, o fundador e principal ſuſtentaculo da bella e utiliſſima inſtituição que no Rio de Janeiro ſe denomina *Lyceu de Artes e Officios*, para preſidir á direcção d'eſſe importante trabalho.

Cabe aqui fazer honrosa menção dos conselhos deliberativos que serviram no ultimo biennio. O auxilio importantissimo que prestaram ao *Gabinete* com a subscripção de grande numero de acções (450 em 1878, cerca de 700 em 1879) permittiu á directoria, pela influencia material dos recursos e ainda mais pela influencia moral de tão louvavel dedicação, formar o projecto de lançar-se a primeira pedra do novo edificio em 10 de junho de 1880.

É no discurso do actual presidente Eduardo Lemos, pronunciado perante o conselho deliberativo, em 18 de junho de 1879, que deparamos os dados d'este fecho, e ao mesmo tempo o honroso programma do Centenario de Camões que o *Gabinete* se propõe celebrar. Este programma merece a transcripção em nosso trabalho, porque elle representa bem o fogo sagrado, a idéa grandiosa de civismo e progresso nacional que tem sido transmittida de uma a outra geração de operarios intellectuaes, no seio do *Gabinete Portuguez de Leitura:*

«Ligar o nome de Camões ao nosso instituto por um laço perpetuo, um vinculo de pedra, foi o primeiro pensamento da directoria. N'este intuito projecta-se com a maior solemnidade a fundação da primeira pedra do edificio para a nossa bibliotheca no dia do memorando centenario.

«Camões e o infante D. Henrique, representados em bellas estatuas de marmore e ladeando o portico de puro estylo *manuelino* d'aquelle monumento erguido ás letras, serão os patronos glorioso da futura Bibliotheca Portugueza no Rio de Janeiro.

«Projecta mais a directoria mandar imprimir em Portugal uma grande edição dos «Lusiadas», edição critica e artisticamente coordenada, que será precedida de um estudo sobre Camões, seu tempo e sua obra, feito expressamente por um dos nossos mais notaveis escriptores contemporaneos. Esta edição, nitidamente impressa e elegantemente encadernada, denominar-se-ha *Edição do Terceiro Centenario de Camões.* Parte da mesma será pelo *Gabinete* offerecida gratuitamente em Portugal e no Brasil; commemorando assim, de modo expressivo, a sua admiração pelo genio do immortal poeta portuguez.

«Finalmente, no dia do faustoso centenario o *Gabinete* promoverá no maior theatro ou salão d'esta côrte, adornado com

eſmero, um grande feſtival artiſtico, organiſado do modo mais diſtincto e attrahente que permittirem os recurſos muſicaes d'eſta cidade. Preferir-ſe-ha em todo caſo o concurſo de companhia lyrica, afim de realiſar-ſe um ſelecto concerto digno da circumſtancia e dos numeroſos convidados que fizerem ao *Gabinete* a honra de abrilhantar com ſua preſença eſta feſta popular.»

IV

Eis-nos chegados á concluſão d'eſte incompleto esboço, que é antes uma memoria para competentes e futuros eſcriptores, do que exacta rememoração dos copioſos e grandes trabalhos da emigração portugueza no ſeio do *Gabinete de Leitura*. Terão por ventura eſcapado nomes valioſos, ſerviços dignos de memoria; mas queixe-ſe o publico antes da eſcacez dos documentos do que da má vontade do relator. Serviços ſão eſtes que por inteiro, ou antes, ſtereotypados, quizera tranſmittir á poſteridade, ſe eſta tem de importar-ſe com a phraſe cançada e frouxa da minha decadente penna. Vela-lhe a companhia e o monumento, em que apenas terá o valor epigraphico que as inſcripções rudes dos aſſyrios têem nos veſtigios da grandioſa arte aſiatica.

Cumpre aqui lançar o noſſo humilde juizo ácerca da emigração portugueza no Braſil e do *Gabinete de Leitura* que a conſubſtancia e a repreſenta. Ninguem lhe poderá negar o amor pelo bom nome nacional, pelo progreſſo real em todas as carreiras e applicações do eſpirito humano, a tenacidade e ſolidez das idéas e intenções, a promiſcuidade dos esforços intellectuaes ſem diſtincção de claſſes nem de educação, e em fim a indole nova, o eſpirito americaniſado e ao meſmo tempo latino e idealiſta, que é como o legitimo continuador, em noſſo tempo, d'aquella indole quinhentiſta que tão glorioſas recordações deixou pelo globo. Para que eſta indole complexa, energica e ouſada não decaia em breve, para que não venha a confundir-ſe no coſmopolitiſmo inſulſo que abaſtarda já o reino, e o prepara, decapitado, para deſapparecer na Europa latina, é preciſo que haja um centro de inſtrucção, de tranſmiſſão de idéas, de goſto litterario e artiſtico, das mais elevadas aſpirações de predominio intellectual, pela nobreza das aptidões e da educação. Que centro melhor

pode crear-se, ou antes transmittir-se ás novas gerações, do que a *Bibliotheca Portugueza no Rio de Janeiro?*

A digna directoria, confundindo o lançamento da pedra fundamental com o *Centenario de Camões,* teve o pensamento intuitivo da correlação de idéas que liga estas duas manifestações da indole nacional. Camões mais do que Homero, Virgilio ou Byron, mais do que Cervantes ou Goethe, representa uma nacionalidade com todas as suas qualidades, educação, natureza e tradições. Este producto eruptivo de uma epoca homogenea, forte, concentrada, não o podem dar as sociedades modernas. Pouco ha n'ellas de particularmente caracteristico. Hoje é tão impossivel elaborar uma lingua, dar tempera singular a um povo, como crear-lhe instituições inteiramente peculiares e novas. Nem os povos, nem os individuos têem a intuição d'estas robustas creações.

Portugal, entre 1450 e 1580, resumiu a indole dos varios povos que o tinham habitado e conquistado, das varias escolas de letras e sciencias que o haviam invadido pelo lado do mundo greco-latino, pelas tradições hebraicas, e pela esplendida renascença arabe; e apertado entre o odio castelhano, as tentativas de reacção musulmana, e o vasto oceano, teve um delirio de esforço, de entendimento e rasgadas vistas, que antes se parece com uma phantastica epopeia Sanscrita, do que emparelha ou rivalisa com as pallidas creações das decrepitas e imitativas nações da Europa moderna. O que são deante do homem de iniciativa a *Messiada,* o *D. Juan,* a *Jerusalém Libertada,* comparadas a esse poema da descoberta do mundo, da conquista do impossivel, da luta de um punhado de homens contra as myriadas do Oriente, que se chama — os Lusiadas? Camões teve a intuição do seu engenho e destino glorioso, como a nação tivera o delirio da grandeza e da tarefa civilisadora, e succumbiu com a patria, um no hospital de Lisboa, a outra nos arraiaes obscuros de Alcacer-Kibir, que são hoje uma ruina mesquinha de Africa.

O espirito d'aquelle tempo finou-se para sempre nas possibilidades da historia. A indole, porém, da nação, ao mesmo tempo heroica e rude, ingrata e enthusiasta, lançada ás grandes concepções e acanhada no repouso, guardou-se nas aldeias das provincias e nos serões dos campos. Ao embate do seculo actual, em que o americanismo domina e muito se parece com a indole

d'aquelle tempo, a emigração portugueza manifeſtou parte das altivas qualidades de ſeus antepaſſados. Eſtas qualidades ſão uma promeſſa e talvez uma prophecia. Eduquemos as gerações novas para o mundo novo que as condições actuaes preparam. Seja o *Gabinete de Leitura* um centro de inſtrucção e progreſſo para a raça portugueza.

Cidade de Ubá *(Minas)* 1.º de janeiro de 1880.

Reinaldo Carlos Montóro

GABINETE PORTUGUEZ DE LEITURA

NO

RIO DE JANEIRO

VOGAES PERPETUOS DO CONSELHO DELIBERATIVO

Henrique Pereira Leite Baſto
Joſé Joaquim Ferreira Margarido
Manoel Antonio Gonçalves Roque
Eduardo Lemos

SOCIOS BENEMERITOS

Antonio Joaquim Pereira da Silva
Antonio Joſé Alves Coelho
Antonio Maria Pereira
Bruno Auguſto da Silva Ribeiro
Conſtantino Joaquim d'Azevedo Lemos
Eduardo Lemos
Erneſto Cybrão
Henrique Pereira Leite Baſto
João Maria de Miranda Leone
João Martins Cornelio dos Santos
João da Silva Sardinha
Joaquim Pinto de Carvalho Ramos
Joſé Alves Machado Junior
Joſé Joaquim Ferreira Margarido
Joſé Joaquim Gonçalves Rôxo
Joſé Maria Teixeira d'Azevedo
Joſé Pereira Soares
Manoel Antonio Gonçalves Roque
Manoel de Mello
Manoel Salgado Zenha
Reinaldo Carlos Montóro
Thomaz Joſé Pereira Lima
Viſconde do Rio-Vez
Viſconde de S. Salvador de Mattoſinhos

GABINETE PORTUGUEZ DE LEITURA

NO

RIO DE JANEIRO

DIRECTORIA EM 1880

Preſidente — Eduardo Lemos
Vice-preſidente — Joſé Joaquim Godinho
1.º Secretario — J. C. Ramalho Ortigão
2.º Secretario — Joaquim Joſé Cerqueira
Theſoureiro — Albino de Freitas Caſtro
Theſoureiro adjuncto — Franciſco Ferreira Vaz

CONSELHO DELIBERATIVO EM 1880-1881

Alipio Thomaz da Silva Barboſa
Antonio Felisberto de Barros Jordão
Antonio Ferreira da Silva
Antonio Franciſco Monteiro Junior
Antonio Joaquim de Carvalho Lima
Antonio Joaquim Xavier de Faria
Arthur Napoleão dos Santos
Emilio Paulo de Lima Barboſa
Franciſco Joſé Fernandes
Franciſco de Souza Barroſo
João Pereira da Silva Cunha
João da Silva S. Miguel Junior
Joſé da Cunha Vaſco
Joſé Ferreira Alegria
Joſé João Martins de Pinho
Joſé Joaquim Brandão dos Santos
Joſé Luiz Fernandes Vilella
Manoel Antonio da Coſta Pereira
Manoel Guilherme da Silveira
Manoel Joſé da Fonſeca
Manoel Pinheiro da Fonſeca
Manoel Pires Sampaio Guimarães
Manoel Rodrigues d'Oliveira Real
Paulino Joſé Brochado

NOTA DA DISTRIBUIÇÃO

DOS

EXEMPLARES ESPECIAES DA EDIÇÃO DOS LUSIADAS

MANDADA FAZER PELO GABINETE PORTUGUEZ DE LEITURA
NO RIO DE JANEIRO

PERGAMINHO

Bibliotheca Publica de Lisboa
Gabinete Portuguez de Leitura

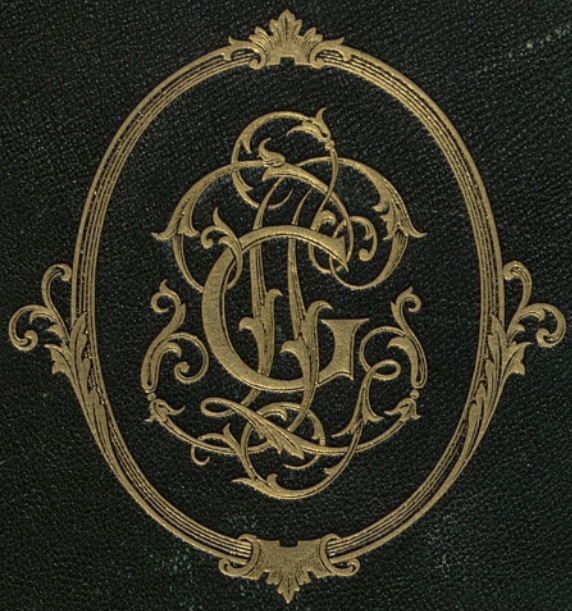
PAPEL DO JAPÃO

Sua Mageſtade El-Rei D. Luiz I
Sua Mageſtade o Imperador D. Pedro II

PAPEL DA CHINA

Bibliotheca Publica do Porto
Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro

PAPEL WHATMAN

1 *Sua Mageſtade El-Rei D. Fernando*
2 *Academia Real das Sciencias de Lisboa*
3 *Bibliotheca da Univerſidade de Coimbra*
4 *Inſtituto Hiſtorico e Geographico do Braſil*
5 *Viſconde de Jorumenha*
6 *J. J. Aubertin*
7 *Emile Littré*
8 *Joſé da Silva Mendes Leal*
9 *Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello*
10 *Joſé Duarte Ramalho Ortigão*
11 *Adolpho Coelho*
12 *Antonio Maria Pereira*
13 *Reinaldo Carlos Montóro*
14 *Manuel de Mello*
15 *Henrique Pereira Leite Baſto*
16 *Manuel Antonio Gonçalves Roque*
17 *Joſé Joaquim Ferreira Margarido*
18 *Franciſco Joaquim Bethencourt da Silva*

19 *Karl von Reinhardſtoettner*
20 *Joaquim Aurelio Nabuco d'Araujo*
21 *Eduardo Lemos*
22 *Joſé Joaquim Godinho*
23 *Joaquim da Coſta Ramalho Ortigão*
24 *Joaquim Joſé Cerqueira*
25 *Albino de Freitas Caſtro*
26 *Franciſco Ferreira Vaz*
27 *Alipio Thomaz da Silva Barboſa*
28 *Antonio Felisberto de Barros Jordão*
29 *Antonio Ferreira da Silva*
30 *Antonio Franciſco Monteiro Junior*
31 *Antonio Joaquim de Carvalho Lima*
32 *Antonio Joaquim Xavier de Faria*
33 *Arthur Napoleão dos Santos*
34 *Emilio Paulo de Lima Barboſa*
35 *Franciſco Joſé Fernandes*
36 *Franciſco de Souſa Barroſo*
37 *João Pereira da Silva Cunha*
38 *João da Silva S. Miguel Junior*
39 *Joſé da Cunha Vaſco*
40 *Joſé Ferreira Alegria*
41 *Joſé João Martins de Pinho*
42 *Joſé Joaquim Brandão dos Santos*
43 *Joſé Luiz Fernandes Villela*
44 *Manuel Antonio da Coſta Pereira*
45 *Manuel Guilherme da Silveira*
46 *Manuel Joſé da Fonſeca*
47 *Manuel Pinheiro da Fonſeca*
48 *Manuel Pires Sampaio Guimarães*
49 *Manuel Rodrigues d'Oliveira Real*
50 *Paulino Joſé Brochado*